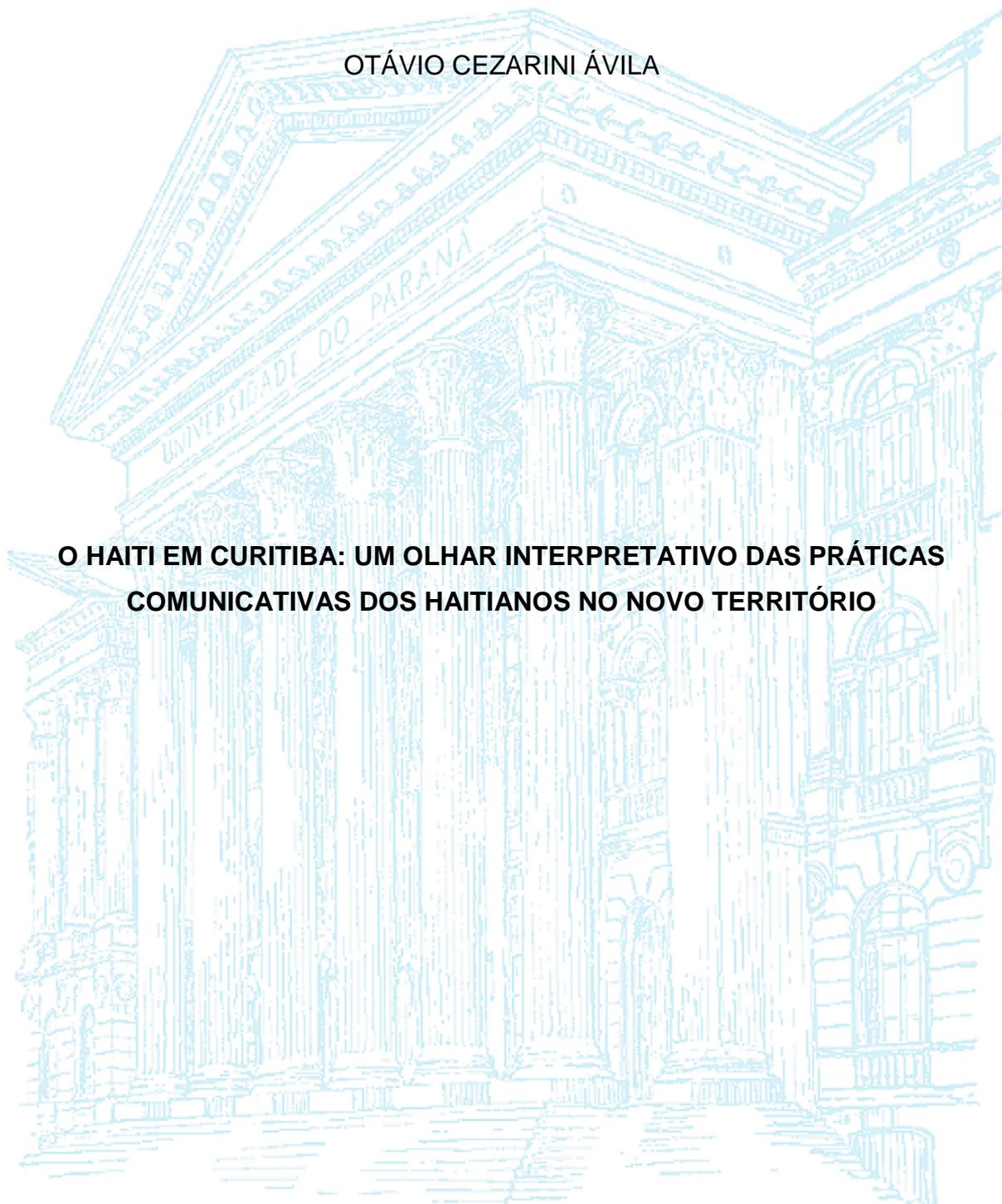


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

OTÁVIO CEZARINI ÁVILA

**O HAITI EM CURITIBA: UM OLHAR INTERPRETATIVO DAS PRÁTICAS
COMUNICATIVAS DOS HAITIANOS NO NOVO TERRITÓRIO**



CURITIBA

2016

OTÁVIO CEZARINI ÁVILA

**O HAITI EM CURITIBA: UM OLHAR INTERPRETATIVO DAS PRÁTICAS
COMUNICATIVAS DOS HAITIANOS NO NOVO TERRITÓRIO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca do Campus Cabral

Ávila, Otávio Cezarini

O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território / Otávio Cezarini Ávila – Curitiba, 2016.
304 f.

Orientadora : Prof. Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

1. Comunicação intercultural - Haiti. 2. Imigrantes - Aspectos comunicacionais - Curitiba (PR) 3. Imigração haitiana - Paraná I.Título.

CDD 302

TERMO DE APROVAÇÃO

OTÁVIO CEZARINI ÁVILA

O HAITI EM CURITIBA: UM OLHAR INTERPRETATIVO DAS PRÁTICAS COMUNICATIVAS DOS HAITIANOS NO NOVO TERRITÓRIO

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Myrian Regina de Lima Del Vecchio
Orientadora – Departamento de Comunicação, UFPR

Profa. Dra. Regiane Regina Ribeiro
Departamento de Comunicação, UFPR

Prof. Dr. Mohammed ElHajji
Departamento de Comunicação, UFRJ

Curitiba, 14 de março de 2016.

Este trabalho é dedicado à cidade de Curitiba, que me acolheu como migrante.
O trabalho também é dedicado à Vó Odette, que migrou e deixou saudades.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR, pela oportunidade dada.

À Prof. Myrian Del Vecchio, pela didática, responsabilidade e eficiência que só uma excepcional orientadora poderia me dar.

Às pessoas que contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser realizada, especialmente pelo aprendizado vivenciado na Casla e na Pastoral do Migrante.

À minha família, pela presença na distância, carinho e apoio nas decupagens.

À Pauline, por ser quem é e também pelos telefonemas que me distraíam enquanto voltava para casa.

“Queríamos mão de obra, mas chegaram pessoas.”

Max Frisch

RESUMO

Este trabalho de dissertação analisa os processos comunicativos que haitianos residentes em Curitiba (capital do Estado do Paraná) estabelecem entre si e a sociedade, buscando responder como tais processos contribuem na reconstrução identitária destes sujeitos migrantes no novo território. O campo de análise da pesquisa privilegiou a atuação das organizações de apoio aos migrantes, ao partir do pressuposto que elas desempenham um papel fundamental na consecução desta reconstrução. Para realizar esta análise foi fundamental empreender um percurso etnográfico junto a essas organizações e junto a um grupo de haitianos que circulam em tais espaços e, posteriormente, fazer entrevistas com representantes destes segmentos, a fim de compor um trajeto metodológico à luz da Hermenêutica de Profundidade, apresentada por Thompson (2011). Contudo, para a realização desta abordagem hermenêutica, foi necessária a construção de um contexto teórico de caráter sócio-histórico, mas que tem nas características culturais um ponto nevrálgico frente à relação dos novos fluxos humanos pelo globo. Neste sentido, a pesquisa inicia-se teoricamente com a reflexão dos processos de globalização no mundo contemporâneo, pela perspectiva das minorais culturais e suas construções identitárias e passa, em outro capítulo, por uma contextualização histórica e sociológica de processos migratórios no Brasil, Paraná, Curitiba e no próprio Haiti. Entre esses dois capítulos, estabelece-se, como um corte na organização textual, mas que é ao mesmo tempo um marco de ligação entre as vias teóricas e metodológicas, o momento comunicacional, uma vez que são objeto dessa dissertação as práticas comunicativas dos haitianos em Curitiba, entendendo a comunicação desde a ideia de processo de interação social na sociedade midiaticizada. Com isso, a pesquisa também busca responder se as práticas comunicativas desses migrantes são práticas midiaticizadas. Buscou-se dar as respostas às questões propostas em um momento reinterpretaivo, a partir do viés qualitativo da pesquisa em questão. Ao final, pode-se concluir, de forma ampla, que as organizações de apoio demarcam um importante *locus* de reconhecimento identitário, assim como os processos de midiaticização emergem nas interações dos haitianos que vivem em Curitiba por meio de novas sociabilidades e modos de ser migrante.

Palavras-chave: Comunicação e cultura. Imigração. Haiti. Práticas comunicativas. Organizações.

ABSTRACT

This thesis analyzes the communicative processes that Haitians living in Curitiba (Paraná state capital) establish among themselves and the society, seeking to answer how these processes contribute to the identity reconstruction of those migrants subjects in the new territory. The analysis field research focused the work of organizations supporting migrants, in assuming that they make a key role in achieving this reconstruction. To perform this analysis was essential to undertake an ethnographic route with these organizations and with a group of Haitians moving in such spaces and then conduct interviews with representatives of these segments in order to compose a methodological path under the light of Hermeneutics of Depth, by Thompson (2011). However, for the realization of this hermeneutical approach, was necessary the construction of a theoretical context with a socio-historical bias, but that has in the cultural characteristics a neuralgic point when compared to the new human flows across the globe. Therefore, the research theory starts with the reflection of the processes of globalization in the contemporary world, from the perspective of cultural minorities and their identity constructions and passes, in another chapter, by a historical and sociological context of migration processes in Brazil, Paraná, Curitiba and in Haiti itself. Between these two chapters, it is established - as a cut in the textual organization, but also as a connecting mark between the theoretical and methodological way - the communication point, since the subject of this thesis is the communicative practices of Haitians at Curitiba, understanding the communication from the idea of social interaction process in a mediatic society. Thus, the research also seeks to respond if the communicative practices of these migrants are mediatized practice. The search also sought to give answers to questions posed in a re-interpretative moment, from the qualitative bias of the research in question. Lastly, it concluded, broadly, that supporting organizations demarcate an important identity recognition locus, as the mediatization coverage processes emerge in the interactions of the Haitians living at Curitiba through new sociability and ways of being a migrant.

Keywords: Communication and Culture. Immigration. Haiti. Communicative Practices. Organizations.

RESÚMEN

Esta tesis analiza los procesos comunicativos que los haitianos que viven en Curitiba (capital del estado de Paraná) constituyen entre sí y la sociedad, tratando de responder como estos procesos contribuyen a los sujetos migrantes reconstruir su identidad en el nuevo territorio. El campo de análisis de la investigación se centró en el trabajo de las organizaciones de apoyo a los migrantes, en el supuesto de que juegan un rol fundamental en el logro de esta reconstrucción de identidades. Para llevar a cabo este análisis fué esencial emprender un camino etnográfico con estas organizaciones y con un grupo de haitianos que circulan en estos espacios y, luego, hacer entrevistas con los representantes de estos segmentos con el fin de componer un camino metodológico a la luz de la Hermenéutica de Profundidad, presentada por Thompson (2011). Sin embargo, para la realización de este enfoque hermenéutico, la construcción de un marco teórico de carácter socio-histórico era necesario, pero que tiene las características culturales un punto neurálgico frente a los nuevos flujos humanos en globo. En este sentido, la teoría de la investigación se inicia con el reflejo de los procesos de la globalización en el mundo contemporáneo, por la perspectiva desde las minorías culturales y sus construcciones de identidad y se mueve, en otro capítulo, por un contexto histórico y sociológico de los procesos migratorios en Brasil, Paraná, Curitiba y mismo en el Haití. Entre estos dos capítulos, se establece como un corte en la organización textual, pero que es a la vez una marca de conexión entre la forma teórica y metodológica, el momento de la comunicación, por ser objeto de esta tesis las prácticas comunicativas de los haitianos en Curitiba, comprendiendo la comunicación desde la idea del proceso de interacción social en la sociedad mediática. Por lo tanto, la investigación también pretende dar respuesta si las prácticas comunicativas de estos migrantes son prácticas mediatizadas. Así, se ha tratado de dar respuestas a las preguntas formuladas en el momento reinterpretativo, desde la perspectiva cualitativa de la investigación en cuestión. Al final, se puede concluir, en términos generales, que las organizaciones de apoyo demarcan un importante locus de reconocimiento de la identidad, así como los procesos de mediatización surgen en las interacciones de los haitianos que viven en Curitiba a través de nuevas sociabilidades y formas de ser migrante.

Palabras clave: Comunicación y Cultura. Inmigración. Haití. Prácticas Comunicativas. Organizaciones.

LISTA DE FIGURAS

TABELA 1 – CHEGADA DAS CINCO PRINCIPAIS NACIONALIDADES MIGRANTES AO PARANÁ ATÉ 1948	90
FIGURA 1 – ESQUEMA METODOLÓGICO DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE	104
FIGURA 2 – CARTAZ DE SHOW EM UM PERFIL PESSOAL NO FACEBOOK (10/06/2014)	152
FIGURA 3 – CARTAZ DE SHOW DIVULGADO EM UM PERFIL PESSOAL NO FACEBOOK (28/12/2015)	153
TABELA 2 – SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	177
FIGURA 4 – DIVULGAÇÃO DO FILME “SOMOS TODOS MIGRANTES” NO YOUTUBE	184

LISTA DE SIGLAS

Abin	– Agência Brasileira de Inteligência
Acnur	– Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados
Casla	– Casa Latino-Americana
CNIg	– Conselho Nacional de Imigração
Conare	– Comitê Nacional para Refugiados
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHU	– Instituto Humanitas Unisinos
MPT-PR	– Ministério Público do Trabalho do Paraná
OBMigra	– Observatório das Migrações
OIM	– Organização Internacional para Migração
ONG	– Organização Não Governamental
ONU	– Organização das Nações Unidas
PBMIH	– Português Brasileiro para Migração Humanitária
PIB	– Produto Interno Bruto
PUC	– Pontifícia Universidade Católica
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
UnB	– Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
JUSTIFICATIVAS, QUESTÕES E OBJETIVOS.....	19
METODOLOGIA E CAPÍTULOS TEÓRICOS	24
1 ENTRE O MUNDO GLOBALIZADO E A CULTURA DAS MINORIAS	28
1.1 GLOBALIZAÇÃO COMO CENÁRIO	29
1.1.1 A globalização e o redimensionamento dos Estados-nação	32
1.1.2 Mapas da globalização.....	35
1.1.3 A relação estreita entre globalização e cultura	37
1.2 A GLOBALIZAÇÃO AMPARADA PELO MULTICULTURAL	39
1.3 SOBRE CULTURA, IDENTIDADES E RECONHECIMENTO	43
1.3.1 Os estudos culturais e a tendência gramsciana	44
1.3.2 As culturas minoritárias: caminhos teóricos	47
1.3.3 Identidades e reconhecimento	52
2 COMUNICAÇÃO MUDIATIZADA E PROCESSOS MIGRATÓRIOS	58
2.1 COMUNICAÇÃO ALÉM DOS MEIOS DE MASSA.....	59
2.2 UM PONTO CENTRAL: MEDIAÇÃO E MUDIATIZAÇÃO.....	65
2.3 COMUNICAÇÃO NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS.....	73
3 O PANAROMA SOCIO-HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES	78
3.1 A SOCIOLOGIA DA MIGRAÇÃO E SUAS PERSPECTIVAS MACRO E MICRO	78
3.1.1 As teorias microssociológicas da migração.....	80
3.1.2 As teorias macrossociológicas da migração.....	81
3.2 HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES, O BRASIL E A DIÁSPORA HAITIANA	83
3.2.1 Imigração histórica no Brasil	86
3.2.2 A negociação da identidade no Brasil	88
3.2.3 Imigração no Paraná	89
3.2.3.1 A Curitiba moderna: cidade migrante	92
3.2.4 Imigração no Brasil contemporâneo	93
3.2.5 A diáspora haitiana.....	96
3.2.6 A relação Brasil-Haiti	99
4 METODOLOGIA DE PESQUISA	102

4.1	A HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE (HP).....	103
4.2	QUESTÕES DA PESQUISA APLICADAS À METODOLOGIA	108
4.3	TÉCNICAS DE PESQUISA	109
4.3.1	Técnicas de coleta.....	109
4.3.1.1	Observação participante	110
4.3.1.2	Entrevista semiestruturada.....	111
4.3.2	Técnica de análise.....	111
4.4	ORGANIZAÇÕES DE APOIO	113
4.4.1	Associação dos Haitianos de Curitiba	113
4.4.2	Cáritas Brasileira	113
4.4.3	Casa Latino-Americana (Casla).....	114
4.4.4	Igreja Batista Pompeia	115
4.4.5	Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/PR)	115
4.4.6	Pastoral do Migrante	115
4.4.6.1	Recanto Franciscano	116
4.4.7	Programa Política Migratória e Universidade Brasileira/UFPR.....	116
5	ANÁLISE.....	118
5.1	A INTERPRETAÇÃO DA DOXA.....	118
5.1.1	Pastoral do Migrante em foco.....	119
5.1.2	Casla em foco.....	126
5.2	A ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA.....	131
5.3	A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE	136
5.3.1	Análise das categorias.....	140
a)	Práticas comunicativas mediadas por tecnologias	141
b)	Manifestações culturais	151
c)	Trabalho	161
d)	Organizações de apoio.....	167
5.4	INTERPRETAÇÃO/REINTERPRETAÇÃO OU INFERÊNCIAS	179
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
	REFERÊNCIAS.....	194

INTRODUÇÃO

A partir de uma visão panorâmica, global, distante do espaço empírico sobre o qual esta dissertação se detém, a imagem que dá início à pesquisa foi vista por milhões de pessoas em dispositivos midiáticos por todo o mundo: uma embarcação em alto-mar. Não se trata de um transatlântico com um comandante e uma tripulação treinada, cheia de turistas a bordo, mas uma embarcação rude, lotada de indivíduos abandonados no Mar Mediterrâneo por seus “comandantes”: traficantes de pessoas. Quem está no comando pode ser de variadas nacionalidades, adultos ou jovens, treinados ou não. A foto, tirada do céu por um helicóptero da marinha italiana, pode até render um prêmio de fotojornalismo em escala internacional, mas a quem se estende o prêmio do deslocamento humano em situações tão adversas?

No rosto de cada um desses refugiados, que se lança ao mar que separa o Sul do Norte do mundo, transparece um misto de medo e de esperança por um futuro incerto, em um país desconhecido, ao mesmo tempo em que se delineia o alívio pela fuga da morte naquilo que Tönnies chamou de *Heimat*, ou terra natal. O resgate feito pela marinha italiana, comumente na calada da noite, é a luz que esses refugiados anseiam para começar uma nova vida. A partir daqui o problema passa a ser global: a mídia filma, fotografa, entrevista. O mundo político pondera sobre as fronteiras da solidariedade com relação aos imigrantes ilegais e é acompanhado por diversas vozes de uma comunidade populacional que fala várias línguas. Ao chegar ao centro do mundo, a periferia é descoberta: a intensificação dos fluxos humanos acontece ao redor de todo o globo (CASTELLS, 1999), inclusive entre países subdesenvolvidos. O “globo está globalizado”, mas, e a cultura do refugiado, e este transeunte marítimo, que mundo a ele é dado?

A partir desta narrativa imagética, da chegada de refugiados africanos e asiáticos à Europa pela via que gerou quase 4 mil mortes até setembro de 2015¹, fartamente noticiada pelos jornais do mundo inteiro, esta dissertação se inicia efetivamente com as justificativas, motivações e dados que acompanham este fenômeno tão antigo, o migratório, revivido agora na sociedade midiática e em rede, não só no espaço geográfico anteriormente narrado, mas também nas Américas,

¹http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/entre_mortes_e_desaparecimentos_mais_de_3800_refugiados_nao_concluíram_a_travessia_do_mediterraneo.html

ampliando-se o olhar para o Sul do mundo com o fluxo intenso de haitianos ao Brasil, especificamente à Curitiba, capital do Paraná, onde se situa empiricamente essa pesquisa.

Vinculada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPR, a dissertação situa-se na interface entre a área da comunicação e os estudos dos fluxos migratórios contemporâneos, percebendo-se tais fluxos como processo político e fenômeno sociocultural e que, por isso, interagem constantemente com os processos comunicativos na sociedade. Desta forma, compreender que os fluxos migratórios compõem o universo de ressignificações culturais na sociedade é o primeiro passo para podermos posicionar a pesquisa na linha de Comunicação, Educação e Formações Socioculturais deste Mestrado.

A escolha da relação entre comunicação e migrações parte do contato do pesquisador com organizações sociais vinculadas ao tema e pelo impressionante fluxo migratório que o mundo e o Brasil têm vivido ao longo dos últimos anos. As crises econômicas, os conflitos armados, as perseguições étnicas e religiosas e os desastres naturais acentuam-se como as principais causas de tais fluxos.

Se no mundo os deslocamentos forçados atingiram, em 2013, a marca de 51,2 milhões de pessoas, o mais alto índice desde a Segunda Guerra Mundial, como afirmou documento produzido pela Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (Acnur/ONU) em 2014, o estudo de alguns aspectos comunicacionais dos deslocamentos de haitianos para o Brasil constitui a opção desta pesquisa por estarem diretamente relacionados a esse fenômeno da contemporaneidade.

O Haiti, que foi devastado por um terremoto em 2010 – além de ter enfrentado dois furacões em 2012 – tem no Brasil o principal parceiro na sua reconstrução social e estrutural, o que culminou no grande número de nativos aportando nas fronteiras brasileiras. A nação brasileira, que tem a coordenação geral das tropas militares da ONU responsáveis pela reestruturação do país caribenho, mantinha ainda em 2014 um número de 1,2 mil militares nacionais no Haiti pela Minustah, uma estratégia que já custou ao país 2,11 bilhões de reais desde as primeiras ações em 2004². A Minustah, que significa “missão de paz”, é uma das 16 operações militares da ONU no mundo. Localizada no Haiti, a operação mantinha

² <http://www.un.org/en/peacekeeping>

em 2013 o posto de maior concentração militar entre as tropas da ONU e é coordenada pelo governo brasileiro em sua tentativa de ocupar uma das cadeiras do Conselho de Segurança do organismo internacional, à medida que obtivesse sucesso na preparação da polícia haitiana para ser a principal força de segurança de seu próprio país³.

Firmada essa cooperação entre o Brasil e o Haiti, o primeiro país avançou sua estratégia de relações internacionais ao conceder ao segundo, em 2012, vistos humanitários, que facilitam a entrada de estrangeiros em relação à concessão de refúgio. Embora tenham sido estipulados 1.200 vistos por ano até o fim de 2014⁴, o número se elevou muito devido à entrada ilegal de haitianos pelas mãos de traficantes de pessoas, também chamados de “coiotes”. Esse número já fosse maior, notícia de julho de 2015 apontou que a quantidade mensal de vistos emitidos pelo consulado brasileiro passaria de 600 para 1.700, tornando o consulado brasileiro em Porto Príncipe o segundo maior provedor de vistos do mundo.⁵ Dados da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) mostram que os coiotes trouxeram aproximadamente 38 mil haitianos ao Brasil em quatro anos, com um faturamento ilegal que chegou a 60 milhões de dólares⁶, sendo que as embaixadas brasileiras em Porto Príncipe (Haiti) e Quito (Equador) confirmaram a concessão de 26 mil vistos humanitários aos haitianos⁷. Dados de 2015 também demonstram que, apenas entre janeiro e maio do referido ano, chegaram 7 mil haitianos, número que ultrapassa muito a regulação da entrada permitida pelos vistos humanitários. Com a constante chegada dos haitianos ao Brasil, o governo concedeu a 43.800 deles o visto de residência permanente no Brasil, de forma a facilitar o acesso ao mercado de trabalho e serviços públicos⁸.

³ <http://www.cartacapital.com.br/revista/811/ha-dez-anos-no-haiti-brasil-vive-impasse-8874.html>.

⁴ <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/10/prorrogada-concessao-de-visto-especial-a-haitianos>

⁵ <http://www.ebc.com.br/noticias/2015/08/senador-do-acre-pede-providencias-para-frear-imigracao-ilegal-de-haitianos>

⁶ <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/05/23/coiotes-trouxeram-38-mil-haitianos-ao-pais-em-4-anos.htm>

⁷ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-08/concessao-de-visto-humanitario-haitianos-e-prorrogada-ate-2016>

⁸ <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/brasil-autoriza-visto-de-residencia-permanente-para-43-8-mil-haitianos>

A constante chegada dos haitianos ao Brasil tem diversas causas de repercussão midiática, como a imagem internacional de um governo popular no poder e a projeção do país como “canteiro de obras” de grandes eventos, a exemplo da Copa do Mundo da Fifa, realizada em 2014, e das Olimpíadas de Verão de 2016, culminando no interesse dos imigrantes em buscar empregos no país que contribui para a reconstrução de seu país de origem. Somam-se a essas questões a impossibilidade do Haiti em oferecer emprego a toda sua população depois das tragédias naturais, das periódicas crises políticas, geradas após o período de colonização francesa, e a pobreza histórica, fatos que fazem da mão de obra haitiana no Brasil um dos grandes fomentadores do Produto Interno Bruto (PIB) do país caribenho. Dados de 2012 apontam que 22% do PIB vêm das remessas enviadas pelos imigrantes que estão no Brasil⁹.

Se o envio financeiro é comumente realizado para a garantia do bem-estar dos familiares no Haiti, alguns imigrantes – em sua maioria homens – já têm feito o inverso: trazem seus familiares para o Brasil ou mesmo, no caso, dos solteiros, buscam construir uma família a partir do novo país¹⁰.

Atualmente, ainda que sejam elevadas as próprias migrações internas brasileiras, especialmente de “cima para baixo” no mapa geográfico do país, e da leva constante de sul-americanos que vêm para o país, facilitados pelo Acordo de Residência e Livre Trânsito do Mercosul Ampliado, com destaque para bolivianos e argentinos¹¹, a chegada de haitianos tem sido notada, especialmente nas grandes cidades brasileiras, pelo indivíduo comum que chega a um restaurante, visita uma construção civil, toma transporte público ou anda pelas ruas. Pesquisa realizada em 2014 pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), Ministério do Trabalho e Emprego e Organização Internacional para a Migração (OIM), que se debruçou sobre a imigração de haitianos ao Brasil e o diálogo bilateral, afirmou que, até 2015, deveriam estar no Brasil 50 mil haitianos, número bastante elevado pelo curto período da vinda desses imigrantes. Mas, já em julho de 2015 o número apontava

⁹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html>

¹⁰ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-01/haitianos-que-moram-no-brasil-nao-pensam-em-retornar-ao-seu-pais>

¹¹ <http://oestrangeiro.org/2013/05/22/exclusivo-os-numeros-exatos-e-atualizados-de-estrangeiros-no-brasil-2/>

60 mil haitianos, segundo dados do Ministério da Justiça¹². Nesse interim, dados de março de 2014 apontavam que 27% dos haitianos estavam na cidade de São Paulo, principal destino desse grupo no Brasil. Curitiba, com 6,5% desta população é, hoje, o quarto principal destino desses novos imigrantes, atrás apenas da capital paulista, Manaus e Porto Velho, respectivamente¹³ (a posição tende a cair devido à inclusão de Santa Catarina como rota dos haitianos). Um ponto a se destacar é que essas cidades contam com uma importante rede de organizações da sociedade civil que tem atuado com relação à garantia de direitos humanos.

Uma dessas organizações é a Pastoral do Migrante da Arquidiocese de Curitiba, que afirmou haver aproximadamente 13 mil imigrantes e refugiados na Região Metropolitana da capital paranaense, sendo que cerca de 4 mil desses são haitianos, mas o número vem aumentando, segundo informações não oficiais dadas por diversas entidades. As organizações de apoio aos imigrantes, embora não sejam muitas, caracterizam-se pela promoção de eventos, atividades culturais, cursos, debates e acolhimento aos migrantes e refugiados, cedendo espaço para reuniões, entrevistas de emprego ou doações, constituindo-se, muitas vezes, como mediadoras entre os imigrantes e a sociedade em geral, em diversas instâncias.

JUSTIFICATIVAS, QUESTÕES E OBJETIVOS

Além de verificar o papel das organizações de apoio aos imigrantes em Curitiba, e especialmente suas práticas comunicativas com relação aos imigrantes, que são peça importante neste trabalho, a pesquisa busca refletir também sobre a lógica migratória e sua relação com a sociedade mediatizada, que tem como destaque atual a imigração haitiana no Brasil e o acentuado fluxo de pessoas pelas fronteiras internacionais. No entanto, antes disso, é preciso fazer alguns esclarecimentos e justificativas.

¹² <http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2015-07/numero-de-imigrantes-haitianos-nao-e-preocupante-diz-secretario-de-justica>

¹³ <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/sonho-haitiano/haitianos-comecam-a-desistir-do-sonho-brasileiro-dvdnp7f7bekwvklkuzwpmu5>

No decorrer do texto, os termos “imigração” e “migração” serão tratados como sinônimos, especialmente pelo uso similar que os textos acadêmicos encontrados fazem de tais expressões, ainda que se entenda e queira se deixar clara a diferença de que o primeiro termo trata, especificamente, dos fluxos internacionais e o segundo, concomitantemente, está mais alinhado ao trânsito de pessoas no interior de um mesmo país, ainda que sua designação possa ser ampliada como afirmado abaixo:

Migrante é, pois, toda a pessoa que se transfere de seu lugar habitual, de sua residência comum, ou de seu local de nascimento, para outro lugar, região ou país. “Migrante” é o termo frequentemente usado para definir as migrações em geral, tanto de entrada quanto de saída de um país, região ou lugar. Há, contudo, termos específicos para a entrada de migrantes – Imigração – e para a saída – Emigração. Há, também, “migrações internas”, para referir os migrantes que se movem dentro do país, e “migrações internacionais”, referindo-se aos movimentos de migrantes entre países, além de suas fronteiras¹⁴ (INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS, 2015).

Além desses termos existe também a expressão refúgio e a denominação “refugiados” para determinado tipo específico de imigrantes¹⁵. De acordo com a Convenção de Genebra – Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), “refugiado” é toda a pessoa que:

(...) temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode, ou em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual, em consequência de tais acontecimentos não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (1951, p.2).

Em referência ao Haiti, a característica de refúgio poderia ser aplicada especialmente pelo quarto movimento de diáspora que o país fez em sua história, impulsionado pelo terremoto que assolou o país em 2010. Handerson (2015), antropólogo haitiano, em sua tese de doutorado contextualiza esses quatro movimentos de pessoas relacionados a processos de colonização, descolonização,

¹⁴http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=219&Itemid=1
214

¹⁵ Segundo o Instituto Migrações e Direitos Humanos, os refugiados são assim reconhecidos pela Convenção de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados; pelo seu Protocolo de 1967; pela Convenção da Organização da Unidade Africana que Rege os Aspectos Específicos dos Problemas dos Refugiados na África; reconhecidos de acordo com o Estatuto de Acnur; que receberam formas complementares de proteção; ou que gozam de “proteção temporária”.

imperialismos e desastres ambientais, contextos diaspóricos que serão mais detalhados no terceiro capítulo deste trabalho. Neste momento, acentuamos que a leva de haitianos ao Brasil, correspondente à quarta diáspora haitiana, faz com que esta população possa ser considerada, inclusive, na categoria de “refugiados ambientais”. Embora a pesquisa bibliográfica ressalte uma indefinição deste termo, destacamos o conceito da Organização Internacional das Migrações (OIM), que afirma que os refugiados ambientais podem ser “pessoas ou grupo de pessoas que, devido a alterações repentinas ou progressivas no meio ambiente, foram adversamente afetadas em suas vidas e, devido às condições que se encontram, decidem ou são obrigadas a deixar as suas casas¹⁶”.

No entanto, embora os haitianos se enquadrem na categoria de refugiados, a política brasileira não os tem tratado dessa forma, o que tem reverberado não só no auxílio assistencial, mas também na própria academia, que tem denominado este deslocamento de “migração haitiana” e tais indivíduos como “imigrantes haitianos”. Desta forma, a pesquisa também se enquadra, com relação a estes termos, ao que já é utilizado no âmbito da pesquisa e da mídia nacional na área.

A partir do olhar de que os imigrantes e refugiados são mais do que mão de obra barata — são seres culturais —, o enfoque ao fenômeno recairá sob a ótica dos estudos culturais (HALL, 2013; MARTÍN-BARBERO, 2004; 2010), que compreendem os processos sociais não de forma isolada, mas considerando que os processos de comunicação se encontrariam nas análises da cultura, estando nela imersos, configurando-se também como processo político, histórico e social.

Além disso, é importante perceber o contexto da globalização como pano de fundo desta problemática, um fenômeno acelerado a partir da expansão das novas tecnologias de comunicação e informação desde meados da década de 1970, mas inaugurado muito antes, com a formação dos Estados-nação e, concomitantemente, com a vitória do sistema capitalista sobre a organização da sociedade feudal.

Ressalta-se que, para examinar as questões norteadoras desta dissertação, checando-se a premissa de pesquisa construída por meio de objetivos estabelecidos, apresentados logo adiante, foi feita a escolha do conceito de *práticas comunicativas*, evidenciando-se uma aproximação com conceitos de interação social e midiatização. Esta, encontra-se no arcabouço das mediações (MARTÍN-

¹⁶ ACNUR; Ramos AC, Rodrigues G, Almeida GA, organizadores. 60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro. São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011.

BARBERO, 2013), abrangendo assim o ambiente sociocultural em que está elaborado o mundo contemporâneo, compreendendo-se que este está intensamente marcado pela midiatização dos circuitos sociais de informação. O conceito de midiatização aqui utilizado é, principalmente, aquele pautado pela visão de Braga (2006; 2012) enquanto a interação social é pautada pela contribuição de França (2011; 2014).

É, portanto, pela compreensão e pela intersecção entre o panorama sociocultural em um cenário de globalização, sob o viés dos estudos culturais, e uma abordagem comunicacional observada a partir da contribuição da midiatização e das interações sociais, que se busca entender a relação entre migração e comunicação, as duas grandes temáticas do trabalho. Há processos comunicacionais na própria experiência migratória, neste caso, compreendendo a comunicação como processo de trocas simbólicas, ou o que Russi e Dutra (2014) consideram como processos de comunicação — não aqueles “simplesmente projetados como causa, mas como forma de imaginar (projeção), uma forma de ser e estar nas interações com o outro”. (2014, p.6).

Outra justificativa para a escolha do tema baseia-se em Santaella (2001), quando a autora afirma que a pesquisa pode ser justificada por dois aspectos: científico-teórico e científico-prático. Desta forma, pretende-se aqui refletir sobre as contribuições que a pesquisa traz para a realidade dos estudos da comunicação e sua relação com os estudos de migração. Alinham-se a este conceito de Santaella três ênfases da justificativa: enquanto abordagem pessoal do pesquisador, social e acadêmica.

A primeira ênfase é referente ao próprio interesse do pesquisador pela temática das migrações como pauta para os direitos humanos. Considerados como parte das minorias sociais, os imigrantes, especialmente os advindos do eixo Sul-Sul (tipo de migração hemisférica entre países subdesenvolvidos), representam uma importante pauta para a militância de direitos humanos no Brasil e no mundo. Ao abarcar também organizações representativas como a Igreja Católica e suas Pastorais de Migrantes espalhadas pelo mundo e a ONU, especialmente com os relatórios sobre Migrantes e Refugiados (Acnur), a ótica do imigrante no âmbito dos direitos humanos emerge no seio da sociedade pela busca da solidariedade, conhecimento geopolítico e doação de tempo, expressados pela vivência do pesquisador em organizações de apoio, em Curitiba. Sendo assim, o tema avança

não só em direção a uma questão acadêmica, mas também a uma aproximação vivencial.

Uma segunda ênfase, de caráter social, concerne ao aporte científico-teórico, na medida em que a pesquisa tem potencial para colaborar com as teorias construídas sobre o reconhecimento dos imigrantes (haitianos, no caso) como seres culturais, dotados de expressão, a partir da compreensão da existência de processos comunicacionais que garantam uma representação e reconhecimento (HONNETH, 2006; 2013) deste grupo de atores sociais na esfera pública, contribuindo para a construção de uma nova comunidade sociocultural e um espaço marcado por fluxos de sentidos.

Fundamentalmente, é importante o reconhecimento de um mundo no qual as fronteiras internacionais vão se rompendo, motivadas pela aceleração do processo de globalização mais recente. Assim, como segundo ponto deste aporte social, admite-se a necessidade dos estudos de comunicação estarem atentos a fenômenos decorrentes deste cenário global, sendo o elevado número de migrações internacionais, com seus processos de construção/desconstrução de identidades culturais, um dos fenômenos a serem analisados.

Uma terceira ênfase de justificativa incide também sobre o campo científico-teórico, mas, sobretudo, no campo científico-prático, que para Santaella (2001, p.173) “pretende dar respostas a um aspecto novo que a realidade apresenta como fruto do desenvolvimento das forças produtivas, técnicas, etc., ou quando se busca uma teoria a um dado fenômeno julgado problemático (...)”. Assim, com o aumento expressivo destes fluxos imigratórios, considera-se importante refletir sobre aspectos da inserção dos imigrantes e sua integração na sociedade local, uma vez que Curitiba é a quarta cidade brasileira que mais recebe haitianos, segundo fonte anteriormente citada.

Assim, a pesquisa busca um objeto de comunicação sem estar atrelado diretamente aos meios de comunicação, integrando-se à tendência que busca a compreensão do objeto da comunicação e sua interação e fluxos relacionais no cenário onde se insere, por meio de abordagens interdisciplinares. (FRANÇA, 2001). O objeto em si, ou seja, as práticas comunicativas que compõem a relação dos imigrantes haitianos com a sociedade, no cenário da cidade de Curitiba, contribuem para observar a comunicação como um processo constitutivo da sociedade atual, a

qual chamamos também de “sociedade midiaticizada” e das novas identidades culturais que se dão em torno deste novo ambiente, midiaticizado e híbrido.

A partir destas escolhas, chega-se ao *objetivo geral* da pesquisa: analisar como os processos comunicativos contribuem na construção da identidade dos imigrantes haitianos em Curitiba.

Para alcançar o objetivo geral assinalado, é necessário buscar alguns *objetivos específicos*: 1) O primeiro deles corresponde a “identificar e caracterizar as organizações que realizam trabalhos de apoio junto aos imigrantes na esfera pública local”. Para tanto, foram feitos contatos durante o período exploratório da pesquisa, que contribuíram não só para a construção metodológica do trabalho, mas também na escolha e compreensão de conceitos e demandas práticas sobre a temática da migração contemporânea. 2) Outro objetivo consiste em “verificar como se realizam os processos de comunicação dos imigrantes haitianos em Curitiba”. O acompanhamento com base nas técnicas de observação, especialmente das práticas comunicativas promovidas através das organizações e dos próprios imigrantes, contribuiu para compreender como isto ocorre, mas as entrevistas com os haitianos serviram para aprofundar a compreensão sobre o cotidiano destes indivíduos.

Neste ponto, é importante enfatizar as *questões centrais* que a pesquisa suscita: como são construídos os processos comunicativos dos imigrantes haitianos residentes em Curitiba no âmbito da sociedade? E a outra pergunta relaciona-se diretamente com a incidência da midiaticização na sociedade e, conseqüentemente, nas práticas comunicativas dos haitianos: As práticas comunicativas dos haitianos em Curitiba constituem-se como práticas midiaticizadas?

Permeando os objetivos e a questão central da pesquisa, tem-se como *pressuposto de pesquisa* que as organizações de apoio aos imigrantes haitianos em Curitiba constituem-se como as principais fomentadoras dos processos comunicativos dos imigrantes haitianos com a sociedade.

Os procedimentos metodológicos foram pensados para tentar confirmar ou negar este pressuposto, total ou parcialmente.

METODOLOGIA E CAPÍTULOS TEÓRICOS

Tendo-se em conta os dados apresentados até aqui, a metodologia, comprometida em descrever os processos de comunicação que se estabelecem na atual realidade migratória haitiana da cidade de Curitiba, necessita, contudo, aprofundar-se na análise sócio-histórica que o referencial teórico busca construir. Desta forma, a abordagem da análise hermenêutica em profundidade se atém na interpretação de um campo que já é pré-interpretado pelo próprio indivíduo e sua experiência (THOMPSON, 2011), como é o caso dos haitianos e as falas que deles foram extraídas para responder aos objetivos deste trabalho. Esta consideração da interpretação como ponto-chave da pesquisa atribui especialmente à cultura uma maneira de considerar as formas simbólicas, sendo elas construídas socialmente, tornando propício o uso da hermenêutica em profundidade, apoiada nesta dissertação pela influência dos estudos culturais e da discussão sobre a ideologia que traz consigo.

Como um dos pontos da triangulação metodológica proposta, a análise sócio-histórica vem acompanhada também de uma análise do cotidiano, ou o que Thompson (2011) chama de *doxa*, a qual pode ser percebida no trabalho por meio da observação simples com os imigrantes haitianos nos seus espaços de atuação, seja em uma organização de apoio, sua morada ou um evento que participa. A partir desta análise sócio-histórica e da *doxa*, foi importante definir as técnicas de coleta de dados: a observação simples e as entrevistas semiestruturadas com alguns dos haitianos e personagens deste movimento diaspórico em Curitiba, como jornalistas, pesquisadores do tema e agentes das organizações, especialmente. Estes procedimentos instrumentais constituem o segundo vértice da triangulação proposta.

Como técnica de análise dos dados, a pesquisa utiliza a análise de conteúdo (BARDIN, 1979) para identificar os traços da identidade cultural que os haitianos expressam em decorrência dos processos de comunicação. A escolha pela análise de conteúdo não só foi definida pela proximidade do pesquisador com a técnica, mas também pela contemplação da análise das interações, especialmente na esfera do cotidiano, visto que Bardin considera objetos da vida cotidiana como linguagens em interação com o mundo.

Se o objeto de pesquisa são os processos de comunicação, o objeto empírico consiste nas práticas produzidas para os migrantes mediadas pelas organizações de apoio – reforçando a checagem do pressuposto de pesquisa – e

também as práticas comunicativas realizadas entre os haitianos. Por parte das organizações são analisados os formatos, temas e presença dos haitianos nos cursos e eventos produzidos por elas, a fim de compreender este tipo de prática e as características de identidade e reconhecimento que se exacerbam nos seus conteúdos discursivos.

Em relação aos processos realizados pelos haitianos, a única forma de fazer uma análise da construção da identidade cultural por meio de práticas comunicativas é a partir das próprias entrevistas semiestruturadas, perguntando a estes indivíduos como tais processos, com os quais se deparam cotidianamente, interferem nas construções pessoais e coletivas.

Por fim, esta análise desemboca na interpretação/reinterpretação, última etapa da Hermenêutica em Profundidade, a qual avança na construção de significados adquiridos por meio das análises sócio-histórica e formal (instrumentalizada pela análise de conteúdo).

Até chegar a este processo, a dissertação passa por três capítulos de visada teórica, que constroem este panorama metodológico. Primeiramente, são descritas algumas das principais características das migrações, não só a partir de levantamento de dados, como os realizados especialmente nessa Introdução, mas acerca da ideia da migração como fenômeno sociológico, presente nas ciências humanas. A partir disso é importante também ressaltar as diversas formas que configuram a diáspora haitiana, ao mesmo tempo em que o capítulo resgata a história da imigração no Brasil, no Paraná e em Curitiba. Relacionando as diásporas haitianas à história da imigração para o Brasil é possível visualizar o cenário atual no país para os novos indivíduos que aportam nas nossas terras.

O cenário das migrações, além de histórico, é social e nesse quesito se aprofunda o segundo capítulo, o qual discorre sobre a globalização em suas características transnacionais (SOUSA SANTOS, 2002), que rompem com a ideia hegemônica dos Estados-nação (GIDDENS, 2001), e colocam em um diálogo híbrido o global e o local. Esta característica híbrida da globalização é uma de suas formas de resistência (HALL, 2013) na contemporaneidade. Essa resistência à ideia da homogeneidade global toma formatos diversos, como o que Mattelart (2002) chama de “redes parasitárias” ou o que o próprio Boaventura de Sousa Santos (2002) nomeia de cosmopolitismo.

Esta nova resistência recebe contribuição teórica dos estudos culturais, que observam a contra-hegemonia a partir da ótica gramsciana da cultura. Neste sentido, reforça-se no trabalho o aporte teórico-metodológico dos estudos culturais e sua incidência sobre a construção da identidade cultural dos imigrantes haitianos que residem em Curitiba. Se a cultura é um ponto-chave para o redimensionamento das forças globais na contemporaneidade, as migrações cooperam neste universo ao hibridizar o hegemônico com novas formas e modificá-lo. Ao observar este fenômeno novo, chega-se à comunicação, considerando estas próprias interações das culturas como formas comunicativas por excelência. A interação social é a comunicação social neste trabalho, compreendida como um processo de produção e compartilhamento de sentidos realizado por meio de uma materialidade simbólica e inserido em algum contexto (FRANÇA, 2001). Com isso, podemos adentrar no universo das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2009; 2013).

Já a escolha pelo conceito teórico da midiatização se dá pela proximidade que esta abordagem estabelece com os estudos latino-americanos de comunicação, que enfatizam a recepção ativa a partir das mediações socioculturais, que, por sua vez, configuram-se como lugar de conhecimento externo do indivíduo em confrontação a si mesmo. Essa reflexão supera a ideia puramente técnica da comunicação, observando-a como processo social, ou o que mais adiante será entendido como um enfoque às “mediações comunicativas da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2009). Desta forma, estar nessa frente de reflexão coaduna com os estudos culturais, pois esses incidem não só no ambiente social e nas discussões sobre a globalização, mas se fazem presentes, neste trabalho, em suas reflexões acerca da comunicação em meios culturais específicos, nos quais se constroem identidades híbridas, e no interior de processos de desterritorialização/reterritorialização. Novamente, é importante recordar que a midiatização aparece como importante base teórica neste trabalho, pois esta se apresenta como parte das questões de pesquisa.

1 ENTRE O MUNDO GLOBALIZADO E A CULTURA DAS MINORIAS

Este primeiro capítulo discorre sobre o cenário de intensa globalização transnacional no qual as migrações contemporâneas estão inclusas. Tal relação se estabelece a partir da ótica dos estudos culturais que, ao não excluir a estrutura social, redimensiona o debate para a ação dos sujeitos em seus ambientes como forma de resistência às imposições de ordenamento hegemônicas do sistema global. Os entendimentos de hegemonia são aqui utilizados a partir da visão de Boaventura de Sousa Santos (2002), que, por sua vez, dialoga com a teoria de Gramsci.

Se no segundo capítulo, o trabalho focará as ações comunicativas dos sujeitos imigrantes, em especial os haitianos em Curitiba, desde já é importante compreender a dimensão ativa e cultural destes indivíduos no novo território, sua construção identitária e sua busca por reconhecimento, como formas de resistência.

Desta forma, este capítulo se inicia com uma discussão sobre a globalização, considerando os sistemas dos Estados-nação como principal característica de impulso à formação das identidades nacionais, sendo estas questionadas pelos fluxos financeiros transnacionais e pelos fluxos humanos transculturais. Se há na contemporaneidade uma ameaça à lógica dos Estados-nação, os próprios fluxos que a pesquisa acentua criam novos mapas de globalização, reconfigurando a noção do global e local, centro e periferias, norte e sul. Este novo mapa abarca as chamadas “redes parasitárias”, que farão do local uma frente ante a tendência homogeneizante das culturas dominantes, embora também a elas exposto e alterado.

Sem se aprofundar nas questões conceituais geográficas/antropológicas de lugar, espaço ou comunidade, o marco teórico da pesquisa passa rapidamente por tais conceitos, demarcando o âmbito local como ambiente de resistência dessas culturas em movimento, caracterizadas por Sousa Santos (2002); e pela parte empírica deste trabalho, pelas organizações que produzem um “cosmopolitismo” como forma de ligação entre o global e o local, sendo, portanto instâncias intermediadoras.

O cenário da globalização é revisto por meio de sua possibilidade contra-hegemônica e a temática da globalização se encontra no viés cultural para

direcionar esta nova forma de sociabilidade em que as pessoas, o capital e o Estado se confrontam constantemente.

A segunda parte do capítulo está ligada a autores dos estudos culturais e, por conta disso, traz alguns conceitos de Gramsci que ajudam a situar a diferença no debate contra-hegemônico em direção ao que ele chama de “repertórios de resistência”, substituindo a dicotomia da “luta de classes” do marxismo clássico. Assim, passando por Gramsci e pelas origens dos estudos culturais britânicos, a noção de cultura é trabalhada distanciada da mera estratégia de classe e das conduções antropológicas à medida que considera o mundo universal e individual do ser humano como característica sociológica. Esta característica de união entre o universal e o individual se vincula a toda a estrutura sobre a qual o capítulo foi inicialmente construído e lhe dá sequência, especialmente no que tange às questões que tocam a esfera individual, como a construção de identidades culturais, ainda que esta esteja amparada por um reconhecimento coletivo.

Antes de iniciar um debate mais aprofundado sobre a construção da identidade e o reconhecimento cultural, o capítulo discorre sobre as culturas populares, seu aspecto híbrido e sua incidência sobre o que se compreende por culturas minoritárias, expressão que aparece no título do capítulo, justamente por manifestar traços fundamentais da cultura migrante no cenário da pesquisa.

1.1 GLOBALIZAÇÃO COMO CENÁRIO

Na visão contemporânea sobre a globalização é predominante aquela que enxerga as características hegemônicas deste fenômeno, como afirma Sousa Santos (2002), mas, este mesmo autor não entende a globalização hegemônica como única e inevitável. Sousa Santos rechaça a visão monocausal a respeito da globalização, entendendo-a como um fenômeno multifacetado e que cria, em seu interior, formas de resistência e alternativas, havendo, portanto, uma globalização contra-hegemônica em andamento. Considerar as várias compreensões sobre a globalização é importante para tê-la como uma referência que engloba as relações macrossociais ao mesmo tempo em que, ao percebê-la com características contra-hegemônicas, abdica-se da ideia do “fim da história”,

como afirma Fukuyama (1992) — a história é que decreta a vitória da lógica global sobre a local. Neste sentido, passamos pelas considerações da globalização hegemônica e, adiante, pela globalização contra-hegemônica, que trará o aporte necessário às dinâmicas culturais e seus signos de pertencimento.

Anthony Giddens (1991) elenca quatro características principais da globalização para que seja possível entender as forças que a mantêm: a economia capitalista mundial, os sistemas de Estados-nação, a ordem militar e a divisão internacional do trabalho. Nesta dissertação, os sistemas de Estados-nação recebem maior destaque pela relação contraditória frente ao tema dos fluxos migratórios e à ideia de rompimento de fronteiras. As demais características, contudo, são elencadas abaixo, por manterem relações próximas umas às outras, conforme argumenta Giddens.

A primeira característica – a economia capitalista mundial – se configura em uma íntima relação com os sistemas de Estado-nação, visto que estes são os principais centros de poder deste sistema econômico. Junto aos Estados, as empresas de negócios, especialmente as transnacionais, podem ter grande poder de influência na política dos países onde se encontram instaladas, mas também têm seu poder limitado pela ausência de características militares na disputa política em determinados territórios.

A ordem militar, como terceira dimensão da globalização, necessitaria de análises aprofundadas em especial no que tange à industrialização da guerra, ao fluxo mundial de armamentos e às técnicas de organização militar. Mas assim como os sistemas de Estados-nação, essa dimensão também está subordinada à sanção de outros Estados que limitam sua prática. O autor considera que as guerras são parte da globalização do poder militar. Já a quarta dimensão apontada por Giddens diz respeito ao desenvolvimento industrial, especialmente à divisão global do trabalho, considerando que a indústria moderna se baseia intrinsecamente em divisões de trabalho. O autor comenta:

Não há dúvida de que ocorreu uma importante expansão de interdependência global na divisão do trabalho desde a Segunda Guerra Mundial. Isto ocorreu para a realização de mudanças na distribuição mundial da produção, incluindo a desindustrialização de certas regiões nos países desenvolvidos e o surgimento dos 'Países Recém-Industrializados' no Terceiro Mundo. (GIDDENS, 1991, p.88).

Outro traço importante desta industrialização global é a difusão das tecnologias, as quais interferem no cotidiano mais do que a esfera de produção, bem como no contato com o ambiente, que incide sobre a sensação de se viver em “um mundo” unificado. Giddens completa afirmando que as tecnologias de comunicação “formam um elemento essencial da reflexividade da modernidade e das descontinuidades que destacaram o moderno para fora do tradicional”. (Idem, p. 89).

A industrialização global na esfera da produção é um dos pontos mais importantes da discussão acerca das migrações atualmente, especialmente quando tratada pela opinião pública. Matérias jornalísticas sobre as migrações contemporâneas, especialmente as que envolvem a emigração dos países considerados periféricos em relação aos países de destino, estão comumente ligados à ideia do trabalho e aos fluxos de pessoas em busca de melhores condições financeiras de vida.

Dois artigos produzidos por este pesquisador, em co-autoria, analisaram as matérias sobre imigrantes produzidas pelo jornal *Gazeta do Povo*¹⁷ – ligado ao Grupo Paranaense de Comunicação (Grpcom), afiliada da Rede Globo no Paraná – e pelo jornal *Brasil de Fato*¹⁸, de cunho popular e abrangência nacional. Guardando as diferenças de abordagem e abrangência da pesquisa¹⁹, ambas as análises demonstraram a argumentação de que a lógica dos imigrantes é mais enquadrada pela imprensa, seja ela popular ou não, pela ótica do trabalho, carecendo da visão de valorização cultural destes indivíduos em contato com o novo território. De forma ampla, a crítica realizada às migrações segundo o viés marxista, em que os migrantes, ao saírem de seu lugar de origem, e abdicando de sua vida social e familiar, tornam-se mais vulneráveis à exploração do trabalho – é retratada exaustivamente nas matérias do jornal popular *Brasil de Fato*, ao abordar a questão do trabalho escravo. Das 17 matérias encontradas sob o tema “migração”, nas 30 edições analisadas do jornal, 8 falavam de trabalho escravo, com títulos evidentes, como: “*Escravos da moda. Quem se importa com a procedência?*” e “*Fiscalização resgata haitianos escravizados em São Paulo*”. Ao mesmo tempo, reconhece-se o

¹⁷ <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2246-1.pdf>

¹⁸ http://www.e-democracia.com.br/sociologia/anais_2015/pdf/AMRX.pdf

¹⁹ Foram analisadas um maior número de encartes da *Gazeta do Povo* por ter uma tiragem maior e a pesquisa restringiu-se à imigração haitiana, enquanto a análise do *Brasil de Fato* englobou todos os tipos de migração, inclusive as internas.

direito e a importância do indivíduo ter livre trânsito, embora no domínio cultural, tal consenso neoliberal seja muito seletivo: “Os fenômenos culturais só lhe interessam na medida em que se tornam mercadorias que como tal devem seguir o trilho da globalização econômica”. (SOUSA SANTOS, 2002, p.49).

Mesmo reconhecendo a importância da discussão sobre a quarta característica elencada por Giddens, não é da alçada desta pesquisa, no entanto, entrar nas questões específicas sobre a exploração do trabalho dos imigrantes, mas sim alcançar as nuances culturais deste fluxo contemporâneo de pessoas em um novo território. E de todas as características da globalização apontadas pelo autor, percebemos que é a tônica dos sistemas de Estados-nação que fortificam tal debate, como será explicado logo adiante.

1.1.1 A globalização e o redimensionamento dos Estados-nação

Os Estados-nação e o atual processo de globalização estão diretamente relacionados. Segundo Giddens (1991), o sistema dos Estados-nação compõe uma das quatro dimensões da globalização e são responsáveis, junto ao capitalismo, por condicionar a natureza das instituições modernas. Embora unidos, o sistema capitalista resiste em respeitar os limites nacionais, colocando-se alinhado à economia mundial e sua característica transnacional. No entanto, são justamente os Estados-nação, responsáveis por enquadrar a sociedade em seus limites nacionais, que contribuem na formação de “comunidades imaginadas”, conforme salienta Stuart Hall (2013), ao se referir à ideia de que a formação dos Estados-nação foi responsável por unificar territórios, culturas e línguas, ignorando, contudo, a diversidade desses mesmos componentes. Ao mesmo tempo em que há a consolidação do sistema de Estados, o intercâmbio cultural continua a ocorrer, inclusive por meio do fenômeno das migrações, com destaque para o fluxo entre colônia e colonizador, com claras desvantagens para os últimos. Assim Porto-Gonçalves (2004) expõe a questão, ao destacar que:

[...] se pressupõe que as matérias-primas e a energia, fruto do trabalho das populações dos países do Terceiro Mundo, devem continuar fluindo no mesmo sentido e direção da geografia moderno-

colonial, ou seja, para os países e classes ricas dos países ricos ou para as classes ricas dos países pobres. [...] Toda a questão passa a residir, então, em como garantir o suprimento permanente de matéria e energia em uma quadra histórica em que o colonialismo e o imperialismo já não se sustentam moral e eticamente. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 20).

Para o geógrafo, a ideia de que os homens são iguais, considerada a base da revolução política da modernidade, tem enorme dificuldade para ser sustentada no âmbito dos marcos liberais, “enorme dificuldade para se estender além dos territórios europeus ou europeizados (Estados Unidos e Canadá), enfim, para a América Latina e o Caribe, para a África e a Ásia. A modernidade é inseparável da colonialidade”. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 20).

O que parece ficar cada vez mais claro é que este movimento contrário dos Estados-nação frente ao capitalismo é restrito, situando-se mais especificamente na busca por uma preservação cultural nacional ainda que as forças globalistas sejam mais fortes. Nesta relação de forças entre o nacional e o global, Giddens (1991) afirma que a influência de qualquer Estado específico na ordem política global é fortemente condicionada pelo nível de sua riqueza, mas os Estados não operam apenas como máquinas econômicas: atentam-se, como “atores” em seus territórios, preocupados com suas culturas nacionais e mantendo um envolvimento geopolítico estratégico com outros Estados.

A dialética globalista se acentua na medida em que o Estado-nação e sua tendência centralizadora perdem força pela expansão das economias multinacionais/transnacionais e se veem em um ambiente de proeminência dos mercados globais sobre os nacionais. Embora Sousa Santos (2002) afirme que o fenômeno da regulação estatal é algo novo – especialmente experimentada no século XIX –, a globalização vivida no último século denota um enfraquecimento dos poderes do Estado para a ascensão das demandas oriundas do Consenso de Washington²⁰ e sua economia voltada ao mercado como regulador do neoliberalismo.

Neste jogo de forças, Giddens (1991) demonstra a dialética dos Estados, cuja legitimidade de sua soberania passa justamente pela sanção de outros

²⁰ Realizado em 1989, o Consenso de Washington foi um dos responsáveis pela promoção do acesso às políticas neoliberais da América Latina, caracterizado por ajustes fiscais, privatizações e abertura comercial e econômica ao capital externo.

Estados, mediados por organismos internacionais e forças econômicas. Sobre isto afirma Mattelart (2002): “O termo ‘transnacional’ que implica a existência de um movimento de conjunto rumo à integração mundial pretende significar que existe uma fonte virtual de conflitos e interesses das macroempresas e os territórios onde as mesmas se instalam” (p.101). Nesta relação onde os interesses transnacionais incidem sobre os Estados, Sousa Santos (2002) cita exemplos da proeminência dos mercados globais sobre os nacionais, com a dominação da economia pelo sistema financeiro e de investimentos, a produção flexível e multilocal, os baixos custos com transporte, a alta tecnologia de informação e preeminência das agências financiadoras multilaterais.

Este cenário pode ser considerado como aquele que Hall (2013) chama de “pós-colonial”, cujo termo está relacionado a uma releitura do processo de colonização que não se caracterizou apenas como a passagem do feudalismo para o capitalismo, mas se constituiu como algo maior que o domínio direto de um país sobre o outro: significa todo o processo de expansão e hegemonia da modernidade capitalista europeia e que vai dar continuidade a um processo essencialmente transnacional e transcultural.

Essa renarração desloca a ‘estória’ da modernidade capitalista de seu centramento europeu para suas ‘periferias’ dispersas em todo globo; a evolução pacífica para a violência imposta; a passagem do feudalismo para o capitalismo para a formação do mercado mundial (...). (HALL, 2013, p.123).

Esta acepção de Hall (2013) rompe com a ideia binária de “aqui” e “lá”, “antes” e “agora”, e de que o global seria algo universal ou específico a alguma nação. O pós-colonial diz respeito a como tais relações transversais (diaspóricas) deslocam nações trazendo o centro para a periferia e vice-versa. O que Hall parece deixar claro é que não se exime os efeitos de todo o processo de colonização, ao mesmo tempo em que o deslocamento desta lógica binária incide também em uma internalização na sociedade descolonizada. Já Porto-Gonçalves (2004, p.20) entende que “na América Latina e no Caribe, a colonialidade sobreviveu ao colonialismo, por meio dos ideais desenvolvimentistas eurocêntricos, ocupando os corações e mentes das elites *criollas*, brancas ou mestiças nascidas na América.”

Ao compreender o pós-colonial como a fase atual do capitalismo e seu descentramento do centro para as periferias globais, surge um tipo de mapa global que contribui para percebermos a construção das identidades culturais que cada vez

menos se restringem aos limites do Estado-nação e se encontram em novos centros e em novas maneiras de pertencer e se identificar. O questionamento que a construção teórica busca responder adiante é: estão as identidades determinadas pelo fluxo transnacional que se estabelece no atual formato do capitalismo? Há alguma forma de estabelecer uma contra-hegemonia que aproveite este rompimento fronteiriço, para se construir novas formas de sociabilidade?

1.1.2 Mapas da globalização

Uma característica marcante do caráter neoliberal da globalização é a organização geográfica. Sousa Santos (2002) salienta que a geografia das estruturas econômicas globais impõe uma subordinação aos Estados, especialmente aos subdesenvolvidos, que privilegia a não-regulação estatal da economia, os direitos de propriedade internacional para investidores e uma subordinação dos Estados a organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e as agências financeiras que avaliam a situação dos Estados frente ao poder de investimento. Mesmo que a estrutura seja global, o autor não abdica da ideia de que a lógica econômica ainda é caracterizada por uma intensa concentração econômica e destaca os países do Sul, Sudeste e Leste Asiático como maiores beneficiários desses investimentos.

A discrepância geográfica entre centros e periferias produzida por tal sistematização faz com o que o Estado não seja ameaçado mais por outro Estado, mas, sobretudo, pelas grandes empresas em movimentos contínuos de desnacionalização, desestatização, internacionalização. Na linha econômica, Sousa Santos (2002) indica alguns tipos de ajustes estruturais para a “estabilização macroeconômica”, como a flexibilização salarial, a privatização dos serviços sociais, a expansão do terceiro setor e a pouca preocupação com a problemática ambiental. Um dos principais exemplos de regulação transnacional considerados pelo autor vem da área das telecomunicações, impulsionados pela ascensão neoliberal da década de 1990:

As telecomunicações são cada vez mais a infraestrutura física de um tempo-espaço emergente (...) este novo tempo-espaço tornar-se-á gradualmente o tempo-espaço privilegiado dos poderes globais (...) esta forma de poder é exercida global e instantaneamente, afastando, ainda mais, a velha geografia do poder centrada em torno do Estado e do seu espaço-tempo. (SOUSA SANTOS, 2002, p.41).

Cabe salientar, no entanto, que há uma diferença entre a internacionalização e a globalização. A internacionalização se apresenta com um “aumento da extensão geográfica das atividades econômicas através das fronteiras nacionais”, conforme afirmam Haesbaert e Limonad (2007, p.41), ao passo que, para os mesmos autores, a globalização avança esse conceito implicando um grau de “integração de atividades econômicas dispersas em escala planetária” (p.41) por meio de fluxos contínuos de capital estrangeiro.

No âmbito desta lógica da diferença, Mattelart (2002) fala de um “novo mapa das desigualdades” que abala a relação maniqueísta Norte-Sul para a descoberta, por parte do Norte, dos diversos ‘Sul’ e de que no próprio Sul há um novo Norte, que seriam as megalópoles dos países subdesenvolvidos e sua potencial mão de obra. (p.150). Neste novo mapa está incluso o que autor nomeia de “redes parasitárias”, também chamadas de “novos fronts planetários da desordem” e que incluem “os fluxos transnacionais das diásporas e das correntes migratórias do trabalho, regular e clandestino”. (p.152).

Ao falar das redes parasitárias, formuladas pelos fluxos transnacionais das diásporas, Mattelart (2002) considera que há “fronteiras” que contradizem a ideia de monocultura da globalização. A partir de um processo de hibridação, o sociólogo destaca a reterritorialização a partir dos sincretismos entre a cultura que resiste e a hegemônica, o qual ele entende por mestiçagem.

Se a mundialização/globalização é um componente da cultura contemporânea, isso não significa que ela seja a única lógica capaz de definir os destinos do planeta. A década de 80, que assistiu ao florescimento das doutrinas da globalização financeira e da padronização cultural, conheceu igualmente um movimento de ideias que sublinha a defasagem entre as forças centrípetas e aglomerantes da lógica mercantil e a pluralidade das culturas, e concebe a fragmentação e a globalização como dois fatores em tensão onde se joga a decomposição/recomposição das identidades sociais e culturais. (MATTELART, 2002, p.160).

Substituindo a ideia de “fronteiras” por “fragmentação”, Haesbaert e Limonad (2007) também consideram que determinadas formas de resistência são manifestadas através de desigualdades e processos de exclusão. Sobre a relação

entre a cultura internacional/local e a ideia de que na globalização a primeira dominaria a segunda, citando Appadurai (1990), Mattelart (2002) nega a afirmação, dizendo que os instrumentos de homogeneização ficam “absorvidos pelas economias políticas e culturais locais, unicamente para serem repatriados como diálogos heterogêneos de soberania nacional, de livre iniciativa e de fundamentalismo onde o Estado tem um papel cada vez mais delicado”. (p.161).

Como pensar um mundo unificado se existem tantos universos paralelos? Desta forma, Mattelart afirma que a própria Antropologia está atenta não mais somente ao exotismo da cultura, mas também à atualidade da “diminuição” do planeta, levando em consideração os variados mundos que perpassam as pequenas unidades, reconstituindo-as sem cessar, dentro da mesma perspectiva do “encolhimento” do planeta pela compressão espaço-tempo, como afirmam Giddens (1991) e Sousa Santos (2002).

Ao ver a impossibilidade de um mundo homogêneo nas formações sociais, políticas, econômicas e culturais, por conta de processos contrários à própria globalização, esta pesquisa se encaminha em direção a uma abordagem conceitual mais próxima à ideia culturalista dos estudos sobre a globalização, embora considere importante a dimensão jurídico-política, conforme classifica Haesbaert e Limonad (2007, p.45), pois salientam os Estados-nação e as diversas organizações políticas como atores principais. Por outro lado, o viés culturalista traria os indivíduos e os grupos étnico-culturais ao primeiro plano. Outro viés, com uma abordagem minimizada neste trabalho é o viés econômico, que credita às empresas, aos trabalhadores e aos Estados-nação – enquanto unidades econômicas – papel central.

A aposta em uma análise pelas vias culturais adquire importância pela apropriação deste espaço, aqui visto também pelas organizações de apoio aos imigrantes haitianos, construídas através da formação da identidade dos indivíduos em diáspora.

1.1.3 A relação estreita entre globalização e cultura

Este ponto da reflexão é estabelecido a partir das considerações que Sousa Santos (2002) traz sobre o lugar da cultura na globalização. Se a discussão sobre o tema pode tomar diversos rumos, é preciso escolher um foco básico para ela. Sousa Santos indica que outras questões como a política, a econômica ou a militar poderiam se situar no topo dos debates, mas seguindo o viés dos estudos culturais, este trabalho pretende trazer a questão cultural como aprofundamento da temática da globalização a partir deste primeiro cenário.

Sousa Santos (2002) traz a contribuição de Appadurai (1997), que enxerga nos meios de comunicação, incluindo aqui as novas tecnologias, e nas migrações em massa, os responsáveis pelo deslocamento dos indivíduos do mundo da modernização para o mundo pós-eletrônico, tornando ambos – meios de comunicação e migrações em massa – relacionados a um processo de “trabalho da imaginação”, que alinha indivíduos desterritorializados geograficamente a “comunidades de sentimentos”, que Appadurai chama de “esfera pública diaspórica”. (SOUSA SANTOS, 2002, p.45).

Ao sugerir a pergunta ‘até que ponto a globalização indica homogeneização?’, Sousa Santos considera que no contexto pós-eletrônico, a imaginação é fonte de dominação dos Estados e das transnacionais, mas também é nela que “os cidadãos desenvolvem sistemas coletivos de dissidência e novos grafismos da vida coletiva”. (2002, p.46). Afirmando isto, é possível considerar que mesmo com o imperialismo cultural existindo, torna-se inoportuno considerar que haja uma cultura global advinda das várias hibridações, cuja característica de diversificação está no próprio processo da globalização transnacional.

A contradição oriunda da globalização é expressa por Sousa Santos quando afirma o papel duplo dos Estados-nação na promoção da cultura: ao mesmo tempo em que promovem a diversidade cultural e a autenticidade da cultura nacional, internamente os mesmos promovem a homogeneização cultural pelo sistema educacional, meios de comunicação, poder judiciário e político, alinhados a valores hegemônicos.

Sousa Santos (2002) ainda enfatiza que é necessário identificar as formas culturais parciais enquanto formas globais, que controlam a dinâmica global por meio de um discurso do global. Sendo assim, constata-se também que com a abertura transfronteiriça aumentam as formas de solidariedade e de ecumenismo, ao mesmo tempo em que as manifestações de intolerância e xenofobia se fortalecem (2002,

p.88). Da mesma forma, Giddens (1991) comenta sobre a reação nacionalista que pode ocorrer em contrapartida à globalização, afetando os Estados-nação. (p.77).

1.2 A GLOBALIZAÇÃO AMPARADA PELO MULTICULTURAL

Ao perceber as relações sociais e culturais como um componente novo no que Sousa Santos (2002) chama de “sistema mundial em transição”, este trabalho se encaminha para aprofundar a análise na perspectiva de uma globalização de caráter contra-hegemônico, que por meio de culturas de resistência e hibridizações, redimensiona o caráter homogeneizante da globalização, configurando-o como um momento de transição da história, assim como outros.

O autor português aqui tomado como uma das principais referências do capítulo apresenta duas intencionalidades que considera falaciosas: a do determinismo de que a globalização é algo inevitável e uma segunda intencionalidade configurada pela falácia do desaparecimento do Sul, criticando a ideia de que a globalização dispensa diferenciações entre norte e sul, centro e periferia. E quanto mais triunfalista é a globalização, mais se ressalta isso. Assim sendo, ambas as questões que Sousa Santos chama de “falácias” situam a perspectiva do olhar sobre a globalização, que aqui ganha contornos de amálgama da miséria e desigualdades, diluindo o ponto de vista triunfalista da racionalidade, da inovação e da liberdade em produzir progresso.

Sousa Santos (2002) observa que o sistema mundial em transição apresenta três frentes, a saber: 1) as práticas interestatais (enquanto protagonistas da divisão internacional do trabalho); 2) as práticas capitalistas globais (os agentes econômicos); 3) e as práticas sociais e culturais (fluxos de pessoas e culturas, informação e comunicação). O que vem a distinguir o sistema mundial em transição para o moderno é a soma das práticas sociais e culturais, acentuadas pelo aumento de intensidade das relações, junto às outras duas frentes. No entanto, as frentes não são separáveis, mas formam uma espécie de “transconflituosidade” (2002, p.60), cujos conflitos interagem de modo híbrido, até mesmo assimilando um tipo de conflito a outra frente como, por exemplo: os problemas interestatais que demandam

um elevado número de migrantes refugiados e a mudança discursiva que se estabelece no país receptor sob a categoria de ameaça cultural.

A dinâmica dos conflitos apresenta um aporte de dominação: a hierarquia. Esta é diretamente proporcional à neutralização das desigualdades produzidas através do discurso dominante. Para Sousa Santos (2002), as hierarquias principais – e que dominam todas as outras – são as que configuram a relação centro/periferia e global/local. O destaque a esta expressão da globalização é dada pelo caráter de “trocas desiguais” (2002, p.63) que a produção da globalização emprega, fazendo com que determinado artefato, entidade ou identidade local transpasse sua fronteira, designando como seu outro artefato, entidade ou identidade. É possível encontrar no cotidiano vários exemplos, como a internacionalização do ritmo do samba, incorporado aos concursos de dança mundo afora, mas que tem origem nos morros periféricos brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro. Da mesma forma, inversamente, encontramos nas gôndolas dos supermercados e no dicionário em português o hambúrguer e o champignon; ou se delimitarmos ao espaço nacional, as festas de São João, que extrapolam hoje os limites do catolicismo e da região nordeste. Sobre a relação entre o local na cultura global, o autor afirma:

Por outras palavras, não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local, real ou imaginada, uma inserção cultural específica. A segunda implicação é que a globalização pressupõe localização (...). De fato, vivemos tanto num mundo de localização como num mundo de globalização. (SOUSA SANTOS, 2002, p.63).

A interdependência que Santos observa entre globalização e localização traz algumas implicações mais críticas ao considerar que o local é integrado na globalização pela exclusão ou pela inclusão subalterna. No entanto, este local não seria o local que existia antes da globalização (e que consegue sobreviver à margem), e sim o que resulta da produção global da localização.

É possível dialogar as considerações de Sousa Santos (2002) com Haesbaert (2003), o qual traz a expressão “glocalização”, significando que há um hibridismo no processo da globalização entre processos globais e locais, o que permite pensar em uma sobreposição de territórios ao invés de anulação dos mesmos. Falar de desterritorialização, segundo o autor, pressupõe então discutir a flexibilização/mobilidade e abrangências de tais territórios baseando-se em um reforço das suas bases simbólicas. O território aqui não está acabando, mas está surgindo uma nova forma multiterritorial dele.

O que é importante para compreender a ideia do multiterritorial é que as identidades hoje são complexificadas por conta da sobreposição de territórios expressa pelas diferentes experiências ocasionadas pela mobilidade e pela inserção da cultural global no espaço local, que outrora eram restritas às suas formas culturais. A principal novidade reside na forma com que estas identidades sobrepostas redefinem os limites políticos-territoriais dos Estados-nação, alterando a face geográfica do mundo a partir da cultura. Esta capacidade de mobilidade faz com que o espaço nacional seja então substituído pelos espaços locais. (HAESBAERT e LIMONAD, 2007). A substituição do nacional pelo local não impede a dinâmica da globalização em criar fronteiras – ou fragmentá-las —, como já expresse, mas este local não é o local que existia antes da globalização, e sim o que resulta da produção global da localização. (SOUSA SANTOS, 2002, p.65). Sobre isso, comenta Martín-Barbero em um diálogo com a dinâmica migratória e a modernidade:

De ahí que *el extranjero* se convierta en el fantasma que acecha desestabiliza la modernidad, porque no cabe en la *determinación* de amigo/enemigo sino que introduce toda la transformadora ambigüedad de *e outro que vive adentro*. El migrante es el extranjero que no cabe en la sociabilidad básica de la modernidad: mientras el enemigo hace parte de la sociedad, el extranjero *no pertenece* y por tanto desordena, perturba, enloquece la identidad fundante de lo nacional. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.25).

Desta forma, o novo local está relacionado a uma ideia transnacional de contra-hegemonia, que extrapola seu campo geográfico para atingir um cosmopolitismo, que para Santos (2002), é uma das formas de resistência à globalização. Para o autor, o cosmopolitismo consiste em um movimento contra-hegemônico, mas sem base classista, e se estabelece como organização transnacional de resistência compondo, por exemplo, movimentos sociais, redes de solidariedade transnacional, ONGs, etc.

Contrariamente à concepção marxista, o cosmopolitismo não implica uniformidade e o colapso das diferenças, autonomias e identidades locais. O cosmopolitismo não é mais do que o cruzamento de lutas progressistas locais com o objetivo de maximizar o seu potencial emancipatório *in loco* através das ligações translocais/locais. (SOUSA SANTOS, 2002, p.69).

Sousa Santos (2002) argumenta que, em resposta às ameaças transnacionais da globalização se criaria um “novo protecionismo”, a partir da ideia de “localização”. Essa ideia pode também ser nomeada como uma territorialização

ante a desterritorialização do global hegemônico. Desta forma, Sousa Santos não recomenda dicotomizar o local e o global contra-hegemônicos, mas unir as resistências devido ao fato de que “o global acontece localmente. É preciso fazer com que o local contra-hegemônico também aconteça localmente.” (2002, p.74).

Durante o trabalho de análise e apresentação dos objetos desta pesquisa, tal contribuição é feita com mais ênfase, mas é válido, desde já, citar como exemplo o trabalho de solidariedade internacional que a Casa Latino-Americana (Casla), localizada em Curitiba realiza. A organização manifesta essa forma de cosmopolitismo ao se envolver com questões ligadas aos Mapuches, que são as populações originárias do Chile, por exemplo, trazendo suas experiências e necessidades como forma de defesa dos povos latino-americanos na cidade de Curitiba, expressadas, contudo, pela presença de outros tipos de latino-americanos e caribenhos, como os haitianos.

Compreendendo a resistência do cosmopolitismo como a busca por pertencimento, os fluxos migratórios de pessoas e sua difícil aculturação à nova terra contribuem para um processo de desterritorialização. Assim, Milton Santos (2012) relaciona desterritorialização (a perda do território original, do espaço de pertencimento e memória) à alienação, para ele, uma desculturização. Mas Santos não condena o migrante à eterna alienação – as incitações e a capacidade criativa do homem fazem com que ele não aja apenas de forma passiva, mas que a relação entre o homem e o território:

manifesta-se dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera parte do seu ser que parecia perdida. (SANTOS, 2012, p.83).

Ao mesmo tempo em que há a possibilidade de integração, Canclini (2013) observa a existência de estratégias na tensão entre desterritorialização e reterritorialização, que dizem respeito a esta perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais, como salienta também Santos; e, ao mesmo tempo, realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas. Há nesta trama de desterritorialização (alienação) e reterritorialização (integração) um resultado híbrido que dá forma às culturas dominadas, inclusive com o componente transcultural, que parte de uma seleção e invenção dos grupos

subordinados a partir do que foi transmitido pela cultura dominante. Há aqui trajetórias que se entrecruzam e são dialógicas. Esta dialogia é evidenciada pela hibridização cultural, que para Canclini:

aparece hoje como o conceito que permite leituras abertas e plurais das misturas históricas, além de construir projetos de convivência despojados das tendências a “resolver” conflitos multidimensionais através de políticas de purificação étnica. [A hibridização] contribui para identificar e explicar as múltiplas alianças fecundas: por exemplo, do imaginário pré-colombiano com o novo-hispânico dos colonizadores e logo com o imaginário das indústrias culturais (Bernand, Gruzinski), da estética popular com a dos turistas (De Grandis), das culturas étnicas nacionais com as das metrópoles (Bhabha), e com as instituições globais (Harvey). (CANCLINI, 2003, s/pag).

A partir deste cenário de integração, diálogo e multiculturalismos, Canclini nos encaminha para algumas considerações sobre cultura e sua estreita relação com temas fundamentais na lógica migratória: a identidade e o reconhecimento.

1.3 SOBRE CULTURA, IDENTIDADES E RECONHECIMENTO

Ao entrar no campo da globalização de caráter contra-hegemônico, a abordagem dos estudos culturais faz sentido pela valorização que dá às resistências geradas em âmbito local e global. Tais resistências propiciam a construção de identidades sociais baseadas nos processos de apropriação cultural que revelam o que ElHajji diz sobre uma “inequação entre os planos nacional-estatal e cultural-identitário” (ELHAJJI, 2005, p.191).

A partir da configuração das resistências da globalização atuantes nos localismos e sua apropriação cultural, decorrente de um processo de pertencimento, são necessárias formas de reconhecimento para este novo indivíduo que transita em um novo território. Embora o tema seja importante na análise das entrevistas, o tema do reconhecimento não será tão explorado neste trabalho a fim de que a pesquisa possa focar na ideia de identidade. No entanto, faz-se uma breve reflexão sobre o tema para manter a necessária relação entre reconhecimento e identidade, alinhada ainda à construção do olhar que a pesquisa faz sobre a cultura.

1.3.1 Os estudos culturais e a tendência gramsciana

Os estudos culturais se destacam no cenário das correntes de pensamento científico pela forma como constroem suas linhas de raciocínio, embasadas em distintas escolas do conhecimento, na obtenção de uma compreensão da cultura e dos processos sociais circunstanciais ao tempo pós-moderno e da necessária resistência das culturas populares.

O estruturalismo, seja pela variante linguística de Lévi-Strauss ou pela ênfase marxista de Althusser, é influência para os estudos culturais latino-americanos na medida em que denotam a presença de estruturas que não são determinantes, mas condicionam os processos culturais (MARTÍN-BARBERO, 2014; 2013). Da mesma forma, outro paradigma para os estudos culturais é o culturalismo – desenvolvido sob a forma do multiculturalismo nos estudos latino-americanos – que, mesmo sendo eventualmente confundido pelo público com os próprios estudos culturais, é anterior a esse, demarcando para os estudos culturais a força no indivíduo como gerador de cultura, concepção deixada de lado pelo estruturalismo clássico.

A concepção de cultura vista a partir do popular e como resistência à cultura dominante demarca, todavia, um caráter gramsciano pelo conceito de contra-hegemonia empregado por seus primeiros intelectuais como E.P Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart, tendo estes – especialmente o último – relações estreitas de vida com as culturas populares. A influência marxista em relação a outras correntes filosóficas e seu debate sobre a cultura definiu os estudos culturais como uma nova forma de perceber o pensamento de esquerda — com cautela frente à relação determinista de Marx com relação aos mecanismos da infraestrutura/superestrutura como determinantes da sociedade. Ao abdicar desta determinação, os estudos culturais avançam para a compreensão das relações que os indivíduos travam entre si e os processos sociais que se estabelecem como ressalta Martín-Barbero: “De outro lado, a globalização e a questão transnacional ultrapassarão os alcances teóricos da teoria do imperialismo, obrigando-nos a pensar uma trama nova de territórios e de atores, de contradições e conflitos”. (2004, p.217).

Ao avançar para esta perspectiva, se os estudos culturais surgem no contexto do debate sobre a modernidade, a questão da globalização e o horizonte gramsciano fazem com que o olhar recaia sobre as dinâmicas culturais que se organizam nesta realidade e contribuem nas investigações para as experiências sociais. Nesta nova socialidade, os processos de produção e circulação da cultura são potencializados pelo avanço das novas tecnologias e novas formas de sensibilidade, fazendo com que as mídias construam o público e mediem a produção de imaginários que, de certa forma, estão relacionadas à “desgarrada experiência urbana dos cidadãos”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.220).

A interdependência disciplinar nos estudos culturais advém do entendimento de que os processos sociais não são isolados, especialmente na relação dinâmica que esses têm com os processos produtivos e a estrutura social. Os estudos culturais dão uma ênfase importante aos meios de comunicação, embora este trabalho não os salientem enquanto objeto de estudo na análise comunicativa, mas sim como componentes de uma circulação midiaticizada. De toda forma, Escosteguy (2010a) afirma que, a partir desta intersecção entre processos produtivos e estrutura, a análise dos meios de comunicação é também parte da problemática do poder e da hegemonia, pois além de serem relativos aos processos de comunicação, configuram-se como processo político, imerso na cultura.

A autora segue afirmando que para pensar a pluralidade das matrizes culturais no interior de um engajamento político, não é possível explicar a análise dos conflitos apenas pela ótica de classe, defendido por um marxismo determinista. A visão marxista dos estudos culturais, segundo ela, recai sobre a ótica gramsciana. “O redefinido é tanto o sentido de cultura quanto o de política, permitindo (re)descobrir as culturas populares e a constituição de identidades. Isso em grande medida se deve à incorporação de parte do pensamento gramsciano”. (ESCOSTEGUY, 2010a, p.50).

A análise cultural gramsciana tem forte incidência na consideração do que é a ideologia, que para o marxista italiano é uma relação vivida, considerando-a por meio do conhecimento popular, cotidiano e o senso comum. Neste sentido, Gramsci considera que “todos os homens são filósofos”, portanto, dominam uma forma de saber, seja a linguagem, o senso comum ou a religião popular e até mesmo o folclore. (ALMEIDA, 2008, p.5).

O que distingue o tratamento dado por Gramsci à ideologia é a preocupação que estrutura o pensamento popular. Assim, ele insiste que todos somos filósofos ou intelectuais, na medida em que pensamos, pois todo pensamento, ação e linguagem são reflexivos (...) e, dessa forma incluem uma concepção particular de mundo. (HALL, 2013, p.357).

Hall distingue o problema da ideologia, ao buscar diferenciar que o que se entende por ideologia diz respeito pela “forma a qual a maioria das ideias pode se prender nas mentes das massas e levá-las a agir” e não simplesmente a “sistemas de pensamento”.

O problema da ideologia é fornecer uma interpretação, dentro de uma teoria materialista, de como as ideias surgem (...). Por ideologia eu compreendo os referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona. (HALL, 2013, p.295).

Outro importante conceito gramsciano é o de hegemonia, que ganha notoriedade no debate com a cultura, especialmente no que se refere a ela na sociedade de classes. Almeida (2008) se refere à complexidade da discussão sobre hegemonia na ótica de Gramsci, a qual é vista como uma trama de relações. Estas relações não são apenas vinculadas ao tema macroeconômico, mas na própria maneira de como os aspectos culturais de classe interferem na manutenção ou questionamento da hegemonia. E sendo a hegemonia processual e não singular, a mesma abre espaço às contra-hegemonias.

(...) a “hegemonia”, no sentido de Gramsci, requer não a simples ascensão de uma classe ao poder, com sua “filosofia” inteiramente formada, mas o processo pelo qual um bloco histórico de forças sociais é construído e sua ascendência obtida. Portanto, a melhor forma de se conceber a relação entre “ideias dominantes” e “classes dominantes” é em termos dos processos de “dominação hegemônica”. (HALL, 2013, p.322).

Os debates sobre hegemonia tiveram forte influência sobre os primeiros estudos do Centre for Contemporary Cultural Studies na Universidade de Birmingham, Inglaterra, a partir de pesquisas sobre os meios de comunicação, não mais vistos como instrumentos de manipulação da massa pela classe dominante, mas como instrumentos de reprodução cultural – e ideológica – com toda sua complexidade. Almeida salienta que “o destaque era dado aos intercâmbios e interações complexas entre as culturas populares e a cultura hegemônica, aos processos de incorporação, reprodução e resistência”. (2008, p.6).

1.3.2 As culturas minoritárias: caminhos teóricos

É oportuno começar este tópico com a seguinte afirmação de Boaventura de Sousa Santos (2002): “A cultura é por definição um processo social construído sobre a intersecção entre o universal e o particular (...). A cultura é a luta contra a uniformidade”. (p.47). Essa noção de cultura foge à ideia romântica que diferencia a cultura da civilização, na qual a primeira tem um caráter quase tribal, assim como sugere a Ilha de Sahlins²¹; e a ideia de civilização, que diz respeito ao que Eagleton (2011) dicotomiza entre a cultura do outro e a minha: “Cultura, em resumo, são os outros”. (p.43). É sempre o “outro” o diferente, o étnico. Sendo assim, definir o próprio mundo da vida – e não o do “outro” – é arriscar a relativizá-lo. Para além destes termos, a cultura aqui é vista como parte da natureza humana e, por isso, é uma construção social que interage entre o indivíduo e o mundo a sua volta, como afirma Sousa Santos. Eagleton estreita ainda mais a relação de cultura e natureza ao afirmar que “a natureza produz cultura que produz a natureza” (2011, p.14). Um exemplo claro disso pode ser dado pela cidade, que é o meio ambiente (natureza) modificado pelo homem, mas que acaba por transformar a própria vida do homem, seja pelo modo de produzir, transportar-se, relacionar-se.

Desta forma, a cultura não só afeta o universal, mas também o particular, sendo ela transformada também nesta relação. E a relação do homem para a cultura é tão importante que a própria ideia de cultura sugere a necessidade de algo além da natureza, porque evoca algo “inatural” que só o ser humano pode alavancar, diferente dos outros seres vivos. Na cultura há política e história, e também teologia. (EAGLETON, 2011).

Outra consideração importante é a de Raymond Williams (1981), um dos precursores dos estudos culturais britânicos, que afirma compreender a cultura como constitutiva dos processos sociais não apenas refletindo-os ou representando-os. Assim, a cultura adquire um aspecto amplo, a ponto de Eagleton (2011) afirmar que

²¹ O livro “Ilhas de História” (1985), de Marshall Sahlins, é um dos clássicos da antropologia e narra a chegada do capitão Cook com suas tropas britânicas às ilhas do Havá e Nova Zelândia e a relação discrepante entre culturas. Sahlins deixa evidente sua preocupação em demonstrar que os fatos culturais influenciam a história vivida, em uma relação entre teoria e prática. A prática acontece mediante uma cultura construída e a história também acaba se modificando.

não existem instituições não culturais. Esta afirmação diz respeito ao pessimismo apresentado por Eagleton sobre a cultura e a crise que ela carrega, ao perder a característica universalista e se fragmentar em subculturas, em identidades específicas. Eagleton critica, inclusive, a ideia de comunitarismo, em que subculturas se “acossariam” às subculturas vizinhas, encorajando o sistema dominante ao perceber que tem “uma coleção heterogênea de adversários desunidos” (2011, p.66).

Essa crítica, embora pareça rígida demais à ideia de cultura, está relacionada à necessidade que diversos autores aqui expostos arguiram sobre a relação entre globalismos e localismos. No entanto, mesmo entendendo que a perspectiva de Eagleton possa estar inserida na ideia de que uma comunidade de imigrantes lutaria por melhores condições de vida para si, ao mesmo tempo em que não estaria atrelada a outras causas ou mesmo a outros imigrantes, a característica universalista da cultura parece, neste sentido, arriscada e insuficiente neste estudo.

O trabalho se aprofunda, assim, em conceitos de Stuart Hall (2013) para posicionar a cultura, retomando novamente a noção de pós-colonialismo, que sugere tornar inválida a lógica do absolutismo étnico, transformando colônias em regiões desde sempre diaspóricas. Assim, o “outro” passa a ser um ente importante para explicar as temporalidades e diferenças. Ao partir da ideia de crítica da cultura como civilização, a unicidade da cultura teria a ver com a exterioridade constitutiva deste “outro”, colocado na lógica da exclusão e da patologização dentro deste discurso unificado.

Ao falar da condição diaspórica, Hall (2013) afirma que nestas condições “as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas”. (p.84). E mesmo os mais tradicionais, ao voltarem para suas cidades de origem seriam considerados como forasteiros. A exemplo disso cita-se a relação dos asiáticos que se consideram britânicos, sem perder traços de sua cultura ou religião, ou Góis, judeus americanos, considerados “diferentes” pelos judeus que vivem em Israel. Neste sentido, pergunta-se: o que se espera dos haitianos vindos ao Brasil? Serão eles, anos depois, “os brasileiros”, quando voltarem a sua terra de origem com seus filhos ou netos brasileiros (de fato)?

Nesse ponto, é interessante examinar a ideia de “transgressão” ligada ao “diferente” (HALL, 2013; BHABHA 1998; DERRIDA, 1991). A transgressão aqui se funda na ideia bakhtiniana de “carnaval”, em que as categorias simbólicas de

hierarquia e valores são invertidas. Na verdade, em Bakhtin, em seu “carnaval” não é feita uma troca propriamente dita, mas sim é a pureza desse binarismo que é transgredida. Assim: “O baixo invade o alto, ofuscando a imposição da ordem hierárquica; criando, não simplesmente o triunfo de uma estética sobre a outra, mas aquelas formas impuras e híbridas do ‘grotesco’; revelando a interdependência do baixo com o alto e vice-versa (...)” (HALL, 2013, p.249). O baixo passa a ser compatível e não o contrário. Também não é lugar de desejo nem imagem refletida do outro. É outra figura, relacionando-se com o diferente.

Sobre a “diferença”, Derrida (1991) utiliza o termo *la différance*, um neografismo, cuja presunção é apresentar uma crítica à tradição ocidental escrita, em prol da oralidade, marca da socialidade latino-americana. (RIBEIRO e LOPES DA SILVA, 2015). Hall (2013, p.67), citando Derrida (1972), caracteriza este termo como um sistema em que “cada conceito está inscrito em uma cadeia ou um sistema, dentro do qual ele se refere ao outro e aos outros conceitos, através de um jogo sistemático de diferenças”. O significado da diferença não pode ser fixado, apresenta-se sempre em processo que dispensa a ideia do “outro” e, por isso, rechaça também a noção de “superação” da dialética totalizante. (Idem).

Esta ideia está relacionada com o dito anteriormente a respeito dos conceitos de Gramsci e da substituição da luta de classes no âmbito cultural. Tais reflexões acarretam em uma definição ampliada de ruptura social, cuja expressão substitui a “luta de classes” para a noção de “repertórios de resistência”, que segue uma ótica de análise do “equilíbrio nas relações de força”, conforme Gramsci desenvolve em sua análise da luta hegemônica. (HALL, 2013, p.252).

Sobre as estratégias de diferença e os repertórios de resistência, Hall (2013) admite haver um desvio ou tradução das formas globalizantes a partir da base, constituindo-se em um tipo de localismo que não é particular, mas surge dentro do global, de modo muito parecido com o que afirma Sousa Santos (2001) e a ideia de globalismo: “Esse ‘localismo’ não é um mero resíduo do passado. É algo novo – a sombra que acompanha a globalização: o que é deixado de lado pelo fluxo panorâmico da globalização, mas retorna para perturbar e transtornar seus estabelecimentos culturais”. (HALL, 2013, p.68).

Antes de entrar na ideia de cultura minoritária, Hall (2013) indica algumas pistas sobre a cultura popular, pois dizem respeito à cultura do povo em uma relação dialética à cultura dominante. E se o processo de hibridização cultural, fomentado

pelas migrações contemporâneas, que afetam os Estados-nação e a globalização transnacional e suas respectivas formas culturais, são a tônica deste trabalho, é necessário falar da cultura popular como símbolo da contra-hegemonia no âmbito da cultura. Hall (2013) vai buscar explorar o termo “popular”, trazendo a dimensão da indústria cultural ao afirmar que parte do “popular” está integrado à cultura de massa. Em segundo lugar, Hall critica a defesa de uma autêntica cultura popular, abdicando das relações de poder cultural, expressos pela dominação e subordinação, seguindo as considerações que Eagleton (2011) faz sobre a cultura também, pois tal modo “autêntico” de ver a cultura popular dificulta sua inserção cultural. Assim, Hall critica tanto o caráter autônomo quanto encapsulado da cultura popular, ressaltando que a dominação cultural influencia o povo, sobretudo porque este não é um ente isolado. É uma luta desigual, inclusive, mas há pontos de resistência em uma espécie de “dialética da luta cultural”, com recusas e adaptações. Não é interessante aqui ver a cultura como algo inteiro e coerente. Não há pureza e nem corrompimento quando as culturas são profundamente contraditórias.

O autor retoma a questão ao afirmar que não existe relação direta entre uma classe e uma forma particular de cultura porque não existem culturas fixadas e isoladas. As culturas de classe se entrecruzam, sobrepondo-se. O “popular” se refere à aliança de classes e forças que se constituem nas “classes populares” em oposição à outra cultura. A natureza da luta política é na “constituição” das classes e indivíduos enquanto força popular. (2013, p.291).

Compreendendo a cultura popular é possível entrar na conceituação de cultura minoritária, viés deste trabalho, pela abordagem do migrante pela via cultural. É possível relacionar cultura popular e minoritária, pois uma das características das minorias é a luta contra-hegemônica, segundo Muniz Sodré (2005), cuja minoria lutaria contra tal poder sem objetivo de tomada deste poder por armas. No entanto, não concordamos plenamente com Sodré, que considera o Ocidente enredado por tecnocracias e que a mídia seria o principal território de luta.

Minorias não pode ser aqui considerada uma questão quantitativa, pois os indivíduos que fazem parte desta cultura são comumente grupos populosos numericamente, como, por exemplo, os negros no Brasil, ou mesmo a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). Pensando na democracia, o conceito de minorias tem característica de ser uma “voz

qualitativa” (SODRÉ, 2005, p.11). Neste sentido, ser uma voz ativa e poder intervir em instâncias de poder assumindo lutas sociais faz com que a minoria seja movida por um “impulso de transformação” (p.12), sem, no entanto, ser um coletivo idêntico, mas a partir de “um fluxo de mudança que atravessa um grupo, na direção de uma subjetividade não capitalista” (p.12).

Ao considerar a minoria como um fluxo de mudança, Muniz Sodré (2005) utiliza a expressão “lugar” para designar a ideia de transformação, passagem. No entanto, o lugar geográfico cede referência ao lugar como “topologia”, que o compreende como “um campo de fluxos que polariza as diferenças e orienta as identificações”. (p.12).

Desta forma, sugere Sodré (2005), um “lugar minoritário” diz respeito a um lugar de conflitos, fermentação social e cujo conceito de minoria é um “lugar onde se animam fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder”. (p.12). Assim, é possível afirmar que o imigrante seria mais um lugar do que um indivíduo definido puramente por seu local de origem e local de morada, pois requer mais do que uma condição de existência determinada, mas uma tomada de posição junto a um grupo em um universo de conflitos, mediada pela própria subjetividade.

A concepção construída aqui sobre minoria faz situá-la no campo da contra-hegemonia, como voz dissonante e a substituição do consentimento pelo reconhecimento — a abordagem de Axel Honneth (2006; 2013) sobre reconhecimento se relaciona estreitamente com esta dimensão coletiva das minorias de Sodré. Já Sousa Santos relaciona o conceito à ideia de multiculturalismo, que abarca as mais diversas culturas minoritárias, O autor diz:

Finalmente, no campo das práticas sociais e culturais transnacionais, a transformação contra-hegemônica consiste na construção do multiculturalismo emancipatório, ou seja, na construção democrática das regras de reconhecimento recíproco entre identidades e culturas distintas. Este reconhecimento pode resultar em múltiplas formas de partilha – tais como, identidades duais, identidades híbridas, interidentidade e transidentidade – mas todas elas devem orientar-se pela seguinte pauta transidentitária e transcultural: temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. (SOUSA SANTOS, 2002, p.75).

Na citação, Sousa Santos (2002) vincula o multiculturalismo à própria ação contra-hegemônica, mas constantemente sob um olhar para a dimensão global, conforme colocado no início deste tópico ao se falar do entendimento de que a cultura se constitui entre o particular e o universal. Também considera Hall:

A questão multicultural contribui para desconstruir incoerências do Estado liberal, como, por exemplo, o crédito à neutralidade do Estado estar associada a uma distinção entre o público e o privado, quando hoje, “em toda parte, ‘o pessoal’ tornou-se ‘político’” (HALL, 2013, p.89).

A cultura minoritária, através do seu “lugar”, como explica Sodré, também se estabelece a partir desta lógica de identifica o em uma tomada de posi o que, mais do que classes, alcança “repertórios de resistência”, como afirma Gramsci, estabelecendo formas de partilha que acenam para a constru o das identidades e, que, somada a luta por reconhecimento, caracterizam a dinâmica cultural dos processos de media o que a pesquisa busca enfatizar.

1.3.3 Identidades e reconhecimento

Para entrar na discussão sobre identidades e reconhecimento   preciso pensar que os processos migratórios desconstituem o conceito da identidade nacional pelo rompimento de fronteiras nacionais, contribuindo também para a desestabiliza o de alguns costumes e práticas que configuram a no o de identidade. Aproveitando o ensejo, Ribeiro e Lopes da Silva (2015) acentuam a abordagem sobre hibridiza o de Canclini:

Nesse contexto, García Canclini (2003) diz que a ideia de hibridiza o cultural está colocada já na transposi o das fronteiras e será percebida pelo processo transcultural, que caracteriza a expressão das culturas. Isso determinar  uma constru o identitária sempre em trânsito, na qual a cultura desterritorializada buscar  seu “não lugar”, ocupando de maneira incisiva um novo *locus* de expressão. (RIBEIRO e LOPES DA SILVA, 2015, p.5).

Os autores, ao enfocarem nas rela es da América Latina, afirmam que as fronteiras se expressam como um lugar onde as culturas se dão de forma desigual e as características híbridas das identidades pós-modernas, as quais serão tratadas mais adiante, constituem-se como base para uma discussão sobre as diversidades que surgem no interior desses espaços de poder, mas que são questionados a partir dessas diferenças. (RIBEIRO e LOPES DA SILVA, 2015).

Ao seguir esta linha de identidades híbridas decorrente deste tempo pós-colonial,   necessário fazer uma crítica   argumenta o do liberalismo a favor de

uma “identidade individualizada”, que implica a unicidade entre cidadão-indivíduo e, sobretudo, ao ideal de autenticidade dos mesmos. Esta percepção parece demonstrar a dificuldade dos liberais na compreensão da ideia de grupos/comunidades porque “o problema está em reconhecer o valor das diferentes culturas, que remete sempre a um conjunto de pessoas, a uma comunidade”. (BARBALHO, 2005, p.31). Ao mesmo tempo, Barbalho, utilizando-se das considerações de Charles Taylor, afirma que a condição humana é dialógica, estabelecendo as identidades que, mesmo sendo individuais, só surgem mediante a negociação com outras identidades. De forma aproximada, Habermas afirma que as identidades se dão intersubjetivamente e a individualidade se dá mediante processos de socialização. (BARBALHO, 2005).

A partir daqui a teoria do reconhecimento, de Axel Honneth (2006; 2013) ganha influência na relação da construção das identidades neste tempo de identidades múltiplas e fragmentadas. Honneth é um filósofo da terceira geração da Escola de Frankfurt e que se debruça na ideia de que a sociedade poderia ser mais bem explicada a partir do conceito hegeliano de “luta por reconhecimento”. Nota-se, contudo, uma mudança estrutural da sociedade tradicional para a sociedade moderna, em que os valores de status, muito mais ligados à tradição e às hierarquias, são menos importantes do que as realizações individuais e a capacidade de locomoção social do indivíduo.

Nesta transição, Honneth observa uma individualização social que não pode ser negada, mas que, ao mesmo tempo, comporta um nível de solidariedade a valores que formam a totalidade da autocompreensão cultural de uma sociedade. Assim, ao mesmo tempo em que a individualização é característica, a necessidade de relacionamentos faz com que a atuação de indivíduos em uma vida em comunidade necessita ser mensurada conforme uma avaliação intersubjetiva, pois nesta sociedade moderna a pessoa só manifesta o sentimento de valorização quando suas capacidades são avaliadas de forma coletiva. (SAAVEDRA; SOBOTKA, 2008). Assim, este tipo de avaliação social:

(...) faz da sociedade moderna uma espécie de arena na qual se desenvolve ininterruptamente uma luta por reconhecimento: os diversos grupos sociais precisam desenvolver a capacidade de influenciar a vida pública a fim de que sua concepção de vida boa encontre reconhecimento social e passe, então, a fazer parte do sistema de referência moral que constitui a autocompreensão cultural e moral da comunidade em que estão inseridos (SAAVEDRA; SOBOTKA, 2008, p.13).

Um ponto que traz viabilidade à teoria de Honneth sugere que o reconhecimento precisa ser alcançado tanto para o indivíduo autônomo quanto para o indivíduo pertencente a formas culturais de vida, sinalizando uma preocupação com o contexto particular e universal da luta pelo reconhecimento. Esta relação dual da formação da identidade por meio do reconhecimento ganha mais importância quando se percebe a preocupação de Honneth em não idealizar o grupo em sua forma mais positiva, ao mesmo tempo em que defende a dependência individual de reconhecimento e a conseqüente busca por grupos que legitimem isso (HONNETH, 2013). Sobre isto, o autor afirma:

O quadro que resulta dessas reflexões sobre o processo de socialização humana contém a ideia de um entrelaçamento entre individualização e socialização que já permite tirar algumas conclusões sobre a importância dos grupos sociais para o amadurecimento individual. Eu havia afirmado que a internalização da relação de reconhecimento, que gradativamente se diferencia, leva ao surgimento de uma forma complexa de autorrelação, através da qual a criança aprende pouco a pouco a conceber-se como um membro competente de seu ambiente social. (HONNETH, 2013, p.64).

Certamente Honneth extrapola os limites da infância ao reconhecer a necessidade do sujeito participar de grupos sociais, inclusive defendendo a necessidade da repetição de experiências de reconhecimento ao longo da vida. No entanto, da mesma forma que o grupo age sobre o indivíduo, o autor estabelece uma relação entre ambos ao afirmar que o grupo não está livre de “dinâmicas inconscientes”, relacionando à formação psíquica do humano e sua tendência, durante a vida, em retomar o estado inicial de fusão – remetendo ao vínculo materno-filial – no qual pode se sentir inseparado do sujeito. (HONNETH, 2013).

Honneth trabalha também com a ideia do reconhecimento como ideologia, criticando a ideia de que sirva como instrumento de conformação social e, conseqüentemente, domínio social. Neste sentido, o autor parte de um duplo significado, advindo do termo francês “subjectivation”, para explicar melhor a ideia da ideologia no reconhecimento: frente aos direitos e deveres da sociedade e seu processo de conscientização, os homens se convertem em sujeitos conferindo a si identidades sociais mediante formas de conformação social, o que, adverte Honneth, significa que reconhecer alguém neste sentido é induzi-lo a uma compreensão de si mesmo, alinhado a expectativas de comportamentos. (2006, p.130).

(...) el reconocimiento social puede siempre tener la función de actuar como ideología generadora de conformidad: la repetición continuada de las

mismas fórmulas de reconocimiento alcanza sin represión el objetivo de producir un tipo de autoestima que provee de las fuentes motivacionales para formas de sumisión voluntaria. (HONNETH, 2006, p.131).

O frankfurtiano discorda da ideia de Louis Althusser, de que reconhecimento e ideologia estejam ligados, ao divergir do entendimento de que todo reconhecimento carrega consigo a marca da ideologia em prol da ideia de valorização da intersubjetividade, raciocínio realizado pelo francês.

(...) por *reconocimiento* debemos entender un comportamiento de reacción con el que respondemos de manera racional a cualidades de valor que hemos aprendido a percibir en los sujetos humanos conforme a la integración en la segunda naturaleza de nuestro mundo de la vida. (HONNETH, 2006, p.139).

A relação entre reconhecimento e identidade pode ser dada pela ideia de Honneth (2006) de que os indivíduos só podem ter sua identidade formada quando forem reconhecidos intersubjetivamente, e pela afirmação de Giddens (1991), de que o oposto à confiança (termo o qual o autor se debruça profundamente para falar do espaço-tempo e da modernidade) está relacionado à ansiedade existencial preexistente, decorrente do não reconhecimento da identidade de pessoas e objetos.

Assim, a noção de identidade passa pela mesma fluidez das configurações de espaço-tempo contemporâneas, conforme salienta Bauman ao afirmar que as mesmas são “negociáveis e revogáveis” (2005, p.17), ao revés do que foram as formações das identidades nacionais que alocaram limites territoriais, buscando, da mesma forma, restringir culturas. Ao olhar os dias de hoje, elucidar a questão da identidade em relação à cultura transnacional e ao território é fundamental para pontuar o imigrante como ser cultural e para poder esboçar traços de suas identidades.

Com relação à questão da identidade na ótica das migrações, ElHajji (2011) afirma que diversos autores confirmam o pressuposto que as identidades são a soma da identidade individual (o ser único, sua pessoalidade) e da identidade coletiva, formada pelo grupo a que pertence, localidade, valores, cultura local. No entanto, na atual fase transnacional da cultura, condicionada por um processo de globalização acelerada, a identidade coletiva ganha relevância na construção do indivíduo. Mesmo sendo única, a identidade não é homogênea. Como afirma Hall (2006), as identidades pós-modernas são múltiplas e híbridas. O mesmo diz ElHajji

(2011), ao explicar que “a identidade individual não é una e homogênea, mas sim composta e compósita, polifônica e multifacetada”. (p.3).

Estas características da identidade na pós-modernidade são algo novo para Hall. Assim, o autor distingue três momentos das identidades culturais. Primeiro, a concepção de identidade do sujeito do Iluminismo, dedicada ao eu, de caráter coeso, individualista e dotado de razão e ação, creditava a este indivíduo uma característica estática frente à sociedade. A segunda concepção refere-se à identidade do sujeito sociológico, cujo núcleo interior não é autossuficiente, adquirindo uma prática interativa onde o eu se modifica no diálogo com o exterior. Embora a identidade possa ser modificada, ela é única para o sujeito, ao passo que na terceira concepção, o sujeito pós-moderno alcança a multiplicidade de identidades, fragmentadas, tornando-se, nas palavras de Hall, uma “celebração móvel” (2006, p.13).

Ao considerar as formações identitárias que compõem o indivíduo nesta terceira fase, Hall (2013) acrescenta ao debate, a partir da diáspora caribenha, a complexa situação das identidades culturais em ambientes de violação do espaço. Sendo a identidade uma questão histórica, muitos povos são impedidos de dar continuidade ao seu passado, pois seus locais originários não podem ser mais os mesmos, como é o caso da capital haitiana, Porto Príncipe, destruída por um terremoto e alterada por todos os processos sociais e econômicos anteriores e subsequentes: “Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio (...). Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”. (HALL, 2013, p.30).

Assim, é de fundamental importância saber que a diversidade cultural não pode gerar um fechamento étnico. Todas as pessoas pertencem a algum vocabulário cultural; todos falam a partir de algum lugar e em algum lugar nutrem esperanças movidas pelos processos diaspóricos. (HALL, 2013). E Hall afirma:

O modo como tento pensar as questões de identidade é um pouco diferente do pós-modernismo “nômade”. Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida; [...] cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades (HALL, 2013, p. 479).

A característica híbrida da cultura na socialidade moderna inverte a ordem de manipulação ou dominação pura, da hegemonia clássica, para redimensionar o termo ao que Martín-Barbero (2004) também chama de interpelação do popular e o massivo. Dessa forma, como pensar as identidades nessa readequação da hegemonia pela comunicação?

O primeiro passo consistiria em abandonar aquela concepção da transnacionalização que reduz a comunicação a um conjunto de estratégias de imposição cultural desconhecendo o modo próprio como opera a hegemonia (...) o que, por sua vez, implica pensar a interação entre as mensagens hegemônicas e os códigos perceptivos de cada povo, a experiência diferenciada que, mediante fragmentações e deslocamentos, refaz e recria permanentemente a heterogeneidade cultural. Mais que em termos de homogeneização, a transnacionalização tem que ser pensada como deslocamento dos eixos que articulam o universo de cada cultura. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.154).

O capítulo se encerra após passar por uma análise estrutural multicultural que culmina em uma aproximação das características mais ligadas à relação do sujeito com um grupo. Tanto os conceitos de identidade quanto os de reconhecimento caminham juntos neste trabalho e trazem para o bojo da pesquisa aquele cenário que foi presumido pelas teorias migratórias de caráter macro e microsociológico. Ao reconhecer tais contribuições e passando pela ênfase cultural desta trama global, adentramos agora nas reflexões sobre o objeto comunicacional da pesquisa que, somando-se às considerações deste primeiro capítulo, possibilitarão um aporte para a construção metodológica.

2 COMUNICAÇÃO MIDIATIZADA E PROCESSOS MIGRATÓRIOS

Este capítulo é organizado em três partes que interligam a relação da comunicação e os processos migratórios, de acordo com a especificidade da pesquisa. Ele dá continuidade à discussão sobre os estudos culturais, mas neste momento já relacionados à comunicação e à matriz latino-americana, minimizando o debate sobre a cultura na contemporaneidade globalizada, ponto discutido no capítulo anterior.

Inicia-se com um breve resgate do desenvolvimento das teorias da comunicação, do paradigma funcionalista ao paradigma dialético-marxista, abordagem contemplada com mais ênfase nessa pesquisa. Afastando-se, no entanto, da teoria crítica da Escola de Frankfurt, o tópico avança para uma discussão epistemológica do objeto da comunicação distanciado da lógica dos meios de comunicação de massa e sua influência verticalizada sobre os indivíduos como ocorre nos estudos sobre a indústria cultural. Por essa linha de reflexão, o texto aponta para um objeto comunicacional ligado aos processos comunicativos, especificados nas formas de interações, especialmente a partir das contribuições de Vera França (2001; 2014) e José Luiz Braga (2006; 2012). Ver o objeto desse modo contribui para uma reflexão que valorize o sujeito como receptor ativo e produtor de sentidos e possibilita que a temática comunicacional seja apropriada pela ideia de midiatização.

A midiatização é discutida no segundo tópico do capítulo e se configura com um dos pontos-chaves da dissertação, pois diz respeito a uma das questões de pesquisa que se quer responder: as práticas comunicativas realizadas pelos haitianos são midiatizadas? No entanto, antes de se entrar na discussão da midiatização é necessário passar pela teoria das mediações. Compreendendo que há uma relação de proximidade e não de afastamento entre as expressões, assume-se que a sociedade contemporânea, além de globalizada, é marcada por uma cultura midiatizada, em que, mais do que influenciada por meios de comunicação, como a televisão ou a internet, são os tais processos de comunicação em toda sua complexidade que perpassam os campos da sociedade atual e a estruturam. (BRAGA, 2012).

Ao compreender a relação entre mediação e midiatização, o texto se aprofunda na ideia de circulação como principal componente da midiatização, o que explica essa lógica estruturante da comunicação na cultura. E isso abarca um processo de recepção ativa que compreende a interpretação, a apropriação e a produção de sentidos.

Há ainda uma necessária abordagem da discussão dos campos sociais, que explicam a estrutura da sociedade e a inserção múltipla da circulação por diversos desses campos, inclusive o migratório, onde se situam as organizações de apoio aos imigrantes, por exemplo.

Durante a pesquisa observa-se que a resistência e a crítica estão atreladas a uma dinâmica coletiva, mais macrossociológica do fenômeno migratório. Neste trabalho, o principal atributo desta crítica social está ligado à formação de redes sociais, virtuais ou não, que compõem uma lógica de comunicação cidadã transnacional, de caráter contra-hegemônico. Ainda neste tópico, explora-se mais profundamente a potencialidade comunicativa que há neste processo dialético, propiciada pelos encontros de culturas ocasionados por estas migrações.

2.1 COMUNICAÇÃO ALÉM DOS MEIOS DE MASSA

As teorias da comunicação ganham contribuições significativas a partir da década de 1930 com a Escola Americana. Ao analisar o contexto do pós-guerra e de disputa global, Rüdiger (2002) afirma que o ímpeto das comunicações e seus desenvolvimentos atrapalharam a reflexão dos processos históricos/contextuais, proporcionando uma preponderância da técnica sobre a teoria. Apesar das críticas, a pesquisa inicial em comunicação contribuiu na profissionalização da área a partir dos usos de suas materialidades para fins mercadológicos e estratégicos. Influenciada por uma linha administrativa, a comunicação começa sua caminhada teórica pelo “Período Clássico”, bastante influenciado pela Escola de Columbia (1940-60), na qual o indivíduo era visto como um receptor passível de manipulação; atribui-se também a este período um questionamento sobre a incapacidade de reflexão do indivíduo como sugeria a teoria da agulha hipodérmica. O livro *People’s choice* (1944), de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet, por sua vez, é porta de entrada

para a reavaliação das considerações acadêmicas sobre a manipulação das massas, considerando que a eficácia da mídia está relacionada com um processo mais complexo, que foge do raio de ação dos meios para uma predisposição do receptor. Essa predisposição do receptor se constitui como novidade em relação às primeiras teorias, salientando que a vontade do indivíduo em mudar uma opinião em concordância ao que os meios de comunicação expõem é menor do que o interesse em reforçar condutas e opiniões já existentes. (RÜDIGER, 2002).

Especialmente nas décadas de 1960 a 1980, há um desenvolvimento das teorias funcionalistas acompanhadas da ascensão do campo da semiótica. Nos Estados Unidos, a teoria dos usos e gratificações reformula a pergunta “qual o efeito da mídia?” para “o que o público faz com a mídia?”. Desta forma, o receptor já não é passivo como as primeiras teorias e o uso das mídias por parte das massas permite determinar o significado do fenômeno. Por isso, os “usos e gratificações” também são chamados de teoria dos efeitos limitados. É interessante notar que essa linha de estudo está ligada às teorias de recepção discutidas atualmente na Europa, que pouco assimilaram as contribuições latino-americanas sobre a ênfase.

Todas essas concepções situam-se no interior do paradigma funcionalista e há nele um desenvolvimento das teorias que, tendo sua centralidade na eficácia da comunicação e nos efeitos dos meios de comunicação, caminha em uma trajetória que se inicia na abordagem de manipulação dos meios de massa, avança para a ideia da persuasão midiática (influenciada pela experimentação e pela psicologia social), chega até os efeitos limitados dos meios, considerando a influência dos formadores de opinião, até chegar à função social destes meios, através do funcionalismo de Talcott Parsons.

Antes de entrar nas teorias de matriz crítica, é importante pontuar que há uma vazão entre os paradigmas funcionalista e marxista. O paradigma compreensivo, especialmente representado pela Escola de Chicago, observa as interações cotidianas, cujos meios estão alocados neste processo de construção da realidade (interação). A presente pesquisa poderia ser analisada sob a ótica do interacionismo simbólico, inclusive porque a Escola de Chicago tem importantes contribuições à teoria das migrações, como será explicado no capítulo 3. No entanto, prefere-se considerar esta dissertação no âmbito do paradigma marxista²², como

²² Dentro das devidas diferenças com o marxismo clássico ou o proferido pela Escola de Frankfurt. Apoiar-se aqui à matriz gramsciana, que tem sua raiz no marxismo.

opção crítica dos estudos culturais em consonância a uma análise macrossociológica sobre as migrações.

Mas não só dos estudos culturais vive a teoria crítica. Pelo contrário, a trajetória crítica das ciências sociais, aplicada à comunicação, tem uma vasta pesquisa que assume diversas formas. Rüdiger (2002), por exemplo, salienta que na América Latina a teoria crítica ganhou forma culturalista, mediante o questionamento das estruturas sociais e as lutas anticolonialistas no continente, com influência da economia marxista e da semiologia de corte estruturalista. Já na Europa, a primeira e importante influência recai sobre a Escola de Frankfurt e a ideia da “indústria cultural”, que vê a cultura transformada em mercadoria e abre uma brecha para uma análise elitista da cultura.

De maneira breve, a fim de localizar a construção da comunicação nesta pesquisa, chegam-se aos estudos culturais, que pertencem à matriz crítica, mas se diferenciam substancialmente da “indústria cultural” frankfurtiana pelo uso e apropriação da cultura pelas massas populares de modo que possibilite ver “as contradições que dinamizam a complexidade cultural da sociedade de início do novo século”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.357). Os estudos culturais dão ênfase ao viés popular da cultura e aos fenômenos percebidos pela análise do cotidiano como, por exemplo, as mudanças de identidade na era da globalização (RÜDIGER, 2002).

Também se opondo à Escola de Frankfurt, França (2014) reforça a influência da teoria da hegemonia de Gramsci nos estudos culturais, ao analisar a cultura como campo de luta e negociação. É neste campo de negociação que se constrói a hegemonia e não no campo dominação/coerção como defendiam os frankfurtianos – “como comprovar empiricamente a dominação?” é uma das perguntas que questiona esta outra perspectiva de análise. Martín-Barbero (2015) contribui, neste sentido, com uma diferenciação chave: da comunicação como processo de dominação, para, a dominação como processo de comunicação, a partir da inferência de Paulo Freire e Antonio Gramsci sobre a opressão interiorizada do povo latino-americano quando “o oprimido via no opressor seu testemunho de homem²³” (p.16). A respeito da reflexão sobre hegemonia na ótica da indústria cultural, o autor aponta um reposicionamento:

²³ Tradução livre.

É uma complexa *reorganização da hegemonia*, a que materializam hoje as indústrias culturais, o que nos está exigindo conhecê-las como dispositivos-chave na construção das identidades coletivas, isto é, dos processos de diferenciação e reconhecimento dos sujeitos que conformam as diversas agrupações sociais e também as dinâmicas de indiferenciação dos mercados (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.359).

Ao pegar carona nos estudos culturais, as novas perspectivas traçadas pela matriz crítica conferem, a partir da década de 1990, maior atenção aos sujeitos e aos processos de subjetivação, constituição de grupos e redes, novos formatos e convergência midiática. Os estudos culturais são atualizados com as novas formas de uso dos produtos culturais, processos identitários e consumo, por exemplo. A noção de “cultura midiática” ocupa o lugar da “cultura de massas”, colocando na ordem do dia a discussão sobre as diversidades culturais da mesma forma que questiona a centralidade da mídia na sociedade, na qual a vida cotidiana e a produção midiática estão interpenetradas num ambiente “transmidiático” (FRANÇA, 2014).

Todo este desenvolvimento das teorias relacionadas ao campo da comunicação não representa simplesmente uma superação de paradigmas, como é percebido nas ciências naturais, mas demarca novas maneiras de ver o processo social e comunicativo, considerando o desenvolvimento tecnológico e a capacidade humana de intervenção e construção de sentidos. Muito do que esta dissertação assume como viés comunicacional está alinhado aos estudos latino-americanos, ligados aos estudos culturais e de recepção, mas este enfoque receberá mais destaque quando tratarmos das teorias da mediação e da midiatização, ainda neste capítulo.

Este trajeto exposto pelas correntes teóricas abriu espaço para ampliar o enfoque comunicacional, compreendendo diversas formas e possibilidades de objetos da comunicação. Uma das primeiras ênfases na discussão sobre a comunicação é a preferência pelo termo “mídia”, ao invés de “meios de comunicação de massa”, pois o avanço das novas tecnologias requer novas reflexões sobre aquela “massa” uniforme e coesa que predicaram as primeiras teorias da comunicação. Em segundo lugar, a própria ideia de que os meios de massa ou as mídias consistiriam no único objeto da comunicação é relativizado pela incidência dos processos comunicativos e suas características sobre os processos de produção e circulação de informações. (FRANÇA, 2001).

Um dos principais questionamentos de Vera França (2001) a este respeito versa sobre a ilusão de autonomia que os tais meios de comunicação teriam, ao desconsiderar sua constituição pela intervenção do homem de múltiplas formas, como a política, as técnicas, as práticas culturais e o consumo. Outra crítica de França aos meios de comunicação como objeto está relacionada à centralidade dos meios na sociedade, ainda vinculada à ideia da “sociedade dos meios de massa”. Tal expressão não é sinônima da “sociedade midiaticizada”, a qual está presente na teoria da midiaticização e considera centrais na sociedade os processos comunicativos e não os próprios instrumentos e sua eficácia como define o paradigma funcionalista.

Ao fazer um paralelo à França, Braga (2011b) afirma que é importante manter olhos atentos aos meios de comunicação, devido ao fato de que eles permitiram que se percebessem, objetivassem e problematizassem – mas não constituíssem – os processos comunicacionais (se perceber “conversando”). Além disso, Braga comenta que a mídia inaugura a tecnologia, especialmente para veiculação de mensagens e produção de sentidos compartilháveis na sociedade. Outra razão da importância da mídia, sugere o autor, é que “põe em causa modos habituais de conversação social”, por meio de duas características: inclusividade (interferência) e penetrabilidade (interação com espaços não midiáticos). É possível haver concordância na reflexão do autor, segundo a qual a constatação de que vivemos em uma sociedade midiática não faz dos meios o objeto da comunicação, mas sim um fenômeno empírico.

Luiz Martino, embora aponte para os meios de comunicação como objeto da comunicação, ressalta que os teóricos ainda não conseguiram definir este objeto, limitando-se à visão de que são “aqueles instrumentos que servem para comunicar” (2010, p.37). Apesar dessa visão ser questionada pela pesquisa, pergunta-se da mesma forma a incidência de uma visão de que tudo seria comunicação, por fazer parte da consciência do homem frente à necessidade de se comunicar (Idem). Se o objeto da comunicação não pode ser considerado como parte da natureza humana para não ficar perdido em meio às ciências humanas e nem visto redutivamente pelos meios de comunicação, como pensarmos este objeto? Uma pista interessante e que seguimos vem através de uma entrevista concedida por Braga (2009) à Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU):

Acho, entretanto, que o que caracteriza o comunicacional é uma preocupação com os fenômenos da interação humana. De qualquer modo, percebo que, aí, a midiatização da sociedade é um elemento central. Independente da perspectiva com que se olhe a mídia – e há vários olhares, muito diferenciados -, esse é um objeto consensual (...). Hoje falamos da mídia em termos de processos. Não se trata de negar o “meio”, mas perceber que há processos mais difusos, a partir da mídia, que precisam ser observados. Então, a questão da midiatização aparece hoje fortemente²⁴.

Guareschi (2013) enfatiza a importância da dimensão relacional da comunicação, que pode compor diversos cenários: de uma pessoa com outra, desta com uma instituição, ou de uma instituição com outra instituição. Esta defesa da comunicação como relação está vinculada à ideia de que o indivíduo compõe uma lógica de unicidade com o mundo a sua volta, diferentemente da ideia liberal do indivíduo, cuja liberdade existe justamente porque ele se constitui independente de relações.

Nossa argumentação é que só será possível garantir ao Ser Humano esses tributos de liberdade e sujeito de direitos na medida em que ele for assumido como “pessoa = relação” (...). E por relação designamos uma realidade (ser, fenômeno, etc.) cuja existência depende do “outro”. O “outro” é intrínseco a esse ser, faz parte de sua própria definição. (GUARESCHI, 2013, p.83).

Se há também uma escolha humanística pelo objeto da comunicação, pode-se considerar a definição de França (2001), que confere destaque aos processos comunicacionais como objeto, mas deixa clara sua percepção sobre a amplitude desta ideia, que extrapola diversos campos do conhecimento.

A autora afirma que, mesmo atendo-se aos processos humanos e sociais de produção, circulação e interpretação de sentidos, fundados no simbólico e na linguagem, esta ideia, além de ampla, confunde-se com os estudos das relações sociais, fundados no campo da cultura. Desta forma, França (2001) pensa em alguns caminhos para tratar a comunicação, ultrapassando a ideia de transmissão, como: processo de troca, ação partilhada, interação e prática. Neste sentido, considera-se também a ideia de Braga (2011b), que vê o objeto da comunicação como toda conversação situada no espaço social, ou seja, tudo em que há troca nas diversas situações da vida social. França sinaliza para uma atenção à presença de interlocutores e a intervenção deles segundo seus papéis; identificação dos

²⁴ http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2477&secao=289

discursos e formas simbólicas de seus contextos; compreensão dos processos a partir de um panorama sociocultural da sociedade.

Em suma, a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos e interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. (FRANÇA, 2001, p. 16).

Esta ideia é aceita, mas pode ser somada pela consideração de Martino (2010), que vê a comunicação como “estratégia racional de inserção do indivíduo na coletividade” (p.33). Analisando esta coletividade na trama de uma sociedade mais ampla do que aquela entendida pelo conceito clássico de comunidade, muito ligada ainda aos aspectos de vizinhança, as novas formas de sociabilidade são inevitavelmente compostas por processos comunicativos que colocam em circulação falas, gestos e expressões dos indivíduos que fomentam o compartilhamento dos sentidos.

Tanto Martino (2010), que considera a comunicação não simplesmente imersa na coletividade, quanto França (2001), que coloca os processos de comunicação como um “lugar” onde os sujeitos assumem papéis e se constroem socialmente, caracterizam a comunicação como um campo distinto das demais ciências humanas. Sendo lugar de realização da cultura, a comunicação será vista a partir de agora pelo viés dos processos de mediação, os quais promovem circuitos comunicativos na sociedade redimensionando a lógica midiática de emissão/recepção enquanto processos interacionais de referência. (BRAGA, 2006).

2.2 UM PONTO CENTRAL: MEDIAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO

Ponto-chave nesta dissertação, a teoria da mediação pode ser alinhada aos estudos das mediações da matriz latino-americana e ser tratada como uma teoria em construção, conforme salientam seus teóricos. Possivelmente confundida por sua nomenclatura a uma volta de protagonismo dos meios de comunicação e seus dispositivos técnicos na teoria comunicacional, a mediação se apresenta envolvida pela sociedade mediada e pela incidência das mídias que fomentam a circulação de sentidos mediados pelo ambiente sociocultural. No entanto, antes de

discutir a midiatização, como parte da teoria das mediações, faz sentido começar pelo mais abrangente.

As mediações ganham força nos estudos da comunicação através da escola latino-americana, especialmente com a obra *Dos meios às mediações*, de Martín-Barbero, publicada em 1987. Com uma abordagem ligada ao universo cultural, a teoria das mediações pode ser considerada como uma vertente dos estudos culturais na América Latina, mas acentua sobre esses a força na recepção ativa e um deslocamento substancial dos meios de comunicação por mesclar atributos da produção e da recepção. Tal deslocamento pode ser mais bem explicado pelo surgimento da mídia de massa, que sinaliza uma forma eficaz de mediação junto ao público, considerada pelas primeiras teorias da comunicação uma forma direta de contato com o público, determinando suas atitudes. No entanto, Jesús Martín-Barbero contribui com o “campo”²⁵ da comunicação ao conferir ao receptor um papel fundamental na compreensão sobre as mediações – especialmente as culturais – que se realizam no processo comunicativo do ser humano, deslocando notoriamente a análise comunicativa “dos meios às mediações”. (MARTÍN-BARBERO, 2013).

Para melhor definir o termo, José Luiz Braga (2012), buscando explicar a expressão “mediação” a conceitua na sua forma básica e epistemológica: A primeira “corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre elas”. (2012, p.32). A segunda conceituação, de caráter epistemológico, trata as mediações como o “relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o modo natural e a sociedade”. Essa concepção, ao creditar as mediações como um lugar de conhecimento externo do indivíduo em confrontação a si mesmo, considera que não há um conhecimento direto da realidade, pois há sempre um “estar na realidade (...) pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu ‘momento’” (Idem).

Aproximando-se novamente da ideia de cultura para aprofundar a compreensão sobre as mediações – que aqui são culturais – Laan Barros (2012), no mesmo livro que Braga (2012), ressalta a contribuição de autores como Williams, Hall e Martín-Barbero na concepção dialética da cultura, compreendendo-a como “o estudo das relações entre elementos de um modo de vida global” (HALL, 2013, p.128). Afastando-se da ideia que a cultura seja a soma de práticas ou costumes, o

²⁵ Evita-se neste momento uma discussão epistemológica mais aprofundada sobre a ideia de campo, disciplina ou área da comunicação, por isso, o termo se apresenta em aspas.

autor compreende as práticas sociais perpassando a cultura, o que a faz ser constituída pela soma não só das práticas, mas pela soma do inter-relacionamento das mesmas. E se a cultura é este conjunto de intercruzamentos de práticas sociais, ela tem a ver com o conceito de “mediações”, porque esta, ao ser conceituada como os relacionamentos que circundam o homem com seu ambiente externo (natural ou não), torna possível compreender que este relacionamento é todo tempo intercruzado por práticas sociais, especialmente por se situar em um espaço-tempo redimensionado pelo rompimento de fronteiras.

Ao fazer essa compreensão sobre o conceito de mediações e sua característica cultural, e ao afirmar a ideia de resistência e enfrentamento delas em relação à potencialidade homogeneizante das mídias de massa, Braga (2012, p.33) questiona se os termos mediação e midiatização não estariam em lados opostos, da mesma forma que a discussão sobre o objeto da comunicação entre os meios e as mediações.

Para esclarecer isso, Lopes (2009) ao entrevistar Martín-Barbero, obteve uma resposta que ajuda a compreensão da questão. O autor explica que o livro *Dos meios às mediações* expõe a lógica das “mediações culturais da comunicação”, que considera “a lógica da produção, as competências do receptor, as matrizes culturais e os formatos industriais” (p.150) ao passo que hoje seria mais plausível pensar nas “mediações comunicativas da cultura”, que conferem protagonismo ao comunicativo sem, contudo, creditar sua ação somente aos meios de comunicação. Neste sentido, diz Martín-Barbero (2004, p.228): “O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural”. Como exemplo, Martín-Barbero (2015) cita as redes sociais:

El conversar es la matriz de lo que hoy se configura en una red social, a la que se entra y de la que se sale entrelazando palabras con fotos, con retazos de música y trazos de dibujos. Y como la conversación, así es de vulnerable el *hipertexto* a las intervenciones de los que pueden intervenirlo para enriquecerlo o entorpecerlo, para corregirlo o emborronarlo. Y como la conversación el *hipertexto* permanece abierto, no se acaba nunca del todo sino que se suspende para continuarlo en otra ocasión, con otros invitados o contertulios. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.15).

Segundo Barros (2012, p.89), esta recolocação da comunicação na cultura confere a ela um status protagonista das relações sociais e culturais, reconhecendo,

da mesma forma, os usos e construções de sentidos que são feitos com as mídias nessa nova dinâmica:

O sentido não está, portanto, nos limites do composto meio-mensagem; mas, presente nas dinâmicas que envolvem os sujeitos do processo comunicacional: emissor e receptor, seres sociais, em interação com outros indivíduos, instituições e movimentos sociais. (BARROS, 2012, p.90).

Ressaltando o novo lugar da cultura na sociedade, ao considerar as novas tecnologias mais estruturantes do que instrumentais, Martín-Barbero (2004) afirma que com a revolução tecnológica não são modificadas as atividades da humanidade, mas uma nova forma de relação entre processos simbólicos, formas de produção e bens e serviços. Neste sentido, o autor coloca o campo da comunicação em três espaços: o espaço do mundo (globalização como cenário e redes que fomentam um tecido de um novo espaço que transforma os sentidos de comunicar e transformar o globo em uma significação histórica); o território da cidade (novo cenário composto de fragmentações e fluxos); e o tempo dos jovens (o novo cenário da cidade é o *sensorium* que emerge, sobretudo, dos jovens). Já Braga (2012) é mais pontual e percebe duas novidades processuais nesta nova dimensão das mediações: um processo que é tecnológico, que resulta no maior acesso às tecnologias de comunicação pelo grande público e o outro, um processo social, que resulta na entrada desse novo sujeito comunicativo em um ambiente que era antes resguardado à indústria cultural.

A redefinição de mediações e a ideia de midiatização estão muito próximas. Ao adentrar na reflexão sobre a midiatização a partir do interior das mediações, é possível vê-la demarcada pela mudança da sociedade dos meios para a sociedade de midiatização, cujo meio não aparece mais como um objeto de estranhamento social, externo ao público e que o influencia por ser este referente distinto, mas um processo de midiatização que ocasiona “uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade” (BRAGA, 2012, p.35). Braga (2009) tenta definir de um modo claro a midiatização, mesmo considerando-a um campo em construção:

Começa-se a falar na palavra “midiatização”, às vezes, significando simplesmente a forte presença da mídia na sociedade. O que antecede essa expressão é a palavra “midiatizada”, a partir da ideia de que vivemos em uma sociedade midiatizada ou midiática. Essa ideia parte de uma ação da mídia sobre a sociedade (...). A midiatização (...) abarca processos que acontecem mesmo quando não estamos diante da mídia. A midiatização

não acontece só quando se está produzindo e se está recebendo informação. (2009, s/pag.).

O que se percebe é um aprofundamento das lógicas de interação, que ultrapassam a ideia de ação de um meio ou de receptores para incluir a ambos. Neste sentido, a ideia de mediação defendida se distancia da ideia trabalhada por outros importantes autores como Stig Hjarvard, que transita da “mediação à mediação” (2015). No entanto, até o autor reconhece a similaridade empírica entre ambas as teorias:

A distinção entre mediação e mediação é teoricamente e analiticamente importante, mas os próprios processos de mediação e mediação não são empiricamente distintos, uma vez que o efeito acumulado das práticas de trocas mediadas pode representar uma instância da mediação. (HJARVARD, 2015, p.53).

Braga (2012) aponta que a performance dos processos sociais não decorre pela inserção das tecnologias e sua capacidade de abrangência do público, mas sim enfoca o que anteriormente Vera França fez em sua discussão epistemológica: dar o destaque ao campo das interações. Por isso, as mediações insistem em não retornar aos meios, mas continuar nas mediações, mesmo que para um autor renomado como José Luiz Braga, seja necessário reconhecer a dificuldade em escolher focos de investigação e desenvolvimento de conceitos de uma linha em construção no campo comunicacional. Afirma Braga (2009):

Parto da perspectiva de que o processo não é mera da tecnologia, como se o avanço tecnológico é que determinasse essa ou aquela mudança. Creio que o avanço tecnológico é algo socialmente determinado. Não aparece uma tecnologia desenvolvida por um inventor que está fora do mundo, fora da sociedade. São as demandas da sociedade que provocam o avanço. Não é a mídia, a televisão, que cria uma sociedade nova. É uma sociedade caracterizada por diversos eventos que precisa de processos interacionais novos, porque os atuais não conseguem dar conta do que está em efervescência. (2009, s/pág).

Aprofundando a questão da circulação e da participação de dispositivos, os quais ele chama de dispositivos sociais, Braga apresenta uma ampla trajetória percorrida nessa discussão e é preciso trazer de alguma forma a obra *A sociedade enfrenta sua mídia* (2006), segundo a qual o autor acrescenta junto aos sistemas de produção e recepção um terceiro sistema que ele chama de “sistema de interação social sobre a mídia” ou “sistema de resposta social”, cuja função seria fazer circular conteúdos através de dispositivos sociais, podendo eles ter forma de mediações, como sistemas de representações e apropriações.

Esses dispositivos sociais fomentam processos de interpretação, apropriação e produção de sentidos aos sujeitos, conferindo-se enquanto processos de aprendizagem, que abarcam a dimensão educativa do processo comunicativo, foco também da linha de pesquisa a qual esta dissertação está inserida. Embora a abordagem cultural seja mais relevante e enfatizada na pesquisa, é importante considerar que há o elemento de aprendizagem social, fundamental nos processos de construção de sentidos, pois desloca o papel passivo do sujeito para uma dimensão ativa e dialógica e, por isso, educativa (BARROS, 2012). A dimensão da aprendizagem social será tratada com mais importância no próximo tópico, relacionada à organização dos sujeitos ante a ideia de redes difusas.

Este sistema é de interação, pois o processo comunicacional é circular de forma que, na midiatização, a circulação deixa de ser vista como a passagem/contato do emissor ao receptor para ser vista “como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação” (BRAGA, 2012, p.38)²⁶.

Embora fique claro na pesquisa a preferência pela visão que a midiatização compõe a mediação é preciso identificar por onde a midiatização avança nas mediações. Assim, a pesquisa contempla o “ser” da midiatização pela necessidade de haver em determinada circulação comunicativa uma influência midiática como sistema de referência, seja ela feita por mídias tradicionais ou não.

É interessante observar a pertinência do termo circulação, que de forma especial faz com que os sujeitos perambularem por diferentes mídias, migrando de um lugar a outro onde antes havia fidelização e estática. Além da circulação que ocorre nas redes sociais virtuais, Braga (2012, p.39) sinaliza diversas possibilidades de circulação, como debates, reposição do próprio produto para outros usuários, ou elaboração de comentários mediante algum texto, ou mesmo uma “conversa de bar”, por exemplo. Um dos aspectos mais importantes da midiatização para o autor é a capacidade de escuta prevista ou pretendida por quem fala. Braga chama isso de “contrafluxo”, em relação à composição da fala colocada em circulação que é, por

²⁶ É possível, no entanto, notar uma diferença da construção desse sistema por Braga em dois momentos diferentes. No livro *A sociedade enfrenta sua mídia*, de 2006, o enfoque da circulação está mais atrelado à influência da mídia e seus dispositivos técnicos do que sua construção teórica de 2012, a qual utilizamos com mais ênfase. No entanto, em ambos os casos percebe-se um raciocínio coerente ao que estamos considerando como midiatização e objeto da comunicação, focado nos processos comunicativos.

sua vez, constante nos macroambientes de interação social. Compreendendo que o processo de midiaticização se dá por fluxo contínuo, entende-se que um “produto mediático não é o ponto de partida do fluxo. Pode muito bem ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses (...)”. (2012, p.41). A constante circulação não ocorre por conta do produto, mas nele, porque ele se encontra em um sistema de circulação que o alimenta. Por exemplo, em uma entrevista, Braga (2009) fala sobre a conversação gerada depois de um filme no cinema como processo de midiaticização. Neste caso, onde estaria o produto mediático? Ele poderia estar no início do processo, se for considerado o filme; pode ser um processo intermediário, como a conversação mobilizada por um grupo de pessoas na saída do cinema; ou no fim do processo, como resultado de postagens nas redes sociais avaliando o filme. Além disso, este “fim” é relativo, pois este novo processo pode desencadear novos processos como comentários acerca da crítica e assim por diante.

Braga (2012) sinaliza que a ideia de fluxo contínuo/circulação é uma perspectiva abrangente para a pesquisa empírica. Uma primeira aproximação corresponde a perceber que tais fluxos não são apenas descrições abstratas, mas ocorrem concretamente na sociedade na forma de circuitos, culturalmente praticados. As múltiplas possibilidades e fluxos contínuos que fazem parte da midiaticização geram também processos interacionais de referência, dispositivos sociais que referenciam a ação midiática. Como exemplo, tem-se o Carnaval do Rio de Janeiro como um evento cultural que tem sua natureza transformada pela sociedade midiaticizada e, com isso, passa a ser midiaticizado:

Temos processos sociais que já existiam sem a mídia e, portanto, as interações ocorriam fora de qualquer interferência midiática. Aos poucos, esses processos passam a ser midiaticizados, perpassados pela mídia. Por exemplo, o carnaval no Rio de Janeiro. Ele se organiza como festa de rua. Num determinado momento, começa a ser mostrado. E, num outro momento ainda, ele se organiza em função da mídia. Os eventos passam a se organizar segundo o olhar midiático. Houve, então, uma midiaticização. Do ponto de vista social geral, a partir daí percebo a midiaticização como processo interacional de referência. (BRAGA, 2009, s/pag.).

Para melhor visualizar esta abstração do processo comunicativo, Braga (2012) traz alguns exemplos, conforme expostos acima. Além disso, exemplos concretos podem vir da própria dissertação, como, por exemplo, do questionamento se os eventos promovidos pelas organizações de apoio aos migrantes representam um processo de midiaticização que se coloca nesta circulação.

Para terminar este item seria negativo não falar na relação “circuitos versus campos (sociais)”, expressão que dá título ao artigo de Braga (2012), referencial para este tópico. A relação principal de ambos os termos está na condição de que os circuitos não se desenvolvem no vazio. É assim que o autor inicia sua conversa sobre os circuitos e os campos sociais, designando estes como estruturas estabelecidas, que compartilham sua existência com outros campos. Braga fala também do campo da mídia que, para o autor, não seria decorrente apenas da ação dos meios, nem seria o campo da mídia o único responsável pela mediação da sociedade. Na sociedade em mediação, a cultura midiática perpassa diversos campos, havendo assim diversos modos de interagir na sociedade pelo fato da mediação ser um “processo interacional de referência”. O nome diz respeito a um processo que é altamente interativo e de referência, porque faz com que todos os processos de interação estejam, de alguma forma, em contato com as mídias.

Os campos sociais, sendo mais estruturados, são os principais responsáveis pela articulação com o todo social, ao mesmo tempo em que podem incidir sobre ele agentes externos devido a sua própria necessidade de interação externa. Braga salienta com isso a deformação do campo social, não afirmando, contudo, que os campos sociais se diluam em uma espécie de “comunicação direta” através de redes difusas, mas que os processos de interação “em mediação” mudam as formas de ação e o perfil destes campos. É possível citar como exemplo algo que será visto nesta pesquisa: o campo comunicacional em relação às organizações e a capacidade destas de poder informar diretamente algo a alguém ao invés de ser apenas uma “fonte”. (2012, p.46), no sentido usualmente utilizado no jornalismo, um dos subcampos da Comunicação mais relevantes para a visibilidade e representação social das problemáticas migratórias.

Ao observar a construção feita até aqui, das primeiras teorias da comunicação até as análises sobre os processos interacionais, percebe-se que as tecnologias e técnicas contribuem para a interação, mas são os chamados “dispositivos de interação” (BRAGA, 2012) através das matrizes sociais, que permitem a tais interações serem acionadas culturalmente na lógica mediada.

A dinâmica cultural, que também é histórica, mostra-se estreitamente ligada a este processo, pois, como salienta Braga (2012, p.50), “não são as características da mediação que ‘dizem’ o social – mas sim os modos pelos quais sejam historicamente acionadas”. Desta forma, a mediação não é um ente solto das

suas matrizes culturais para não correr o risco de se encontrar representada por uma volta “das mediações aos meios”. O processo de midiatização só se constitui como tal porque há nele um componente de intersecção com a dimensão sociocultural e a dimensão histórica e, por isso, sendo considerado algo importante para esta nova sociabilidade – de cultura midiatizada – complexa demais para ser vista a partir de uma análise causa-efeito. Por fim, a midiatização se propõe a estudar:

(...) aquelas experiências sociais de produção de circuitos e de dispositivos interacionais para, através das percepções obtidas, identificar os riscos, os desafios, as potencialidades e os direcionamentos preferenciais; procurando perceber como estão se encaminhando as mediações comunicativas da sociedade e – sempre que relevante – tentando incidir praxiologicamente sobre elas. (BRAGA, 2012, p.50).

Ao ter como objeto de análise as práticas comunicativas realizadas pelos imigrantes haitianos, estas se configuram como experiências sociais de produção de circuitos e dispositivos interacionais? Antes de entrar na metodologia, contudo, é importante pensar nesse processo comunicacional ligado ao próprio processo migratório e como ambos os campos estão interligados.

2.3 COMUNICAÇÃO NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

A elaboração dos conceitos trazidos dos estudos voltados aos processos migratórios na comunicação tem incidência sobre as interações socioculturais a partir da ideia de resposta social, como terceiro sistema, que organiza a sociedade e dela extrai uma aprendizagem.

A aprendizagem social está em todo o processo da midiatização, mas especialmente na capacidade de crítica social frente às interações sociais proporcionadas por esse processo. Esta dimensão crítica está alinhada à capacidade da recepção ativa enunciada pelos estudos latino-americanos em oferecer caráter de resistência por meio da sua capacidade cultural de seleção e interpretação. (BRAGA, 2006, p.61). Sem poder dar certeza sobre a eficácia dessa capacidade de seleção e interpretação é, de todo modo, esta qualidade da recepção que põe em circulação a informação.

Neste meandro, Braga (2006, p.63) salienta que as condições culturais estão ligadas às mediações, que, por sua vez, estão atreladas a campos extramidiáticos, como a família, o trabalho e aquisição financeira, e as próprias redes migratórias, por meio das organizações de apoio, no auxílio do processo de transição cultural desses sujeitos diaspóricos.

Todo este ciclo está presente no processo de circulação dos produtos midiáticos e contribui para a reflexão das causas individuais e coletivas que estão por trás de cada um destes processos. No caso da migração dos haitianos em Curitiba, o contexto está ampliado pelo tema macrossocial da globalização e dos intensos fluxos migratórios que, ao evidenciar um choque de identidades e estabilidade, não exclui a capacidade interacional desses sujeitos, mas, ao contrário, a potencializa. Assim, Martín-Barbero compara a interação dos migrantes na cidade da mesma forma que os fluxos de informações e comunicações interferem no ambiente escolar, questionando hierarquias.

La presencia del *inmigrante* es resentida por los ciudadanos del lugar como una amenaza que, al poner en riesgo la seguridad de los de adentro, debe ser contrarrestada multiplicando los registros, los chequeos, es decir instalando la desconfianza como comportamiento normal y extendiendo la sospecha a los gestos, las voces, las vestimentas. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.26).

Nesse sentido, saindo um pouco das mediações para incluir as redes como espaço de construção da aprendizagem social nesse ambiente, consideramos o termo “comunicação cidadã em espaços transnacionais”, de Denise Cogo (2010).

Cogo chama de “comunicação cidadã” – em espaços transnacionais – as formas de aproximação que os migrantes travam para resguardar suas culturas, as quais estão atreladas a três processos de mudança social decorrentes da globalização. Um primeiro modo se refere às possibilidades de experimentação promovidas pelas novas tecnologias “como espaços relevantes de construção e circulação de agendas relacionadas à disputa de cidadania”. (COGO, 2010, p.83). Estas experimentações, no entanto, têm caráter difuso e de apropriação da gestão da comunicação por estes sujeitos.

Um segundo processo está diretamente vinculado às redes sociais como forma de relacionamento e mobilização da sociedade contemporânea, que tem seus limites atravessados pelas fronteiras e dinâmicas locais. Cogo (2010) acentua mais as redes sociais virtuais ou o que Scherer-Warren (1998) chama de “redes de comunidade virtuais identitárias”, cujo processo de construção identitária é

impulsionado por estas formas de vínculos através de um sentimento coletivo, de pertencimento e reconhecimento.

O terceiro processo de mudança a que se refere a autora diz respeito ao próprio processo migratório, que ao potencializar a cidadania intercultural e cosmopolita acentua os conflitos culturais decorrentes da intensificação de fluxos na globalização, que também impõem barreiras. Dessa forma, a dinâmica migratória assumiria com a incisão das redes sociais uma nova forma de conflito com a sociedade, que demandaria “respostas sociais” frente a um panorama global. Cogo (2010) une esses três processos para pensar uma comunicação cidadã na contemporaneidade.

Interessa identificar com mais clareza, no entanto, a relação principal entre os processos comunicativos e os processos migratórios, expostos a partir de um viés cidadão (cidadania, no recorte transnacional, não diz respeito apenas à busca pela igualdade, mas também ao direito à diferença como parte da democracia). Deslocando-se da proximidade com a comunicação popular e comunitária ou alternativa – de caráter transnacional – e aproximando-se dos fluxos comunicativos interacionais, a pesquisa destaca as redes sociais não virtuais.

As redes sociais podem ser todas as interações de indivíduos ou grupos em suas relações cotidianas, as quais surgem a partir de demandas das subjetividades e da identidade de cada um. Do mesmo modo é considerada rede social o impulso que indivíduos ou grupos dão em torno de interesses coletivos, conglomerando pessoas para fins comuns, como é o caso de movimentos e comunidades. (AGUIAR, 2006, p.14). Afirma Sônia Aguiar:

Embora o crescimento e a extensão das redes sociais nos últimos dez anos possam ser atribuídos, de forma significativa, à disseminação da Internet comercial, a abordagem aqui proposta leva em conta também os “elos invisíveis” através dos quais circulam informação e conhecimento, permitindo a expansão da rede para além dos meios digitalizados, das instituições legitimadas e dos detentores de poder. Esse tipo de abordagem é fundamental em contextos de alto grau de infoexclusão (...). (AGUIAR, 2006, p. 16).

Ainda que se considere este grande número de situações como redes, Aguiar critica a concepção de rede como qualquer nó interconectado, pasteurizando diferentes processos de enredamento, inclusive a relação de “nós” humanos e “nós” não humanos, estes, por exemplo, como centrais de serviços ou pistas de aterrissagem; ou mesmo na naturalização das redes neoliberais e de resistência.

Deste modo, a autora defende que mais do que estar em rede o que interessa é estar em rede para enfrentar algo. (AGUIAR, 2006, p.17).

Um dos enfrentamentos que se propõem fazer as organizações de apoio aos migrantes haitianos em Curitiba é vinculado ao empenho em deslocar imaginários prejudiciais para uma valorização da cultura desses novos sujeitos curitibanos. Salienta Cogo:

Trata-se de contradiscursos em torno dos quais as redes migratórias se movem igualmente pela desestabilização daqueles discursos midiáticos que, a partir de contextos nacionais de produção, circulam transnacionalmente para afirmar a associação das migrações à delinquência, conflito e pobreza. (COGO, 2010, p.90).

Cogo relaciona a ótica dos estudos culturais e da matriz latino-americana à lógica do transnacionalismo e ao rompimento de fronteiras, cujo cenário encontra na comunicação cidadã uma das principais dimensões das perspectivas culturais e sua alocação no pós-colonialismo de Hall, especialmente ao considerar as redes como “espaço de relações sociais de caráter fronteiriço e da construção de comunidades desterritorializadas”. (2010, p.94). Essa nova forma de sociabilidade é, para Cogo, manifestada especialmente através das novas tecnologias de comunicação. No entanto, não é o caráter de novidade da comunicação alavancado pelas novas mídias que mais nos interessa, mas a forma com que as redes, virtuais ou não, propiciem ou não que sujeitos tenham um espaço de circulação de informação e, com ele, apropriem sentidos e os produzam.

Nesse caso, observa-se um empenho, por parte das redes migratórias, em se constituírem enquanto “lugares simbólicos de convergência transnacional das múltiplas e plurais subjetividades migrantes e/ou se converterem em espaços de agregação de causas sociopolíticas e culturais ligadas à cidadania das migrações”. (COGO, 2010, p.99). A constante busca por parte dos imigrantes às organizações se deve pela credibilidade que estas apresentam no espaço público. Sobre isso, ElHajji afirma:

(...) no atual espaço democrático, o discurso público investido de autoridade representativa, estabelecida e reconhecida pelos próprios membros do grupo deve ser particularmente valorizado, já que é por meio desse mesmo discurso que os grupos minoritários (étnicos e confessionais) elaboram as suas estratégias de legitimação e formação de consenso, tanto entre seu público interno como na sociedade. (ELHAJJI, 2005, p.201).

Trazer o âmbito das redes (sociais) migratórias para a presente discussão contribui para localizar as organizações no processo comunicativo da pesquisa. Além da intensa circulação promovida entre migrantes e organizações de apoio, há também o próprio processo migratório como ato comunicativo, quando sujeitos em diáspora colocam-se em contato com outra cultura e a dialética que se estabelece entre as distintas realidades caracterizam o hibridismo desse novo espaço. Essa marca híbrida, que questiona fronteiras geográficas e faz uma contra-hegemonia ao sistema global, é a principal marca da comunicação nesse fenômeno das migrações contemporâneas, balizadas pela participação de atores em rede, no caso as organizações e a comunidade haitiana em Curitiba.

Neste sentido, como os processos de comunicação realizados contribuem para que os imigrantes haitianos que residem em Curitiba construam sua identidade cultural? Quais são estes processos que se colocam em circulação? Como as organizações atuam nesse processo? As próximas reflexões são encaminhadas pelo capítulo metodológico e um aprofundamento na realidade migratória.

3 O PANAROMA SOCIO-HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES

O capítulo traz um enfoque em quesitos sociológicos e históricos da migração. Ambas as ênfases já estão tratadas nesta prévia do capítulo, mas se pretende fazer um detalhamento da história das migrações em diversos níveis, a imigração histórica no Brasil, no Paraná e em Curitiba, além das quatro etapas da diáspora haitiana. O capítulo também pretende diagnosticar, a partir dos dados mostrados na Introdução desta dissertação, a realidade migratória no Brasil e as políticas atuais para a chegada dos novos imigrantes, especialmente os haitianos.

3.1 A SOCIOLOGIA DA MIGRAÇÃO E SUAS PERSPECTIVAS MACRO E MICRO

A migração é um fenômeno tão complexo de ser compreendido que mesmo com o desenvolvimento dos grandes fluxos humanos no fim do século XIX e início do século XX as teorias que tratam o tema não são tão evidentes e bastante variáveis conforme afirma João Peixoto (2004). Mesmo com os intensos movimentos migratórios internos, do campo para a cidade, ou com os movimentos transoceânicos, que permitiram liberar o êxodo rural para novos continentes, o autor afirma que é o campo da geografia que mais tem dado atenção ao tema graças à sua relação com o espaço, mas a migração ainda constitui “terra de ninguém” no debate teórico interdisciplinar. Neste sentido, afirmando não haver uma teoria geral das migrações, Clifford Jansen já no fim da década de 1960 escrevia:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos

lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e, em contrapartida, afectam o migrante²⁷. (JANSEN, 1969, p.60).

Um dos primeiros e principais autores da teoria das migrações é o geógrafo inglês Ernest Ravestein que, na década de 1880, apresenta análises empíricas dos fenômenos migratórios sob um olhar estrutural, ao considerar a centralidade do processo em um agente racional que decide pela migração ou permanência a partir de informações sobre os lugares. Esta ideia simples é, no entanto, impulso para a sociologia da migração de caráter estruturalista e o papel ativo do sujeito. (PEIXOTO, 2004).

Aproximando-se das contribuições sociológicas, as teorias de migração têm na Escola de Chicago, no início do século XX, uma sociologia heterodoxa frente à sociologia tradicional americana. Chicago desenvolveu com singularidade temas que foram apropriados por outras disciplinas da sociologia, mas especialmente há uma contribuição singular aos estudos sobre as migrações no que se refere à escolha racional do indivíduo em uma aproximação com a ideia de espaço geográfico e do racionalismo econômico. Exemplo disso provém da ideia de “ecologia humana” de Robert Park (1915), que relaciona o indivíduo ao meio ambiente e atribui a este a capacidade de modular comportamentos coletivos, em uma compreensão próxima de “assimilação” de culturas imigrantes pela cultura hospedeira. (OLIVEIRA, 2014; PEIXOTO, 2004).

Um dos exemplos que pode ser dado ao enfraquecimento dos vínculos informais, tidos como comunitários, especialmente pela contribuição de Tönnies, deve-se ao trabalho de Musgrove (1963), que afirmava existir uma crescente mobilidade territorial das elites, especialmente no final do século XIX, tido hoje como o principal período de mobilidade humana dos tempos modernos.

A partir desses referenciais, os estudos da migração e seu caráter interdisciplinar vão abarcando diferentes formas de mobilidade, inclusive se atualizando pela mobilidade virtual. E não são só pelas tecnologias e novas possibilidades de migração que a temática chama a atenção da sociologia, mas as características microssociológicas e macrossociológicas do fenômeno configuram as principais explicações do porquê migrar.

²⁷ Tradução: PEIXOTO, J. (2004).

Esta pesquisa, que enfatiza os processos de globalização e a construção das identidades mediadas por instituições da sociedade civil, pode ser considerada como uma teoria macrosociológica da migração. Mas, antes de definir isto, é importante passar um breve olhar nos principais referenciais teóricos de cada uma dessas duas teorias.

3.1.1 As teorias microsociológicas da migração

Peixoto (2004) afirma que a maior parte das teorias micro tem um aporte econômico devido à interpretação de que a principal decorrência de migrar deriva da vontade de ascender economicamente. A partir desta relação, a própria teoria microsociológica vai ampliando seu horizonte ao considerar, com Lee (1969), que o processo migratório está associado também à área de origem, fatores ligados à área de destino, ambos incluindo questões de infraestrutura; obstáculos intervenientes que impulsionam ou refreiam o movimento (distância, custos, leis migratórias, grau de informação, redes de apoio) e fatores pessoais.

Outra abordagem da teoria microsociológica baseia-se no modelo de capital humano, que analisa a lógica das migrações pelo custo/benefício a longo prazo, em muitos casos vinculados a uma motivação familiar. Consta também como custo o investimento na aprendizagem de uma nova língua e cultura, buscando-se um benefício pelo aumento de rendimento.

Uma terceira abordagem microsociológica apresentada por Peixoto (2004) tem natureza biográfica na medida em que as principais variáveis trabalhadas são o ciclo de vida individual e a trajetória de mobilidade, o que demonstra uma incidência mais sociológica do que econômica. Um dos exemplos percebidos, por exemplo, é a incidência de que os indivíduos casados apresentem menor probabilidade de migração, segundo estudo de Sandefur e Scott (1981). A abordagem do ciclo de vida em relação à trajetória social aproxima-se da ideia do modelo de capital social à medida que enfatiza a mobilidade profissional como associação à mobilidade espacial.

3.1.2 As teorias macrossociológicas da migração

Como o nome sugere, as teorias macrossociológicas privilegiam aspectos coletivos e estruturais que condicionam, por vezes, as decisões migratórias. Peixoto (2004) argumenta que tal acepção pode ser encontrada na corrente estrutural-funcionalista ou nas teorias marxistas ou neomarxistas, designadas muitas vezes como histórico-estruturais. No entanto, é importante salientar que os autores veem confluência entre as teorias macro e microssociológicas, o que demonstra a complexidade dos estudos das migrações.

Uma das teorias está relacionada ao mercado de trabalho e à economia informal e confirma a necessidade de haver uma motivação econômica para o processo migratório. Essa teoria condiciona o movimento de indivíduos pelas ofertas de emprego, especialmente os de característica informal, que ainda significaria maiores oportunidades do que no território de origem do migrante. Esta ideia, no entanto, não se coaduna somente com o viés econômico. Como afirma Peixoto: “A existência de procura deverá conciliar-se com mecanismos econômicos e sociológicos diversos (...) que determinarão o início e a auto sustentação de determinadas correntes”. (2004, p.24).

As teorias que vêm a seguir são mais pertinentes a esta dissertação por estarem mais próximas a conceitos de sistemas-migratórios e valorização da cultura e formas de resistências locais. Assim, o modelo das “estruturas espaciais” está relacionado à “variável espaço e procura enunciar os fatores que levam a um desenvolvimento particular dos territórios” (PEIXOTO, 2004, p.24). Peixoto ainda afirma que a questão territorial conduz os movimentos populacionais, levando em conta dimensões como centro e periferia, por exemplo. Este modelo está relacionado não só à sociologia, mas também aos estudos urbanos e à geografia dentro de uma perspectiva socioespacial integradora.

De viés marxista, esta teoria incide sobre a formação estrutural do capital nas sociedades modernas, tratando a migração como fenômeno consequente a esta ligação entre estruturas espaciais e relações sociais, fomentadas pela diferença de classe. Ressalta-se a lógica do desenvolvimento desigual do espaço, que gera a mobilidade humana a partir do acúmulo privado do capital, concentração das atividades produtivas, fragmentação das atividades, o que faz Castells (1999)

chamar de “espaços de fluxos” a lógica de expulsão das populações mais abastadas da cidade e seus recursos básicos de vida, ocasionada, sobretudo, pela alta volatilidade do capital e trabalho.

Dentro deste cenário de valorização do espaço físico, a teoria do sistema-mundo, de Wallerstein (1986), parte de uma análise internacionalista das migrações, compreendendo o capitalismo moderno como cenário. Petras (1981) sugere que o capitalismo global é responsável pela formação de um “mercado de trabalho global” onde não só migram pessoas, mas capital, gerando o que ela chama de “zonas salariais” diferenciadas. Essa ideia está ligada ao economicismo, pois acredita que “as forças estruturais da economia mundial que geram os diferenciais econômicos e que ‘transportam’, de certa forma, os migrantes”. (PEIXOTO, 2004, p.26).

Outro “sistema” trazido pela teoria macrossociológica é a dos “sistemas-migratórios”, que se afasta mais do economicismo e tem por característica analisar os fluxos humanos por contextos históricos particulares, cuja dinâmica interna confere a eles um caráter sistêmico. Quanto às migrações internacionais, segundo Peixoto, o caso mais habitual é o das “redes macrorregionais” que unem países que alimentam fluxos entre si. Esta dinâmica apresenta para ele uma característica distinta que figura na relação entre um contexto determinado e fluxos migratórios e outros tipos de intercâmbio, abrindo brechas para características não só econômicas como também políticas e culturais. A diferença para os sistemas-mundo reside na contraposição que a formação de redes faz frente aos padrões globais, pois separam contextos históricos de atuação, espaço e tempo. (PEIXOTO, 2004).

Outras três teorias apresentadas por Peixoto seguem as referências das teorias macrossociológicas, mas se distinguem por aproximar a macro e a microsociologia. A primeira teoria, referindo-se às instituições, tem como ponto de inferência a centralidade atribuída a agentes coletivos, ou seja, são entidades coletivas que se responsabilizam pelos destinos dos fluxos. Mais próximo a esta pesquisa, Massey (1993) ressalta também as instituições de apoio ao migrante, sendo este ponto de característica social inferior a outros.

Outra teoria se refere às redes migratórias. Embora parecida com a lógica das instituições e de capital social (âmbito microsocial), neste caso salienta-se a inserção dos migrantes em redes de pertencimento que os fazem não decidir sozinhos pela migração migrar ou não migração. E como afirma Portes e Böröcz:

Redes construídas pelo movimento e contacto de pessoas através do espaço estão no centro de microestruturas que sustentam a migração ao longo do tempo. Mais do que cálculos individuais de ganho, é a inserção das pessoas nestas redes que ajuda a explicar propensões diferenciais à migração e o carácter duradouro dos fluxos migratórios. (PORTES e BÖRÖCZ, 1989, p.612).

Tais redes são caracterizadas por uma “racionalidade limitada” de conhecimento dos indivíduos pertencentes e de um avanço na ideia economicista das justificativas migratórias. (PEIXOTO, 2004, p.30).

A última teoria macrossociológica identificada por Peixoto (2004) baseia-se novamente em Portes e Böröcz (1989) e enfatiza os laços sociais e étnicos dos migrantes pelo viés territorial. Esta teoria conecta a ideia de capital social e recursos econômicos ao viés comunitário do grupo formado, organizando uma espécie de “comunidade étnica solidária” (PEIXOTO, 2004, p.30), cuja importância econômica vai desde a constituição de um mercado de bens e serviços culturais até a reserva de trabalho assalariado.

Ao observar algumas das possibilidades de ênfase ao estudo das migrações, as teorias que mais se aproximam dessa dissertação são as últimas elencadas. Torna-se complexo optar por uma ou outra, sobretudo por não ser um trabalho que tem nas dinâmicas migratórias suas principais referências teóricas e metodológicas. Sendo um trabalho de comunicação, a teoria das migrações emerge como um cenário importante para se compreender práticas de mediações culturais e de mediação. Desta forma, é interessante observar a teoria dos sistemas migratórios como cenário geopolítico, de cooperação entre países e incidência cultural, que acentua a “crise das fronteiras” dos Estados-nação.

Igualmente, não se pode ignorar na pesquisa a contribuição dos processos microssociais, especialmente quando se debate as identidades alinhadas à dinâmica de grupos migrantes e instituições de apoio. Assim, a ênfase na abordagem das teorias que reforçam as instituições, redes migratórias e laços sociais e étnicos são observados no levantamento bibliográfico.

3.2 HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES, O BRASIL E A DIÁSPORA HAITIANA

A imigração é um dos fenômenos mais antigos da história humana e carrega consigo a marca de ser uma notável consequência de diversas problemáticas sociais, em especial na atualidade. A primeira pergunta a ser feita quando se debate o tema é: por que as pessoas migram? Por que sair de uma zona supostamente mais confortável para se arriscar em um terreno de culturas, língua e valores diferentes? Herbert Klein (2000) credita a busca por alimento como a principal causa do trânsito de pessoas pelo globo, mas não descarta a influência das perseguições, seja pela cultura majoritária sobre a minoritária ou perseguição religiosa, que mantém estreita relação com a causa cultural.

Diferente do que pode se pensar a partir da realidade do Brasil, as migrações não são recentes, mas ocorrem desde que o homem aprendeu a viver em sociedade, sobretudo, pela necessidade de acesso à terra para sua alimentação. A partir dessa informação, Klein (2000, p.14) afirma que o fenômeno é potencializado a partir da redução da mortalidade e aumento da natalidade do século XVIII, que diminuíram o acesso à terra pela tecnologização do campo – para suprir o aumento da demanda – e promoveram um êxodo rural que inchou as cidades europeias já no século XIX.

A partir dessa inferência, as terras na Europa se tornam escassas e, com o elevado número de mão de obra, o valor do trabalho se torna baixo. Na América colonial ocorre o oposto: as terras são muitas, porém, pelo baixo número de mão de obra, a mesma é cara. Desta forma, explorando inicialmente o trabalho dos nativos indígenas e, posteriormente, investindo no trabalho escravo africano, portugueses e espanhóis trouxeram europeus para incentivar o mercado interno colonial. Especialmente no Brasil do século XVIII, Klein (2000) afirma que houve cerca de 400 mil portugueses vindos ao país para o trabalho com o ouro em Minas Gerais, o que resultou em uma forte imigração europeia no Centro-Sul do Brasil.

O século XIX assinala um importante momento para os fluxos migratórios devido ao desenvolvimento da energia a vapor, que dinamizou o transporte e aumentou decisivamente os fluxos euro-americanos. Além de potencializar novos imigrantes de diferentes lugares da Europa, a busca pelo “Fazer a América”, realizada especialmente por homens jovens, pode ser relacionada ao processo que ocorre hoje, nas migrações atuais Sul-Sul:

Para eles, a prioridade básica consistia em acumular poupanças com as quais esperavam poder desfrutar de uma vida melhor em seus países de

origem. Por isso, aceitavam quaisquer trabalhos que lhes oferecessem, ainda que de baixo status, porque esses trabalhos aparentemente sem perspectivas proporcionavam-lhes melhores salários do que os pagos em seus países. Para cerca da metade dos imigrantes que chegaram, essa estratégia funcionou e acabaram retomando a seus países nativos. (KLEIN, 2000, p. 24).

É neste contexto do “Fazer a América” que um fato interessante passa a ocorrer na dinâmica das migrações: a preocupação exclusiva com o acúmulo econômico passa a ser dividida com uma assimilação cultural por parte deste imigrante na nova vida. Assim, a primeira geração de europeus, em muitos casos, trouxe suas famílias para recomeçar no novo ambiente, ao passo que a segunda geração, mais aculturada, começaria a formar suas famílias com os próprios nativos dos países latinos (KLEIN, 2000). Klein (2000) também comenta que a Primeira Guerra Mundial culminou com o primeiro declínio da migração internacional, ao impedir o crescimento econômico dos países centrais, além de intensificar os limites fronteiriços e alavancar os ideais nacionalistas com expansão dos mercados locais. Outro momento de declínio seria até a Segunda Guerra, sendo que no intervalo entre uma guerra e outra ainda houve a Crise de 1929.

No período pós-guerra, a América, especialmente os EUA, recebeu uma nova leva de imigrantes, agora qualificados profissionalmente. Na América Latina, até 1970, 35% dos imigrantes chegaram ao Brasil, em sua maioria, portugueses, italianos, espanhóis e japoneses. A partir da década de 1990, com a postura neoliberal no mundo ocidental e a reestruturação dos países do cone sul (especialmente argentinos, uruguaios, paraguaios e bolivianos) há um aumento de fluxo entre estes países, que atinge principalmente o Brasil com preferência pelos estados do Sul e Sudeste, especialmente São Paulo. (SALA; CARVALHO, 2008). No entanto, o destaque ao estado do Paraná é feito pelo recorte da pesquisa em ter a cidade de Curitiba como cenário da chegada dos haitianos ao Brasil.

Antes ainda de atribuir ao Paraná características migratórias que se alinham ao atual momento das migrações haitianas no país, Darcy Ribeiro (2008), na notável obra *O povo brasileiro*, traça de modo sucinto a imigração no Brasil. Nas poucas páginas que se dedica exclusivamente ao tema, importa-se em salientar a formação de conglomerados regionais pelos imigrantes europeus, especialmente ao Sul do país, as desigualdades sociais expressas racialmente pela depreciação do negro e do mulato e por uma questionável – do ponto de vista dos estudos culturais abordados nesse trabalho – homogeneidade cultural que o antropólogo confere ao

Brasil e a ausência de “lealdades étnicas extranacionais” (2008, p, 243) que fizeram com que os diversos povos fossem assimilados culturalmente pelo Estado-nação.

O conjunto, plasmado com tantas contribuições, é essencialmente uno enquanto etnia nacional, não deixando lugar a que tensões eventuais se organizem em torno de unidades regionais, raciais ou culturais opostas. Uma mesma cultura a todos engloba e uma vigorosa autodefinição nacional, cada vez mais brasileira, a todos anima. (RIBEIRO, 2008, p.243).

Embora concorde com a definição de Darcy Ribeiro (2008) de que não há uma etnicidade exacerbada no Brasil, desconfia-se também da nomenclatura “homogeneidade” para tratar de questões culturais nacionais. Sobretudo, no Brasil, é Lesser (2001) quem vai questionar a ideia de uma definição nacional, “cada vez mais brasileira” (2008, p.243) e da “ideologia integracionista encorajadora do caldeamento” (2008, p.238), afirmadas por Darcy Ribeiro.

3.2.1 Imigração histórica no Brasil

A imigração histórica no Brasil pode ser pensada temporalmente até a primeira metade do século XX, quando há uma transformação dos fluxos de pessoas decorrentes de fatores geopolíticos, especialmente com as guerras mundiais, definindo-se, posteriormente, o período de imigração contemporânea, que ganha força na década de 1970²⁸, além de um amadurecimento industrial e urbano.

Se a história das migrações acompanha a história da humanidade, no Brasil as considerações de Klein (2000) compõem o cenário de fluxos de pessoas, especialmente europeus, a partir do século XVIII com a dinamização dos transportes e a busca pela terra. É importante ressaltar a relação que existe entre a história migratória no Brasil e a chegada dos europeus, pois é com a vinda destes que o Estado preocupa-se mais com políticas para estrangeiros como, por exemplo, a Provisão Régia, de 1747, que estimulava a migração de estrangeiros católicos ao sul do Brasil e, em 1890, o Decreto-Lei nº528, que prevê a aquisição de terras, reembolso e custos de viagem dos imigrantes, proibindo a entrada de imigrantes negros e asiáticos. (OLIVEIRA, 2011).

²⁸ Ver tópico 3.2.3.

O que se tem antes no Brasil é um processo de colonização de portugueses e a comercialização de escravos africanos, que não se adéquam ao panorama de imigração que esta pesquisa apresenta, visto que consiste em um deslocamento forçado pelo viés do tráfico de pessoas. Neste sentido, regido por políticas de imigração selecionada, o Brasil se apresenta no cenário político das migrações como um país avesso ao que o mito da miscigenação e da tolerância étnica tem manifestado na identidade nacional para poder observar, especialmente entre o fim do século XIX e o início do século XX, um incremento nas políticas de atração de imigrantes com fins econômicos e demográficos seletivos.

Alguns exemplos podem ser dados a partir dos conceitos de superioridade racial expressos por intelectuais como Nina Rodrigues e Silvio Romero, por exemplo, que relacionavam diametralmente o desenvolvimento do país ao número de povos não brancos. Segundo Schwarcz (2009), Rodrigues, de forma radical, argumenta que a mistura de espécies seria uma forma de degeneração, enquanto Romero advoga para uma forma de unificação nacional, acreditando, todavia, no embranquecimento geral da população. (FERNANDES, 2015).

A criação dos núcleos coloniais e sua finalidade de expansão das terras cultiváveis no país promoveu a vinda de colonos e trabalhadores agrícolas por meio de um “serviço de imigração”, batizado de “Serviço de Povoamento do Solo Nacional”, de 1921, visto que a herança escravista havia deixado marcas de preconceito aos trabalhadores da terra. Sobre essa relação da terra e os imigrantes, Márcio de Oliveira argumenta:

Em resumo, o objetivo aqui era de moldar a sociedade brasileira que deveria se organizar graças à imigração (...). Ou ainda talvez se assista aí a uma tentativa de miscigenação às avessas da população brasileira, ou seja, de brasileiros (brancos, mulatos ou negros) com europeus brancos. Mas, sobretudo, deve-se ver aí a organização de uma política de integração forçada, a exemplo da “Campanha de nacionalização” que seria posta em prática pelo governo Vargas ao final dos anos 1930. (OLIVEIRA, 2011, p. 13).

Para os estrangeiros, não só leis favoráveis eram encontradas no Estado brasileiro, mas em 1921, por exemplo, foi decretada a “Lei dos Indesejáveis”, que proibia, por parte do Estado, a imigração de doentes, portadores de deficiências e até pessoas acima de 60 anos, mesmo as que pudessem se manter sem ajuda externa. Além disso, a Constituição de 1934 define uma política de cota para imigrantes, além de restringir a estes a atividade partidária ou a formação de

qualquer tipo de associação, processo que se intensifica na Segunda Guerra Mundial com a proibição de manifestações culturais. Essas políticas restritivas coadunam para a criação, já na década de 1980, do Estatuto do Estrangeiro, preocupado em garantir a segurança nacional, colocando o imigrante sob jurisdição policial e penal. (FERNANDES, 2015).

Assim, pode-se presumir que as políticas migratórias no Brasil estiveram voltadas para a imigração branca e de ocupação de terras para a agricultura, terras que foram abandonadas após a abolição da escravatura. Negros, mulatos e asiáticos foram diferenciados em tais políticas, acompanhados pelos europeus apenas nos períodos das grandes guerras quando os alemães, por exemplo, deixaram de ser bem-vindos ao Brasil. Neste interim, é possível observar o processo de negociação que há entre nacionais e estrangeiros para uma construção cultural e identitária do país, visto que a presença de agentes externos foi fundamental para a construção do povo brasileiro, como afirma Darcy Ribeiro (2008).

3.2.2 A negociação da identidade no Brasil

Jeffrey Lesser (2001) enfatiza o que ele chamou de identidade hifenizada, como um importante momento da história do continente e do Brasil em tempos de negociação das identidades nacionais. Se hoje a ideia do pós-colonial avança as fronteiras nacionais para a construção das identidades, Lesser aponta a realidade migratória no continente como um impulso para a ideia de aculturação, princípio das teorias defendidas nesta dissertação sobre identidade cultural que valorizam o “outro” e sua potencialidade de incidir com sua cultura de fora, configurando uma espécie de “carnaval” bakhtiniano.

Lesser (2001, p.22) afirma que a ideia de aculturação, embora muitas vezes não reconhecida, prevaleceu sobre a ideia assimilacionista, que conferia a absorção da cultura estrangeira pela cultura nativa, gerando desconforto das elites nacionais, a ponto de:

Em 1889, a República foi proclamada, e o primeiro decreto do governo, com relação à imigração, proibia a entrada de asiáticos e africanos. Trinta anos mais tarde, o governo estendeu essa proibição a todos os que ele considerasse ‘africanos’ ou ‘asiáticos’, incluindo aqueles que jamais haviam

estado na África ou na Ásia. A imigração foi de fato a construção da identidade nacional. (LESSER, 2001, p.28).

A construção da identidade nacional no Brasil foi erguida sob a estratégia de “embranquecimento”, conforme podemos acompanhar nestes dados históricos. Se a chegada estratégica de brancos europeus trouxe características à identidade nacional conforme buscado pela política nacional, é indispensável contar, contudo, com as ditas identidades hifenizadas, que transformaram a unicidade da identidade brasileira em diversas formas como a identidade luso-brasileira, ítalo-brasileira, nipo-brasileira ou afro-brasileira, por exemplo, pluralizando as formas culturais do país.

Assim, “jamais existiu” uma identidade nacional, como afirma Lesser (2001, p.20), especialmente em um ambiente onde características globais “carnavalizaram” uma suposta unidade cultural. A hifenização, ainda que confira diferenças ao alemão, japonês, africano radicados no mesmo ambiente, não impediu que surgisse no país uma ideia de “mestiçagem”, segundo o autor.

3.2.3 Imigração no Paraná

“Em Curitiba, por exemplo, come-se broa com vina. Em lugar algum do Brasil sabe-se o que é vina, só o Paraná sabe que vina é a *wienerwurst*, a salsicha feita à moda de Viena”. (BORUSZENKO, 1986, p.61).

A citação acima diz muito sobre este tópico, pois ao ser descrita a imigração histórica no Paraná, mais especificamente na região do sul e sudeste do estado, conta-se também nuances culturais deixadas pelos primeiros europeus em terras paranaenses que aportaram no início do século XIX. Sem diferenciar-se abruptamente dos processos migratórios do centro-sul brasileiro, a imigração para o Paraná destaca-se pela elevada população eslava e pela formação de núcleos coloniais ao redor de centros urbanos, o que potencializou a formação de um rosto mais europeu nas regiões mais próximas à Curitiba.

Conhecido como o estado mais eslavo do Brasil até o início do século XX, pelos milhares de imigrantes europeus que desembarcaram nas terras paranaenses, como é o caso dos poloneses, ucranianos e mesmo os russos, mas também com a chegada intensa de alemães e italianos, o Paraná chamou a atenção de europeus

pelo clima temperado, próximo ao vivido no velho continente (OLIVEIRA, 2012). A primeira chegada de imigrantes no estado é datada em 1816 com a vinda de 50 casais açorianos, nos municípios que hoje são Rio Negro e Mafra, seguido pelo estabelecimento da primeira colônia alemã em 1829, com a chegada de 100 imigrantes na mesma região. A chegada massiva de europeus a partir do século XIX é influenciada pelo decreto de 1808, que torna possível a propriedade de terras a imigrantes. (BORUSZENKO, 1986).

Após as medidas antiescravistas, as províncias se viram insuficientes de mão de obra agrícola e a solução passa a ser o incentivo da chegada de imigrantes europeus para a realização deste trabalho. O Paraná se destaca frente a outras províncias no Brasil por criar uma agricultura de abastecimento, desenvolvendo um plano de colonização baseado no estabelecimento de colônias agrícolas em volta dos novos centros urbanos, especialmente na região de Curitiba e, posteriormente, estendendo-se ao litoral e a região dos Campos Gerais. (BORUSZENKO, 1986).

Neste sentido, a figura de Adolfo Lamenha Lins ganha importância na história da imigração no Paraná, pois, ao se tornar governador em 1875, o mesmo incentiva a formação de tais colônias agrícolas e deixa, segundo Wachowicz (2001), uma “teoria” sobre a forma de promover a colonização europeia, como a necessidade das colônias ficarem próximas de seus centros consumidores; a facilidade para o transporte dos imigrantes nas colônias, a ligação do colono à terra que habitava, facilitando a aquisição da mesma; o auxílio financeiro a cada imigrante maior de 10 anos de idade; a divulgação da verdade sobre a nova pátria e; a construção de escolas e capelas nas colônias.

Após esse auxílio estatal aos imigrantes, os anos decorrentes – especialmente a partir de 1885 – se destacam pela iniciativa privada no fomento da chegada dos europeus, especialmente com a formação de associações de colonização. Essas, “tinham agentes de imigração na própria Europa, que arregimentavam candidatos a imigrantes por toda a Europa, sobretudo entre a população agrária”. (BORUSZENKO, 1986, p.57). Boruszenko conta ainda que a chegada de europeus foi, em alguns casos, motivada por mitos, como a ideia de que Nossa Senhora, no Brasil, havia pedido para que poloneses habitassem o país para lá construíssem um reino de felicidade. Percebe-se na pesquisa que, embora as histórias sejam diferentes, a ideia exacerbada sobre o lugar de destino é ainda recorrente, mesmo na imigração haitiana ao Brasil, em pleno século XXI.

Como afirmado anteriormente, um dos destaques da imigração no Paraná se deu pelo estabelecimento de núcleos coloniais nos centros urbanos. Essa iniciativa, contudo, acabou limitando-se a áreas já ocupadas, não contribuindo para a ocupação do resto do estado. As regiões norte, sudoeste e oeste do Paraná, por exemplo, destacaram-se pelas migrações internas, especialmente por paulistas e mineiros, e pela chegada de imigrantes não europeus (como os japoneses no norte do Paraná), realizadas bem posteriormente às ocupações no sul e sudeste do estado. (BORUSZENKO, 1986; WACHOWICZ, 2001).

Há um incentivo pela imigração europeia, ainda motivada pelas políticas de embranquecimento surgidas com a proclamação da República, que desqualificaram a vinda de asiáticos e negros ao país. Como um estado novo, o Paraná ainda constrói sua história migratória ao longo do século XX, desde um rompimento da chegada de alemães, devido às guerras mundiais, até a explosão populacional ocorrida na década de 1960/70. A força da imigração europeia no Paraná pode ser enumerada através de dados da entrada de pessoas até 1948:

TABELA 1 - CHEGADA DAS CINCO PRINCIPAIS NACIONALIDADES MIGRANTES AO PARANÁ ATÉ 1948.

Poloneses	57 mil
Ucranianos	22 mil
Alemães	20 mil
Japoneses	15 mil
Italianos	14 mil

FONTE: WACHOWICZ, 2001, p.158.

Reconhecendo que a formação do Paraná passa pelos esforços de imigrantes europeus, Wachowicz (2001) salienta que houve uma transformação modernizante na sociedade paranaense a partir dessas contribuições. Por exemplo, o autor afirma que esse processo lançou bases para o surgimento da classe média; desenvolveu um ciclo rodoviário próprio; recuperou a dignidade do trabalho braçal ocasionada pela herança escravista; deu início a indústrias pelo estado; criou uma arquitetura característica e, conseqüentemente, tornou o Paraná majoritariamente branco.

3.2.3.1 A Curitiba moderna: cidade migrante

A história de Curitiba se confunde com a do estado do Paraná, até pelo fato desta ser sua capital desde 1854, quando somava ainda 161 anos. Se nos primeiros anos a nova capital tinha cerca de 10 mil habitantes, até o fim do século XIX os moradores já passavam de 25 mil. As presenças de alemães e poloneses nesta época se tornaram evidentes a ponto de a população branca passar a compor 79% da cidade, contra 44% da média nacional, diferença sinalizada até hoje entre os 53% que se declaram pretos e pardos no Brasil e os 19,7% em Curitiba, segundo dados do IBGE de 2010. Além da raça, a forma europeia de ser – especialmente a alemã e polonesa – também influenciou Curitiba no comércio, escolas, comunidades religiosas, associações e imprensa.

Construída por décadas pelos imigrantes, especialmente de origem europeia, Curitiba segue a lógica de grandes centros urbanos brasileiros ao se configurar como destino de imigrantes, agora com características distintas àqueles primeiros que chegaram à capital paranaense. Imigrantes latinos, refugiados da Ásia e africanos constituem as novas migrações e já são facilmente visualizados em algumas praças da cidade, como ponto de encontro e de trabalho (especialmente para os africanos com a venda de bijuterias) e em bairros tradicionais de imigrantes, como Santa Felicidade, historicamente construído pela colonização italiana, mas que agora cede um espaço considerável à leva de haitianos.

Estes, como afirmado anteriormente, têm em Curitiba seu 4º principal destino no país, o que exige da maior cidade da região Sul do Brasil novas reflexões sobre o deslocamento humano. Por exemplo, uma das decisões tomadas recentemente em relação às políticas para migrantes se concretizou no Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos de Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná (2014-2016), vinculado à Secretaria de Estado de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná, e efetivado mediante intensa pressão das organizações de apoio. O documento, que é inédito no Brasil, acompanha uma série de movimentações em prol dos migrantes, como o Comitê Estadual para Refugiados e Migrantes, criado em 2012, por meio do Decreto Estadual nº4289, como afirma o próprio Plano. O mesmo tem por principal objetivo “proporcionar meios para a construção e implementação de políticas públicas

voltadas à proteção dos direitos da população de Migrantes, Refugiados e Apátridas no Estado do Paraná”. (PARANÁ, 2014, p.20) e enfoca seis principais eixos: educação; família e desenvolvimento social; saúde; justiça, cidadania e direitos humanos; segurança públicas; e trabalho.

3.2.4 Imigração no Brasil contemporâneo

A história mostra que o Brasil foi construído também por imigrantes que, buscando melhores condições de vida, chegaram ao “novo continente” e tornaram o Brasil uma importante nação multicultural no mundo. O período que vai do início do século XIX até meados da década de 1960, quando há uma diminuição dos fluxos migratórios, é considerado pela pesquisa como “imigração histórica”. A partir dos últimos 30 anos do século XX e o início de século XXI, nota-se um aumento de fluxos dos países latino-americanos para a Europa, Japão e, principalmente, aos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que há um arrefecimento das migrações entre os países latinos nas décadas de 1970 e 1980. No entanto, a partir da década de 1980 incrementam-se as migrações latinas para o Brasil, especialmente se levarmos em conta que, mesmo havendo um decréscimo de estrangeiros no país, segundo dados dos anos 1950 até 2000, houve, concomitantemente, um aumento contínuo, a partir de 1970, de imigrantes bolivianos, peruanos e colombianos. (COGO e BADET, 2013).

Na virada do século, o decréscimo do número de estrangeiros no Brasil diminuiu, até chegar ao ponto de voltar a crescer a partir de 2010. Dados provenientes do Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça do ano de 2011 confirmaram um aumento de quase 50% de imigrantes no Brasil em relação a 2010, quando um crescimento já havia sido constatado em relação aos anos anteriores. Este aumento inclui diversos fatores, dentre eles o impulso econômico que o país viveu no início dos anos 2000 e a propaganda nacional a partir de grandes eventos esportivos, como já citados na Introdução.

A partir da década de 2010 são reforçados também os fluxos de haitianos ao Brasil, o que contribui substancialmente para o aumento de estrangeiros residentes:

1,87 milhão de pessoas, segundo dados de 2015 da Polícia Federal²⁹. Em relação aos refugiados, dados da Acnur/ONU revelam que em 2014 o Brasil teve 11 mil solicitações de refúgio das 860 mil do mundo. Ainda que esse número não considere os aproximados 50 mil haitianos que se encontram no país hoje, a quantia pode ser considerada baixa se for dimensionada a capacidade que temos como 5º maior país do globo terrestre. Como a característica de refúgio é mais específica, se relacionada à imigração, o número de imigrantes no Brasil é bem maior do que as 11 mil solicitações expostas anteriormente: aproximadamente 833 mil estrangeiros estão registrados no Brasil na última pesquisa realizada pelo Observatório de Migrações da Universidade de Brasília (OBMigra/UnB)³⁰. Esse número demonstra um déficit de entradas para saídas no território brasileiro, ou seja, há mais brasileiros saindo do país do que estrangeiros entrando, segundo o levantamento da mesma organização. Outra informação levantada pelo OBMigra/UnB é de que a imigração para o Brasil, de fato, é uma imigração para o Sul do país, sendo que 75% buscam nos três estados do Sul brasileiro, além de São Paulo, lugares para viver.

A partir deste panorama de um novo crescimento de mobilidade, as políticas migratórias no Brasil têm voltado à tona nos debates públicos, especialmente por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e do Comitê Nacional para Refugiados (Conare). Ambos os órgãos reúnem uma gama de organizações da sociedade civil e classe política que debate, sobretudo, a nova Lei de Imigração, que busca substituir o Estatuto do Estrangeiro, em vigor nos últimos 35 anos, decorrente da Ditadura Militar brasileira e que conferia ao Estado uma cautela sobre os imigrantes a partir da ideia de segurança nacional. Dentre as principais diferenças entre um e outro, a mudança do Estatuto para a Lei aumentaria a proteção aos imigrantes no país e desburocratizaria a concessão de vistos para investidores e estudantes, facilitando também o acesso ao visto humanitário a qualquer nacionalidade³¹.

²⁹ http://www.brasilpost.com.br/2015/06/03/fluxo-haitianos-brasil_n_7503292.html?utm_hp_ref=brasil-mundo

³⁰ Observatório de Migrações – UnB. Relatório de situação de pesquisa. Curitiba, 6 nov. 2015. Palestra proferida na Universidade Federal do Paraná.

³¹ <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/02/projeto-de-lei-de-migracao-e-aprovado-pela-comissao-de-relacoes-exteriores>

A forma restritiva do Estatuto do Estrangeiro não é novidade, no entanto, relaciona-se à ideia clássica da migração seletiva, segundo a qual, os países, inclusive o Brasil, selecionavam o tipo de imigrante desejável ao país, especialmente nas políticas de embranquecimento e no período das guerras mundiais. Além disso, o Estatuto em vigor no país restringe a participação política de migrantes em território nacional, reservando aos nacionais a “cidadania plena”.

Atualmente as referências sobre os imigrantes e refugiados têm tido certo destaque na mídia brasileira por conta da chegada massiva de haitianos pelo Acre, destinando-se especialmente para São Paulo e outros grandes centros, como Curitiba. Ao se comparar à diáspora do norte da África e de países do Oriente Médio para a Europa, o Brasil tem recebido estes refugiados em menor número, mas a cobertura midiática intensifica todos esses fluxos, chamando a atenção da população para o fenômeno migratório. Pelas mídias sociais já é possível perceber diferentes atitudes em relação à vinda daquele que é diferente: relações de solidariedade e expressões de xenofobia atingem tanto a Europa quanto o Brasil e, para isso, tornam-se necessárias políticas que garantam o bem-estar da população receptora e também da que chega ao novo território. Neste sentido, algumas políticas públicas aos imigrantes têm sido expandidas, como é o caso do Bolsa Família³². Outra situação que tem se agravado é a exploração da mão de obra estrangeira, possibilitada pelo desconhecimento de leis e direitos pelos imigrantes no país. Neste sentido, são imprescindíveis políticas de informação e leis mais rigorosas frente às falsas promessas de trabalho que frequentemente se concretizam na escravidão moderna.

Em relação ao trabalho, principal aspecto da mobilidade interna de imigrantes, pelo que a experiência cotidiana do próprio pesquisador tem notado, levantamento do OBMigra/UnB (2015) afirmou que houve um aumento de 126% da participação de imigrantes no mercado formal de trabalho, sendo que a grande maioria se deve à entrada dos haitianos nesse nicho (de 815 haitianos no mercado formal de trabalho em 2011 para 30 mil em 2014). Outro dado importante trazido pelo Observatório de Migrações da UnB é a área em que atuam estas pessoas: o

³² O Bolsa Família começou a ser distribuído aos imigrantes em 2014, mas o auxílio já contemplava esse segmento desde a criação do Programa, em 2003, segundo informações do Ministério do Desenvolvimento Social. Para receber o auxílio o imigrante precisa estar legalizado no país e estar com os documentos em dia.

final da cadeia produtiva do agronegócio (por exemplo: o corte de aves) ocupa a primeira colocação, seguido pela construção civil. Com a intensa procura por emprego nos estados do Sul e Sudeste, houve um decréscimo no número de empregabilidade em cidades como São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis. No entanto, tem havido uma expansão de imigrantes para o interior dos estados, onde há oferta de trabalho, especialmente pelo baixo salário oferecido a este tipo de trabalhador, que se apresenta em 60% dos casos com ensino superior.

3.2.5 A diáspora haitiana

Segundo o antropólogo haitiano Joseph Handerson (2015), são considerados quatro os momentos da diáspora haitiana, que se inicia no processo de colonialismo, até uma última diáspora, de caráter socioambiental, já no século XXI. Antes de comentá-las, torna-se importante ressaltar um aspecto da pesquisa de doutorado de Handerson que marca o mundo social haitiano, ligado ao fenômeno da mobilidade. A pesquisa realizada por ele com compatriotas revela um sentimento de “obrigação” e “predestinação” pela mobilidade por meio de falas expressivas como “Desde que nasci, meu sonho era partir um dia” ou “Tenho de viajar um dia para *peyi etranje*³³”. (HANDERSON, 2015, p.67).

Este sentimento, segundo o antropólogo, provém dos tempos do Haiti como colônia e a busca pela libertação do país e, concomitantemente, dos escravos trazidos da África. A independência do Haiti, datada em 1º de janeiro de 1804, foi fruto de um processo de dez anos de lutas entre escravos e colonizadores franceses, sendo que a vitória, chamada de Batalha de *Vertières*, tem um sentido histórico e de valorização nacional por se constituir como a primeira independência de um país frente ao colonizador (francês, no caso) por mãos de escravos³⁴.

No entanto, o processo de independência uniu diversos interesses e uma constante mobilidade forçada de haitianos para países como França, República Dominicana e Estados Unidos gerando no Haiti uma cultura de mobilidade e

³³ “País estrangeiro”, na língua crioula, do Haiti.

³⁴ Outra data importante para os haitianos é 18 de maio, Dia da Bandeira Haitiana, criada pelos revolucionários meses antes da conquista da independência contra a França de Napoleão Bonaparte.

marronnage, que se refere à fuga do trabalho escravo pelos colonos. Esta prática carrega ainda hoje a nomeação de *marrons* a indivíduos que fogem do Haiti por diversos motivos, como brigas familiares, feitiçaria ou vodu, ou mesmo por questões políticas e jurídicas. (HANDERSON, 2015).

A partir desse contexto, é possível pensar as diásporas haitianas, que tiveram sua primeira expressão no período em que as forças militares estadunidenses ocuparam o Haiti (1915-1943) e a República Dominicana (1912-1924). Com o avanço da indústria de cana-de-açúcar para a República Dominicana e Cuba, principalmente, houve uma escassez de mão de obra para o campo, o que levou à vinda de haitianos, chamados de *braceros*. Handerson (2015) sinaliza que a ocupação americana e a consequente diáspora haitiana deveram-se ao lugar estratégico em que esses países estavam localizados, como possíveis instalações alemãs no contexto das grandes guerras mundiais. No entanto, a própria discriminação acometeu o Caribe internamente, fazendo com que a República Dominicana ordenasse o assassinato de milhares de haitianos que ocupavam seu território.

A segunda diáspora, afirma Handerson (2015), está relacionada à, cada vez mais constante, presença estadunidense no Haiti, tornando obrigatório o ensino do inglês e aumentando consideravelmente o número de igrejas protestantes no país. Somada a essa interferência cultural, que foi responsável pelo envio dos filhos da elite haitiana aos Estados Unidos, de 1957 a 1971 o Haiti foi dirigido sob a ditadura de François Duvalier e a proclamação do mesmo como “Presidente vitalício” reconfigurou a dinâmica migratória no país:

A autoproclamação de “Presidente vitalício” de François Duvalier em 1964 assustou os intelectuais e a classe média negra (médicos, advogados, professores) que não demoraram para ir ao exílio. Entre 1957 – o ano de ascensão de Duvalier ao poder – e 1963, 6.800 haitianos foram para os Estados Unidos com visto de imigrantes e outros 27.300 com visto temporário. Entre o ano da autoproclamação em 1964 até o ano da sua morte em 1971, os serviços de imigração estadunidense registraram 40.100 imigrantes e 100.000 não-imigrantes oriundos do Haiti³⁵ (AUDEBERT, 2012, p. 26-27).

Handerson (2015) utiliza essa informação para prosseguir na descrição de múltiplos destinos dos haitianos pelo mundo nessa segunda diáspora, especialmente para países francófonos, como o Canadá (região do Quebec), com 90

³⁵ Tradução de Handerson (2015).

mil pessoas até 2001; países africanos como Senegal, Benin e República do Congo; Bahamas a partir de 1940, onde existem entre 40 mil e 70 mil haitianos; a Guiana Francesa, a partir de 1963, e, conseqüentemente, a França, que recebeu os primeiros haitianos somente na década de 1960, mas que na década de 1990 já contava com 20 mil imigrantes do país caribenho.

No entanto, é para os Estados Unidos o principal fluxo de haitianos, especialmente no que se refere ao fenômeno no *boat people*, quando aproximadamente 60 mil haitianos, de 1977 por eles próprios. Destes milhares de imigrantes, muitos outros morreram no Oceano Atlântico e outros foram naufragados por agentes estadunidenses, o que gerou a “mobilização de diversos militantes e instituições religiosas, políticas e associativas em prol dos direitos humanos”. (HANDERSON, 2015, p.72).

O terceiro período da diáspora haitiana está alocado na década de 1990 e relaciona-se com as conturbadas sucessões presidenciais no país, especialmente pelas três passagens do governo nacional de Jean-Bertrand Aristide, que ocupou, ao todo, oito anos no governo ao longo de 13 anos. Os sucessivos golpes espantaram os haitianos, que buscaram refúgio em países vizinhos, além de Cuba e Estados Unidos.

A quarta diáspora é a vivenciada atualmente pelo povo haitiano e é a que insere o Brasil na rota em questão, embora Handerson (2015) afirme que a mobilidade não ocorreu apenas externamente, mas mobilizou pessoas – ainda que pela primeira vez – para o interior rural do Haiti.

Agravada pelo terremoto de 7,3 pontos na escala Richter que devastou a capital Porto Príncipe em 2010, a crise haitiana decorria de fatores políticos, sociais e econômicos que foram agravados com o desastre ambiental, tornando o país incapaz de reerguer-se sozinho. Dos 10 milhões de haitianos, o terremoto matou aproximadamente 300 mil, deixando 500 mil feridos e 3 milhões desalojados, como informa Fernandes (2015) em sua pesquisa. Além disso, comenta a pesquisadora (2015):

O Haiti, que já contava com ajuda humanitária antes mesmo da catástrofe, recebeu então doações, reforços de efetivo nas missões já estabelecidas (MINUSTAH, *Médecins Sans Frontières* e *USAid*, entre outros) e recursos para auxiliar na reconstrução do país. Além da presença de militares e forças humanitárias brasileiras, medida provisória assinada pelo então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, em 26 de janeiro de 2010, destinou US\$ 230 milhões para ajuda ao Haiti. Somados a outros gastos com a ajuda humanitária, perto de US\$ 400 milhões foram cedidos ao Haiti

pelo Brasil. Neste contexto, começa a circular na mídia haitiana um discurso sobre a postura humanitária do Brasil – do governo e do povo brasileiro – e sobre o novo momento econômico do país. (FERNANDES, 2015, p.41).

Assim, percebe-se que o Brasil não mostrou ser o principal destino dos haitianos ao longo dessa história de diásporas, mas as atuais políticas tornam o tal fluxo constante, a fim, não só de trazer novos parâmetros para a diáspora haitiana, mas também para novas formas de recepção do Estado brasileiro, a partir de uma política humanitária e de eixo migratório Sul-Sul.

3.2.6 A relação Brasil-Haiti

O acordo de ajuda humanitária do Brasil para o Haiti, após o terremoto de 2010, mobilizou um grande número de oficiais brasileiros na reconstrução do país caribenho através da Minustah, e, ao mesmo tempo, trouxe uma leva de haitianos a terras brasileiras pelas portas do Acre, rumando, em sua maioria, para São Paulo e, em número considerável, para Manaus e Curitiba.

Embora este tópico já tenha sido adiantado na Introdução, é importante ainda ressaltar que o Brasil acabou se tornando nos últimos anos o país da América Latina com o maior número de pedidos de refúgio³⁶. De 2010 a 2014 houve um aumento de 2.123%, segundo o Ministério da Justiça, passando de 1.165 pedidos para 25.996³⁷. É importante lembrar que os haitianos, maior número de imigrantes neste espaço de tempo, não estão inseridos como refugiados, mas sim como uma migração humanitária, recebendo o visto humanitário de permanência. Por parte do Haiti, o Brasil, desde 2010, foi o país que mais contribuiu com sua reconstrução através da cooperação com a ONU, superando, inclusive, os Estados Unidos,

³⁶ Dados de agosto de 2015 do Ministério da Justiça trazem os países com mais pedidos de refúgios no Brasil, nesta ordem: Síria (2077 pedidos); Angola (1480); Colômbia (1093); Rep. Democrática do Congo (844) e Líbano (389). Extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1671083-numero-de-refugiados-no-brasil-quase-dobra-em-quatro-anos.shtml?cmpid=fb-uolnot>

³⁷ <http://www.dw.com/pt/chegada-de-refugiados-pressiona-brasil-a-reorganizar-fluxo-migrat%C3%B3rio/a-18498897>

“apoiador”³⁸ histórico dos haitianos. Uma das iniciativas, por exemplo, foi lançar no segundo semestre de 2015 de 43,8 mil solicitações de residência permanente para haitianos no país³⁹, que pode acarretar, futuramente, em um aumento de fluxos Haiti-Brasil.

Com estes acordos, torna-se evidente no cenário midiático, social e acadêmico que a migração de haitianos para o Brasil se consolida como o principal fluxo migratório para o país. Além dos acordos que propiciam elevadas levadas de imigrantes, outras evidências são caracterizadas pelas inúmeras mídias que surgem, como a comunidade do Facebook *Haitianos no Brasil*, que visa a integração entre brasileiros e haitianos; e o site *Haiti Aqui*, vinculado à ONG Viva Rio, que dá apoio ao haitiano e promove sua cultura em diversos idiomas.

Outra forma de perceber tal incidência vem pelas próprias pesquisas sobre imigrantes e o aumento expressivo de pesquisas sobre o Haiti, como é o caso do Observatório de Migrações da UFPR, criado em 2015, e que se debruçou sobre a presença dos nativos do país caribenho no Paraná em uma extensa pesquisa. Na mídia brasileira pode-se notar um destaque também: com um monitoramento de 1 (um) mês, apenas com a palavra-chave *haitianos*, foram encontradas 72 menções ao termo em títulos de matérias na internet através do *Google Alerts*, conferindo uma média de 2,2 menções diárias apenas ao referido termo. Dentro do período de acompanhamento (14/10/15 a 14/11/15), as principais notícias se referiam ao assassinato de um haitiano no Brasil e às eleições presidenciais haitianas, que possivelmente seria pouco noticiada se não houvesse esta relação entre ambos os países.

Neste sentido, é importante construir este referencial para podermos chegar ao estágio metodológico, buscando compreender como são realizados processos comunicativos dos haitianos no Brasil, não só representados pela mídia, mas pelos próprios sujeitos dessa pesquisa, os quais buscam também direitos e políticas públicas que atendam necessidades primordiais. Considerando isso, passamos para

³⁸ As aspas relativizam o apoio dos Estados Unidos, visto que desde o processo de independência houve inúmeros interesses por parte destes sobre o Haiti, contribuindo, inclusive, nas ditaduras que acometeram o país caribenho.

³⁹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/ministros-assinam-ato-concedendo-autorizacao-de-permanencia-para-haitianos>

o capítulo metodológico, que descreverá também organizações de apoio aos haitianos em Curitiba, tidas nessa pesquisa como agentes importantes para a realização de tais processos comunicacionais.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

O capítulo metodológico apresenta algumas etapas, que se iniciam pela construção de concepções gerais que demarcam o território epistemológico da pesquisa e suas relações como abordagem teórico-metodológica dos estudos culturais. Esta abordagem alinha-se à Hermenêutica de Profundidade, organizada por John B. Thompson, em 1990, em seu livro *Ideologia e Cultura Moderna* (2011), conformando a estrutura dessa pesquisa de mestrado.

Ao seguir essa estrutura, os objetivos da pesquisa se integram à proposta, que culminam na exploração das técnicas de coleta e análise, sendo elas, respectivamente, a observação não participante e entrevistas; e a análise de conteúdo. Por fim, o capítulo descreve as organizações de apoio aos migrantes em Curitiba, visto que a pesquisa parte do pressuposto que as mediações realizadas por essas organizações têm papel central na construção da identidade dos indivíduos no novo território geográfico-cultural.

*

Compreende-se que a pesquisa, ao utilizar os estudos culturais como base teórico-metodológica, encontra-se na dimensão da Teoria Crítica pela marca presente do marxismo de ótica gramsciana. Sobre isso, afirma Ambrosino (2009):

Outra forma de teoria crítica que emergiu nos últimos anos como um importante domínio de estudo são os estudos culturais, um campo de pesquisa que examina como a vida das pessoas é moldada por estruturas repassadas historicamente de geração em geração. Os especialistas em estudos culturais estão preocupados antes de tudo com textos culturais, instituições como os meios de comunicação, e manifestações da cultura popular que representam convergência entre história, ideologia e experiências subjetivas. (AMBROSINO, 2009, p.28).

A Teoria Crítica compreende uma dimensão ontológica a partir de um realismo histórico, que é construído junto às teorias da globalização e aos fenômenos migratórios contemporâneos como uma das consequências deste processo. A dialogicidade se encaixa de modo importante na perspectiva dos estudos culturais, pois ao valorizar culturas de resistência (no caso, culturas migrantes), o trabalho põe em questionamento valores culturais hegemônicos para dar visibilidade a formas híbridas de vida, identidade e territorialidade.

A partir destas decisões filosóficas é possível estabelecer decisões operacionais para a pesquisa, como métodos e técnicas. Antes, ainda, é necessário pontuar que o tipo de pesquisa é de abordagem qualitativa e terá como principal metodologia a Hermenêutica de Profundidade.

4.1 A HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE (HP)

A HP é o primeiro ponto da metodologia deste trabalho, pois compõe uma relação entre teoria e abordagem metodológica, sendo esta sublinhada pela presença da cultura e da ideologia que aqui se fazem presentes, seja pela vertente dos estudos culturais expressos no olhar sobre o multiculturalismo da globalização, seja pela vertente comunicacional que assume a ruptura epistemológica de Martín-Barbero (2004), modificando o lugar da análise comunicacional do emissor para o receptor, dos meios para as mediações. Antes de se aprofundar sobre a cultura, faz-se necessário levantar alguns pontos pelos quais se escolheu a HP como abordagem metodológica.

John B. Thompson, que constrói o mapa desta metodologia, argumenta que a mesma tem como “objeto de análise uma construção simbólica significativa, que exige interpretação” (2011, p.355), e essas formas simbólicas – que podem ser textos, falas ou ações – construídas sobre distintos contextos sociais e históricos podem ser inter-relacionadas com outros métodos, de forma que supram a deficiência da análise positivista no que tange à capacidade interpretativa. Por formas simbólicas compreende Thompson:

As formas simbólicas são construções significativas que são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e recebem, mas elas são também construções que são estruturadas de maneiras definidas e que estão inseridas em condições sociais e históricas específicas. (2011, p.365).

Essas formas simbólicas, caracterizadas pelas construções significadas, ao mesmo tempo em que são dotadas de uma estrutura específica, correspondem às práticas comunicativas realizadas pelos haitianos, objetos da pesquisa. Caracterizadas pelas múltiplas interações, tais processos não desenvolvem seus circuitos no vazio, mas apresentam estruturas estabelecidas que colocam o produto

comunicativo em circulação. (BRAGA, 2012). Considerando este fluxo contínuo sem ser totalmente livre de qualquer direção de circulação, as formas simbólicas referendadas por Thompson (2011) estão em estreita relação com o objeto deste trabalho.

Thompson (2011) delinea algumas condições dessa investigação sócio-histórica considerando o campo de análise das ciências sociais como um campo-sujeito. Sua argumentação reside no fato de que a pesquisa social considera o objeto um “território pré-interpretado” (p.358) e, por isso ele é um campo-sujeito, pois o objeto não é apenas observado, mas construído por sujeitos que se preocupam em compreender a si mesmos e aos outros, interpretando falas e ações ao seu redor por meio da vida cotidiana.

Assim, quando os analistas sociais procuram interpretar uma forma simbólica, por exemplo, eles estão procurando interpretar um objeto que pode ser, ele mesmo, uma interpretação (...) os analistas estão oferecendo uma interpretação de uma interpretação, estão re-interpretando um campo pré-interpretado. (THOMPSON, 2011, p.359).

Desta forma o autor acentua que na análise social o sujeito que constitui o campo também pode refletir e compreender. Thompson fala de uma retroalimentação deste sujeito frente ao resultado do analista social numa “relação de apropriação potencial” (2011, p.359). Exemplo dessa apropriação é a própria pesquisa aqui realizada que faz uma análise a partir da realidade sócio-histórica vivida e também ressignificada pelos migrantes haitianos no decorrer de seus trajetos pessoais e coletivos.

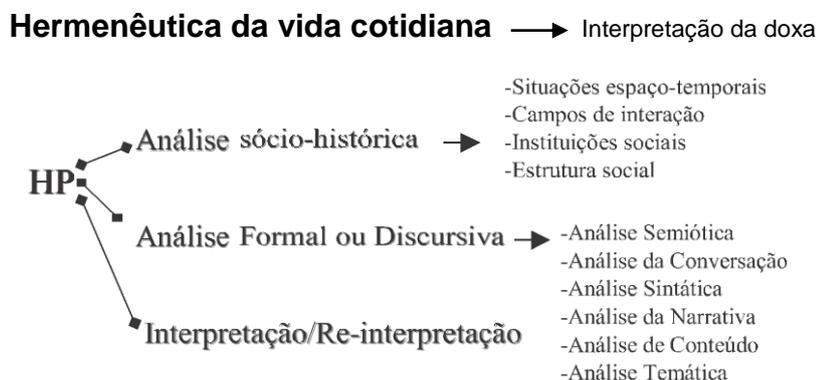
Disso pode se extrair a importância da hermenêutica, que considera que os humanos estão inseridos em tradições históricas, sendo eles (nós) partes delas e, por isso, o processo de compreensão é “mais do que um encontro isolado de mentes”. (Idem, p.360). Thompson fala também da experiência com a historicidade, ressaltando que os resíduos do passado não servem apenas para ser referência ao presente, mas também para mascarar conflitos sociais deste tempo. E isso diz respeito às tradições, que por muitas vezes são recentes, mas conformam as ações e interpretações através de aparatos ideológicos como relações históricas de gênero, raça e religiosidade em determinados espaços.

Thompson (2011) apresenta um referencial metodológico claro e sistematizado, apesar de assumir a dificuldade e a necessidade da profundidade do pesquisador para esta análise hermenêutica. Pensando na estrutura da cultura, o

autor explica que a análise cultural, em síntese, “é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”. (2011, p.363). O autor considera a hermenêutica da vida cotidiana como um ponto de partida primordial e considera enfoques etnográficos que abarcam entrevistas e observação participante, por exemplo, como formas de aplicação de procedimentos para a compreensão dos contextos e significados.

Esse processo, que é interpretativo do ponto de vista do cotidiano, consiste no que Thompson chama de *interpretação da doxa*, ou seja, a interpretação de opiniões e crenças que sustentam as compreensões dos indivíduos no mundo social como fundamentais para entender como as pessoas compreendem as formas simbólicas. (2011, p.364). Este passo configura-se como um momento etnográfico, que reflete sobre como as pessoas pensam o mundo a sua volta de modo interpretativo, reconstruindo esta realidade com base no acompanhamento etnográfico. Sobre a *doxa*, Thompson critica as análises que se conformam em tratar a *doxa* como todo o aporte investigativo e não só como uma das partes fundamentais. Thompson (2011) apresenta um quadro que considera formas da investigação hermenêutica: a primeira sendo a hermenêutica da vida cotidiana e a interpretação da *doxa*; e uma segunda, sendo o referencial metodológico da HP, que se divide em três: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva, interpretação/reinterpretação. O quadro abaixo sistematiza isso de forma mais clara:

FIGURA 1 – Esquema metodológico da Hermenêutica de Profundidade.



FONTE: Thompson (2011).

Assim, o primeiro momento desta pesquisa consiste no acompanhamento, de caráter etnográfico, do cotidiano dos haitianos no que se refere aos processos comunicativos junto às organizações de apoio, podendo ou não apresentar formas mediatizadas. Especialmente mediada pelas organizações de apoio aos haitianos, a hermenêutica da vida cotidiana não apresenta apenas um relato de campo, mas também a interpretação dessa relação cotidiana, expressa por meio do acompanhamento de momentos coletivos do grupo de imigrantes haitianos, a fim de notar suas formas de identificação e reconhecimento construídas nesse processo comunicativo.

Já referida à primeira parte da HP, a interpretação da *doxa* é seguida pela análise sócio-histórica. Thompson afirma que “o objetivo da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (2011, p.366), cujos contextos são situações localizadas no espaço-tempo, campos de interação (ex: campo educativo), instituições sociais (localizadas dentro dos campos de interações; como a escola, por exemplo, no que se refere ao campo educativo) e a própria estrutura social, cuja característica é mais aprofundada e durável, mesmo em comparação aos outros aspectos.

Thompson (2011) considera a análise sócio-histórica como uma forma de compreender a contextualização das formas simbólicas. Ele deixa claro que vê dividida a produção, a circulação e a recepção destas, mas ao mesmo tempo reconhece o caráter implícito do processo de produção, articulado pela adaptação às condições de circulação e recepção, o que possibilita um diálogo mais próximo a partir do panorama das teorias latino-americanas.

As construções simbólicas que circulam nos campos sociais têm uma estrutura articulada que demanda a análise discursiva/formal. As formas simbólicas são os produtos de ações, contextualizados e estruturados, por isso sempre dizem alguma coisa sobre algo. Desta forma, esta análise se interessa pelo que há de interno nas formas sociais (estruturas, padrões e relações).

Esta é a parte da HP a qual Thompson (2011) mais referencia em sua contribuição metodológica. Não que ela seja mais importante do que as outras, mas é nessa etapa que o autor considera central a ideia da estrutura, importante para a análise da hermenêutica. Da mesma forma, a análise sócio-histórica também é a que está mais implícita neste trabalho através da construção teórica, com base nos estudos culturais. E tendo esta metodologia como norte para a evolução da

pesquisa, o referencial teórico que discorre sobre a interação dos Estados-nação à globalização e do nacional ao multicultural, revela o cenário sociológico do universo pesquisado. Ao mesmo tempo, a mediação e a midiatização desvelam, ainda com os olhos do cultural, seu cenário comunicativo, da mesma forma que a construção do capítulo sobre a imigração no Brasil e no Haiti revela o cenário histórico da pesquisa.

Ao adentrar na etapa da análise formal ou discursiva, Thompson (2011) cita a semiótica de Barthes como um componente desta análise e que compõe o primeiro interesse dessa etapa: a constituição interna das formas simbólicas. Embora Thompson fale da semiótica, afirma ele a possibilidade de outros tipos de análises a serem aplicadas, como no caso desta pesquisa, que opta pela análise de conteúdo dos processos de midiatização observados.

Para compreender melhor a abrangência da análise discursiva/formal de Thompson, faz-se fundamental entender que o autor compreende o discurso como “instâncias da comunicação correntemente presentes” (2011, p.371). Neste sentido, esta análise não quer “testar nossas intuições linguísticas, mas antes casos concretos da comunicação do dia a dia (...)”. (Idem), ou, como temos tratado até aqui, da relevância da dimensão interacional da comunicação, que se estabelece na relação entre os homens, mediados por contextos da vida.

A última fase do enfoque da HP é a Interpretação/reinterpretação, que é facilitada pela análise discursiva (e também pela sócio-histórica), mas distinta dela, porque avança para a construção criativa de possíveis significados. “As formas simbólicas representam algo, elas dizem alguma coisa, e é esse caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação” (2011, p.376) – argumenta Thompson para deixar claro que sua abordagem não exime o papel do pesquisador e sua capacidade de se ocupar do transcendente de uma realidade que já foi representada e, por isso, é reinterpretada. Ou seja, o processo de interpretação também é uma reinterpretação porque os campos das formas simbólicas analisados já são pré-interpretados pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico, ainda que a reinterpretação possa divergir de quem inicialmente a interpretou: os sujeitos sociais. Desta forma, o autor não exclui um conflito de interpretação, que é intrínseco ao próprio processo. (THOMPSON, 2011).

4.2 QUESTÕES DA PESQUISA APLICADAS À METODOLOGIA

Ao se definir como objeto da pesquisa os processos de comunicação estabelecidos entre os imigrantes haitianos e a sociedade no universo de Curitiba, o desafio da pesquisa não é simplesmente responder quais são esses processos, mas descrever como eles são construídos, buscando analisar sob quais interferências são organizados, mediados por quem e submetidos a qual circuito de informação. É importante considerar que a pesquisa apresenta um pressuposto, o qual sugere que as organizações de apoio têm papel central para que os processos de comunicação se realizem e contribuam para a construção da identidade cultural destes indivíduos.

Assim, parte-se da ideia de que tais organizações, ao se relacionarem com os haitianos, conseguem por excelência contribuir com o processo comunicativo, que passa pela esfera das próprias organizações, dos indivíduos (haitianos) e da sociedade, sem que a pesquisa se preocupe, neste momento, em analisar como estas informações são recebidas pelo grande público, através da imprensa, por exemplo. Adiante, serão discutidas organizações de apoio de referência em Curitiba, as quais têm trabalhado com os haitianos residentes nesta capital e região metropolitana. Antes de entrar na descrição das organizações e das técnicas de análise, é preciso ter claro quais são os processos de comunicação que serão analisados na pesquisa.

Sendo este o ponto de maior dificuldade em todo o processo de ação e reflexão do pesquisador, justamente pelo objeto da pesquisa não se apresentar de modo mais explícito, como um programa televisivo, páginas de jornais ou um discurso político, por exemplo, a pesquisa buscou captar objetos empíricos que contribuíssem para uma análise mais concreta. As *práticas comunicativas*, que serão descritas com mais detalhes na análise, são compostas por alguns processos empíricos, como eventos e cursos, realizados por algumas instituições, exposições fotográficas da migração haitiana realizadas em eventos públicos; e alguns processos comunicativos observados, sem que pudessem ser mensurados neste momento antes de serem questionados aos indivíduos-sujeitos do processo, como as inúmeras fotografias e filmagens registradas pelos haitianos em seus aparelhos celulares nos mais diversos momentos coletivos acompanhados na pesquisa exploratória, além das interações via rede social virtual, via Facebook. Sendo estes

os objetos empíricos observados nos processos comunicativos, nota-se que todos eles estão, de certa forma, envoltos pelo “cuidado” das organizações de apoio. Assim, o pressuposto da pesquisa, que sugere a influência chave das organizações em tais processos perde o poder de comparação se tudo está vinculado a elas.

Apesar da afirmação ser correta, visto que a observação do pesquisador se manteve sobre as práticas realizadas com/através das organizações, o instrumento de pesquisa busca responder este pressuposto pelas entrevistas semiestruturadas realizadas com os atores envolvidos. Além da análise dos objetos empíricos, as entrevistas apresentam-se como ponto central, não só por evidenciarem a voz dos haitianos em meio a diversos outros espaços de fala observados na pesquisa, mas por oferecerem a este trabalho a possibilidade de confrontar questões fundamentais, como as noções de identidade cultural por meio de práticas comunicativas e a referência das organizações de apoio a eles.

4.3 TÉCNICAS DE PESQUISA

As técnicas de coleta e de análise presentes na pesquisa permeiam a Hermenêutica de Profundidade nas suas etapas e são mais bem delimitadas a seguir:

4.3.1 Técnicas de coleta

São duas as técnicas de coleta utilizadas na pesquisa: a observação participante (que compõe o momento da interpretação da *doxa*); e as entrevistas semiestruturadas (que compõem o momento da análise discursiva). A primeira técnica auxilia na percepção e categorização daqueles objetos empíricos anteriormente citados e a segunda auxilia na obtenção de informações com os imigrantes haitianos, cujos recortes de fala servem para uma confrontação das realidades observadas e também como forma de captar os usos de midiatização realizados pelos haitianos, especialmente na circulação dos eventos por meio dos

registros via celulares nos diversos momentos observados nesta pesquisa. Assim, apresentamos uma breve descrição do que é cada uma das técnicas.

4.3.1.1 Observação participante

A observação participante é vista aqui como uma interessante opção, pois esta é compreendida como o modelo de pesquisa em que existe presença do pesquisador junto ao público, podendo saber ele ou não da atividade daquele. Segundo Peruzzo (2010), o pesquisador também pode participar de todas as atividades, ou seja, acompanhando e vivenciando com menor ou maior intensidade os processos. Peruzzo também afirma que o pesquisador é autônomo, tendo o grupo ou qualquer elemento do ambiente a incapacidade para interferir na formulação dos objetivos, tanto quanto nas demais fases do projeto. O pesquisador também pode ser “encoberto” ou “revelado” para o grupo com o qual está lidando. No caso da presente pesquisa, a presença do pesquisador como tal era encoberta, ainda que o mesmo participasse e contribuísse, como voluntário, em alguns dos processos comunicativos, como nos eventos e cursos realizados pelas organizações.

Peruzzo não faz distinção entre observação-participante e não participante, ou mesmo da pesquisa-ação, mas compreendendo que há uma diferença no papel do pesquisador. A atual pesquisa recai sobre uma observação participante, em que há uma participação passiva do pesquisador nos processos comunicacionais, diferentemente da pesquisa-ação, cuja participação do pesquisador se torna decisiva na metodologia. Da mesma forma, Peruzzo compara a observação-participante com a investigação etnográfica no interesse que esta:

(...) tem em elaborar mapas descritivos dos modos de vida dos territórios estudados, enquanto na área de comunicação ela tem sido usada para descrever fenômenos comunicacionais, principalmente dos processos de recepção de mensagens dos meios de comunicação de massa. (PERUZZO, 2010, p.135).

Compreendendo a forma de se fazer a observação participante, a intenção estabelecida aqui é promover uma análise sistematizada das mediações existentes entre as instituições e os imigrantes, a fim de compreender como acontecem os

processos de mediação entre os atores e de que forma⁴⁰ estas práticas comunicativas chegam à esfera pública.

4.3.1.2 Entrevista semiestruturada

A fim de especificar alguns pontos, a técnica de entrevista semiaberta ou semiestruturada pretende ser utilizada para enfatizar falas percebidas durante a aplicação da pesquisa como fundamentais. Aproveitando que as entrevistas dispõem de um resultado discursivo mais concreto do que a observação participante, seus apontamentos são categorizados, como parte da análise dos resultados da própria técnica de entrevista, mas aperfeiçoados pela análise de conteúdo. Para esclarecimentos, a entrevista semiestruturada:

parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS *apud* DUARTE, 2010, p.66).

4.3.2 Técnica de análise

A técnica de análise selecionada para esta pesquisa é a Análise de Conteúdo (AC). Baseada em Laurence Bardin (1988), a AC está presente como uma das possibilidades da análise formal da HP, junto a outros tipos de análise, como a análise do discurso ou a análise semântica, por exemplo.

Segundo Krippendorff (1990), citado por Fonseca Júnior (2010, p. 287), há a consideração por parte da pesquisa sobre tais marcos de referências: 1) os dados, de acordo como foram apresentados (através da observação dos processos comunicativos); 2) o contexto dos dados (contexto comunicativo/mediação, através da circulação interacional de informações que permeia o universo dos imigrantes na sociedade); 3) conhecimento do pesquisador; 4) objetivo da AC (identificar como os processos de mediação contribuem na construção da identidade e

⁴⁰ “Forma” não no sentido instrumental, de divulgação, mas sim quais as marcas comunicativas que se apresentam à esfera pública e se relacionam com discursos já existentes nela.

reconhecimento dos haitianos e a centralidade das organizações ou não nesse processo); 5) inferência como tarefa intelectual básica; 6) validade.

Alguns dos elementos da AC são trazidos abaixo no âmbito desta pesquisa:

- Unidade de amostragem: entrevistas.
- Unidade de registro: discursos sobre a construção de identidade dos haitianos em Curitiba,
- Regra de enumeração: intensidade, que é “referente à quantidade de associações e classificações manifestadas sobre um símbolo, ideia ou tema (no caso, a identidade – *nota minha*), manifestada”. (FONSECA JÚNIOR, 2010, p. 295).
- Categorias e suas subcategorias:
 - Práticas comunicativas mediadas por tecnologias: a) nas mídias tradicionais; b) nas novas mídias.
 - Manifestações culturais: a) em datas comemorativas; b) na música; c) em formas de preconceito.
 - Trabalho: a) relação com os motivos da vinda; b) ocupação atual e relação com estudos.
 - Organizações de apoio: a) formas de comunicação; b) atividades cotidianas; c) eventos/atividades especiais.
- Inferências

A AC traz diversas etapas, mas é a categorização que ganha mais destaque nessa pesquisa. A categorização, segundo Bardin (1988), é um processo estruturalista e trabalha com o isolamento de elementos e sua classificação, agrupando as unidades de registro, ainda não identificadas; as categorias da AC devem apresentar exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade.

A inferência é um importante momento da AC, pois corresponde à identificação do que está no texto superficialmente (de modo amplo) e as condições de produção (fatores que determinam as características do texto). (BARDIN, 1988). Observando isso, este momento da análise já se encaminha à reinterpretação da HP de Thompson (2011), concluindo a fase da análise da pesquisa.

4.4 ORGANIZAÇÕES DE APOIO

As organizações de apoio consideradas nesta pesquisa correspondem a todas que apresentam algum nível de formalidade, profissionais qualificados, relevância social, não estatais e não necessariamente tendo como principal objetivo o atendimento aos imigrantes, embora esta seja uma das atividades desenvolvidas. Como Curitiba é uma cidade com uma ampla região metropolitana, diversos haitianos moram em municípios vizinhos, mas as organizações estão todas localizadas na capital paranaense, além de ter como foco as políticas da cidade. Dentre as organizações, as que recebem mais destaque são a Casa Latino-Americana (Casla) e a Pastoral do Migrante, cujo acompanhamento foi feito enquanto a pesquisa era desenvolvida. Além das duas, outras organizações foram identificadas:

4.4.1 Associação dos Haitianos de Curitiba

A Associação dos Haitianos se organizou em Curitiba a partir do momento da chegada dos primeiros migrantes na cidade e é coordenada pelos próprios haitianos, com apoio físico da Casa Latino-Americana (as reuniões são realizadas no prédio desta organização) e institucional da Prefeitura de Curitiba, que junto aos haitianos têm realizado eventos em prol da cultura do país. Além disso, a associação é referência no atendimento emergencial aos haitianos em diversas situações: encarceramento, hospitalização, busca por moradia e documentação. A entidade tem um papel importante na aproximação institucional entre outras organizações, formando uma rede de apoio aos migrantes que incide em políticas locais e regionais para os mesmos.

4.4.2 Cáritas Brasileira

Segundo seu site:

“A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural⁴¹”.

A Cáritas, embora não seja submissa à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entidade máxima da Igreja Católica no Brasil, tem uma relação de “parceria” com esta, em virtude de seus valores e posturas sociais.

Vinculada à Arquidiocese de Curitiba, a Cáritas desempenhou um trabalho de denúncia de violação de direitos humanos, através do seu Centro de Referência em Direitos Humanos Dom Helder Câmara (CRDH)⁴². O Centro atendeu diversos imigrantes e contribui na formação de políticas públicas da cidade e do estado, articulando-se com as unidades regionais e nacional da entidade.

4.4.3 Casa Latino-Americana (Casla)

A Casla é uma organização não governamental (ONG) que atua desde 1984 em Curitiba, prestando assessoria sobre questões ligadas aos povos latino-americanos. Compõe uma rede continental formada pelos fundadores da própria Casla de Curitiba e nos últimos anos tem como público principal os migrantes oriundos do chamado Terceiro Mundo, como haitianos, africanos, sírios e sul-americanos.

A Casla conta com um profissional que atua na secretaria executiva e auxilia no primeiro contato com migrantes em busca de informações e documentos necessários. No entanto, a principal referência da Casla nas políticas públicas para migrantes ocorre no âmbito do assessoramento jurídico, por intermédio de um núcleo jurídico amplo, composto por advogados voluntários. Além da assessoria jurídica, a organização conta com outros núcleos, como os de cultura, comunicação, psicologia e relações internacionais, também formados por voluntários. Ao longo dos

⁴¹ <http://caritas.org.br/tag/arquidiocese-de-curitiba>

⁴² O CRDH funcionou até o término do convênio com a Caritas Brasileira, no segundo semestre de 2015.

anos, a entidade desenvolveu diversos eventos, sendo que em 2015 a principal atividade foi um curso sobre direitos aos migrantes, que perdurou até o fim do ano.

4.4.4 Igreja Batista Pompeia

A Igreja Batista Pompeia está localizada na Vila Pompeia, bairro Tatuquara, e desempenha um trabalho de assistência social sob demanda. Desde 2012 atuando com a temática dos migrantes, em sua maioria haitianos, a Igreja promove encaminhamento para regularização de documentos de busca de empregos. Na perspectiva religiosa há cultos semanais em crioulo, a língua oficial do Haiti, e ensinamento bíblico aos interessados. O pastor da Igreja, brasileiro, conseguiu um aluguel de uma *lan house*, onde os próprios imigrantes de auto-organizam para uso da internet.

4.4.5 Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/PR)

A atuação da OAB confunde-se com a atuação da Casla, visto que o corpo de advogados da Comissão de Direitos dos Refugiados e Migrantes da organização atua na Casla, especialmente por meio de suas coordenadoras, que são parte constitutiva desta outra organização. Não há uma diferença na atuação no que tange ao assessoramento jurídico, mas há um reforço deste trabalho por parte da OAB e sua força institucional.

4.4.6 Pastoral do Migrante

A Pastoral do Migrante pertence à Igreja Católica e compõe uma das diversas pastorais sociais da instituição religiosa. Seu caráter de pastoral social incide justamente por ser o segmento da estrutura da Igreja Católica no Brasil

preocupado com temáticas sociais, como as da infância e juventude, aleitamento materno, questão carcerária, negra, indígena e a migrante, dentre outras.

Organizada em uma grande rede eclesial, a Pastoral do Migrante, assim como todas as outras pastorais, está espalhada em diversos lugares do Brasil, atuando concretamente em estruturas paroquiais ou arquidiocesanas (conjunto de pastorais). A Pastoral do Migrante, em questão, da Arquidiocese de Curitiba, existe há 12 anos e tem sua sede localizada na paróquia do bairro Santa Felicidade, onde dispõe de uma assistente social contratada, um padre coordenador e uma equipe de voluntários que se reveza no atendimento básico aos imigrantes que pedem auxílio. Além da sede, há outra comunidade, localizada na região do Umbará (Curitiba), que promove atendimentos e eventos, mais voltados ao calendário eclesial, como a Semana do Migrante, por exemplo.

Atendo-se mais à sede, a Pastoral do Migrante atende a uma média de 200 imigrantes semanalmente, em sua grande maioria de nacionalidade haitiana, especialmente pelo fato do padre coordenador ser natural deste país. Os atendimentos são pontuais e cumprem a função de fornecer documentos, buscar empregos e mediar com os empregadores os direitos trabalhistas desses imigrantes. Para além das atividades rotineiras, a Pastoral organiza mensalmente missas para imigrantes, celebrações festivas, como a Festa Haitiana e a Festa Latino-Americana, e celebrações nacionais da Igreja Católica, como a Semana do Migrante.

4.4.6.1 Recanto Franciscano

É um braço da Pastoral do Migrante, não sendo submissa à sua organização. É uma casa religiosa que acolhe migrantes desabrigados de 15 dias a três meses, sem custos. Pertence à Ordem dos Franciscanos e, junto à Pastoral, cumpre um importante papel de atendimento e formação de políticas públicas entre a Igreja Católica e a sociedade civil.

4.4.7 Programa Política Migratória e Universidade Brasileira/UFPR

Especialmente fomentado pelo Programa de Línguas da Universidade Federal do Paraná, o Programa Política Migratória e Universidade Brasileira/UFPR inicia-se com a inserção do curso de Letras da UFPR, mas abrange hoje outros cursos, como Direito, Psicologia, Informática e Sociologia.

O Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), do Departamento de Letras, é uma referência na questão do idioma para os imigrantes, especialmente haitianos. Desde 2013, o Projeto atende grupos de alunos estrangeiros para ensino do idioma e contribui na organização da rede de apoio aos migrantes, como auxílio básico de uma importante demanda: a língua. Além do curso de português, o PBMIH contribui com outros tipos de formação e materiais, como, por exemplo, dicas de amamentação, organização do encontro de lançamento ao Programa de Políticas Públicas para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Governo do Estado do Paraná – que contou com uma exposição fotográfica – e duas contribuições para documentários: O PBMIH lançou um minidocumentário sobre os haitianos a partir da perspectiva dos imigrantes e foi fonte para o documentário, *Adeus, Haiti*, do canal *Globo News*, produzido em 2014.

Além do PBMIH, outro destaque vem do curso de Direito, que apoia e realiza atividades de defesa e promoção dos direitos dos migrantes e refugiados.

5 ANÁLISE

De acordo com a Hermenêutica de Profundidade (HP), a análise a seguir se dividirá em três partes principais, sendo elas: a) a interpretação da *doxa* feito por meio da observação participante; b) a análise sócio-histórica, composta pelo referencial teórico trazido nessa pesquisa, com algumas ênfases; c) a análise de conteúdo das entrevistas a partir de categorias estabelecidas e a posterior inferência/reinterpretação, a partir das reflexões realizadas pelo pesquisador nesse trabalho.

5.1 A INTERPRETAÇÃO DA DOXA

Como afirma Thompson (2011), a interpretação da *doxa* é a hermenêutica do cotidiano e busca, por meio de abordagem etnográfica, interpretar formas de vida e opiniões frente a situações ou temas que sustentam o indivíduo no mundo social. Neste sentido, foi realizada uma observação participante em duas das organizações de apoio aos imigrantes identificadas, a fim de analisar previamente como se davam as práticas comunicativas dessas organizações e dos imigrantes haitianos, de variadas formas: entre organizações e haitianos; entre os próprios haitianos; entre as organizações e a sociedade e entre os haitianos e a sociedade. A escolha pelas organizações como mediadoras para essa observação vem pela minha experiência – e passo a utilizar neste tópico o uso da primeira pessoa – por ser fundamental um trabalho de acompanhamento constante, para possibilitar a compreensão do cotidiano daquele que Eagleton (2011) chama de *outro*.

Na descrição feita a partir da observação participante e na concomitante interpretação do cotidiano vivido fica claro que algumas das formas de comunicação utilizadas se tornaram mais evidentes do que outras pelas próprias características de trabalho das organizações; pelos eventos e atividades principais que compuseram o cenário desses quase dois anos de acompanhamento; e pela conjuntura sócio-histórica, que será especificada no próximo tópico. Cabe ressaltar também que a aproximação às organizações não foi apenas estrategicamente pensada para a

pesquisa, mas compõe uma ética pessoal de engajamento que já vinha sendo realizada e de compatibilidade ideológica sem, contudo, deixar de se manter uma reflexão científica – e por isso crítica – dos fatos observados e da própria ação empregada como voluntário das duas organizações, que agora relembro: a Casa Latino-Americana (Casla) e a Pastoral do Migrante da Arquidiocese de Curitiba.

Um ponto importante a se afirmar neste momento é a presença de ambas as organizações no Facebook, por meio de suas páginas nesta rede social, que neste trabalho não será objetivo de análise por serem administradas – ambas – por mim, sendo necessário um respeito à metodologia da observação participante defendida neste trabalho que se difere da pesquisa ação, a qual não há apenas a participação do pesquisador, mas também uma ação que vai ao encontro da pesquisa, estando uma relacionada a outra.

Assim, é necessário resgatar que a análise das práticas comunicativas que são fomentadas a partir do universo das organizações e dos haitianos está ligada ao pressuposto da pesquisa: as organizações de apoio aos imigrantes haitianos em Curitiba, ao desempenharem processos comunicativos que envolvam práticas culturais e de assessoria de direitos, constituem-se como as principais fomentadoras dos processos comunicativos dos imigrantes haitianos com a sociedade da capital do Paraná e seus arredores.

5.1.1 Pastoral do Migrante em foco

Minha primeira relação com os migrantes haitianos em Curitiba ocorreu por meio da Pastoral do Migrante, a partir daqui chamada apenas de Pastoral, por ser o único Serviço de Pastoral da Igreja Católica ao qual farei menção nesse trabalho. A vinculação a essa organização se deu em maio/junho de 2014 e perdura até o presente momento na função de voluntário: recepção aos imigrantes que buscam o serviço de assistência social e documentação e contribuição em atividades de comunicação da Pastoral. Ambas as atividades puderam colaborar para um acompanhamento mais detalhado do cotidiano da entidade – suas necessidades mais eminentes e anseios – e das atividades que ela realiza, respectivamente.

Um ponto a ser comentado é que, há dois anos, o padre coordenador desta Pastoral é um haitiano. No entanto, não é possível afirmar que sua presença tenha feito o público haitiano ser a principal nacionalidade requerente de auxílio da Pastoral – isto se deve ao real aumento destes imigrantes em Curitiba, comparados a imigrantes de qualquer outra nacionalidade. Percebe-se, contudo, que a proporção dos haitianos na Pastoral é maior do que a encontrada na Casla, sendo constantes as buscas para “falar com *mon père*”⁴³, referentes a assuntos que a assistente social, funcionária da Pastoral, poderia ajudar com mais eficácia.

Diferentemente do público entrevistado para esta pesquisa, a maioria dos haitianos que busca o serviço da Pastoral não teve acesso ao ensino superior em seu país. A sua principal busca, em termos de acompanhamento, refere-se, prioritariamente, à emissão e procura por documentos, como o documento consular, de residência e passaporte; os outros motivos de busca pela Pastoral notados durante a observação participante referem-se à procura por vagas de emprego, roupas e cestas básicas.

O constante volume de haitianos, que chegam a aproximadamente 100 atendimentos em dias de pico, fez a Pastoral realizar uma interação com as universidades, a fim de conseguir voluntários qualificados, em regime de estágio de ensino superior, não remunerado, para contribuir no fluxo de atendimentos. Além disso, conta-se com um aporte histórico dos leigos scalabrinianos, derivados da Congregação de João Batista Scalabrini – bispo fundador e santo pela Igreja Católica – e que historicamente contribui com as Pastorais de Migrantes pelo mundo, sendo a de Curitiba uma das mais importantes no país a ser gestada pela Congregação. Por fim, são constantes os voluntários espontâneos que chegam por meio de alguma referência midiática sobre a Pastoral ou simplesmente por causa dos imigrantes. Nesse segundo caso, alguns voluntários relataram não conhecer a Pastoral anteriormente, tendo passado a conhecê-la em buscas pela internet.

Referindo-se às formas de comunicação que se estabelecem entre os imigrantes haitianos e a Pastoral, a mais presente no cotidiano é a interpessoal, realizada por meio das interações dos atendimentos e aquelas que ocorrem nas celebrações litúrgicas realizadas mensalmente para os imigrantes. Mesmo a Pastoral tendo uma página no Facebook, a pouca interação existente é feita por

⁴³ “O padre”, na língua haitiana.

brasileiros interessados no tema. Ao se observar a importância dos dispositivos tecnológicos na vida dos imigrantes e ao buscar essa interação, a coordenação da Pastoral criou um Whatsapp com alguns haitianos envolvidos sem, no entanto, haver muitas pessoas (15 participantes no grupo, sendo dois voluntários – incluindo-me).

Assim, a principal prática comunicativa observada nessa pesquisa entre os imigrantes haitianos e a Pastoral – mas também com a sociedade – são os eventos realizados pela organização, que podem ser divididos em culturais e assistenciais.

A primeira categoria é constituída por eventos culturais pátrios, como a Festa Latino-Americana (FLA) e a Festa Haitiana (FH). A primeira existe desde o início da entidade em Curitiba, há 13 anos, e aglomera não só os haitianos, mas todas as nações latino-americanas com o intuito de promover a cultura de cada país por meio da música, dança, teatro e gastronomia. A FLA, que é realizada anualmente em um espaço cultural no bairro Santa Felicidade de Curitiba, foi observada por mim apenas nos dois últimos anos (2014 e 2015), sendo possível extrair interpretações que permitem a análise das formas comunicativas estabelecidas entre os diversos públicos componentes do evento.

A primeira parte da FLA tem característica institucional-religiosa, pois uma missa é celebrada nas primeiras horas da festa, com comentários feitos pela assistente social e ministrada pelo padre coordenador, acompanhado de outro sacerdote como principal celebrante. Esse momento tem sido criticado pela própria Pastoral pelo pouco alcance de pessoas externas à paróquia, mas visto como necessário não só por abrir oficialmente a FLA, mas, sobretudo, por dar um tom religioso em um evento promovido por uma organização católica. Em um segundo momento, perto da hora do almoço, as barracas dos países se abrem ao público visitante e vendem pratos típicos até o findar do dia, quando o terceiro momento do evento, o das apresentações culturais, toma o palco e a atenção de boa parte do público.

Embora seja bastante grande o número de imigrantes latino-americanos e familiares presentes, há também uma popularização da festa, devido aos vários anos de existência, que atrai uma diversidade maior de público do que a recente FH. Dominada pelo idioma castelhano, a FLA traz boa qualidade musical e gastronômica de seus anos de tradição, com cardápios variados e até mesmo exóticos. O mesmo pode se dizer das músicas e danças, apresentadas por grupos voluntários, mas com

experiência no tema como, por exemplo, o *Grupo Folclórico Integración Latina*. No entanto, é a participação da comunidade haitiana que atrai a atenção na pesquisa.

A primeira diferença entre os haitianos e os demais públicos latinos é a língua. Com todos os outros imigrantes dominando o espanhol nas barracas e apresentações, o Haiti traz as línguas francesa e crioula/*kreyol* como características marcantes de sua identidade. Um fato que destaca a participação do Haiti com o seu idioma, nos dois últimos anos, é o cronograma cultural apresentado por um haitiano. Com bom domínio do português e uma particular capacidade de animação (por exemplo, ao pedir palmas ele gritava ao microfone: “plá-plá-plá”), o interlocutor da festa com o público traz um protagonismo haitiano em meio aos anos de tradição de argentinos, bolivianos, chilenos, peruanos e uruguaios, principais participantes da FLA.

Diferenças, no entanto, também marcam a participação cultural e gastronômica do Haiti frente aos demais países latinos. Enquanto todos os outros países apresentaram, nos dois últimos anos observados, canções muito mais vinculadas a grupos folclóricos, o grupo dos haitianos tem apostado em suas bandas musicais para trazer um pouco do seu país para aquele espaço. Assim, as apresentações das demais nações têm um caráter, muitas vezes, mais latino do que de um país específico; já os haitianos imprimem um ritmo mais forte com seus estilos musicais muito próprios – especialmente o ritmo *Kompa*⁴⁴ – e não se preocupam muito em explicar o que está sendo cantado para os demais, basta senti-lo, com sua potencialidade dançante caribenha, sua sensualidade e guitarra bem tocada. Aqui, a dimensão do corpo quer acompanhar a abordagem cultural da pesquisa, referindo-se à observação de corpos em trânsito e suas múltiplas formas identitárias. Segundo Santaella (2008):

O corpo – secularmente recalcado pelo fantasma do sujeito – não retornou para ocupar o lugar deixado por esse sujeito (...). O corpo retornou como um problema, uma interrogação em busca de respostas. Daí o corpo ter se tornado presença constante nos discursos atuais. Para alguns, trata-se simplesmente de encontrar um substitutivo para ocupar o lugar vazio deixado pelo sujeito. Para outros, trata-se de explorar um território cuja geografia ainda não está reconhecida. (SANTAELLA, 2008, p.24).

⁴⁴ O Kompa ou Compa é um estilo musical nascido na década de 1950, no Haiti, e é derivado do merengue. De estilo caribenho, é caracterizado por elementos que mantêm uma batida dançante e uma voz de impacto. O Kompa tem uma fusão com outros estilos continentais como o Reggaeton e o Kuduro.

Santaella (2008) questiona: se não há corpo, onde estaria o suporte de sustentação do sujeito? De fato, o acesso ao conhecimento e à cultura não se dá apenas pela inteligência, mas com o corpo inteiro – físico, inteligência, sentimentos, emoções, espiritualidade.

É neste momento que a presença haitiana conduz a FLA. Com o domínio dos microfones de apresentação e da música, todos se unem ao redor do palco improvisado e contribuem com um show que dura menos de 15 minutos. Ao mesmo tempo em que o ritmo da música acelera o ritmo da festa, os haitianos, ora dançam, ora registram tudo com seus celulares e *tablets*. Os mais animados brasileiros também se unem ao grupo, mas é fácil perceber o haitiano corporalmente: sua pele negra e suas roupas de marca e coloridas indicam que a alegria de ouvir a música é a alegria de se sentir entre amigos.

Além dos momentos efusivos, uma apresentação cultural haitiana chamou a atenção na FLA em 2015: um breve teatro feito por alguns atores amadores haitianos, dialogado em altas vozes em um português pouco compreensível, marcou a dificuldade do haitiano em viver ante o racismo e a violência. A peça termina com a morte de uma das atrizes e com um silêncio da plateia frente à dificuldade de compreender o diálogo, ao mesmo tempo em que tinha a certeza de que se tratava de algo sério.

Se a música é uma marca forte da presença haitiana na FLA, a gastronomia não demonstra o mesmo destaque. Com uma barraca menos enfeitada e com menos variedades de pratos para se degustar do que a maioria das outras nações, o espaço haitiano não reúne tanta gente – nem os próprios haitianos – como no palco, embora muitos deles optem por comer na barraca de seu país, que não apresenta um cardápio visível aos que desconhecem a cultura do país, o que é possível ser visto na FH, por exemplo.

O outro evento considerado cultural é a FH, realizada desde a chegada maciça dos haitianos em Curitiba. Com características muito próximas da FLA, a FH segue a ordem missa-gastronomia-cultura artística, mas conta com um número muito maior de haitianos e interessados pela cultura do país. Diferente da primeira, essa atividade acontece por um motivo especial: a homenagem ao Haiti, que é realizada no Dia da Bandeira Haitiana, 18 de maio. A festa acontece nesta data – ou no fim de semana mais próximo – e conta com inúmeras bandeiras haitianas que se

misturam no meio do povo, seja em seus braços, costas ou camisetas, o que impera é o azul e vermelho decorando o ambiente.

As apresentações musicais e as danças reproduziram, em 2015, o que já foi descrito na FLA sem, no entanto, ter havido qualquer preocupação com a tradução para o português nas apresentações culturais e no cardápio, o que gerou certa dificuldade comunicativa para alguns brasileiros ou outros latinos presentes, que relataram se sentirem “perdidos” na festa dos haitianos, embora admirassem sua cultura. Além disso, em 2015 houve uma liberdade maior no cronograma, o que gerou certa desorganização da festa, visto que em 2014 a FH ficou muito condensada em figuras de liderança da Pastoral, com atividades fechadas e, inclusive, desconhecidas para os haitianos, segundo afirmou o próprio coordenador. No entanto, a mudança da FH de 2014 para 2015 culminou em um notável espírito de diversão não visto no ano anterior quando a presença da comunidade externa nem existiu.

Outro ponto que é preciso comentar é a realização de duas festas haitianas no mesmo dia de comemoração à Bandeira, em 2015. Por motivos ainda não justificados, a Pastoral e a Associação de Haitianos não se uniram na realização de uma mesma celebração e acabaram por dividir o público. Por motivos de escolha e de envolvimento com a organização, minha observação participante se concentrou mais na FH realizada pela Pastoral, mas houve tempo de conferir a FH realizada pela Associação, em parceria com a Prefeitura de Curitiba.

Alocada em um espaço público – Memorial de Curitiba –, localizado no centro histórico da cidade, essa festa teve um caráter mais oficial, com falas de autoridades e apresentações culturais mais formais, de maneira bastante diferente da festa que acontecia paralelamente na Pastoral, a qual privilegiou a música, a dança e a venda de bebidas alcóolicas, que foi muito bem aceita em um domingo. Além das bebidas e das apresentações culturais, cabe ressaltar a típica culinária haitiana apresentada na FH da Pastoral, demonstrada por pratos como o *Riz Colé* (estilo risoto acompanhado de frango, alface e “piclise”, uma salada haitiana, com cenoura ralada); *Banana Frite* (bananas fritas, carne de porco e piclise); *Poulet* (frango acompanhado de banana, salada e piclise); e *Pôte* (Prato com salada e piclise).

Tanto a FLA quanto a FH, organizadas pela Pastoral, mostraram um público de haitianos mais jovem e moderno – especialmente pelas roupas e aparelhos

eletrônicos. Um aspecto diferente pode ser visto nos eventos assistenciais que a Pastoral realizou, especialmente no fim de 2015, nos quais o público principal foi constituído de mulheres-mães, pelo tipo de evento estar ligado a doações de cestas básicas e presentes para crianças, além de um kit-bebê.

Em todos os eventos assistenciais o espaço da paróquia foi utilizado e a divulgação, ao contrário dos eventos culturais, realizada internamente para pessoas específicas. Voltados para o bom número de haitianas que têm seus filhos nascidos no Brasil, ou que os trouxeram pequenos para cá, os eventos assistenciais se caracterizam por um clima de familiaridade – com conversas e lanche – um maior número de religiosos e pelo protagonismo da assistente social. Além disso, como a Pastoral não possui recursos financeiros suficientes para esse tipo de ação, conta-se com doações feitas por voluntários e pessoas comuns que se sentem solidários aos imigrantes e, como existe uma relação entre assistencialismo e o trabalho das igrejas, normalmente a Pastoral é referência para essas pessoas e, assim, tornam-se possíveis esses grandes momentos de doação. Além das doações espontâneas de indivíduos, a Pastoral também tem feito um trabalho de abordagem junto às organizações privadas, o que tem resultado em consideráveis apoios no último ano.

Nota-se também nesses eventos um processo comunicacional entre os haitianos, pois os contatos para doações são feitos, muitas vezes, em rede, entre eles, a pedido da Pastoral. Aqui, no entanto, há uma potencialidade midiática que não tem sido desperdiçada pela televisão. Mesmo tímidos, os haitianos costumam aparecer nas imagens feitas pelos cinegrafistas que passaram pelos eventos assistenciais e destacaram a necessidade dessas pessoas e a importância da solidariedade, o que tem gerado um aumento de doações. Essa capacidade de comunicação que a Pastoral tem com a sociedade, por meio das mídias tradicionais, chama a atenção nessa pesquisa, mas, infelizmente, não foi possível realizar uma avaliação entre os haitianos sobre o que achavam da cobertura midiática. Sabe-se por conversas e observações, todavia, que alguns haitianos se sentiram incomodados com a presença da televisão por tratá-los como indivíduos socialmente vulneráveis. Perceptível é a dificuldade que tivemos em registrar com fotografias tais momentos. Algumas haitianas não queriam ser fotografadas e, quando aceitavam, normalmente não estampavam um sorriso no rosto, bastante diferente da reação dos haitianos nos eventos culturais.

É interessante notar também que nos eventos assistenciais houve presença de haitianos voluntários que contribuíram para a organização da atividade. Se nas festas, a participação dos haitianos voluntários estava na animação e na cozinha, nesses eventos havia uma participação mais corpo a corpo dos voluntários, seja para ajudar no grande número de pessoas para os poucos voluntários disponíveis, seja para ter um papel importante na organização da distribuição de itens materiais junto aos demais haitianos pela facilidade de comunicação.

Por fim, o que foi percebido discretamente nos eventos assistenciais foi a falta de uma maior interação entre haitianos e a sociedade. Exceto pelas apresentações culturais, as quais propiciaram uma interação de corpos, a interação entre brasileiros e haitianos ainda não é uma constante, seja pela possível dificuldade de idioma ou por um “aninhamento” que os haitianos buscam entre seus pares, que dificulta a interação nesses momentos.

5.1.2 Casla em foco

A observação participante realizada na Casla iniciou-se a partir de um contato mais recente, mas se deu de forma mais constante do que aquela vivenciada na Pastoral do Migrante. Iniciada a partir de maio/junho de 2015, o principal evento analisado é o curso “Direitos e Inclusão Social: aspectos jurídicos, culturais e psicossociais”, organizado pela Casla em parceria com o Ministério Público do Trabalho do Paraná (MPT-PR), realizado no segundo semestre de 2015, nas dependências da Casla, com aproximadamente 80 imigrantes⁴⁵ de diferentes nacionalidades, mas especialmente haitianos e africanos.

Além desse curso, a seguir descrito, é importante destacar a participação da Casla como uma rede de luta por direitos humanos, especialmente no que tange à questão de território na América Latina. A Rede, denominada Casla/Cepial, já organizou ao menos quatro grandes eventos para reunir pesquisadores, povos originários e militantes no continente e tem nos membros da diretoria da Casla, em Curitiba, seus coordenadores gerais. É possível observar atualmente uma mudança

⁴⁵A denominação “imigrantes” neste tópico se refere também aos refugiados e aos haitianos, estes, imigração humanitária.

de foco nas práticas da Casla no que diz respeito aos imigrantes de outros continentes, como a Ásia e a África, pois o foco da organização sempre convergiu para a valorização do território latino-americano, situação rompida pelos atuais fluxos humanos e novas concepções identitárias como afirmam Hall (2013), Sousa Santos (2002) e Bhabha (1998), por exemplo.

O crescimento exponencial do trabalho com os imigrantes pela Casla se dá a partir de 2011/2012, quando há um aumento no fluxo de haitianos para Curitiba. Atualmente, além do curso para imigrantes e do atendimento jurídico, que logo será descrito, a Casla cedeu sua sede para a organização da Associação dos Haitianos de Curitiba, pelo amplo espaço que a “Casa” oferece, além de ter se tornado ponto para outras reuniões com diversas organizações de apoio.

Dado esse panorama da organização, é preciso ressaltar a estrutura atual de atuação dos voluntários, dividida em núcleos de trabalho: o CaslaJur (assessoria jurídica); CaslaRI (relações internacionais); CaslaCom (assessoria de comunicação); CaslaCult (formação cultural) e CaslaPsico (assessoria psicológica). No entanto, o único núcleo de trabalho constante na organização é o jurídico, que desempenha a principal atividade da organização dos cinco últimos anos: a assessoria jurídica a imigrantes. São diversos temas em foco, como problemas de documentação e traslado de familiares e pessoal, até questões mais graves, como exploração de trabalho e agressão física. Sobre essa atividade, não foi possível fazer uma análise mais detalhada, pois o atendimento dos advogados é feito de maneira particular com a discussão de casos realizado semanalmente pela equipe jurídica. Os outros núcleos se reúnem em dias diferentes da semana e organizam algumas atividades de caráter institucional – como o CaslaCom tem feito –, de formação cultural e de apoio ao núcleo jurídico, como é o caso do CaslaPsico.

No entanto, volta-se agora ao curso que se estendeu pelo segundo semestre de 2015, em parceria com o MPT-PR, e reuniu um grande número de envolvidos, seja no planejamento, execução e público de destino.

Sentindo a necessidade de oferecer uma formação aos imigrantes sobre o Direito brasileiro em suas mais variáveis ramificações, devido às inúmeras dúvidas que surgiam cotidianamente, o curso avançou em outras temáticas como a cultura brasileira e a relação com as culturas de origem dos imigrantes; a possibilidade de inclusão social através do mercado não formal de trabalho, como a economia solidária; visitas a experiências de resistência e sustentáveis, como o assentamento

do Contestado, no município da Lapa (região metropolitana de Curitiba); e empoderamento comunicacional, por meio do treinamento com câmeras e discussão do conceito de educomunicação.

A primeira oficina para os imigrantes ocorreu com alguns convidados que falaram sobre empregabilidade na economia solidária, o que gerou uma grande expectativa de alguns deles que estavam ali ansiosos por uma oportunidade. Muitos quiseram deixar seus currículos, mas, ao longo do curso eles próprios compreenderam que não se tratava de uma seleção de empregos, mas sim de um espaço de formação e conscientização de possibilidades de trabalho e de atuação na sociedade pelo viés contra hegemônico.

A oficina seguinte foi ministrada pela equipe de comunicação, que ajudou a romper com a ideia do curso como fonte exclusiva de emprego, através de conceitos de educomunicação – análise da mídia e caráter público dos meios de comunicação – e treinamento de câmera. Na terceira oficina iniciou-se o módulo mais longo do curso, o jurídico, que começou com a discussão do conceito de direitos humanos, ministrada por um imigrante com doutorado acadêmico e participante da Casla.

Ao se levar em conta os diversos tipos de imigrantes, em termos de país, sexo, idade e formação escolar, a participação durante as oficinas pode ser considerada satisfatória. Além disso, a participação semanal de boa parte dos imigrantes surpreendeu a equipe organizadora, o que possibilitou também a criação de vínculos de amizade entre os presentes. Sobre a participação, era visível que os imigrantes que tinham maior experiência escolar eram mais participativos, mas nos trabalhos em grupo foi possível perceber uma sintonia satisfatória entre todos.

Cabe aqui relatar que as experiências vivenciadas pelo pesquisador nas festas organizadas pela Pastoral e nesse curso da Casla resultaram em um interesse maior, nesse trabalho de dissertação, em descobrir os usos dos registros que os haitianos fazem por meio de telefone celular. Nas ocasiões citadas, notou-se amplamente que os celulares eram bastante usados durante as formações, seja, de forma negativa, para se distrair, tirando a atenção da discussão presencial – isso era percebido especialmente pelo uso de fones de ouvido ao fundo da sala por parte de alguns –, seja, de forma positiva, para registrar as falas e os *slides* de apresentação dos cursos com fotos, filmagens e gravações em áudio e vídeo.

A partir dessa observação, podem ser inferidas algumas práticas comunicativas. Primeiro, observou-se uma experiência intensa de trocas

comunicacionais entre os imigrantes e a organização. Ainda que o espaço de formação seja comunicativo intergrupal em si, o uso dos dispositivos tecnológicos para registros das falas coloca em permanência o que foi ouvido naquele instante de formação. Essa relação dos dispositivos tecnológicos com a memória tem uma abordagem mais pedagógica e de uso exclusivo do indivíduo, podendo ser vista de outra forma, além daquela que a relaciona com a perda da memória urbana, a que se refere Martín-Barbero (2004) como consequência da modernização tecnológica:

Se de um lado urbanização significa acesso aos serviços (água potável, energia, saúde, educação), decomposição das relações patriarcais e certa visibilidade e legitimação das culturas populares, de outro significa também desenraizamento e crescimento da marginalização, radical separação entre trabalho e vida, perda constante da memória urbana. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.282).

Ao relacionar a perda de memória urbana à contemporaneidade, o autor trata de colocar as tecnologias de comunicação como principais responsáveis por essa perda, ao afirmar que as mesmas “agilizam os fluxos de informação, revolucionam os acessos ao saber e condições de produção, mas ao mesmo tempo em que redefinem o espaço-tempo apagam as memórias e ameaçam as identidades”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.283). Por esse ponto de vista apresentado pelo autor não há discordância nesta pesquisa, mas o uso pedagógico observado especificamente dado a essa prática pode contribuir para que o registro acione a memória desses imigrantes, contribuindo para sua inserção em um novo espaço cultural/territorial. No entanto, o perigo existente aqui é que a memória registrada na “memória” do celular seja facilmente esquecida se o fluxo de registros de informações for subitamente substituído por outros e, assim, sucessivamente, como afirmou um dos haitianos entrevistados. Essa problematização será retomada posteriormente.

Outra forma de comunicação mediada por dispositivos tecnológicos é a dos registros feitos pela equipe de comunicação durante todo o curso. Uma das propostas era que a atividade resultasse em um documentário com características institucionais, mas contando também com a experiência dos imigrantes e da própria Casla nesse trabalho pioneiro no Paraná. Dessa forma, cada imigrante assinou uma declaração de permissão do uso de imagem e voz e os registros das oficinas foram realizados pelos voluntários e imigrantes que viessem a se interessar, mediante o treinamento de câmeras realizado na segunda oficina do curso. As oficinas de

comunicação e o acompanhamento do curso pelos olhos de câmeras mostraram ainda o quanto é discrepante o intensivo e extensivo uso dos celulares para registros pessoais e o questionamento da capacidade de muitos em relação ao manuseio da câmera. Mesmo tendo uma afinidade com os olhos das câmeras, muitos imigrantes resistiram em trazer imagens do seu cotidiano para compor o documentário, conforme foi solicitado nas oficinas, o que demonstra certo receio em publicitar para o grupo o que já fazem com facilidade em redes digitais.

No entanto, outras surpresas puderam ser percebidas, especialmente a espontaneidade de tais sujeitos em se “mostrarem” para as câmeras, especialmente no que se refere a momentos com música, para conceder entrevista ou para preparar com gosto uma rápida apresentação musical para serem filmados.

Neste sentido, é possível perceber que a Casla conseguiu, por meio desse curso e dos atendimentos jurídicos, uma comunicação interpessoal muito próxima aos imigrantes haitianos, mas ainda há pouca interação com a sociedade. Refletindo sobre isso, pode-se inferir que a futura produção do documentário⁴⁶ sobre o curso parece significar uma importante oportunidade para que sua veiculação em diversas mídias fortaleça a interação com a sociedade local.

Além disso, destaca-se que o trabalho da Casla com os imigrantes foi reconhecido externamente pela aceitação da candidatura da organização ao *Prêmio Inovare 2015*, pela melhor prática de advocacia do país. Embora não tenha levado o prêmio, o fato de ser finalista gerou uma mídia espontânea de grande alcance, por meio de uma matéria no *Fantástico (Rede Globo)* de dez minutos, que abordou os desafios e preconceitos que os imigrantes têm enfrentado no Brasil. Após a matéria, a Casla recebeu inúmeras doações durante todo o mês de dezembro (2015) e janeiro de 2016.

Se o vínculo da Casla com os imigrantes haitianos parece ter sido melhor estabelecido por meio de suas práticas comunicativas do que na Pastoral, a relação dos haitianos com a sociedade se deu de forma mais efetiva durante os eventos realizados pela Pastoral em suas festas do que os eventos dirigidos aos imigrantes promovidos pela Casla.

Ao considerar tais organizações, é necessário afirmar que há muitos outros trabalhos sendo realizados em Curitiba por diferentes grupos de pessoas,

⁴⁶ O documentário não foi finalizado até a finalização da pesquisa.

destacando-se o Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, da UFPR, e a Associação dos Haitianos, que comumente trabalha em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos. O tempo da pesquisa e o necessário engajamento em termos de observação participante não possibilitaram análises mais detalhadas das ações de tais organizações; mas, ao menos as duas entidades acima citadas, entram no teor da análise por meio de entrevistas qualificadas realizadas com representantes de ambas as organizações/programas.

Ao retomar a metodologia da HP a ser seguida no próximo tópico, cabe ressaltar que a interpretação da *doxa*, para Thompson (2001) não deveria “negligenciar esses contextos da vida cotidiana e, as maneiras como as pessoas situadas dentro dela interpretam e compreendem as formas simbólicas que produzem e recebem” (p. 364). Embora exista a preocupação de fazer uma análise detalhada sobre as práticas comunicativas – como forma simbólica – dos imigrantes, o espaço de análise ficou reduzido a observar estes imigrantes no campo de atuação das organizações, justamente pela já justificada necessidade de engajamento. Nesse sentido, as entrevistas realizadas contribuíram para trazer alguns aspectos da vida cotidiana, por meio de perguntas que se referem a práticas do dia a dia, ao mesmo tempo em que a análise sócio-histórica, a seguir, reforça a constatação de que “o campo-objeto de nossa investigação é também um campo-sujeito em que as formas simbólicas são pré-interpretadas pelos sujeitos que constituem esse campo”. (THOMPSON, 2011, p.364).

5.2 A ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Thompson (2011) caracteriza essa fase da HP com o objetivo de “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (p.366), sendo estas as práticas comunicativas dos imigrantes haitianos em Curitiba. O autor define cinco aspectos básicos de contextos sociais que definem um nível de análise distinto para a reflexão sócio-histórica: situações espaço-temporais; campos de interação; instituições sociais; estrutura social; e meios técnicos de transmissão.

Além dessa linha de raciocínio apresentada por Thompson, é preciso considerar que o aporte teórico também se configura por si só como uma construção sócio-histórica, que será analisado nas categorias da etapa da análise formal ou discursiva da HP, instrumentalizada pela técnica da análise de conteúdo.

Para caracterizar as situações espaço-temporais, Thompson (2011) diz que as formas simbólicas, ao serem produzidas e recebidas por pessoas que estão em lugares específicos, agindo e reagindo em tempos particulares, reconstroem esses ambientes importantes para tal análise. Quando pensamos no espaço-tempo da pesquisa, relembramos que a todo tempo os haitianos foram especificados como “haitianos em Curitiba”. O fato de estarem em Curitiba não só sinaliza para observarmos a especificidade dessa cidade, mas para observarmos que se caracterizam como imigrantes, que saem de sua terra natal para buscar em outro lugar situações que aquele espaço de origem não é suficiente. Essa relação do espaço em uma pesquisa que versa sobre migrações humanas é fundamental para podermos caracterizar a situação dessas pessoas e suas construções comunicativas – chamadas por Thompson de formas simbólicas –, sobretudo quando se reconhece no haitiano um povo historicamente destinado a migrar, conforme afirma em sua tese o antropólogo haitiano, Joseph Handerson (2015).

Se é possível compreender pelos fatos históricos do Haiti que a migração é uma realidade para seu povo, quase como um destino, é preciso também levantar as bases sobre a imigração para o local de chegada à qual esta pesquisa se situa: Curitiba. Como já afirmado, Curitiba teve um crescimento exponencial a partir do fim da segunda metade do século XIX realizado por imigrantes europeus que, trazendo seus hábitos para dentro da capital paranaense, ajudaram-na a ser considerada como uma das capitais mais europeias do país. Neste sentido, ao ser Curitiba considerada uma cidade de raça mais branca do que a média nacional (53% contra 19,7%) e lembrando que o Brasil apresenta inúmeras dificuldades em superar o espírito racial que a escravidão e as políticas eugenistas trouxeram para reforçar o racismo no país, é possível compreender minimamente as dificuldades de aculturação que alguns haitianos têm manifestado, o preconceito e a desvalorização destes no mercado de trabalho em relação ao imigrante europeu, por exemplo.

Uma pesquisa realizada pelo Observatório de Migrações da UnB em 2015 apontou que a média salarial dos imigrantes no Brasil é de R\$ 1 mil, sendo que a

nação que mais bem paga *per capita* é o Japão, com média de R\$11 mil mensais, enquanto a pior média é dos congolezes, com R\$ 950 mensais. Além disso, o relatório do OBMigra revela que o Paraná paga aos imigrantes uma média salarial um pouco abaixo da nacional: R\$ 992. Somando-se a esses dados a análise de conteúdo das entrevistas, busca-se responder, mais à frente, o porquê da busca por Curitiba, sendo que a cidade pode ser considerada como um local distante culturalmente – ainda que seja um estado mais seguro aos negros, comparando-se a outros⁴⁷ – e de desvalorização de mão de obra.

Além do espaço, o tempo em que se estabelecem os haitianos, imigrantes em Curitiba, é também fundamental para compreender suas vivências na cidade. Ao refletir sobre o “destino de ser migrante”, Handerson (2015) afirma haver agravantes temporais nos quatro momentos diaspóricos que ele levanta sobre a realidade haitiana. Cada momento significa um tempo histórico, com suas particularidades e ligações. A atual chegada dos haitianos, referindo-se ao quarto momento diaspórico, sinaliza uma migração forçada, com características e consequências de desastres socioambientais causados por um forte terremoto e um posterior furacão que terminaram por agravar doenças, como a cólera, e a defasagem de infraestrutura do já considerado país mais pobre das Américas.

Se a migração do Haiti para vários países é um dado histórico, por que o Brasil aparece como destino neste quarto momento? A resposta também já foi dada nessa pesquisa, ao afirmar que o período do desastre ambiental coincide com um momento de euforia mundial sobre a economia brasileira, incluindo a escolha de grandes eventos esportivos, como é percebido nas entrevistas. Além disso, outro fator interfere: a presença das tropas brasileiras da ONU no Haiti é parte de um acordo entre os governos e que facilita a entrada dos haitianos para o país, justamente quando o mundo olhava desconfiado para aquele país que novamente intensificava sua diáspora. Neste sentido, como seria esse trabalho se fosse realizado há quatro anos, mais ou menos? O tempo de euforia passou e pode ser notado pelo exemplo da revista britânica *The Economist*, que em 2009 estampou em sua capa o Cristo Redentor impulsionando como um foguete com a frase “*Brazil takes off*”⁴⁸ e em 2013, em um tom mais crítico recordou a imagem com o Cristo

⁴⁷ <http://www.revistaforum.com.br/quilombo/2015/01/05/sobre-os-dados-genocidio-da-juventude-negra-nao-sao-os-estados-nordeste-os-mais-racistas/>

⁴⁸ “*O Brasil decola*” (Tradução livre).

Redentor “perdendo o rumo” em seu voo acompanhado da frase “*Has Brazil blown it?*”⁴⁹. Trazendo o Brasil mais algumas vezes em sua capa em tom cauteloso, a primeira edição de 2016 da revista foi categórica em sua crítica ao país: “*Brazil’s fall: Dilma Rousseff and the disastrous year ahead*”⁵⁰, com a imagem da presidente Dilma em tom abatido acompanhando ao fundo. Independente do momento político que segue o país e as interpretações sobre isso, o contato com os haitianos e as entrevistas demonstraram que a vinda para o Brasil não ocorreu apenas por uma propaganda eufórica de anos atrás, mas que de fato havia um componente nacional de esperança a pessoas em busca de uma vida melhor, o qual o país não parece poder garantir mais como se esperava anteriormente.

Além disso, outro fato de mais longo prazo chama a atenção na contemporaneidade: o uso abrangente das tecnologias de informação e comunicação facilita o contato dos imigrantes que se distanciam de suas famílias. Seja com os haitianos em Curitiba, seja com os povos de origem árabe na Europa, o objeto que segue diversos imigrantes em suas jornadas é um celular à mão por meio do qual podem comunicar sobre si a suas famílias e amenizar a perda dos vínculos físicos.

O segundo aspecto da análise sócio-histórica de Thompson (2011) se refere aos campos de interação, que para ele são “espaços de posições e um conjunto de trajetórias, que conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas das oportunidades acessíveis a ela”. (p.366). Guareschi e Veronese (2006) relacionam ainda as posições e trajetórias a qual se refere Thompson ao capital simbólico e capital cultural, como o reconhecimento e qualificações, respectivamente. Além disso, são nos campos de interação que as instituições sociais – tópico a seguir – se constituem, o que torna similar à ideia de campos sociais de Braga (2012). É preciso, no entanto, focar que os campos de interações se referem a pessoas e suas vivências e, no caso da pesquisa, os campos de interações dos haitianos que estão em Curitiba. Assim, podemos escolher alguns campos como o trabalho, a cultura, e a assistência humanitária como campos de interações principais e que conseguem abranger as instituições sociais.

⁴⁹ “*O Brasil estragou tudo?*” (Tradução livre).

⁵⁰ “*A queda do Brasil: Dilma Rousseff e um ano desastroso pela frente*” (Tradução livre).

O trabalho é constituído como um campo de interação, pois é um espaço de contato do haitiano com a sociedade curitibana; por meio dele, consegue manifestar seu capital simbólico e intelectual, demonstrando suas qualificações e capacidades, ainda que as empresas para as quais a maioria deles trabalhe não estejam harmoniosamente vinculadas às suas aspirações profissionais, como foi possível notar em toda a trajetória da pesquisa. Havendo uma desvalorização da mão de obra haitiana, ainda que qualificada, o trabalho em uma boa empresa ou vinculada à qualificação do haitiano, significa também um maior reconhecimento de suas capacidades frente à comunidade estrangeira, visto que o acesso a melhores empregos significa também um avanço social.

A cultura também aparece como campo de interação, pois congrega instituições sociais como as organizações de apoio citadas neste trabalho e é um espaço de reconhecimento da identidade do migrante na sociedade, por meio de apresentações musicais, danças, comidas, hábitos e vestimentas, e comemorações pátrias, trazendo um componente importante para a formação dos campos de interação: as trajetórias históricas dos imigrantes, que são contempladas por meio de seus costumes e que os tornam diferentes frente à sociedade receptora sem, no entanto, haver reforço da ideia das purezas culturais, mas, ao contrário, a transgressão ligada ao “diferente”, a qual cita Hall (2013), Bhabha (1998) e Derrida (1991) ou ao que Bakhtin chama de “carnaval”.

O último campo de interação trazido na pesquisa é o da assistência humanitária, que envolve um conjunto de atividades e apropriações de espaços pelos imigrantes através da luta por direitos e conscientização sobre as especificidades do seu país. A clareza das instituições sociais que atuam – neste trabalho chamadas de organizações de apoio – confunde os próprios aspectos de campos de interação e instituições sociais da análise sócio-histórica, pois, este campo e sua constituição pelas instituições sociais são centrais na pesquisa ao considerarmos as organizações de apoio um ponto chave na análise.

As instituições sociais seguem a lógica dos campos de interação como aspecto da análise sócio-histórica, pois aquelas compõem estes. Thompson afirma a importância de analisar as instituições sociais, pois possibilita “reconstruir os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem (...) traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas”. (2011, p.367). Além disso, Guareschi e

Veronese (2006) salientam a importância de se abordar como a ideologia opera ou como tais relações sustentam uma dominação, visível em alguns momentos das interações dos haitianos. Desta forma, a breve descrição sobre as instituições sociais tem estreita relação com a análise feita anteriormente dos campos de interação, que também estão ligados a relações de dominação.

O campo trabalho tem como suas instituições as empresas e o âmbito dos estudos, especialmente a universidade, que oferece a formação/instrução que uma pessoa necessita para ingressar qualitativamente no mercado de trabalho. Já o campo da cultura apresenta como instituições sociais as festas, os feriados pátrios institucionalizados e as próprias organizações de apoio, que também são consideradas instituições sociais pelo campo de interação da assistência humanitária.

Outro aspecto trabalhado pelo autor e já trabalhado no capítulo metodológico e analítico é a estrutura social, que busca identificar as “assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação” (THOMPSON, 2011, p. 367), ou seja, como que se dão as regras que regem tais contextos sociais.

E, por fim, os meios técnicos de construção e transmissão são o quinto e último aspecto, o qual busca compreender como a forma simbólica, as práticas comunicativas dos haitianos, se dão na concretude do mundo, com quais meios técnicos e para quê. Essa reflexão está relacionada à compreensão se as práticas comunicativas dos imigrantes são midiaticizadas ou não e ao objetivo geral da pesquisa, em analisar com tais práticas comunicativas se dão como processos comunicativos e como eles contribuem na construção da identidade dos haitianos no novo território.

5.3 A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE

O tópico a seguir diz respeito à análise das formas simbólicas escolhidas pela HP, que são os discursos sobre a construção de identidade identificados por meio das entrevistas semiestruturadas dos haitianos residentes em Curitiba e as

organizações de apoio. Embora Thompson (2011) chame este momento de análise formal ou discursiva, o mesmo não limita a análise a ser de discurso e nem limita a forma simbólica a sê-lo, mas sim este momento pretende avaliar quaisquer “instâncias de comunicação correntemente presentes” (p.371). Por uma questão de proximidade à análise procede-se, a seguir, a uma análise de conteúdo, a partir de categorizações temáticas.

Antes, no entanto, de entrar no campo concreto da análise, é pertinente afirmar que as entrevistas com os haitianos foram feitas a partir de um contato com as organizações de apoio e uma presença (ativa ou passiva) dos entrevistados em tais ambientes. Neste sentido, percebe-se claramente que os entrevistados demonstraram ter um perfil parecido que, sem poder afirmar com dados, é, simultaneamente, diferenciado do *corpus* de haitianos em Curitiba de maneira total. A primeira impossibilidade de se inferir isso se dá pela própria dificuldade que o Estado e as organizações têm em mensurar e classificar este universo populacional e, a segunda é que, quando mensurado e classificado, há resistência em oferecer isso à sociedade, visto que, em muitos casos, as informações são tratadas de forma sigilosa.

Quanto ao lugar da realização das entrevistas houve variação, de acordo com a preferência dos entrevistados: algumas foram realizadas nas organizações de apoio (inclusive as “entrevistas qualificadas” – ver a seguir), outras foram feitas nas casas dos haitianos e outras em lugares públicos. É válido ressaltar que nas entrevistas domiciliares houve o desafio de conciliar a concentração da entrevista com a constante presença dos demais moradores da casa, inclusive com a participação de um dos moradores quando, em uma das entrevistas, houve uma considerável dificuldade de compreensão entre entrevistador e entrevistada.

Antes de trazer aqui o perfil dos haitianos entrevistados (9 [nove] haitianos e haitianas, ao todo), cabe lembrar também que as organizações de apoio, sendo uma instância importante na presente análise, foram ouvidas também por meio de 4 (quatro) representantes de diferentes representações curitibanas, sendo 2 (dois) deles haitianos⁵¹. No entanto, essas 4 (quatro) entrevistas com representantes das organizações serão chamadas de entrevistas qualificadas, compreendendo-se a “qualidade” como uma fala mais abrangente e menos individualizada, mas com o

⁵¹ A escolha numérica das entrevistas não seguiu um rigor, mas foi ratificada por uma decisão pessoal minha e da orientadora, especialmente considerando o tempo restante da pesquisa.

mesmo valor das demais entrevistas. Neste sentido, cabe enfatizar que a abordagem da ideologia, tão presente na metodologia de Thompson, é traduzida aqui pela ideia da ideologia gramsciana de “relação vivida”, considerando o conhecimento a partir do conhecimento popular e do cotidiano e não apenas vinculado à formação intelectual do sujeito.

Da parte dos entrevistados haitianos, sem contar as entrevistas qualificadas, dos 9 (nove) entrevistados apenas uma pessoa não pertencia à faixa etária dos 29 aos 33 anos, que representou a principal homogeneidade da pesquisa. No entanto, cabe considerar que, segundo pesquisa da PUC Minas e de outras instituições, como o próprio Governo Federal (BRASIL, 2014), a faixa etária média dos haitianos que vêm ao Brasil varia entre os 25 e os 34 anos, embora haja bebês e idosos.

Quanto ao sexo, a pesquisa se dividiu: dos 9 (nove) haitianos entrevistados 6 (seis) eram homens e 3 (três) eram mulheres, mas a escolha foi feita estrategicamente, respeitando aproximadamente os 20% de mulheres haitianas migrantes⁵². (BRASIL, 2014). Com relação a outra parte da coleta, as entrevistas com as organizações, os dados foram inversos: 3 (três) mulheres para 1 (um) homem, o que também foi feito estrategicamente, ao se observar que a participação das mulheres nas organizações de apoio é mais constante do que a dos homens. Com relação ao estado civil, apenas 2 (dois) entrevistados afirmaram ser casados, sendo um de cada sexo. Além desses, outros dois homens afirmaram ter filhos. Se os casados estão com a sua família completa no Brasil, ambos os homens solteiros têm seus filhos morando no Haiti.

Um dos pontos em que o *corpus* da pesquisa não se alterou muito, frente aos constantes atendimentos realizados pelo pesquisador na Pastoral do Migrante, é o da religião. Dos 9 (nove) entrevistados, 8 (oito) afirmaram ser protestantes/evangélicos e 1 (um) disse não ter religião. No entanto, dados sobre o Haiti ainda afirmam que o catolicismo é a principal religião do país, seguido do protestantismo e do vodu haitiano. De toda forma, a empiria realizada na Pastoral compreende que a maioria dos imigrantes haitianos em Curitiba é de religiões evangélicas.

Por fim, é importante ressaltar a escolaridade e a ocupação dos haitianos em Curitiba. Dos 9 (nove) entrevistados, 5 (cinco) afirmaram ter tido acesso ao

⁵² No entanto, informa-se que a porcentagem de mulheres haitianas vem aumentando no Brasil desde a pesquisa.

ensino superior (concluindo ou não), 3 (três) têm ensino médio completo e 1 (um), ensino fundamental completo. É preciso deixar claro que as especificações de ensino fundamental completo e médio são traduzidas para a linguagem brasileira, mas são diferentemente concebidas no Haiti. Quanto aos entrevistados qualificados, todos têm o ensino superior completo e 3 (três), dos 4 (quatro) entrevistados, têm sua formação universitária vinculada ao serviço que presta junto aos migrantes. Quanto à ocupação dos haitianos, apenas 2 (dois) entrevistados afirmaram ter ocupações próximas às suas profissões de origem (vinculadas, sobretudo, à formação universitária). No entanto, é justamente uma dessas duas pessoas que está entre as que não teve acesso à universidade, que a questão do idioma facilitou sua inserção no trabalho atual: dos 9 (nove) entrevistados, 2 (dois) afirmaram trabalhar com sua potencialidade de idiomas, inclusive esse).

Ao finalizar esta parte descritiva dos dados coletados de cada entrevistado, ressalta-se a importância da decupagem e da leitura flutuante para o seguimento da análise de conteúdo, as quais integraram um componente compreensivo fundamental para a compreensão parcial da pesquisa, visto que as inferências dos discursos analisados deverão ser efetivadas no decorrer da análise que se segue. Antes, então, colocamos aqui alguns pontos analisados ao se fazer a leitura flutuante das entrevistas:

- A escolha por Curitiba se deve a interações interpessoais, mediadas por dispositivos tecnológicos, motivadas por fatores como trabalho, estudos e clima.
- A escolha pelo Brasil se deve a interações interpessoais ou não, motivadas por fatores como trabalho, estudos e a parceria entre os governos, sendo esta influenciada pela propaganda positiva do Brasil feita pela mídia internacional.
- Há uma estreita relação de importância entre os dispositivos tecnológicos de informação e comunicação e a manutenção de vínculos com familiares e amigos.
- Os usos das mídias digitais (especialmente Whatsapp e Facebook) variam entre pessoal (fotos, vídeos e ligações) e de visibilidade social (imagem positiva do Haiti, divulgação de algum trabalho musical e divulgação de atividades comemorativas do país).

- Os usos das mídias como fonte de informação são variados, mas com grande força da internet, por meio do Google e dos próprios grupos do Facebook, além de alguns sites de notícias. A TV é apontada por alguns, especialmente pelos telejornais (ênfase para os mais populares) e recebe críticas frente ao conteúdo de violência e à consequente sensação de insegurança provocada.
- Alguns entrevistados já têm experiências midiáticas, em meios como livros, rádio e televisão, pois um número significativo deles está ligado à música.
- Boa parte dos entrevistados foi sugerida pelas organizações de apoio, o que representa um destaque destes na comunidade haitiana.
- Todos creem que as organizações contribuem na construção de uma imagem positiva, mas ninguém crê ser suficiente o que é feito hoje. A reflexão vai além da capacidade das organizações para levantar temas como a desorganização dos haitianos, o pouco costume dos brasileiros a esta nova cultura e a necessidade de integração à sociedade por meio dos estudos, política e cultura⁵³.
- Todos afirmaram que construir uma identidade no Brasil sem a ajuda das organizações é difícil.
- O maior problema de comunicação é o idioma. Em alguns casos o preconceito surge com mais força, mas também é negado por outros.
- Para eles, a principal forma de manifestar a identidade haitiana é por meio das datas comemorativas atreladas à independência do país.
- A mídia, normalmente, tem desempenhado um papel de “vilã” na representação do haitiano, embora alguns deles desejem aparecer na mídia, especialmente na TV.

5.3.1 Análise das categorias

⁵³ Uma das entrevistas afirmou que as organizações não são importantes, mas a resposta foi ambígua a outro momento, cuja confusão de fala estava ressaltada dificuldade de diálogo.

A escolha das categorias de análise de conteúdo dessa pesquisa está relacionada aos discursos registrados sobre a construção de identidade dos haitianos em Curitiba, a partir das entrevistas realizadas, aqui constituídas enquanto unidades de amostragem. São quatro as categorias definidas e suas respectivas subcategorias intrinsecamente ligadas a como são construídos esses discursos no cotidiano do grupo de imigrantes envolvido: 1) as práticas comunicativas mediadas por tecnologias, 2) as manifestações culturais, 3) o trabalho e 4) as organizações de apoio. Por meio dessas categorias de análise também se busca responder se as práticas comunicativas desses imigrantes são midiáticas.

a) Práticas comunicativas mediadas por tecnologias

As práticas comunicativas mediadas por tecnologias chamaram a atenção a partir da observação participante junto aos imigrantes haitianos, quando se pode perceber o intenso uso que eles faziam de seus celulares durante as atividades realizadas pelas organizações de apoio. Mesmo no percurso etnográfico cotidiano percebeu-se os haitianos comumente com seus *smartphones* em punho e fones nos ouvidos. No entanto, a análise em questão precisava ir além desse olhar e entender o porquê desses usos e como isso colaboraria ou não na construção de suas identidades. Neste sentido, não só as ainda chamadas novas mídias, como o telefone celular e a internet, mas também as mídias tradicionais, como a TV, o rádio e os jornais, nos interessam. Sendo assim, é necessário analisar essa categoria sob dois olhares (subcategorias): novas mídias e mídias tradicionais.

Subcategoria: Novas mídias

Nas entrevistas realizadas junto a nove (9) haitianos perguntou-se quais as mídias por eles utilizadas, seus usos e se há algum tipo de conversação ou reflexão entre eles sobre os conteúdos que as diferentes mídias oferecem. Além disso, outra pergunta importante foi feita: qual a principal fonte de informação que os fez migrar para o Brasil e para Curitiba?

A questão sobre o uso das mídias e sua relação com a migração ao Brasil, formulada com a pretensão de estar relacionada a esta primeira categoria, logo foi percebida como insuficiente para ser analisada apenas à luz de uma mediação tecnológica, como presumido anteriormente. A diferença reside na hipótese de que

os haitianos vieram ao Brasil por conta da intensa propaganda do país nas mídias estrangeiras durante os anos recentes, como se nota nos inúmeros discursos feitos sobre esta fase da imigração ao país, inclusive nessa pesquisa. Não se quer excluir tal influência, pois coletaram-se falas neste sentido, mas o contexto das entrevistas demonstrou que a escolha dos haitianos pelo Brasil foi também mediada pela confiança nas informações dadas por pessoas que já estavam aqui. Vale ressaltar uma das falas que expõe como fator para se decidir pela migração a necessidade dos vínculos afetivos como canalizadores de confiança:

(...) eu tinha um amigo aqui no Brasil, em Curitiba, que me convidou: “Ô, E3, vai ter Copa do Mundo, você fala vários idiomas, você manja em computador, você pode vir, daí você vai ter sorte pra trabalhar aqui”. Daí larguei tudo para vir aqui. (Entrevistado E3, 2015).*

O que interessa analisar nessa categoria é a condição pela qual esses vínculos afetivos foram realizados a ponto de influenciar a decisão de migrar. Só é possível manter um contato permanente com tais pessoas, a quilômetros de distância, se existirem tecnologias de comunicação disponíveis e facilmente acessíveis. A acessibilidade da internet e de suas ferramentas de conversação interpessoais ou grupais, como o aplicativo Whatsapp, tornam mais fáceis o entendimento sobre a realidade do país para o qual se pretende migrar em relação às mediações realizadas pelas mídias tradicionais. A preferência pelas novas mídias na decisão de migrar, através de ferramentas, como o Whatsapp, que possibilita a manutenção dos vínculos afetivos na cotidianidade, revela como a imigração hoje pode ser influenciada fortemente por vínculos afetivos de amigos e familiares, que expõe sua opinião e contam sobre os novos espaços de ocupação, o que parece criar uma perspectiva de confiança muito mais forte do que as informações veiculadas apenas pelas mídias tradicionais. O entrevistado a seguir ressalta tal afirmação:

(...) depois do Haiti ter sido atingido pelo terremoto eu, com um primo que estava já aqui, ele conversava comigo – ele estuda para Engenheiro Industrial (...). Ele chegou aqui no Brasil e depois perguntou a mim se eu queria vir também (...) Meus pais não queriam pra mim viajar tão longe assim, mas meu primo conversou com eles e consegui o aceite. (Entrevistado E2, 2015).

Se na maioria dos casos a presença de alguma pessoa conhecida contribui para a vinda do migrante ao Brasil e a Curitiba, em outros casos o conhecimento

prévio a partir das informações veiculadas nas mídias, ainda que pequeno, também colaborou para a vinda de haitianos: “*Sobre o Brasil só (sabia) sobre futebol. Mas uma coisa que eu sabia é que o Brasil produzia muito café*”. (Entrevistado E8, 2015).

Também nessa outra fala o entrevistado revela mais conhecimentos sobre o país:

Eu tinha acesso à internet, lá na faculdade no Haiti e eu pesquisei bastante. A parte mais importante pra mim é que o Brasil estava no 5º lugar das economias no mundo. Às vezes eu penso que eu sou uma vítima da propaganda do Brasil lá fora. Porque lá fora não mostram as favelas (...). Eu sei que tem miséria no Brasil, mas eu achei que era fraco e quando eu cheguei eu vi que era outra coisa. Mas fora tem turismo, grande, e a economia é muito boa. Depois vai ter a Copa do Mundo, o Brasil vai crescer mais. Eu estava pensando assim. (Entrevistado E6, 2015).

Ao se observar a estreita relação que os dispositivos tecnológicos tiveram na decisão de migrar, especialmente a partir de vínculos afetivos, percebe-se que após a migração essa relação ainda se mantém, agora com os que ficaram no país de origem. Todos os entrevistados afirmaram manter contato frequente com suas famílias e amigos e acabam por manter o ciclo comunicativo migratório, sendo agora eles os informantes das realidades externas à sua nação:

Agora eu sempre falo que aqui no Brasil... como tem eles que me perguntam, porque eles sabem que eu gosto muito de informação, essas coisas assim, eu sempre falo a verdade (...) eu ainda tenho um relacionamento com meu ex-colega que eu trabalhei lá no Haiti, no rádio, sempre fica uma conexão da informação. (Entrevistado E2, 2015).

Essa relação com as mídias foi ressaltada por muitos haitianos, todos homens⁵⁴, que disseram ter interesse em aproveitar os espaços midiáticos disponíveis para emitir alguma informação e entendimento de mundo, por exemplo. Essa questão de visibilidade midiática é fomentada pelo fato de alguns dos entrevistados já terem tido contato com mídias ou dependerem delas para alcançar realizações pessoais, como é o caso da música e do jornalismo, em quatro (4) das falas analisadas.

Vocês têm alguma página que divulgam o trabalho? Tem. Qual? É Level Compa, no Facebook. Tem no Youtube? Tem um link no Youtube, na verdade. Mas o principal é a página do Facebook. No Facebook. (...) E para vocês como é esse tipo de trabalho? O pessoal interage? Interage. Mais

⁵⁴ Mesmo sem se aprofundar na questão de gênero na pesquisa, vemos como algo importante ressaltar o apreço maior pelo uso das mídias que há entre os homens haitianos comparado às mulheres. A conclusão foi alcançada por meio de observação direta no cotidiano do grupo em estudo.

haitiano ou brasileiro também? *Tudo. Haitiano, americano, francês.* (Diálogo com o Entrevistado E8, 2015).

Às vezes chega a mais de 500 pessoas que ouvem, mas até ano passado quando eu gravava alguma coisinha com a Maria tinha mais de 300 pessoas ouvindo e já cantando, mas só de brincadeira várias pessoas já ficaram loucas pra assistir vídeo. Mas vídeo só lá no Facebook, não no Youtube. Só no Facebook dá quase 500 pessoas olhando. Por isso que eu falei queria, mas eu não lembro o nome dela que pretende fazer uma entrevista com nós e um showzinho na Casla pra levar o pessoal da Globo... gravar uma coisinha.* (Entrevistado E2, 2015).

Ainda que seja a maioria dos casos, não é só a visibilidade voltada para a publicidade de algum trabalho, como neste caso acima, que é vislumbrada pelos haitianos quando se referem às mídias, especialmente às novas mídias, que é por onde eles conseguem se inserir autonomamente. Uma importante visibilidade em questão diz respeito à formação de um novo conceito do público brasileiro frente ao Haiti, que interfere na própria vida destes no novo território. O uso das mídias como estratégia para este objetivo foi reconhecido por apenas um dos entrevistados explicitamente, mas chama bastante a atenção como uma forma de “repertório de resistência” para buscar um equilíbrio nas relações de força, conforme traz Hall (2013). No entanto, os principais “repertórios de resistência” não foram encontrados nesta categoria e sim em outras, como as manifestações culturais e organizações de apoio, mas vale esta citação como uma importante atribuição sobre as novas mídias:

Eu entro lá no Google, pego as imagens do Haiti, as imagens recentes, e compartilho com amigos ou amigas brasileiras. “Olha o que a mídia está fazendo, está falando sobre o Haiti e olha o outro lado, olha algumas praias bonitas lá, alguns lugares...”. Daí eles começaram a fazer uma comparação: “Ah, nossa, a mídia só fala do terremoto, que o Haiti é um país pobre, é um país que sempre tem guerra civil, etc. Mas a mídia nunca fala sobre o Haiti no sentido bom, “Ah, lá tem praia bonita”, “É a primeira República negra que foi independente”, uma guerra... isso não é tão fácil. Aí a gente usa o Face, usa o Instagram, postando as fotos, etc. (Entrevistado E3, 2015).

Essa inserção na esfera midiática, em especial pela via das mídias sociais, é propriamente o que Cogo (2010) chama de “comunicação cidadã em espaços transnacionais”, uma forma de resguardo de suas culturas na ótica transnacional e que possibilita a “construção e circulação de agendas relacionadas à disputa de cidadania” (2010, p.83), que, neste caso, representam um reconhecimento de sua identidade a partir do outro. Embora os “repertórios de resistência” não tenham ficado evidentes na atuação dos haitianos nas novas mídias, há uma identificação destes pelas páginas das bandas musicais e vídeos do país, que ficam entre as

principais preferências dos haitianos quando se referem a este tema da visibilidade, mas que na pesquisa podem se traduzir em novas formas de cidadania. Além da apropriação das mídias para permitir visibilidades, as mesmas também funcionam como um reconhecimento identitário entre seus pares. Vídeos, fotos e ligações por aplicativos de chamadas mantêm os vínculos com os familiares e amigos. Quando se perguntou aos entrevistados o porquê de se fazer alguns registros estes responderam:

“Olha o que eu faço! Estava cantando na Festa Latino-Americana!”. Para mostrar para amigos (...). Só minha prima que tinha, quando ela foi na Festa Latino-Americana. Não sei se você lembra, minha prima fez um teatro e ela tem isso no Youtube. (Entrevistado E4, 2015).

Na verdade eles tiram as fotos daí eles compartilham com a família. “Olha onde eu estava”, “eu estava com meus colegas”, essas coisas. Mas no meu caso, eu não mando todas as fotos, têm algumas que eu trato primeiro daí eu mando pra família. (Entrevistado E3, 2015).

Se estas respostas dizem respeito a um registro e sua divulgação para seus pares como forma de reconhecimento identitário através da arte, outro reconhecimento identitário pode ser alcançado por meio do próprio contato cotidiano com familiares e amigos que estão no Haiti. Quanto ao uso do celular, este entrevistado responde:

Pra usar um site... Facebook. Ligação... eu não sou um cara que gosta de falar bastante, não. Viber, Whatsapp pra poder me comunicar mais fácil, pra não gastar mais dinheiro, comprar mais crédito. Pra poder falar com minha família. (Entrevistado E6, 2015).

Nesta entrevista, embora o idioma tenha sido um grande obstáculo para a coleta, observou-se uma forte incidência das mídias como instrumento de manutenção de vínculos:

E liga para o Haiti? Sim. E depois vai para Curitiba, família visitar. Principalmente foto e ligação então? Foto. Foto principalmente. Ok. Você usa internet? Sim! Tenho internet no telefone. E você usa sempre? Sim, todo dia (...). Entendi. Mas quando você entra na internet, você acessa que site? Falo com amiga, amigos, escrevo. No Facebook? Tenho. E você usa bastante? Bastante. No Facebook vocês têm algum grupo de haitianos? Não tenho grupo, não. Não escrevo em grupos. Só com amigos pessoais? Só com amigos. (Entrevistado E1, 2015).

Essa relação que se estabelece entre os migrantes e as mídias sociais ou mídias tecnológicas aproxima-se do que Martín-Barbero (2004) chama de “mediação

comunicativa da cultura”, que amplia a atuação das mídias, de algo meramente instrumental para se converter em estrutural. Assim, podemos afirmar que:

Las experiencias y narrativas del inmigrante se entremezclan cada día más densamente con las de los cibernautas. Millones de desplazados y emigrantes – dentro y fuera de cada país– practican la ciudad que habitan escribiendo relatos en el chat o en hipertextos de la web, desde los que individuos y comunidades se comunican con sus familiares que quedan al otro lado del mundo. Y ello mediante la circulación de historias y de imágenes en las que cuentan, se cuentan, para seguir contando entre la gente y para ser tenidos en cuenta por los que sobre ellos toman decisiones que les afectan. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.27).

Ainda sobre as novas mídias, constatou-se que a maioria dos haitianos utiliza os telefones celulares para registrar momentos do cotidiano em vídeos e fotos, como já salientado anteriormente e visto com destaque durante o processo de observação participante. Assim, buscou-se compreender quais seriam os principais motivos de usos das imagens, e as respostas, que tendiam para a afirmação do compartilhamento das fotos para amigos e familiares distantes, mas sem uma consensualidade.

Uma das falas chamou a atenção para a ideia do aprendizado social, que Braga (2006) afirma ser importante para no contexto da midiatização. Embora Braga utilize o termo majoritariamente para se referir à resposta crítica dada a uma produção midiática, pode-se compreender também que a própria produção pode servir como instrumento de interpretação crítica e uma resposta à determinada forma comunicativa, como é visto a seguir: *“Pra ver como ficou o evento (...). Pra chegar em casa e ver o que precisa corrigir, entendeu? O que tem que fazer melhor, o que foi bom e o que foi ruim”*. (Entrevistado E8, 2015).

Outras duas falas também se destacaram:

É fantasia (...) Eles não vão fazer nada sério. Vai chegar em casa e vai deletar tudo (...) Vai colocar no Facebook às vezes... É muito engraçado. Às vezes tem um cara filmando, né. Tem um celular e está filmando. Por quê? O celular não tem capacidade, o celular vai ficar lento depois. E se vai ficar lento, o que você vai fazer? Vai apagar. É só uma fantasia. (Entrevistado E6, 2015).

Às vezes eu tenho o costume, mas quando eu chego em casa eu tiro tudo (...). Mas qual é o principal motivo, então, de fazer? Nada. Só às vezes passo, por exemplo, assim, você está fazendo um teatro, você vai se apresentar cantando e aí me pedem para fazer uma foto e eu faço. Depois eu mando para você e depois eu tiro. (Diálogo com Entrevistado E4, 2015).

As citações acima vêm contribuir no sentido de que o uso das tecnologias adquire contextos de usos particulares, em alguns casos, mas define também um tipo de comportamento coletivo que não pode ser inferido pela análise de conteúdo, mas talvez por uma reinterpretação das formas simbólicas, constituindo-se também como expressão da identidade dos haitianos que aqui residem a partir dessa inserção de dispositivos tecnológicos em suas vidas.

De toda forma, abarcando a incidência das redes sociais digitais como espaço de encontro entre pares, poucos haitianos afirmaram compartilhar seus registros em grupos no Facebook, por exemplo, ao passo que o compartilhamento de registros via Whatsapp – com entes próximos ou amigos – é mais comum. Quando se perguntou a eles sobre se participam de algum grupo de haitianos no Facebook, uma resposta padrão foi essa:

Não sou um membro ativo, mas estou participando de alguns. Por exemplo, quando têm alguns que tem uma publicação eu vi (vejo), mas não... não sou muito ativo. O que eles postam mais nesses grupos? Às vezes notícias do Haiti, sobre trabalho, sobre coisas assim. (Diálogo com Entrevistado E7, 2015).

Há a procura de contato com outros haitianos que residem no Brasil (um grupo do Facebook bastante citado foi o “Haitianos no Brasil”). Porém, esse contato se mostrou para os entrevistados voltado à aquisição de informações, inclusive dadas por brasileiros que participam dos grupos do Facebook. Desta forma, percebe-se que as mídias alavancadas pela internet representam estruturas importantes para a circulação de informações dos haitianos que estão no Brasil e destes para outros, como haitianos que residem no país ou pretendem vir para cá, especialmente.

Ao mesmo tempo, as novas mídias colocam em xeque o fechamento étnico, ao se constituírem enquanto redes abertas, ou o que Hall (2010) também chama de “espaços de relações sociais de caráter fronteiriço e da construção de comunidades desterritorializadas”. (p.94).

Esses brasileiros que estão nesses grupos, eles ajudam ou atrapalham? Às vezes têm alguns que atrapalham e têm alguns que ajudam, mas a maioria ajuda. Então, pra você é positivo ter brasileiro nesse grupo? Sim. E tem algum grupo que é só de haitianos? Na verdade não, sempre mistura (...) a minha banda tem brasileiro, só meu futebol, meu time, é que não tem brasileiro. (Diálogo com Entrevistado E3, 2015).

Você acha legal a participação dos brasileiros ou preferia que fossem só haitianos? *Eu acho legal (...). É uma questão de comunicação, entendeu? Quem que pode passar as informações daqui, entendeu? É normal ter um grupo com eles.* (Diálogo com Entrevistado E8, 2015).

O conceito de desterritorialização de Hall (2010) não é o que Santos (2012) se refere quando relaciona a perda do território à alienação, mas sim quando a desterritorialização se alinha a uma nova forma geográfica chamada por Sousa Santos (2002) de “comunidades de sentimentos”. Ao mesmo tempo em que são formadas comunidades de haitianos, as páginas do Facebook, ao conterem brasileiros, abrem-se a uma comunidade não só étnica, mas “sentimental” – na linha de raciocínio de Sousa Santos –, que se abre a sujeitos de diversas nacionalidades em prol de uma causa, no caso, a migração haitiana e seus direitos humanos.

Subcategoria: mídias tradicionais

Quanto às mídias tradicionais, a televisão é a principal que chama a atenção dos entrevistados e tal preferência carrega consigo uma contradição expressa nas entrevistas. Ao mesmo tempo em que houve críticas ao conteúdo violento da TV brasileira e da consequente sensação de insegurança que isto provoca, além de críticas relacionando o discurso midiático ao preconceito que sofrem no Brasil, alguns haitianos também manifestaram, ainda que não tão espontaneamente, o sonho de “ser midiaticizado”, não apenas pelas redes sociais digitais, mas pelas mídias tradicionais, como a TV. Uma das entrevistas que resume a crítica à mídia é realizada por um dos representantes de organizações de apoio. Outra crítica realizada por outro representante de organização é referente à ação do jornalista frente a um indivíduo cultural:

Mas a gente não percebe muito o movimento da mídia no sentido de mostrar as coisas positivas, as contribuições mesmo, ou de cobrir um evento desse, porque a gente sempre convidou. Então nos procuram muito mais quando parece que o haitiano foi chamado de macaco, banana e foi agredido, isso repercute muito mais do que uma ação que a gente faz para os haitianos de atendimento dentário ou que valorize essa autoestima, ou na Praça de Bolso onde estava todo mundo dançando juntos, monte de brasileiros e monte de haitianos dançando juntos e eles falando coisas positivas do Brasil e dos brasileiros. (Entrevistado EQ2, 2015).

A mídia também. Ela faz uma pergunta: “Por que você veio aqui ao Brasil?”. É sempre uma pergunta assim, é a pergunta mais comum da mídia. Sim, é curiosidade de saber porque o imigrante vem. Acho que não deveria ser a primeira pergunta. Deveria ser: “Quem é você?”. Acho que a primeira pergunta deveria ser perguntar a identidade da pessoa (...). A resposta já está aí, na pergunta. (Entrevistado EQ1, 2015).

No entanto, a crítica sobre a televisão também aparece pelos próprios haitianos:

Algumas imagens são feias, né. Como se o Haiti fosse um inferno, e eu não gosto, porque eu sei que todos os países têm dificuldades, têm lugares bons, têm lugares ruins, têm favelas e tem tudo isso também. Mas, não sei, porque têm alguns jornalistas que quando precisam de entrevistas só pede coisas ruins e eu não gosto. (Entrevistado E7, 2015).

Antes eu via os jornais de manhã, só que isso me estressa e agora eu não estou usando (...). Ver algumas coisas de violência, algumas coisas me estressam bastante. Ver uma pessoa invadir uma casa, essas coisas me estressam e aí eu não assisto mais jornal. (Entrevistado E5, 2015).

Quanto ao conteúdo violento, ao mesmo tempo em que recebeu críticas, percebeu-se que um considerável conteúdo televisivo assistido por haitianos são os telejornais policiais e que apelam à violência como forma de espetáculo.

Nesse contexto de força da televisão surgem também anseios de alguns haitianos em aparecer nessa mídia, especialmente pela trajetória musical e do uso da televisão como forma de aprendizado. Esses anseios são expostos por este entrevistado quando relaciona a questão do ensino à televisão e também ao rádio:

Quando queria aprender o português escolhia um programa lá na TV e uma novela e começava a aprender, aprender, aprender (...). A rádio que eu gosto mais, porque parecia engraçada é a “Jovem Pan”, porque tem uma mistura do rap, essas coisas. Os caras falam muito bem também, eu gosto. Eu não quero perder meu inglês. (Entrevistado E3, 2015).

Eles vieram aqui na minha casa, o Felix, gravando uma matéria, acho que semana que vem vou ter que ir lá na RPC para dar um show ao vivo, essas coisas. Mas é uma campanha mesmo pra ajudar os brasileiros saberem que os haitianos não só deixaram um país pobre para vir aqui só para trabalhar. Alguns de nós têm bastante coisa para fazer. (Entrevistado E3, 2015).*

Compactuado a isso, parece também que há o interesse em transformar a cultura do negro e do imigrante aos olhos do público por meio dos veículos midiáticos, aspiração possível de ser percebida em uma das entrevistas do haitiano que mais se referiu às mídias como porta de entrada para alcançar sonhos no Brasil:

(...) eu vejo várias vezes o jornalista, pessoal que vai fazer vídeos, pesquisas sobre sempre coisas negativas, das dificuldades, mas precisam saber também da nossa capacidade como povo. Eu não sei se é ignorância, não sei se eles não sabem que temos capacidade de conhecimento, capacidade de chegar muito mais longe do que estamos até agora, mas eles só procuram coisas negativas, não achei ainda pessoas que procurem coisas positivas de nós. É isso que eu acho. (Entrevistado E2, 2015).

Aqui, é preciso novamente reforçar que esta pesquisa se detém na temática das mediações e das mídiatizações e não naquela da ação dos meios de comunicação e o que eles produzem. Neste sentido, compreendem-se as mídias tradicionais – especialmente a TV – como lugar de conhecimento externo do indivíduo em confrontação a si mesmo e, que por sua vez, caracteriza-se por uma ausência do conhecimento direto da realidade. Assim, o “estar na mídia” passa também a ser um modo de “estar na realidade”, sempre diferenciado pela situação histórico-cultural, como afirma Braga (2012). No entanto, é a realidade histórico-cultural dos haitianos que precisaria estar clarificada, como relata um dos entrevistados ao tomar contato com um grupo de estudantes de jornalismo que o convidou para ser protagonista de um livro:

(...) daí elas descobriram: “Nossa esse cara fala bem português, vamos fazer uma matéria com ele, vamos pegar ele pra nos ajudar”. Assim, e começamos a trabalhar. Ficamos bons amigos e também porque elas estavam comigo no momento do parto da minha esposa, sempre ali na minha casa, tirando foto... (Entrevistado E3, 2015).

De forma ampla, pode-se afirmar sobre esta categoria de análise que as práticas comunicativas mediadas por tecnologias ocorrem de forma muito individual ou coletiva entre os haitianos, por meio de suas próprias iniciativas e não propriamente pela intervenção das organizações sociais como poderia se pretender. Pode-se assim dizer que estas práticas são espontâneas e inseridas naturalmente em seu cotidiano.

A internet ganha força nas práticas comunicativas interpessoais que configuram a condição do migrante, distante territorialmente, mas presente através das redes sociais em seu sentido mais amplo (AGUIAR, 2006). Esses fatores se devem também à tecnologização dos haitianos entrevistados, incluindo suas capacidades técnicas e condição financeira, o que não foi percebido em um dos casos, por exemplo, por um dos entrevistados que relataram o uso do celular: “E você usa sempre? *Sim, todo dia (...)* Só no mês que eu trabalho e entra pagamento”. (Entrevistado E1, 2015).

Já a aproximação com as mídias tradicionais não surpreendeu, exceto pelas falas já expostas anteriormente, o que demonstra uma perda de força dessas tecnologias, não só no Brasil, mas também no Haiti, ao constatarmos que as práticas comunicativas envolvidas na migração dos haitianos para o Brasil estavam muito

mais relacionadas ao uso das novas mídias para contato interpessoal do que pela eficiência da propaganda do Brasil nos meios de comunicação de massa.

b) Manifestações culturais

Nessa categoria foram escolhidas três subcategorias que chamaram a atenção na observação participante e nas constantes reflexões extraídas juntas aos haitianos: as datas comemorativas (datas pátrias do Haiti); a música e; o preconceito. Esses elementos unidos possibilitam compreendermos a relação que as manifestações culturais estabelecem com a construção de identidades culturais dos haitianos no Brasil.

Subcategoria: Datas comemorativas

Sobre as datas comemorativas, em especial as datas ligadas ao processo de independência do Haiti⁵⁵, os próprios eventos da Pastoral junto à comunidade haitiana demarcavam a importância de tais momentos históricos no cronograma da programação aos haitianos com a escolha do dia 18 de maio como o dia da Festa Haitiana. Da mesma forma, outras entidades de apoio também realizam anualmente nos dias 18 de maio e 18 de novembro eventos com a “cara e cores” do Haiti. No entanto, há um componente que diferencia a simples escolha de datas pátrias para se comemorar o dia do país em outra nação, como é, por exemplo, o *Brazilian Day*, comemorado nas proximidades do dia 7 de setembro em Nova Iorque. Diferente do Brasil, onde não é perceptível um nacionalismo por determinadas datas e fatos históricos, mas sim por modos de vida e uma forte propaganda nacional no mundo como um país alegre e acolhedor⁵⁶, a dimensão do nacionalismo haitiano vem

⁵⁵ São elas: 18 de maio (1803) – Dia da Bandeira, que retrata a escolha da atual bandeira do Haiti como símbolo da independência, conquistada meses depois; 18 de novembro (1803) – Vitória da Batalha de Vertières, que selou a independência haitiana por meio da vitória de escravos contra a forte tropa de Napoleão Bonaparte; 1º de janeiro (1804) – Proclamação da Independência do Haiti.

⁵⁶ A própria ideia do Brasil como país acolhedor vem sendo criticada pelas ciências sociais. Inclusive, pesquisa de doutoramento defendida em 2015 na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre o acolhimento aos imigrantes no Brasil afirma isso ao analisar diversos jornais brasileiros, como por exemplo, a fala do autor, Gustavo Barreto: “Duas coisas foram cruciais ao longo do tempo: as questões do trabalho e da raça. Em 1891, o governo decretou que amarelos e negros não poderiam entrar subsidiados pelo Estado. Se entrassem, o dono da embarcação poderia perder o alvará de funcionamento”. (“Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador”. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_racismo_imigrantes_jp_rm. Acessado em

justamente por uma história nacional que acabou por condicionar o “ser haitiano”, como afirma Handerson (2015), inclusive, quando diz que o impulso migratório do povo haitiano é característico, marcado por sucessivos processos invasivos e, conseqüentemente, diaspóricos. Ao se perguntar qual seria a melhor ocasião para manifestar o “ser haitiano”, boa parte dos entrevistados citou justamente tais datas:

Pra mim, a melhor ocasião é uma data histórica do nosso país. Quando vem essa data a gente sempre comemora no Haiti. Quando vem essa data os haitianos que estão vivendo no Brasil precisam comemorar também. Esse momento, para nós, é um momento bem favorável (...) Batalha de Vertières, Bandeira e dia da liberdade... Independência. (Entrevistado E8, 2015).

Têm umas datas muito importantes. A vitória do Haiti, no dia 18 de novembro, que foi a última guerra da independência e o dia 1º de janeiro a data da festa da independência do Haiti. Dia 18 de maio é o dia da Bandeira do Haiti. (Entrevistado E7, 2015).

Para além da necessidade de motivar o “estar junto”, a organização de eventos que comemorem o Haiti a partir de suas principais datas históricas novamente fomenta o que Cogo (2010) chama de “comunicação cidadã em espaços transnacionais”, pois resguardam culturas em espaços externos, ao mesmo tempo em que inauguram novas formas de cidadania ao manifestar por meio de práticas comunicativas e culturais seu modo de vida e sua história. Da mesma forma salientamos que isso: “(...) determinará uma construção identitária sempre em trânsito, na qual a cultura desterritorializada buscará seu ‘não lugar’, ocupando de maneira incisiva um novo *lócus* de expressão”. (RIBEIRO e LOPES DA SILVA, 2015, p.5).

Os eventos em comemoração ao Haiti, no entanto, condicionam algumas diferenças ao próprio povo haitiano comparado a uma festa em seu país. A presença de brasileiros, a necessidade de adequação ao idioma e a algumas regras locais configuram um momento nem brasileiro, nem haitiano essencialmente, mas híbrido culturalmente, em sua forma de “construir projetos de convivência despojados das tendências a ‘resolver’ conflitos multidimensionais através de políticas de purificação étnica”, como salienta Canclini (2003, s/p).

Embora isso seja perceptível nos eventos pela participação dos brasileiros, a principal necessidade vislumbrada ainda pelos haitianos é que o país receptor conheça minimamente sua cultura:

Meu interesse maior é que eles conheçam nossa cultura, nossa comida, umas coisas diferentes pra vocês (...). Eu não posso falar de todos eles, mas alguns vêm e falam “Ah, eu gostei da comida de teu país”. Porque alguns acham que nós só comemos terra lá, tem comentário assim e machuca, né. E aí ver que alguns conhecem nossa cultura e já vê com outra ideia, imagem, né. (Entrevistado E5, 2015).

Ao mesmo tempo, os haitianos são reconhecidos por características impostas por sua condição de migrante, como o idioma estrangeiro:

Alguns deles subiram lá no palco e “parabéns, você fala bem português”, ficam me cumprimentando, eu me sentia muito bem. Para mim é um espaço pra descobrirem a nossa cultura, para ver que os haitianos estão se esforçando muito. (Entrevistado E3, 2015).

No entanto, é o caráter identitário desses eventos que chama a atenção e demarca uma forma do “cosmopolitismo”, pelo entendimento de Sousa Santos (2002), ao ser possível relacionar festas sobre uma luta de escravos pela independência do seu país contra uma metrópole europeia no cronograma de atividades de uma cidade cosmopolita/europeia como Curitiba. Lembrando que, para Sousa Santos, a ideia de cosmopolitismo dialoga com a versão contra-hegemônica da globalização, ao se estabelecer como organização transnacional por meio de redes de solidariedade e a valorização do que não é global e, por isso, não é hegemônico.

Subcategoria: Música

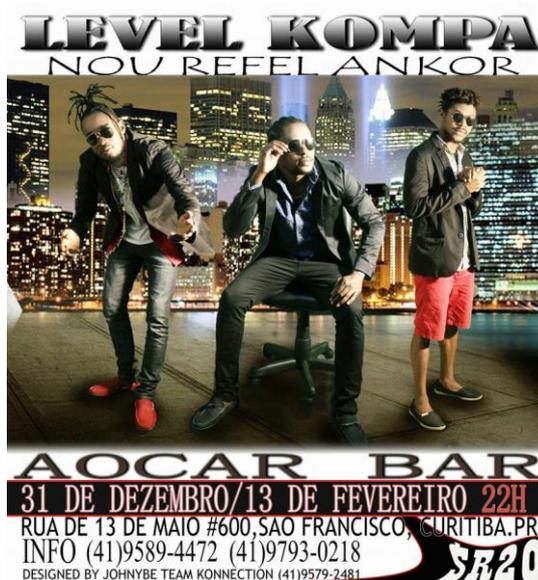
Outra subcategoria que está relacionada aos eventos – mas não restrita a ele – é a música, que compõe um cenário identitário fundamental para a disputa de espaços dos haitianos no Brasil e se mostra como uma das principais práticas comunicativas destes com a sociedade brasileira, como pode ser visto abaixo nos cartazes (Figura 2 e Figura 3), além dos vídeos das apresentações compartilhados na internet que possibilitam o conhecimento da cultura haitiana por parte do brasileiro. Assim, esta afirmação vem ao encontro de um dado observado na pesquisa: o principal espaço dos haitianos no que se refere à visibilidade tem sido a

música, seja por conta dos eventos relacionados à temática da migração, seja pela presença das bandas haitianas na noite curitibana.

FIGURA 2 – CARTAZ DE SHOW EM UM PERFIL PESSOAL NO FACEBOOK (10/06/2014)



FIGURA 3 – CARTAZ DE SHOW EM UM PERFIL PESSOAL NO FACEBOOK (28/12/2015).



Com diversos talentos em Curitiba, houve um questionamento metodológico por conta da alta média de músicos, ou pessoas relacionadas a algum trabalho musical, nas entrevistas. Dos 9 (nove) entrevistados, 4 (quatro) tinham relação com alguma banda atuante na cidade e uma informação até então desconhecida apareceu em uma das falas:

Lá no Haiti é bem difícil pra entrar em uma família em que nenhum membro não tem conhecimento da música ou não sabe fazer música, essas coisas (...). É bem difícil pra entrar em uma família que não gosta de música (...). Os haitianos gostam de música. Têm bastantes músicos aí haitianos, bastantes. (Entrevistado E7, 2015).

O apreço pela música não só pode ser percebido pelo volume de músicos encontrados e por esta citação, como também durante a observação participante, na qual foram verificadas intensas interações entre os haitianos e a música – seja de modo particular, com o constante uso dos fones de ouvidos no meio das atividades da Casla e nos próprios atendimentos na Pastoral do Migrante, seja de modo grupal, com a interação de amigos por meio da dança com uma simples caixa de som. Em pelo menos duas oficinas do curso ministrado na Casla aconteceram registros de apresentações musicais de haitianos feitas espontaneamente.

Se estes espaços, somados aos eventos mencionados acima, propiciam que os haitianos exponham sua cultural musical, não é garantido que o mesmo ambiente favorável seja encontrado em casas noturnas curitibanas, por exemplo. No entanto, todas as bandas haitianas com certo reconhecimento de seu trabalho musical estavam voltadas a ritmos caribenhos, em especial ao Kompa.

(...) pra fazer música aqui a gente precisa ter um empresário (...). Sabe, não vai ser fácil. Eu tenho um cantor... essas duplas que eu gosto, que eu sempre falo deles... essa dupla, o Zezé di Camargo e Luciano, eu conheço a história deles, como conseguiram surgir pra chegar um dia no lugar que estão hoje, mas no passado, anos 80, mais ou menos, eles passaram por coisas bem difíceis e hoje é a dupla mais famosa no Brasil. Eu espero também chegar a este ponto, mas não vai ser hoje ou amanhã, mas a gente vai continuar tentando, continuar cantando e Deus vai tocar o coração de alguém pra ajudar e pegar a mão de nós pra poder crescer e poder subir aí em cima (...). Aqui o pessoal não houve muita música em francês, né. É mais inglês, português - muito inglês - mas eu vou encaixar também a música francesa na cabeça de vocês. Mesmo sendo difícil pra vocês cantar, mas vão aprender, né. (Entrevistado E2, 2015).

Embora o desejo de ascensão musical esteja ligado ao *modus operandi* da indústria cultural brasileira, o entrevistado não abdica do sonho de poder cantar em

seu idioma, contribuindo assim para uma mudança da cultura musical do povo brasileiro, ainda que em pequenas dimensões. Além disso, não só a questão do idioma como citado acima, mas toda a capacidade musical haitiana tem sido utilizada como um leque cultural por essas bandas que se inserem no cenário de Curitiba. Neste sentido, é possível perceber que a cultura hegemônica musical, em especial ao que se refere ao idioma inglês, é contraposta por um novo *locus* cultural, que influencia os corpos e seus ritmos e acaba por assumir a “cultura como uma luta contra a uniformidade”. (EAGLETON, 2011, p.47). A proposta multicultural interpelada pela composição haitiana em Curitiba critica em seu modo de ser a ideia da cultura como civilização. Em decorrência, expõe a ideia do “carnaval”, na qual a cultura não é apenas lugar de desejo e uma imagem refletida do outro, mas é em si outra figura relacionando-se com o diferente (HALL, 2013), pois há algo de original nessas expressões culturais que têm modificado a forma dos brasileiros conceberem a música e a relação do homem com ela, através da dança e da sonoridade.

Embora isso seja perceptível, a diferença musical não foi citada pelos haitianos, pois as falas em relação à música estavam muito mais ligadas aos sonhos do que ao próprio estilo. De toda forma, a multiculturalidade exposta pela arte é criticada em uma das falas:

A apresentação haitiana, não tem como... um povo, um povo muito calmo o de Curitiba... não tem como ser só o Kompa, que é muito barulho. Tem que se adaptar, entendeu? Isso falta. Nós podemos vir aqui para trabalhar e nós podemos mudar isso também para apresentar cultura, o que nós podemos fazer. (Entrevistado E6, 2015).

É necessário, neste sentido, ponderar que tal afirmação pode estar relacionada a temas pessoais, que serão tratados com mais ênfase no momento da categoria “organizações de apoio”, quando será perceptível uma desintegração da unidade haitiana no cenário curitibano, acometida por questões internas dos próprios migrantes. Além disso, o entrevistado alega: “*Porque eu conheço pouco sobre a cultura do Haiti*”. (Entrevistado E6, 2015), ao mesmo tempo em que assume:

A gente está pensando em fazer outra coisa: fazer uma cultura intelectual. É uma coisa diferente. Não é todo mundo que vai poder integrar, mas eu vou ver (...). Aí a gente vai, junta, vemos o que podemos fazer com um movimento intelectual para pensar sobre o futuro do povo aqui no Brasil, porque a gente mal começou. (Entrevistado E6, 2015).

Ou seja, há conhecimento de sua cultura, mas de formas de vista diferentes. O ponto que chama a atenção aqui são os conflitos de relacionamento que também são características culturais do haitiano e sua forma de transgressão à autoridade, advinda de tempos ainda coloniais e vista ainda hoje, 2016, nos processos eleitorais⁵⁷. Um dos entrevistados, representante de organização, reforça este conceito: *“Foi o primeiro país em que aboliu a escravidão e isso é muito forte. Já surgiu em vários debates nossos, na postura deles em sala de aula (...)”*. (Entrevistado EQ2, 2015).

Subcategoria: Preconceito

Por fim, a terceira subcategoria é composta pelo tema do “preconceito”. Primeiramente, tal tema poderia ser visto a partir das outras categorias, como o preconceito na televisão ou o preconceito no trabalho, por exemplo, ambos percebidos nesta pesquisa. No entanto, a inserção do preconceito nesta categoria é justamente por buscarmos um olhar voltado ao preconceito em suas formas de construção da identidade haitiana.

A primeira questão que pode ser aqui inferida é em relação às características naturais dos haitianos, especialmente a cor (o corpo) e o idioma, que são as primeiras formas de comunicação. O idioma foi a principal resposta quando perguntado aos haitianos a principal dificuldade de comunicação que eles tinham no Brasil. Existe uma dificuldade natural e essa diferença demarca um “estrangeirismo” acentuado também pela cor, como pode ser analisado nesta situação:

Esses eventos culturais, essa ideia de integrar (...) a gente vai ao Teatro Guaíra e têm as fotos. Então a gente tem 100 negros juntos no teatro inteiro branco e claro que isso surge em sala de aula e a gente tenta resgatar a nossa história também e mostrar isso. (Entrevistado EQ2, 2015).

A questão da cor também mostrou ser um incômodo para dois entrevistados quando afirmaram ser esse um dos principais motivos para terem se mudado: *“A Argentina é um povo meio racista, sabe? Aham, muito racista. Depois ele estava falando: ‘Ah, gente brasileira é boa’. Aí eu falo: ‘Melhor eu viver em um país como*

⁵⁷ As eleições presidenciais haitianas de 2016 estão ainda indefinidas enquanto este trabalho é escrito. A população não aceita os resultados, acusa o presidente de fraude e tem questionado a ajuda externa, como no caso da Organizações dos Estados Americanos (OEA) para intermediar o processo.

Brasil do que Argentina, porque eu não gosto de racismo”. (Entrevistado E4, 2015). E: *“Eu passei três meses lá em Manaus e aí eu decidi deixar Manaus. Eu estava procurando cidade onde tem menos racismo...”* (Entrevistado E6, 2015). No entanto, esta fala demarca uma diferença histórica com o Brasil e suas políticas de embranquecimento que formataram a lógica de concebermos nacionalmente a relação entre negros e brancos (LESSER, 2001). Quando questionado sobre como sabia que o Brasil não era um país racista, a resposta foi simples – e remete ao tema do vínculo afetivo falado na primeira categoria: *“Ele falava que a gente (brasileira) era melhor do que na Argentina”*. (Entrevistado E4, 2015). No entanto, embora possa ser melhor, não significa que não seja racista, como pode ser percebido em outras falas: *“Na verdade o mundo inteiro tem preconceito e no Brasil também. Eu sou vítima de preconceito”*. (Entrevistado E8, 2015).

“Ah, você é preto, não vou sentar ao teu lado”. Porque já aconteceu isso no ônibus. Você senta, ela convidou um brasileiro curitibano: “Ah, você tem uma cor...” – “Você pode sentar” – “Não, eu não vou sentar perto de você, é preto, né, vai me sujar”... já aconteceu bastante. Depois outra coisa é quando fala: “Ah não, porque vocês não ficaram lá no teu país morrendo de fome, porque vocês vêm de um país pobre, vêm aqui pra roubar o emprego dos brasileiros”, essas coisas. (Entrevistado E3, 2015).

O preconceito racial é também ponderado por um dos entrevistados, que mantém uma opinião mais crítica:

O cara que estava falando ficou muito chateado porque estava sentado no ônibus e o cara não queria sentar do lado dele, não sei se você já viu esse vídeo (...) Não somos assim, coisa louca o que ele está falando. Isso não é racismo, entendeu? Interpretação muito ruim, cara. Porque tem amigo meu que fala isso também: “Ô, E6, você não está percebendo que quando você está sentando em um ônibus ninguém quer sentar ao lado de você?” Eu não! (...). Você senta ao lado de uma pessoa e eu posso ver outro lugar, cara, eu vou deixar esse lugar e vou sentar em outro lugar. Essa não é minha preocupação: quem vai sentar ao lado de mim – velha, velho, mulher, homem – não adianta, todo mundo é igual.* (Entrevistado E6, 2015).

Ao mesmo tempo em que rechaça todo o tipo de acusação de racismo, o entrevistado conta ter se ofendido, não pelo racismo, mas pela maneira como foi tratado, embora o teor tenha sido sobre sua cor:

Eu lembro uma vez que eu estava lá (aponta para uma mesa⁵⁸) e ele veio sentar aqui e ele chamou de “negão”, me chamou “negão”. “Negão, vem

⁵⁸ Nota minha.

aqui!”. Isso não é problema para mim, me chamar de negro, o problema era a tonalidade que ele estava usando, o jeito que ele estava falando comigo. Ele falou: “Ô, negão!”, eu sei que ele está tomando cerveja. Eu falei: “Cara, você pode me chamar o gerente pra eu ir embora, mas eu não vou te atender”. (Entrevistado E6, 2015).

Apesar deste entrevistado, em especial, ter criticado o comportamento estigmatizante e de “vitimização”, em suas próprias palavras, é necessário reconhecer este tema como um ponto de preocupação para algumas organizações de apoio e suas derivações culturais no território em que se localiza a pesquisa:

Infelizmente, o brasileiro ainda não conseguiu assimilar a questão do imigrante e, em geral, o brasileiro, é difícil ele assimilar o diferente. Então, nós temos muitos problemas em relação a esta questão por conta do preconceito, do racismo, da xenofobia. Muitos brasileiros não entendem que esses migrantes vêm para o Brasil porque no seu país estão passando por perseguições religiosas, políticas, étnicas, porque seu país vive uma guerra civil, um conflito armado e as pessoas não se colocam no lugar do outro. E isso é o principal problema, então, os migrantes sofrem muito preconceito e, principalmente a incidência maior no Brasil é no Sul do país. Porque nós temos as colônias, as comunidades de alemães, italianos, poloneses, ucranianos e essas comunidades têm um maior obstáculo, uma maior dificuldade para assimilar novas culturas, novos migrantes. (Entrevistado EQ3, 2015).

Mas agora não é uma vida melhor que tem no Brasil, para eles as coisas estão muito complicadas e fiquei surpresa esta semana com a notícia que tem nazista. Isso deixa o pessoal com medo porque não são só haitianos que vêm como imigrantes. A gente pode ter cor diferente, mas tanto brasileiro também sai para procurar em outro lugar – vai aos Estados Unidos, vai à França – porque no mundo a pessoa saiu para procurar uma vida melhor. (Entrevistado EQ4, 2015).

A diferenciação, que condena o migrante a ser eternamente o “outro”, acaba por se refletir em ações de xenofobia e que estigmatizam a busca por ascensão profissional do haitiano que vem ao Brasil:

Vejo muito eles acharem que vêm para roubar o trabalho deles. Isso não vai melhorar muito (...) se eles veem o migrante, vão achar que veio para roubar o emprego. Tem brasileiro que vai ser alegria, mas tem quem não vai ser. (Entrevistado E9, 2015).

Isso ajuda um país subir a renda e como imigrantes são haitianos que mandam mais dinheiro fora que todos. Mas ignorantes, têm pessoas que não percebem isso e sempre dizem que os haitianos vêm roubar emprego e por isso que sempre que dou entrevista falo isso. (Entrevistado EQ4).

Neste sentido, percebe-se que a questão do migrante haitiano no Brasil carrega não só um eminente preconceito racial, mas também social e histórico, especialmente pelo sentimento de diferença cultural que se estabelece àqueles que

ingressam em um estado como o Paraná, conhecido por ser o mais eslavizado do país até meados do século XX por sua formação europeia especialmente polaco-ucraniana (OLIVEIRA, 2012). E embora o Paraná não esteja nem entre os dez estados mais perigosos para negros, segundo o IPEA⁵⁹, esta pesquisa relata apenas os índices de assassinatos, falhando também com relação a informar sobre o baixo número de negros que o estado tem se comparado aos estados do Norte e Nordeste, por exemplo. No entanto, o racismo cultural – ou seja, que não chega necessariamente às últimas consequências, como o assassinato – apresenta o Paraná como o 4º estado do país mais presente em conteúdos racistas na internet, conforme revela uma pesquisadora ao estudar páginas neonazistas⁶⁰. À frente do Paraná só estão, respectivamente, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Assim, alguns comportamentos ligados à “guetização” são visualizados em Curitiba e necessariamente problematizados:

Têm alguns deles que sofrem preconceito, porque aqui tem bastante preconceito, daí se torna assim se retirando: “Não, eu não vou falar com o Otávio porque ele vai achar que eu sou haitiano, venho de um país pobre”, daí começa se retirar. (Entrevistado E3, 2015).

Mas, eles se comunicam mais entre eles, eles não têm essa interação maior com o brasileiro. Essa é uma preocupação nossa (...) nós somos contra a formação de guetos. Então nós procuramos essa inserção social, essa interação com os brasileiros (...). É que essa questão de gueto é onde você aprofunda, você segrega, você aprofunda essas diferenças. (Entrevistado EQ3, 2015).

A noção do gueto é contrária à noção do multicultural, pois segrega as diferenças ao invés de hibridizá-las. A junção da identidade individual com a identidade coletiva, acelerada ainda pelos processos transnacionais da globalização, é desconsiderada ao alegar que a identidade do migrante não pertence nem ao lugar que veio, nem ao que está atualmente, culminando na sua perda completa do próprio eu. (TRINDADE, 2003). Em relação a isso, uma das entrevistas ressalta um olhar que busca a completude do migrante:

Acho que a primeira imagem, de qualquer haitiano que está aqui é sempre assim: ele é um imigrante (...) a Pastoral não fala aqui que o haitiano é

⁵⁹ http://www.brasilpost.com.br/2014/02/28/estados-gay-mulher-negro_n_4876455.html

⁶⁰ <http://arquivo.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-mundo/18522-rs-eo-segundo-estado-que-mais-baixa-conteudos-neonazistas-na-internet-por-marcelo-gonzatto>

somente imigrante, mas também pessoa humana, com dignidade (...). Por ser um imigrante isso quer dizer que é uma pessoa que está em busca de uma vida melhor.. Outros podem dizer que é uma pessoa sem casa, sem trabalho; pode ser também uma pessoa vulnerável, porque muitas organizações usam assim para dizer o que é o haitiano imigrante. Para nós, da Pastoral, o haitiano imigrante é uma pessoa humana que quer viver com sua dignidade e plena dignidade (...). Além do nosso trabalho de acolhida estamos vendo como o migrante pode se integrar sabendo como os valores culturais do lugar que acolhe: a língua, ter um lugar onde pode viver como pessoa humana, um trabalho, poder se comunicar com a família, ver como viver com a família... toda a dimensão da pessoa a nível psicológico e não só afetivo... nós estamos vendo tudo isso. (Entrevistado EQ1, 2015).

Assim, a temática da identidade do migrante não fica apenas na sua característica fugaz e de fuga, mas é composta, como salienta ElHajji (2011), pela soma do individual e do coletivo, definidos também por Honneth (2013) como elementos necessários ao reconhecimento de identidades. A totalidade da pessoa migrante expressa nessa fala abarca a identidade dos haitianos no Brasil não só como um ser migrante, mas um ser migrante que é cultural, histórico, social, afetivo e político. A fala acima também se conecta facilmente à crítica feita por dois entrevistados brasileiros que afirmaram que as organizações mantêm um olhar diferenciado em relação à sociedade curitibana por estarem mais próximos a eles e, por isso, potencializarem o haitiano para além do que visivelmente ele é percebido.

Eu acho que pra gente é um pouco claro, a gente está dentro da Universidade, convivendo com esse público há dois anos, enfim, a gente tem um interesse também muito grande de troca de aprendizado. Então, acho que hoje em dia eu posso dizer que têm muito mais coisas que nos aproximam do que nos diferem quando falamos “essas pessoas”. Então acho que não, acho que a gente tem muita similaridade, acho que a gente tem uma admiração (...). (Entrevistado EQ2, 2015).

No entanto, o olhar do brasileiro sobre o haitiano ainda é algo a ser investigado, visto que esta pesquisa não foi até ao cidadão comum, aqui expresso por aquele que não está junto aos imigrantes em seu cotidiano. De toda forma, percebe-se que os brasileiros que atuam nas organizações mantêm uma postura positiva, como percebido nessa entrevista.

c) Trabalho

O tema do “trabalho” é bastante extenso na literatura e alcança diversas dimensões na ótica das migrações. Principal busca por migrantes, o trabalho primariamente supre a necessidade econômica de qualquer indivíduo em *outro*

lugar, seja ele com características desejadas pelo trabalhador ou não, tendo a função principal de sobrevivência. No entanto, é possível perceber que a dimensão do trabalho, na lógica das migrações, não só carrega um valor econômico, mas também está estreitamente relacionado a valores histórico-culturais. Um dos principais exemplos é observado a partir das médias salariais de japoneses e congolezes, por exemplo, maiores e menores valores recebidos por imigrantes no Brasil, respectivamente, como já mencionado na análise sócio-histórica. A diferença abismal de salários que recebem ambos os trabalhadores destas nações no país refletem, primeiramente, uma migração japonesa ao Brasil de mão de obra qualificada, enquanto o Congo oferece ao Brasil uma mão de obra de menor qualificação, advinda, principalmente, de condições de refúgio. A partir deste dado socioeconômico, ao se observar apenas os números que demonstram a diferença entre japoneses e congolezes – e os haitianos podem ser incluídos nesse exemplo, junto aos congolezes – sem se questionar sobre as condições de vinda e a posterior imagem que isso acarreta no país receptor, pode-se inferir a importante margem cultural que a categoria “trabalho” apresenta nas discussões sobre migração.

Embora a migração de países desenvolvidos para o Brasil, como o Japão, traga consigo uma maior qualificação de mão de obra, é importante ponderar que a situação dos países de “mão de obra pouco qualificada” não condiz com tal estereótipo em sua totalidade, como pode ser percebido no perfil dos entrevistados. Além disso, as migrações, sejam quais forem, não recebem apenas mão de obra, mas sim pessoas, com toda a sua história e cultura, como afirmou anteriormente o entrevistado EQ1.

Se inserirmos a condição sócio-histórica do povo haitiano, como se fez em um dos tópicos metodológicos, é possível perceber que a história de vida dessas pessoas, atreladas à sua nação, está vinculada a lutas por independência estrangeira, soberania e paz. Esses elementos são traduzidos na migração haitiana ao Brasil pelo reconhecimento de esforço e pela fama de bons trabalhadores, como correntemente a observação participante aferiu no cotidiano da Pastoral do Migrante, em processos empregatícios, e a partir de falas como: “Os haitianos são muito trabalhadores!”.

Além desse reconhecimento por brasileiros que atuam junto a haitianos, os próprios migrantes ressaltam essa característica como algo cultural: “Melhor maneira... de como você pode mostrar: ‘isso aqui é o Haiti’, entendeu? (...). *Pela*

pele. Mas não só fisicamente. Haitiano trabalha muito. Mais do que brasileiro e temos força (...). Trabalho... trabalho duro. Dinheiro é pequeno! ” (Diálogo com Entrevistado E1, 2015). Há ainda o depoimento de um brasileiro sobre isso: *“O que marca mais para mim, porque mesmo nós estamos numa situação complicada, é que eles são muito trabalhadores, isso admiro muito, muito neles.* (Entrevistado EQ4, 2015).

Por ser possível afirmar que o trabalho não é apenas uma categoria socioeconômica, mas também histórica-cultural, a pesquisa busca observar por meio de algumas subcategorias como o trabalho se relaciona com a construção da identidade haitiana no Brasil.

Subcategoria: Motivos da vinda

A primeira subcategoria está relacionada aos “motivos da vinda” dos haitianos ao Brasil, considerando que o trabalho seria um dos principais argumentos de migração, visto que o Haiti, após os desastres ambientais, não era capaz de abranger toda a mão de obra de seus próprios cidadãos. Outro motivo do trabalho ser percebido como um importante motivo da vinda de haitianos ao Brasil é a informação de que 20% do PIB do país advinha de remessas financeiras enviadas de emigrados, como já salientado nesse trabalho.

As entrevistas confirmaram que a migração ao Brasil se deve, sobretudo, a questões de trabalho, estudos e a um clima propício para viver. No entanto, o quesito trabalho foi o mais ressaltado, influenciado, obviamente, pelas interações pessoais, como já exposto na primeira categoria. No entanto, aqui reforçamos a questão do emprego:

O cara me falou e daí eu tenho um amigo aqui em Curitiba e ele me falou também. O cara que vem de fora ele quer achar um emprego rapidinho também, entendeu? Aí o cara falou: “Lá tem um lugar e você pode achar um emprego rapidinho”. Qualquer lugar que você vai lá, qual o setor que você quer trabalhar e vai indo. O cara que está aqui falou: “Vem hoje e amanhã você já pode vir trabalhar”. (Entrevistado E6, 2015).

Em 2013, quando eu estava lá no Haiti, queria mudar de país. Eu queria morar em um país rico, mas a oportunidade do Brasil subir, é fácil de conseguir um visto permanente. Embarquei para cá. Eu vim para cá para estudar também, trabalhar. (Entrevistado E9, 2015).

(...) depois do Haiti ter sido atingido pelo terremoto eu, com um primo que estava já aqui, ele conversava comigo – ele estuda Engenheiro Industrial.

Ele foi estudar na República Dominicana e depois ele veio pra cá pra ver se conseguia um emprego melhor, ou pra fazer mais experiência no trabalho dele. Ele chegou aqui no Brasil e depois perguntou a mim se eu queria vir também... (Entrevistado E2, 2015).

Um pouco além dessas falas, o trabalho se mostrou como o único fator para a vinda de uma família haitiana para Curitiba:

Chegando em Manaus, uma empresa de mina de ouro contratou meu marido para Curitiba. Daí depois me contrataram como cuidadora de idoso. Foi assim que nós viemos aqui. Através daquela empresa que foi lá em Manaus nos contratar. (Entrevistado E5, 2015).

Ainda que as interações pessoais tenham se mostrado mais decisivas do que a oportunidade de trabalho no Brasil, é importante referendar que havia nessas pessoas um componente de esperança, de uma imagem potencializada pela mídia haitiana sobre o país, que não é possível ser mensurada nessa pesquisa, mas comentada nas entrevistas. Esse componente de esperança ainda pode ser ratificado a partir das características favoráveis dos haitianos entrevistados, como uma formação técnica ou superior e um conhecimento de idiomas: “(...) ‘*you speak various languages, you know computers, you can come, from there you will have luck to work here*’ (...) *I speak Creole which is a dialect from Haiti, French which is native, English, Spanish and now Portuguese*”. (Entrevistado E3, 2015).

Quanto à escolha por Curitiba, o trabalho também aparece como um componente, como pode ser percebido pela fala do Entrevistado E5, logo acima, e por essa constatação:

Eles vêm muito por conta das Pastorais do Migrante e por conta do empresariado. Os empresários que acabam trazendo eles para o Sul, por conta da mão de obra, infelizmente, né, a mão de obra barata (...) vêm muitos ao sul, pra Santa Catarina, Rio Grande do Sul. (Entrevistado EQ3, 2015).

Desta forma, percebe-se que a vinda ao Brasil e, especialmente, à Curitiba, está relacionada a questões de oportunidades vislumbradas frente ao conceito desta como a “melhor cidade do país”, segundo levantamento em 2015 da *Agência Austin Ratings* e pela *Revista IstoÉ*⁶¹; e do Sul, como a região mais desenvolvida nacionalmente, cuja afirmação, inclusive, é aceita em uma das falas: “Se você

⁶¹ <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/curitiba-ganha-premio-de-melhor-cidade-do-brasil-7tadh2c7xzcejht1n5aku5s5w>

pensar em Curitiba, você pode pensar em qualquer cidade do mundo. Uma cidade da França, do Quebec... não sei se você concorda comigo". (Entrevistado E6, 2015).

No entanto, as últimas pesquisas sobre empregabilidade trazidas pelo Observatório de Migrações da UnB afirmaram que as capitais do Sul e Sudeste brasileiro, ao receber uma quantia elevada de imigrantes, demitiram mais do que contrataram estrangeiros em 2015. Ainda assim, tais cidades continuam a receber maior confiança dos haitianos do que outras.

Subcategoria: Ocupação atual e relação com os estudos

Nesta segunda subcategoria é possível visualizar a desvalorização da mão de obra haitiana, mesmo nos casos de imigrantes que possuem qualificação. Percebeu-se uma restrição dos entrevistados haitianos em comentar sobre seus trabalhos e um foco mais ligado aos estudos, qualificações pessoais e sonhos de vida no Brasil. É perceptível que os entrevistados depositem nos estudos a chance de uma ascensão de vida não alcançada simplesmente pelo que tinham ou faziam no Haiti, o que os faz nutrir algumas expectativas não simplesmente relacionadas ao que estudaram.

A minha vida futura estou com muita vontade de fazer uma especialidade em Direito Internacional, é isso. E depois eu estou com muita vontade de voltar para o meu país, ficar e fazer minha vida lá. E estou aqui, na verdade, gosto do Brasil, vim para o Brasil realizar o sonho de criança (...) no ano que vem, quero fazer uma experiência no rádio, música e cinema e depois, alguns anos, viver uma vida mais tranquila, né. (...) porque música e cinema são as minhas paixões, entendeu? (Entrevistado E7, 2015).

Este, que é técnico em radicalismo, deposita sua confiança se comunicando para um grande público, por meio da música:

Mas a gente ainda está batendo, procurando, porque pra fazer música aqui a gente precisa ter um empresário e a gente ainda não tem um empresário. Estamos procurando, mas ainda não conseguimos. Sabe, não vai ser fácil. (Entrevistado E2, 2015).

Outro entrevistado, sem ter uma formação universitária, aproveita sua facilidade com a internet e a amplitude comunicacional por meio dos idiomas que fala para entrar no ramo de negócios digitais:

Essas fotos são apenas para negócio digital porque no Instagram você atinge mais gente do que no Facebook. Tem foto que eu coloco no

Instagram e tem 80 pessoas que curtem. No Facebook, pode ser 30, 20. Eu faço divulgação (...). Vender e filiação de produto. Se você tem um Mac, esse Mac tem um código que é seu. Se você vender esse produto, vai ganhar uma comissão. (Entrevistado E9, 2015).

Outro, no entanto, cria novos desejos profissionais a partir de sua atuação como liderança haitiana em Curitiba, como é o caso do Entrevistado EQ4, que cursa atualmente Fisioterapia e trabalha como cuidador de idoso, ao mesmo tempo em que planeja cursar Relações Internacionais para continuar trabalhando com a temática migratória, agora profissionalmente. Outro entrevistado também se interessou pelas Relações Internacionais e atualmente faz o curso após viver a experiência migratória, mas credita à ânsia pelo saber o principal motivo para continuar os estudos, agora em outra área:

Para mim é diferente porque eu gosto de mais coisas, eu gosto de aprender, entendeu? Até que se eu estou conversando com uma pessoa eu tenho que aprender com você, daí não é pra ficar batendo papo de graça, eu gosto de aprender. Cada dia para mim eu tenho que aprender uma coisa nova. (Entrevistado E3, 2015).

Essas falas demonstram uma capacidade de recriar possibilidades a partir de uma identidade em diáspora, que sendo multifacetada, composta e polifônica (ELHAJJI, 2011), tem a necessidade e a capacidade de se mover em diversas direções a partir de algo que é intrínseco a si mesmo, mas que também se forma socialmente e culturalmente por sua condição dialógica (BARBALHO, 2011).

É perceptível que a condição transnacional dos haitianos não só modifica a si mesmos, como também o ambiente em que estão inseridos, a partir da necessidade de sobreviver e se situar no espaço por sua ação pelo trabalho e da formação intelectual e, por isso, este trabalho define o migrante não em sua simples adaptação ou pela ideia do *melting pot*⁶², mas por uma aculturação que o faz ser “o estrangeiro que não cabe na sociabilidade básica da modernidade⁶³” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.25) ou mesmo no âmbito da lógica de Milton Santos (2012), quando o geógrafo afirma que a relação entre o homem e o território “manifesta-se dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, mudando o homem”. (p.83).

⁶² *Caldeirão de raças* (tradução livre).

⁶³ Tradução livre

E essas formas de mudança também são percebidas pelos haitianos, às vezes sob o discurso da dificuldade: “(...) *o que eu achava que era totalmente diferente, porque eu pensava que quando eu chegasse aqui no Brasil ia trabalhar e a vida ia se tornar bem fácil pra mim, mas eu passei algumas dificuldades*”. (Entrevistado E3, 2015).

(...) *o Brasil ofereceu oportunidade para vir para cá, mas eu vim para estudar e trabalhar por pouco tempo, mas quando eu cheguei a realidade é muito diferente do que eu pensava. Eu tive que trabalhar pra ter todas as coisas que a gente precisa e aí é bem difícil para eu estudar e trabalhar.* (Entrevistado E8, 2015).

Quanto à perspectiva diaspórica ressaltada na identidade haitiana, em alguns casos, quando a conversa se encaminhou para perspectivas futuras, não há um consenso entre os entrevistados se voltariam para o Haiti ou ficariam no Brasil e nem ao certo onde ficarão: “*E depois eu estou com muita vontade de voltar para o meu país, ficar e fazer minha vida lá*”. (Entrevistado E7, 2015). Este diz: “*Para o Haiti, só para passear. Agora se eu vou sair do Brasil para ir para outro país, agora eu não sei te dizer. Mas eu estou aqui e vou analisar como vou fazer isso*”. (Entrevistado E9, 2015). E este outro: “*Agora, se eu voltar para o Haiti parece outra vida para mim. Deixa assim, cara*”. (Entrevistado E6, 2015).

Embora a análise seja temática e não léxica, é possível inferir que os momentos nos quais essa reflexão foi realizada junto aos haitianos, houve respostas breves, sem muitos alongamentos que explicassem sua condição futura. Ao reconhecer o nível de incerteza das respostas, também é possível perceber o componente da “diferença” a qual cita Hall (2013), ao comparar nativos que nunca saíram de suas terras a outros, que emigraram, como os Góis, judeus-americanos, por exemplo. Esta característica hifenizada (LESSER, 2001) das identidades também alcança a dimensão dos haitianos que começam a reconhecer o Haiti não mais como sua terra, como afirma o Entrevistado E6.

d) Organizações de apoio

As organizações de apoio aos imigrantes são aqui observadas, primeiramente, a partir da visão que elas têm sobre si mesmas e sobre os haitianos a quem apoiam; também são observados, no interior desta categoria, os processos de comunicação que envolvem as instituições com os haitianos. Da mesma forma, é

fundamental analisar a relação das práticas comunicativas realizadas entre os imigrantes e as organizações, pois pressupõe-se, nesta dissertação, que tais práticas são fundamentais para a construção da identidade haitiana desses imigrantes em Curitiba.

A primeira relação de importância apresentada pelas organizações junto aos haitianos está relacionada à chegada destes ao Brasil. Tendo pouco contato com a cultura brasileira e desconhecendo o território, os haitianos recém-chegados não se mantêm apenas à mercê de seus vínculos pessoais – outros haitianos já emigrados – mas buscam nas organizações uma fonte de conhecimento do novo território, especialmente em busca de condições mínimas para sua estada, como documentação necessária, moradia, idioma e trabalho.

São relações interpessoais e também os órgãos públicos e instituições que encaminham esses migrantes (...). Então, por exemplo, a Polícia Federal encaminha, os consulados, as universidades, vereadores, deputados estaduais, acabam encaminhando os imigrantes para cá.* (Entrevistado EQ3, 2015).

Acho que eu não posso dizer que existe uma fonte de informação estabelecida para os migrantes chegar até nós (...), mas até agora eu não sei como eles acharam a primeira informação. São fontes de informação para os novos. Pode ser que os primeiros que chegaram aqui acharam essas informações, desde a sua chegada ao Acre. Dependendo da cidade de destino desse imigrante, se esse imigrante vai para Curitiba, há um centro de atendimento (...). Uma fonte de informação pode ser Acre, outra fonte de informação pode ser São Paulo (...). Então é sempre o lugar que acolhe antes que é fonte de informação, mas não sei se os coiotes também têm informações dos centros, pode ser que sim, pode ser que não. Sabemos que eles são pessoas informadas, que talvez busquem informações para fazer esse trabalho de encaminhamento. (Entrevistado EQ1, 2015).

Então, no início quando não existia essa rede (...) era muito do curso especificamente via Casla e o boca a boca e o que era interessante que a gente começou a perceber no decorrer do tempo é que quando eles chegavam eles preenchiam uma ficha de inscrição como nivelamento pra gente saber pra que turma eles iriam e uma das perguntas era: “Quanto tempo você está no Brasil?”. E a gente começou a perceber que era um pouco isso, boca a boca, porque ao mesmo tempo chegava uma pessoa que estava há um ano, seis meses ou até mais, a gente começou a ver muitas pessoas que chegaram ao Brasil há uma semana, três dias e teve vários casos que chegaram, inclusive, há um dia ou no mesmo dia e eles estavam ali fazendo o curso (...). Nem tinha dado tempo ainda dele ir até alguma agência do trabalhador ou, enfim, dessas coisas primeiras, da Polícia Federal, desse movimento primeiro mesmo, muitas vezes eles estavam já ali por uma rede de conhecidos que já levavam eles para o curso, né. Quando a gente via que ele já estava há uma semana, três dias, há dois dias eles já estavam no sábado ali pleiteando uma ficha e isso se traduz um pouco, talvez, nessas informações da cidade, que a gente percebia que eles tinham conhecimento muito grande, na grande maioria, sobre questões relativas ao trabalho. Então muitos sabiam, sim, onde tirar

carteira de trabalho, já tinham feito isso pela agência trabalhadora, a grande maioria já tinha passado por lá, da Casla muitos conheciam, da Pastoral do Migrante, enfim, mas ao mesmo tempo pouquíssimo conhecimento da cidade em termos culturais. (Entrevistado EQ2, 2015).

Essa ideia de confiabilidade em organizações que atuam ajudando migrantes externos faz coro à inserção desta categoria no trabalho, especialmente no que se refere à compreensão das formas comunicativas que os haitianos têm em Curitiba e que perpassam pela presença das organizações como referências de apoio. Trata-se de relações humanas nem sempre midiaticizadas, mas que acabam por contribuir igualmente na construção de suas identidades.

Subcategoria: Formas de comunicação

Quanto às subcategorias, a ser: “formas de comunicação; “atividades cotidianas”; e eventos/atividades especiais”, a primeira delas, “formas de comunicação” realizadas entre organizações e imigrantes, é analisada a partir da pergunta realizada aos representantes das organizações, que buscava saber quais as formas de comunicação que a respectiva organização estabelecia com os migrantes. Esta questão não foi apresentada nas entrevistas aos haitianos e, por isso, o olhar sobre este aspecto neste trabalho é exclusivamente o olhar das organizações de apoio entrevistadas embora seja possível reconhecer algumas delas pelo que está implícito nas falas.

Duas das organizações, Casla e Pastoral do Migrante, que atuam como postos de atendimento às necessidades dos migrantes, afirmaram ter como primeira forma de comunicação o contato pessoal que mantêm com os haitianos quando estes buscam seus serviços em suas sedes. Por exemplo: *“A primeira forma de comunicação que temos com os migrantes é verbal. Eles têm que chegar até nós e nós passamos informações (...)”* (Entrevistado EQ1, 2015). Esta outra fala mostra a realização de um trabalho mais específico: *“Eles vêm, num primeiro momento, porque nós trabalhamos com várias frentes, mas o principal em relação aos migrantes e refugiados é a assessoria jurídica gratuita”* (Entrevista EQ3, 2015)

No entanto, as mesmas instituições afirmaram também ultrapassar a comunicação interpessoal, avançando para o uso de tecnologias de informação e comunicação devido à necessidade de aprimorar essa questão:

(...)através do jornal, da rádio, televisão, nos comunicamos também. Mas não sei se eles escutam rádio, se têm um amor para a televisão ou talvez o

canal que transmite essas informações (...). Estamos vendo a parte da comunicação, do Whatsapp – mais rápido e mais fácil para eles – já tínhamos no Facebook (...) onde nós divulgamos muitas coisas, porque sabemos que eles buscam informações via Facebook e o Facebook é um mundo que se abre para todos. Acho que nós estamos vendo nos últimos anos que é preocupação para saber onde o migrante busca a informação para a gente poder estar nesse lugar e divulgar a informação para ele. Como já falei antes, eu acho que eles estão mais no Whatsapp. Será que é somente isso? Precisamos saber para poder divulgar mais. (Entrevistado EQ1, 2015).

Essa busca pelas tecnologias midiáticas está relacionada à preocupação de manter um contato mais ativo com os migrantes, fato que é impossível de ser mantido apenas com a comunicação interpessoal ou mesmo pela mídia tradicional, como relatado acima. A busca por esse contato faz parte do que Scherer-Warren (1998) chama de “redes de comunidade virtuais identitárias”, cujo processo de construção identitária é impulsionado por estas formas de vínculos através de um sentimento coletivo, de pertencimento e reconhecimento, pois existe uma relação pessoal e um compromisso mútuo que faz com que tais formas comunicativas sejam necessárias para que haja continuidade nos trabalhos. Ainda em relação a essa necessidade, outra fala de pessoa ligada às organizações de apoio chama a atenção pelos desafios travados frente a esse tema:

Hoje em dia a gente já chegou em alguns caminhos porque no começo realmente isso foi muito difícil. Os e-mails eles não respondiam, a gente nem sabia se eles abriam, porque na ficha tinha e-mail, telefone, enfim (...). E-mail era catástrofe. Aí celular muitos caíam em caixa postal, quais os horários de trabalho, às vezes a gente conseguia deixar recado com alguma pessoa e, hoje em dia, posso dizer que com as pessoas que melhor consigo me comunicar é, ou por Whatsapp, porque daí alguns deles têm (...), e pelo Facebook, no sentido que a gente tem uma página do projeto no Facebook (...). Então eu sei que a grande maioria dos nossos alunos estão na página porque a gente posta as fotos deles, dos eventos culturais, a gente divulga as pessoas do projeto. Ali a gente sabe que eles olham, eles respondem por ali e pelo Facebook mesmo. Hoje em dia, por muitos terem curtido a página a gente acaba conseguindo falar com eles por mensagem, é até meio hilário, mas é o jeito que mais funciona hoje em dia quando a gente precisa falar. (Entrevistado EQ2, 2015).

Há também uma relação entre as tecnologias e a comunicação interpessoal em situações onde não há uma estrutura organizacional formal, como no caso da Associação dos Haitianos, realizada pelos próprios haitianos que estão em Curitiba: “(...) a gente tem o telefone deles, são amigos no Face e quando eles precisam, porque tem bastante que eu não conheço, um passa o telefone para o outro quando eles precisam para ligar e espalha”. (Entrevistado EQ4, 2015). Ou neste caso, em

que o entrevistado mostra que existe uma busca por feedback através de questionários:

Sempre no final do ano a gente faz um questionário de satisfação do que eles mais gostaram, menos gostaram, material, enfim... e pra gente é muito claro, a grande maioria, 100%, sempre fala muito dessas atividades culturais que a gente promove. São das mais variadas possíveis: até ir para o museu, a gente foi à orquestra, assistimos exposição, shows, esses eventos fora que a gente organiza e esses são os que eles mais comentam. Eu digo que eles comentam porque eles não falam muito sobre a aula. Então acho que são duas frentes bem grandes que chegam pra gente: uma são comentários bem positivos destas saídas, com as fotos, extraclasse, digamos, de coisas que a gente promove e outra muito no sentido de pedir vaga que, hoje em dia, para os haitianos, a gente tem nove turmas, com vinte alunos em cada. (Entrevistado EQ2, 2015).

No entanto, especificamente na situação do entrevistado EQ2 há uma possibilidade diferente de contato, visto que seu “apoio” está mais ligado à educação escolar pelo ensino de línguas do PBMIH – o que presume um contato mais corrente – do que um serviço esporádico, como é percebido pela maioria das outras organizações.

É importante notar que, quando se perguntou sobre as formas de comunicação, as respostas foram aquelas citadas acima, o que demonstra um apreço pelas tecnologias mais populares, como o Whatsapp e o Facebook, e a preocupação que as organizações têm em se utilizarem dessas ferramentas para manter um contato mais próximo aos haitianos. Por outro lado, não foram citados com ênfase os diversos eventos realizados pelas organizações como práticas comunicativas (visto que nessa pesquisa consideramos os eventos como práticas comunicativas e em alguns casos até mediatizados, como será refletido na inferência/reinterpretação). Frente a esse panorama, buscou-se construir uma nova subcategoria ligada aos “eventos/atividades especiais”, que será trabalhada logo mais.

Subcategoria: “Atividades cotidianas”

A análise desta subcategoria, próxima a subcategoria anterior, tornou possível perceber a comunicação interpessoal de modo mais evidente entre organizações e haitianos. Ao mesmo tempo, por meio dela, percebe-se que há uma busca pela construção identitária realizada por intermédio de comunidades de sentimentos, como afirma Sousa Santos (2002), que influem em relações de reconhecimento desses haitianos pelas organizações. No entanto, tal relação

comunitária pode ser percebida especialmente onde existe, nas relações entre migrantes e organizações, o componente do aprendizado, que neste caso, acaba por evidenciar uma troca de saberes entre brasileiros e haitianos.

(...) a sala de aula acaba sendo um espaço terapêutico, nesse sentido, porque eles confiam nos professores que estão ali, porque estão há bastante tempo, porque sabem que estão fazendo alguma coisa por eles e eles veem de alguma forma que estão ajudando, que o professor acaba sendo essa ponte com o mundo, com a cidade, de levar aos lugares, de dar dicas (...). Então pra eles isso é muito positivo, diferente do que acontece em outras instituições. Surge em sala, que é sempre um exemplo clássico: surge em sala questões trabalhistas. A gente não vai resolver aquilo. Não, não que nos compete, mas a gente vai encaminhar ele para o pessoal do Direito do nosso programa (...). A gente vai encaminhar. Então, sala de aula, acho que é muito esse espaço de desabafo, (de mostrar) o preconceito. (Entrevistado EQ2, 2015).

Quando a gente vai tocar uma música brasileira, agora no intervalo têm vários grupos que já relataram que deixam eles mexerem no computador: “passa uma música do Haiti, então”. Pegar também esses artistas e incorporar. Enfim, valorizar um pouco essa história também do país (deles). (Entrevistado EQ2, 2015).

Se é perceptível por parte das organizações ligadas à educação esse componente, as outras, mais ligadas à assistência humanitária, encontram essa vinculação comunitária afetiva apenas nas atividades especiais. Não houve registro de conteúdo que demarcasse contrariedade a essa afirmação, embora os haitianos entrevistados reconhecessem as organizações de apoio, de modo geral, como fundamentais na construção da identidade haitiana em Curitiba e embora haja, por parte de todas as organizações, uma busca por torná-los próximos aos migrantes: *“Nós damos um apoio para ajudar e depois o migrante tem que caminhar sozinho. E, por isso, acho que criar um ambiente onde tem fraternidade e união dos povos é legal e isso é um dos objetivos (...)”* (Entrevistado EQ1, 2015). Da parte dos haitianos, há um reconhecimento pelos esforços das organizações e ponderem sobre algumas das atividades realizadas por elas:

Eles fazem uma intervenção pra ajudar, pra deixar eles saberem que preconceito não vale nada, na verdade, todo mundo é igual. Acho que a Declaração Universal dos Direitos Humanos fala sobre isso: todo mundo nasce igual e por isso que no mundo inteiro existem associações, organizações que nos defendem. É bem bacana e eu acho que sem eles a gente não pode se organizar – fazer uma banda, organização – entendeu? Pra mim eles contribuem muito. (Entrevistado E8, 2015).

(...) têm algumas organizações aqui no Brasil que só se aproveitam dos haitianos, tipo: “Ah, eu vou ajudar dez haitianos, vou pedir dinheiro no nome

deles”. Daí pega o dinheiro e passa coisas ruins (...). Mas têm algumas dessas organizações também que ajuda bastante. Eu não posso dizer que foi uma organização, mas quando cheguei ao Brasil a minha igreja me ajudava bastante (...) Nasci dentro da igreja, meus pais são membros da igreja desde 82, daí eu sou bem conhecido da igreja. (Entrevistado E3, 2015).

Outro fator que chama a atenção no cotidiano das organizações de apoio é a possibilidade de realizar seus objetivos de trabalho em rede. Algumas delas apresentam distinções frente a outras neste sentido. Se a maioria consegue contribuir na questão da documentação, algumas focam no assistencialismo, na empregabilidade, outras no aprendizado do idioma, ou na garantia de direitos e até mesmo no apoio espiritual, como é o caso de diversas religiões que têm envolvido inúmeros haitianos aqui no Brasil. Essa potencialidade de objetivos integrados entre as organizações é tratada por uma das entrevistadas:

(...) a gente sempre trabalha junto e quando eles (outras organizações) precisam da Associação, mandam mensagens e pedem ajuda e quando nós precisamos também, pedimos a ajuda deles (...). E não só com direitos humanos, mas com a saúde também. (Entrevistado EQ4, 2015).

Outras falas já explicitadas comprovam que existe um relacionamento entre as organizações de apoio para um melhor atendimento aos migrantes. Além desse aporte entre elas, outras organizações não abarcadas pela pesquisa – como os órgãos governamentais, por exemplo, especialmente por meio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos – contribuem para a formação da rede de apoio aos imigrantes, que juntas, inclusive, fizeram uma pressão sobre o Governo do Estado do Paraná para formular o primeiro plano de políticas públicas pelos direitos dos migrantes, refugiados e apátridas, que foi efetivado em 2014, como salientado no capítulo do Panorama Sócio-Histórico das Migrações. Tal relacionamento entre as organizações estudadas compõe o que Sônia Aguiar (2006) compreende como redes sociais, sendo estas o impulso que indivíduos ou grupos realizam coletivamente em torno de interesses coletivos que culminem em uma finalidade de enfretamento, no caso, pelos direitos dos haitianos no novo território.

Sobre a defesa dos direitos dos migrantes frente a qualquer tipo de discriminação, a fala a seguir é um exemplo: *“Então, como princípio, nós temos a solidariedade dos povos, o respeito às culturas, o respeito à identidade, nenhuma cultura é superior à outra e temos essa visão de que todos somos irmãos”.* (Entrevistado EQ3, 2015).

No entanto, é importante trazer novamente o resultado da observação participante, a fim de não idealizar a atuação entre as organizações, que não é perfeita na concretização das redes. Diferenças ideológicas e pessoais demarcam as dificuldades do desenvolvimento dessas redes sociais, como salientado anteriormente e ficou expresso nas entrevistas, especialmente em situações adversas, como a realização de duas festas haitianas no mesmo dia: *“E para fechar, essa integração eu sempre quando pedi para fazer trabalho junto... não sei, egoísmo... não sei. Porque a gente está fazendo o mesmo trabalho, não é um trabalho pessoal (...)”*. (Entrevistado EQ4, 2015).

Estava feio, não tem como organizar. 18 de maio (...). “Por que vai ter duas festas?” (...) Por quê? Estão fazendo o que? Estão transferindo a mesma coisa do Haiti: a divisão. Não tem como. Porque o japonês aqui, o alemão, todo o povo que está aqui no Brasil cresceu bastante? Olha a comunidade japonesa! Muito respeitada aqui no Brasil, por quê? Porque eles sabem como organizar. Conseguem fazer alguma coisa. Os haitianos, não. (Entrevistado E6, 2015).

Ainda que sejam perceptíveis determinadas diferenças entre as organizações, o que é natural em um trabalho de coletividade e que envolve política e formações socioculturais, a maioria das vozes se mostrou desatenta ao tema das desavenças ou mesmo omissas a essa questão. O que é importante salientar nesse último parágrafo da subcategoria corrente são os desafios do trabalho em rede, mesmo através das diferenças já citadas entre as organizações, mas que são fundamentais para a garantia de direitos dos migrantes.

Subcategoria: Eventos ou atividades especiais

A última subcategoria no âmbito da categoria “Organizações de Apoio”, refere-se aos “eventos ou atividades especiais”, que são caracterizados como momentos que fogem ao cotidiano das organizações, como festas, visitas, cursos específicos, congressos, etc. Embora alguns eventos já tenham sido caracterizados com ênfase na análise resultante da observação participante, pretende-se aqui vinculá-los às considerações dos migrantes sobre o eixo comunicação-identidade, considerando tais eventos como práticas comunicativas organizadas por meio de um aparato institucional.

Uma das perguntas feitas nas entrevistas se referia à principal forma de se manifestar o “ser haitiano”. A discussão, já feita na categoria “manifestações culturais”, teve como principal resposta os eventos pátrios, que são costumeiramente

organizados e mediados através do trabalho das organizações de apoio, juntamente com os migrantes.

Um dos motivos para essa resposta não só está ligado à história de luta do Haiti, mas também pelas possibilidades que os eventos oferecem para que os brasileiros estejam mais próximos ao povo haitiano, com sua cultura e suas tradições. Não é pretensão nesse momento voltar ao debate cultural, já feito em categoria anterior, mas sim olhar determinadas atividades na perspectiva interacional e que possibilita, inclusive, o fomento de comunidades de sentimentos ao redor da valorização do migrante no Brasil. Tais interações podem servir como uma circulação comunicacional, que pode gerar processos de mediação, como salienta Braga (2012). Além da circulação midiática fomentada pelas redes sociais através dos registros dos celulares, um exemplo claro pode ser percebido pelo entrevistado E3, cuja produção de um livro com sua vida estampada se deu pela presença de jovens universitárias e do migrante em uma das festas realizadas pela Pastoral do Migrante.

Por isso que quando eu achei as meninas da PUC para trabalhar sobre o livro eu me sentia muito bem, porque eu sozinho não podia fazer esse tipo de trabalho, até onde que ia chegar minha voz? Com elas, eu consegui mais ou menos sair no jornal Gazeta do Povo, contando a minha história e um monte de coisa e elas foram lá comigo na banda tirar algumas fotos, entrevistaram cada um dos músicos, elas vieram aqui no bairro assistiram partida do jogo, até que caí na RPC (Rede Paranaense de Comunicação). (Entrevistado E3, 2015).

Posteriormente, o livro permitiu que o haitiano participasse de outros eventos e concedesse entrevistas para a mídia local. Neste sentido, há um claro processo de mediação, ao se considerar que o “produto mediático não é o ponto de partida do fluxo, mas pode ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses (...)”. (BRAGA, 2012, p.41). Ou seja, a participação do haitiano em um evento em si não é uma mediação, mas se torna parte do processo de mediação quando passa a ser ponto de partida para a circulação de um produto mediático futuro, que pode ser o livro e sua exposição na mídia ou mesmo uma exposição fotográfica feita por entusiastas da causa migratória a partir destes eventos.

Quanto à questão da visibilidade do Haiti para os brasileiros, as falas abaixo argumentam:

Porque eles (os brasileiros) acabam descobrindo algumas coisas que eles não sabiam que existiam porque eles só assistem as coisas ruins que existem e as organizações mostram outra imagem do Haiti; porque a maioria dos brasileiros só tem em mente o momento do terremoto. (Entrevistado E5, 2015).

(...) a nossa ideia é vender a nossa cultura, porque às vezes fico triste, porque têm alguns brasileiros que ficam perguntando se lá no Haiti tem hospital, tem internet. Daí quando você faz esse tipo de trabalho – festa para ver haitiano tocando música, tocando instrumento, tem haitiano que mais ou menos fala português, mestre de cerimonial, essas coisas – ajuda os brasileiros descobrirem a nossa cultura. (Entrevistado E3, 2015).

Além dos eventos já descritos, outros puderem ser aferidos com vistas ao esforço das organizações em valorizar a identidade haitiana, como forma de visibilidade e abertura cultural:

Alguns eventos que a gente promove, é justamente pra isso, né... como quando a gente promoveu o cinema haitiano lá na Cinemateca com debate (...) a gente promoveu um evento na Praça de Bolso do Ciclista no fim do ano onde a nossa ideia era justamente mostrar essa identidade, essa cultura, essas pessoas, para que as pessoas pudessem conhecer e então, aceitar. Porque o que a gente percebia, ou percebe, é que muitas das pessoas não entendem direito mesmo o que os haitianos estão fazendo aqui, o que aconteceu no Haiti ou mesmo a questão migratória no geral, não param para refletir sobre isso e julgam. E a partir do momento que elas conhecem, que esse evento foi um pouco nessa direção, a gente viu sim uma aceitação positiva das pessoas que estavam ali, que nunca... “ah, mas tem haitiano aqui?”. Porque eles são um pouco ainda invisíveis (...), Então, quando a gente foi lá no Guaíra pedir pra levar numa orquestra, enfim, também deles abrirem esse espaço, de fornecerem, a partir que a gente foi lá e explicou o contexto do projeto, explicou porque essas pessoas estão aqui, qual que era o objetivo, de poder fazer essa história diferente, pra que eles não ficassem em guetos, que eles pudessem pertencer a cidade, pra contribuir, pra não ter esse ódio em longo prazo. (Entrevistado EQ2, 2015).

Acho que cada vez que organizamos uma atividade assim onde oferecemos espaço para eles mostrar sua cultura, isso é um grande passo. Os valores culturais deles, porque chegando aqui o povo que acolhe não os conhece, mas através dessas atividades culturais dá para o povo conhecer alguma coisa deles. Assim, com essas atividades realizadas (...) eles estão se integrando, se inculturando e também estão, ao mesmo tempo, convidando o povo que acolhe a aceitar estes valores culturais. Aceitar esses valores culturais é também chamar o povo que acolhe a abrir o coração para uma melhor acolhida. Então seria uma aculturação. (Entrevistado EQ1, 2015).

Outra pergunta colocada relacionava-se à suficiência da atuação das organizações de apoio junto aos haitianos. As falas anteriores representam a voz mais forte, que reconhece as organizações tendo um papel importante para a visibilidade haitiana em Curitiba, mas ao mesmo tempo há falas que não consideraram suficiente o que vem sendo feito. No entanto, tal afirmação não diz respeito somente à alçada das organizações, mas a diversos outros fatores, como a

desorganização dos haitianos, o pouco costume dos brasileiros com esta nova cultura e a necessidade de integração à sociedade por meio dos estudos, política e cultura.

Não, não é suficiente, tem que continuar ainda (...) É por isso que eu falei pra você que não vai ser em quatro anos que estamos aqui que vai mudar tudo. Demora. Talvez vá chegar 20 anos, talvez vá chegar 10 anos, mas também vai ser os filhos dos haitianos que vão fazer a mudança, mas tudo isso faz parte. Eu espero que vocês, os brasileiros, vão ter um dia uma lembrança de nós, do povo que está. Nós somos imigrantes na verdade, porque todos os brasileiros têm descendência de africano, europeu, asiático e nós também, os haitianos têm descendência de africano e europeu porque nós fomos colonizados pela França e o Brasil foi colonizado por Portugal. Nós temos descendência da França, de sírios. Tem tudo, o haitiano tem de tudo. (Entrevistado E2, 2015).

Eu estou falando mais da organização haitiana mesmo. Por exemplo a Casla, está fazendo um trabalho que para mim é legal. Quando a gente tem um problema a gente vai lá direto pra ter um conselho, onde a gente pode ir, entendeu? Tem muita gente que não sabe, como iniciar um processo e a Casla pode ajudar. Caso contrário, a organização haitiana atrapalha muito. (Entrevistado E6, 2015).

Tem brasileiro que, quando eu cheguei aqui, veio me trazer roupa. Todas as roupas que eles trouxeram para mim, eu coloquei na garagem. Eu não usei. Se a Casla pode fazer mais? Os haitianos são muitos aqui, mas o que poderiam fazer para eles? Colocar eles em empresas, contratar quem não tem trabalho, mesmo salário que eles vão receber é muito pequeno. Só isso que pode ser um pouco suficiente. (Entrevistado E9, 2015).

Assim, nota-se que as organizações ainda funcionam como um “organizador” da identidade haitiana no novo território, cuja construção identitária tem como protagonistas os próprios haitianos. Essas considerações passam a ser, a partir de agora, mais interpretativas – ou reinterpretativas, como afirma Thompson (2011) – e possibilitam a resposta das questões e pressupostos dessa pesquisa. Por conta dessa possibilidade, torna-se viável agora encerrar a análise das categorias e partir para a última etapa da análise da HP.

*

Finalizando esta etapa, disponibilizamos uma tabela com os principais resultados obtidos na fase da análise formal ou discursiva, concretizada pela análise de conteúdo:

TABELA 2 – Síntese da Análise de Conteúdo.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	SÍNTESE
Práticas comunicativas mediadas por tecnologias	Novas mídias	<ul style="list-style-type: none"> • São ferramentas para a manutenção dos vínculos afetivos, que influenciam na decisão de migrar; • Lugar de visibilidade pessoal e étnica: comunicação cidadã em espaços transnacionais; • Uso cotidiano: reconhecimento identitário; • Uso do celular reforça a identidade imagética do haitiano e também como aprendizado social, seja por registros, seja pela participação em grupos nas redes sociais (fechamento étnico ameaçado no espaço digital por comunidades de sentimentos); • Atuação independente das organizações, especialmente pela força da internet.
	Mídias tradicionais	<ul style="list-style-type: none"> • Lugar de visibilidade pessoal e étnica: comunicação cidadã em espaços transnacionais; • Desejo pela visibilidade se contradiz frente à crítica sobre a televisão; • Violência como tema evidente e relação com criação de estereótipos, que afeta os haitianos.
Manifestações culturais	Datas comemorativas	<ul style="list-style-type: none"> • Forte nacionalismo decorrente de fatores sócio-históricos; • Resguardo de culturas em espaços transnacionais: comunicação cidadã transnacional de uma identidade em trânsito; • Cultura hibridizada pelo novo território, mas necessária para dar visibilidade neste mesmo espaço que ainda não conhece o Haiti como deveria; • Espaço ao cosmopolitismo: organização transnacional através de redes de solidariedade e em busca de novas formas globais.
	Música	<ul style="list-style-type: none"> • Música como principal espaço de visibilidade; • Música como marca identitária haitiana; • A música é sonhada a partir de um modus operandi característico, mas em si se constitui como uma manifestação cultural que luta contra a uniformidade da música internacional anglo-americana: cultura não como civilização, mas como carnaval.
	Preconceito	<ul style="list-style-type: none"> • Idioma como maior dificuldade de comunicação dos haitianos no Brasil, que pode culminar em ações de preconceito; • Racismo pela cor muito citado; • “Ladrões de emprego”; • Questionamento frente ao fechamento étnico ou “guetização”, como resultado do preconceito: contrário ao multicultural e negador de identidades, pois não pertence ao lugar de origem, nem ao que está atualmente; • O olhar do brasileiro varia conforme o lugar em que olha: organizações busca o “ser migrante” mais completo, em toda sua “dignidade”.
Trabalho	-	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho como categoria histórica-cultural e não

		apenas socioeconômica: figura do haitiano lutador, trabalhador, apropriada por eles mesmos.
	Motivos da vinda	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho como motivo chave para a migração ao Brasil (motivo socioeconômico); • Visão sobre Curitiba como cidade empregadora.
	Ocupação atual e relação com os estudos	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de valorização da mão de obra haitiana, cuja esperança é depositada em novos projetos e estudos, referendando a potencialidade das identidades em diáspora por meio de sua condição dialógica. Tal relação não muda só o homem, mas também o ambiente em que ele está situado; • Não há consenso sobre o futuro: voltar ou não ao Haiti? Futuras identidades hifenizadas?
Organizações de Apoio	-	<ul style="list-style-type: none"> • Importância dos vínculos entre organizações e haitianos, sendo aquelas, referência para a estruturação do migrante em Curitiba. • Organizações funcionam como “organizadoras” das identidades haitianas no novo território.
	Formas de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • A comunicação interpessoal ainda é a principal forma nas organizações assistenciais, ao passo que na de caráter educativo as novas tecnologias de comunicação são mais bem aproveitadas.
	Atividades cotidianas	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente de “comunidades de sentimentos”, influenciados pelo componente do aprendizado; • Trabalho em rede entre as organizações que não exclui, entretanto, diferenças ideológicas.
	Eventos/Atividades especiais	<ul style="list-style-type: none"> • Eventos não só como característica cultural, mas como característica interacional entre brasileiros e haitianos, especialmente na busca de visibilidade.

5.4 INTERPRETAÇÃO/REINTERPRETAÇÃO OU INFERÊNCIAS

Parte-se para a última parte da análise da HP, que correspondente à interpretação/reinterpretação, cuja contribuição à pesquisa se dá no âmbito da interpretação das formas simbólicas e seu aspecto “transcendente”, ou seja, o que existe, mas precisa ser reinterpretado (THOMPSON, 2011). A reinterpretção existe, pois Thompson afirma que as formas simbólicas também já foram interpretadas anteriormente pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico, tendo o pesquisador o papel de reinterpretá-lo. Ou seja, as entrevistas e a *doxa* já fazem parte de uma interpretação daqueles que compõem o mundo, não são dados puros. Do mesmo modo, consideramos nesta pesquisa as inferências obtidas por meio da análise de conteúdo como parte dessa interpretação prévia, pois Bardin (1988) a compreende como um momento da análise que corresponde à identificação do que

só foi dito superficialmente pela análise das categorias a partir das condições de produção.

Ao caracterizar este momento como de interpretação/reinterpretação/inferências específicas do pesquisador, pretende-se responder às questões e ao pressuposto de pesquisa, ao mesmo tempo em que seus objetivos serão desvendados de expectativas para ganhar contornos concretos.

Inicia-se pelas duas questões da pesquisa. A primeira pergunta buscava saber como são construídos os processos comunicativos dos imigrantes haitianos residentes em Curitiba no âmbito da sociedade. A resposta a essa pergunta precisa se dividir em duas partes: uma, que diz respeito aos processos que fazem os haitianos se comunicarem individualmente ou em grupos de reconhecimento; e, outra, sobre o que influi diretamente sobre os processos comunicativos que os colocam em contato com a sociedade. A pergunta não se refere a uma descrição de quais seriam as práticas comunicativas dos haitianos em Curitiba, como foi respondido durante a análise de conteúdo e cuja descrição era um dos objetivos específicos do trabalho. O que vale inferir aqui é a construção dos processos comunicativos, que se concretizam por meio de práticas.

Primeiramente, há que se refletir que, por meio da análise das entrevistas, demonstrou-se que a condição migratória carrega consigo uma peculiaridade comunicacional entre emigrados e pretendentes à imigração. A maioria dos sujeitos estudados neste trabalho veio para Curitiba a partir de referências afetivas e, já em novo território, desempenhou o mesmo papel interacional e afetivo com relação a outros possíveis imigrantes que ainda estão/estavam no Haiti.

Assim, percebe-se uma circularidade comunicacional – e não só informacional, pois há trocas de saberes – mediadas, por sua vez, por dispositivos tecnológicos, deixando claro que as novas migrações têm na sociedade midiaticizada, como afirma Martín-Barbero (2004; 2009; 2015) ao referenciar a sociedade atual, este importante componente que fomenta o movimento transnacional de pessoas. Aprofundando um pouco mais o que diz o autor, com a revolução tecnológica não são modificadas as atividades da humanidade, mas emerge uma nova forma de relação entre processos simbólicos, formas de produção de bens e serviços.

Além dessa influência interacional no processo migratório, outros processos comunicativos acontecem já no novo território entre os próprios haitianos, mas tais processos não apresentaram diferenças daqueles realizados por alguém que não

migrou. O uso do Whatsapp para conversar com amigos, do Google para fazer pesquisas e do Facebook para contato e divulgação remetem a um processo comunicativo realizado por meio de tecnologias de comunicação, mas que não dizem respeito à característica exclusiva do ser diaspórico, como percebido no exemplo anterior. O que fazem os haitianos nesse sentido é o que fazemos nós, brasileiros, no cotidiano. No entanto, o processo estimula a interação com a sociedade no sentido de permitir que estejam informados e terem a possibilidade de informar aqueles que pouco conhecem seu país.

Percebe-se, contudo, que a melhor forma da sociedade curitibana interagir com a comunidade haitiana, e vice-versa, ainda passa pela mediação das organizações. Os processos comunicativos construídos entre os haitianos e a sociedade, mas mediados pelas organizações de apoio, ganham um componente de visibilidade que os migrantes ainda não conseguiram encontrar mesmo presentes nas redes sociais virtuais, segundo eles próprios afirmaram. Este é um ponto nevrálgico e responde com clareza o *pressuposto da pesquisa* de que as organizações de apoio aos imigrantes haitianos em Curitiba constituem-se como as principais fomentadoras dos processos comunicativos dos imigrantes haitianos com a sociedade. A afirmação do pressuposto pode ser referendada pelos próprios migrantes ao defenderem a ideia de que as organizações (de brasileiros ou dos próprios) desempenham um papel fundamental na construção de uma identidade positiva dos haitianos no Brasil. Reinterpretando tais falas, nota-se que esse reconhecimento das organizações de apoio só é alcançado por conta de um esforço de ambas as partes em interagirem, primeiro entre si, para depois alcançarem o resto da sociedade. Uma das falas de entrevistado que atua em uma organização, que não foi trazida na análise de conteúdo, torna-se viável a este momento interpretativo:

O que a gente prioriza muito, acho que isso é bem claro para o grupo como um todo, é a valorização da cultura deles. Essa integração nunca é vista como uma imposição – uma assimilação – da cultura brasileira, mas que a gente sempre tenta mostrar que isso é um movimento mútuo, que nós temos que estar abertos, mas que vocês haitianos também precisam estar abertos a essa nova cultura, novos códigos culturais e que a construção é justamente isso. (Entrevistado EQ2, 2015).

Embora não tenham sido explorados com tantos detalhes quanto as atividades realizadas pelas organizações de apoio, outros campos sociais dos

haitianos, como o do trabalho, dos estudos, da religiosidade e geográfico (o espaço do bairro, por exemplo) também possibilitam um contato cotidiano dos haitianos com a sociedade local. No entanto, é só por meio de um tipo de organização que é possível a formação de comunidades de sentimentos (SOUSA SANTOS, 2002) que contribuem para a construção de repertórios de resistência (HALL, 2013) em uma sociedade composta por muitas vozes, ou o que Braga (2006) chama de “redes difusas”. Essa necessidade pela organização compõe o marco teórico da pesquisa, especialmente vista pela contribuição de Sousa Santos e sua ideia de cosmopolitismo, como forma real da formação de uma globalização contra-hegemônica, e que permita o migrante estender sua identidade para além da capacidade de mão de obra para se situar como ser cultural. Neste sentido, e pela ausência de uma recordação dos entrevistados sobre outros campos sociais em seus processos comunicativos, afirmamos que o *pressuposto da pesquisa* se confirma.

Quanto às organizações, os processos comunicativos com a sociedade foram construídos especialmente por meio dos eventos/atividades especiais por elas realizados. Neste sentido, a Pastoral do Migrante e a Associação dos Haitianos com suas festas pátrias são destaque, pois conseguiram envolver o público a partir de características marcantes do povo haitiano, como já expresso na observação participante (interpretação da *doxa*). Ao mesmo tempo, atividades de outras organizações, como as da Casla e a do PBMIH, embora tenham conquistado menos o público externo, conseguiram cultivar a ideia comunitária de sentimentos junto à comunidade haitiana. Assim, as práticas comunicativas fomentadas pelas organizações, mesmo desempenhando papéis diferentes, contribuem na construção do ser cultural para além do estereótipo de migrantes como mão de obra barata e da ideia de pobreza haitiana, representações construídas costumeiramente pelas mídias tradicionais, como assinalado pelos haitianos.

A segunda *questão da pesquisa* busca saber: As práticas comunicativas dos haitianos em Curitiba constituem-se como práticas midiáticas? Visto que este trabalho parte de um olhar sobre a comunicação como interação (FRANÇA, 2001), a lógica do deslocamento dos meios para as mediações continua e, com isso, considerar práticas comunicativas midiáticas não se refere apenas ao uso de tecnologias de informação e comunicação ou das mídias tradicionais, mas a maneira de como esses meios interferem nessas mediações.

A pesquisa considera a sociedade atual estruturada pelos meios de comunicação, como afirma Martín-Barbero (2009) partindo da análise das mediações (comunicativas da cultura) pela certeza de que as interações comunicativas do homem atual estão cada vez mais integradas às novas formas de sociabilidade promovidas pela ascensão de novas mídias.

Sendo assim, “tudo” poderia ser midiatização se considerarmos que vivemos em uma sociedade midiatizada. No entanto, a ideia deste trabalho buscou focalizar os processos de midiatização por meio do que Braga (2006; 2012) considera como “processo interacional de referência”, ou seja, a circulação/interação que, de alguma forma, está em contato, são influenciados e, conseqüentemente, modificados pela ação das mídias.

Um dos exemplos a ser analisado é o já exposto caso do haitiano que, a partir de um evento organizado pelas organizações de apoio, se inseriu em um projeto de estudantes, protagonizou um livro e, posteriormente, chegou a dar entrevista para a televisão. O evento, em si, não é midiatizado em sua natureza, mas serviu como mediação para uma posterior prática midiatizada de um migrante haitiano. Aqui, a circulação comunicacional aconteceu e o produto midiatizado não se encontrava no início do processo, mas a interação foi ganhando formas midiatizadas em seu decorrer, tornando a ação comunicativa daquele haitiano, midiatizada. Ressaltamos: não é a participação protagonista do haitiano no evento que é midiatizada a priori, mas o que decorre dela por meio de sua inserção em mídias, como o livro e a televisão, transformam a ação comunicativa desse haitiano em algo midiatizado.

Neste sentido, os eventos ainda servem como exemplo se considerarmos o motivo pelo qual chamaram tanto a atenção no início deste trabalho, ainda na fase de observação: o intenso uso de celulares pelos haitianos quando seus pares subiam aos palcos. Neste sentido, a midiatização já se encontra no início do processo, pois as apresentações, assim como a maneira dos demais participantes se portarem, com danças e poses para fotos com a bandeira nacional de seu país, indica que o registro do momento nos celulares e, costumeiramente, compartilhado entre amigos modifica a forma dos haitianos se portarem e de se relacionarem com o evento. Novamente, vale ressaltar: não é apenas o uso do celular que indica a midiatização, mas o quê o uso dos celulares faz com o comportamento e a própria natureza do evento. A interação continua sendo o objeto de estudo do trabalho, mas

reconhecemos a incidência decisiva que o aparato midiático tem sobre essa interação.

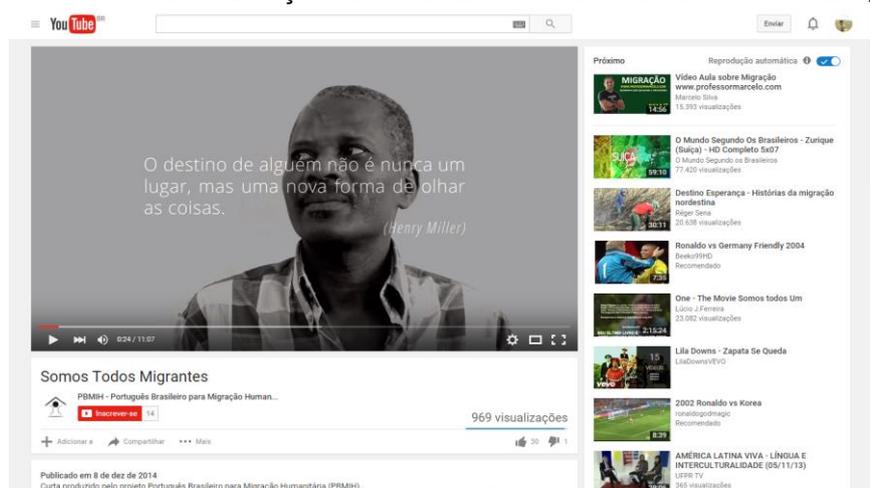
Outro exemplo, ainda arguindo a favor das práticas midiáticas, são os próprios processos migratórios, como descritos anteriormente. A decisão de migrar e a escolha de vir para o Brasil são influenciadas pela presença das mídias. O intenso uso das redes sociais para aproximar haitianos que estão no Brasil e haitianos que ainda residem em sua terra natal não fica restrito apenas à natureza das redes enquanto ferramentas instrumentais para a manutenção de vínculos afetivos, mas o uso intenso dessas redes sociais virtuais acaba por modificar a forma de “ser migrante” e, inclusive, contribui na decisão de migrar, como afirmou o entrevistado E2, quando disse ter ganho a permissão de sua família para vir ao Brasil apenas porque seu primo, que já estava no país, conversou com seus pais pela Internet.

Se a midiática atinge mais os haitianos nos processos comunicativos identificados, é possível também perceber casos nos quais as organizações de apoio também são atingidas. Uma das entrevistadas qualificadas comenta sobre um documentário que foi feito com imigrantes onde eles respondiam algumas perguntas:

A gente fez um curta com os alunos pensando justamente nisso, foi nesse contexto que a gente quis fazer. “Quais são seus maiores medos (...)”. “Qual seu maior sonho?”, “seu maior medo?”, enfim, justamente pra tentar se aproximar. (Entrevistado EQ2, 2015).

A partir dessas perguntas montou-se um pequeno filme divulgado nas redes sociais virtuais no fim de 2014, que hoje (início de 2016) conta com quase mil visualizações no canal *Youtube*. A produção do vídeo poderia ser considerada uma midiática apenas por ser um vídeo documentário, dentro da perspectiva da sociedade dos meios, mas considerando a interação como ponto-chave, o vídeo documentário torna todo o processo de aprendizado e reflexões em sala de aula da organização um processo de midiática, que tem nessa produção o meio do processo, visto que o vídeo foi divulgado em redes sociais virtuais e gerou uma série de interações, agora com outros públicos. Ou seja, o espaço da sala de aula, a priori, não é midiático, mas a produção de um documentário com questões trabalhadas em sala o transformam em um espaço de midiática, que se dá no meio do processo de interação entre professores/migrantes e a sociedade.

FIGURA 4 – DIVULGAÇÃO DO FILME “SOMOS TODOS MIGRANTES”, NO YOUTUBE.



Contudo, é preciso afirmar que nem todos os processos comunicativos analisados podem ser expressos como mídiatizações. As interações interpessoais identificadas nos atendimentos e o uso do Whatsapp para manter um relacionamento entre haitianos e as organizações não tornam tais processos comunicativos mídiatizados simplesmente pelo uso de tecnologias de comunicação, pois não apresentam as mídias como processo interacional de referência das interações estabelecidas e sim uma atribuição mais instrumental e que poderia ser realizada sem tais mídias atualmente. Além desses exemplos impulsionados pelas organizações, as inúmeras formas comunicativas que os haitianos mantêm entre si no novo território não podem ser objetivadas como processos de mídiatização, pois não foram aprofundadas pelos haitianos em suas falas, tratando-se, nestes casos, de usos particulares. Como dito anteriormente, não é só a presença da mídia em si que nos faz considerar algo mídiatizado, mas como estabelece – e se estabelece – novas formas de interação. De todo modo não há como negar que o uso das mídias pelos haitianos tenha um potencial considerável em tornar os processos mídiatizados pela característica de valorização da imagem pessoal que os haitianos têm, incidindo, talvez, na maneira de se portarem em seus grupos afetivos.

Em relação às práticas comunicativas cotidianas, perguntou-se aos haitianos, nas entrevistas, sobre as influências que os conteúdos midiáticos (televisão, internet, rádio, etc.) tinham sobre suas conversas com amigos e familiares, o que poderia tornar seu cotidiano comunicativo também mídiatizado. No entanto, alguns disseram se informar, mas não colocaram isso em conversações

cotidianas, restringindo-se mais a temas afetivos. Outros, por exemplo, citaram o tema da violência vista em programas policiais para demonstrar medo diante da insegurança brasileira, o que atinge seu modo de vida.

Enfim, é possível perceber que as práticas comunicativas dos haitianos estão cada vez mais midiaticizadas, especialmente quando se trata do uso das redes sociais virtuais e por ocasião de atividades especiais, como os eventos pátrios ou shows musicais. Neste sentido, ao responder esta *questão de pesquisa*, é possível passar ao *objetivo da pesquisa*, que buscou analisar como os processos comunicativos contribuem na construção da identidade dos imigrantes haitianos em Curitiba.

Já identificado por meio de alguns pontos da análise de conteúdo, o objetivo geral deste trabalho mescla, por meio das técnicas de coleta e de análise, o conteúdo dos capítulos teóricos do trabalho, especialmente no que tange o papel da comunicação, contribuindo com as discussões sobre identidade no cenário transnacional da globalização.

Primeiramente, a pesquisa indica que a sociabilidade dos imigrantes passa, necessariamente, por um reforço do uso de tecnologias de comunicação. No entanto, essas novas formas de pertencimento manifestas por meio das novas sociabilidades não substituem a comunidade original desses imigrantes, mesmo em casos daqueles que afirmam não pretenderem voltar ao Haiti. Essa conclusão vai de acordo com a ideia de que o ato migratório modifica as identidades, tornando-as multifacetadas, ao mesmo tempo em que não perdem seu centro geográfico, que não é só geográfico, mas cultural, afetivo e histórico, mesmo em casos nos quais a identidade histórica aponta para um “destino de ser migrante”, como foi visto por Handerson (2015), em seu olhar antropológico sobre o Haiti.

Na relação dos haitianos com as organizações, por exemplo, a identidade se manifesta marcada por “repertórios de resistência” (HALL, 2013), como já expresso na categoria das “manifestações culturais”: as músicas, as festas e a luta contra o preconceito demarcam territórios e a disputa por reconhecimento. No entanto, a busca por reconhecimento não se restringe apenas ao contato com as organizações e nem sempre se dá apenas em níveis grupais, mas também individuais, como afirma Honneth (2013), remetendo à presença de alguns haitianos nas redes sociais, onde atuam como agentes desmistificadores da imagem construída no Brasil sobre o seu país.

Um dos pontos que chamou a atenção durante os eventos é o intenso uso dos celulares como forma de registros que nem sempre são compartilhados. Se é apenas uma ferramenta de “fantasia”, como cita o entrevistado E6, ou se apresenta um uso estratégico, como afirma o entrevistado E8, o uso dos celulares demarca uma forte ligação do haitiano à arte manifestada pelo corpo e pela fala. Além disso, há também uma relação de intenso uso de tecnologias, não só no sentido de facilitar trocas comunicativas, mas também como um “atributo social” em um país que vê o imigrante haitiano ainda como miserável e, que simultaneamente, continua a valorizar o celular como bem de consumo que confere status a quem o usa. Ou seja, o uso dos celulares, bastantes modernos na maioria dos casos, parece ser uma mostra também aos brasileiros de sua civilidade: em especial, quando se deparam em situações em que precisam afirmar que “não comiam terra” no Haiti, como salientou o entrevistado E5.

Neste sentido, reforça-se também o papel das organizações em potencializarem as manifestações culturais haitianas, embora isso não demarque uma abertura étnica tão forte quanto as redes sociais podem demonstrar. Enquanto as atividades das organizações dizem algo como: “Brasil, estamos aqui!”, através da exposição da cultura e do sujeito haitiano, o uso das redes sociais virtuais colocam em xeque o fechamento étnico ao hibridizar a relação cultural entre brasileiros e haitianos, como foi citado inúmeras vezes nas entrevistas em páginas dedicadas a haitianos no Brasil, mas que eram compostas ativamente por brasileiros que se sentem pertencentes à causa migratória e com isso geram trocas de saberes.

Assim, a composição de atributos comunicativos partícipes da sociedade midiática possibilita a construção dessas comunidades de sentimentos que não se isolam em comunidades geográficas, mas que são reforçadas pela “glocalização” (SOUSA SANTOS, 2002), ou seja, movimentos globais como o da migração, aglutinados a ações locais através das organizações de apoio – entendidos por Cogo (2010) como “comunicação cidadã transnacional” – e demais sujeitos em um movimento de pertencimento. São essas dinâmicas que acabam por reivindicar a imersão de uma cultura minoritária (SODRÉ, 2005) – a imigrante, negra, subdesenvolvida – em um território muito marcado pela cultura globalizada (SOUSA SANTOS, 2002), especialmente quando a mídia tradicional reforça estereótipos, como citaram alguns entrevistados, inclusive pertencentes às organizações de apoio. Como disse o entrevistado EQ1, perguntar ao migrante “Quem é você?”,

antes de “Por que você veio?”, demarca uma mudança de olhar, estrategicamente pensada para humanizar uma relação que pode ser apenas coisificada como instrumento jornalístico, de fonte/notícia. No entanto, não está apenas em jogo o modo de fazer jornalismo, mas sim a forma de se colocar o migrante no novo território, de modo a inserir aspectos de contra-hegemonia também em meios hegemônicos, hibridizando-os (HALL, 2013), do mesmo modo que haitianos se estabelecem em conferências públicas, casas de shows ou na rede social, ressignificando todos estes lugares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão dessa dissertação se inicia por meio da mesma imagem descrita em seu início. A imagem do barco, à deriva, abarrotado de imigrantes que buscam melhores condições de vida na Europa, continua permeando os imaginários globais por meio das notícias diárias. Esse dado pode ser afirmado categoricamente por mim – e aqui novamente peço licença para falar em primeira pessoa – pelo mapeamento de notícias realizado durante mais de um ano (2014-2015), por meio de instrumentos de pesquisa, como o *Google Alerts*, que me permitiu acompanhar as notícias e dados mais importantes dos fluxos transnacionais de pessoas e, especialmente dos haitianos, neste período de intensa imersão no universo migratório.

Se a cena de asiáticos (especialmente do Oriente Médio) e africanos rumo à Europa continua a acontecer, seja pelo Mar Mediterrâneo, Mar Egeu, Estreito de Gibraltar ou pelas terras turcas, fazendo o continente romper a barreira de 1 milhão de migrantes ilegais e refugiados ingressos só em 2015, segundo a OIM⁶⁴, há diferenças não só nas políticas europeias, mas também em outras mudanças que marcam o fluxo de haitianos ao Brasil desde que esta pesquisa começou a ser realizada.

Um fato ocorrido no dia 11 de novembro de 2015 marcou uma nova etapa para aproximadamente 44 mil haitianos que vivem no Brasil: a assinatura – feita pelos Ministérios da Justiça e do Trabalho – do ato conjunto de reconhecimento, autorização e concessão permanente a imigrantes haitianos passou a permitir que eles tenham direito à sua carteira de identidade de estrangeiro no Brasil, o que garante, teoricamente, uma acolhida com mais segurança pela via da inserção social e de programas sociais⁶⁵. Em âmbito local, a notícia vinda de Brasília também trouxe repercussão: um aumento considerável de haitianos chegou às organizações de apoio de Curitiba, buscando formalizar a concessão dada pelo Governo Federal, fazendo com que tais organizações se reordenassem para dar conta da nova

⁶⁴ <http://www.jornal.ceiri.com.br/oim-total-de-refugiados-e-imigrantes-na-europa-ultrapassa-1-milhao-em-2015/>

⁶⁵ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/ministros-assinam-ato-concedendo-autorizacao-de-permanencia-para-haitianos>

demanda que se estende até o presente momento (fevereiro de 2016). Além disso, outro contexto migratório, mais ligado à geografia, foi modificado: a emissão de vistos em Porto Príncipe (Haiti), de forma a evitar que mais haitianos cheguem ao Brasil ilegalmente pelas mãos de *coiotes* diminuiu drasticamente o número de migrantes nos alojamentos acreanos, no segundo semestre de 2015. Segundo informações da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre dadas ao site *G1*⁶⁶, enquanto o mês de janeiro de 2015 registrou 1.393 pessoas, dezembro, do mesmo ano, registrou apenas 54.

Entretanto, a par dessas políticas públicas que facilitam a vida dos haitianos no Brasil, outros fatos lamentáveis aconteceram. Haitianos foram alvejados por tiros em atos de xenofobia e racismo⁷⁰, manifestações do mesmo cunho apareceram nas redes sociais virtuais, ainda que sem muita adesão, organizações integralistas e anti-imigração ganharam forma, e um aumento de desconfiança do Brasil pelos próprios haitianos, marcado pelo discurso da crise econômica e política agravada no país, e, em muitos casos, concretizada pela dificuldade na conquista de novos postos de trabalho nas capitais onde há maior chegada de imigrantes, como Curitiba.

Frente a esse cenário em constante mutação, minha atuação nas organizações de apoio que, a princípio, foi sinal de alerta para a validação científica da pesquisa demonstrou-se fundamental para a realização desse trabalho. Com a temática preenchendo os noticiários, ao mesmo tempo em que citamos os fatos xenófobos e racistas acometendo os haitianos, outras muitas vozes apareceram com o intuito de contribuir, mas também utilizá-los como objetos de estudo. Essa exploração da imagem do haitiano ainda chama a atenção. Inúmeros interessados pelo tema surgiram enquanto essa pesquisa era realizada, porém, em alguns casos a falta de engajamento continua incomodando a atuação das organizações, entendendo-se que a boa intenção não basta para melhorar a condição de vida desses migrantes.

Ainda que meu processo de vinculação a eles esteja em permanente desenvolvimento, o olhar sobre as práticas comunicativas e como elas referenciam

⁶⁶ <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/01/n-de-haitianos-que-entram-no-brasil-pelo-acre-cai-96-em-12-meses.html>

⁷⁰ Um dos fatos mais graves foi o assassinato de um haitiano em Navegantes (SC), morto a facadas por dez homens no dia 17/10/2015.

as identidades desses sujeitos pode contribuir para este tema, o comunicacional, ainda obscuro para as organizações de apoio, que têm tido a necessidade de abarcar prioritariamente questões básicas, como capacitação, emprego, idioma e documentação.

Ao adentrar nos processos que compuseram a pesquisa, vale ressaltar novamente o que já foi comentado no fim da análise: os objetivos de pesquisa foram alcançados, o pressuposto foi confirmado e as questões norteadoras foram validadas, mas acrescento que isso só foi possível mediante um processo de intensa reflexão sobre as realidades observadas e as teorias estudadas. Se foi simples descrever as práticas comunicativas dos haitianos, como pedia um dos objetivos específicos, relacionar seus processos à construção de suas identidades no Brasil demarcou uma necessidade interpretativa iniciada etnograficamente e mais bem concretizada durante a realização das entrevistas e sua análise. Se a escolha pela metodologia da HP de Thompson (2011) foi fundamental para dar cabo a um processo intensamente qualitativo e permeado por subjetividades de formas simbólicas, a teoria dos estudos culturais contribui para compreender processos de hibridização a qual estão condicionados esses sujeitos em constante fluxo. Além dos estudos culturais, as teorias de globalização e da migração em perspectiva histórica e social contribuíram para formar tal cenário dos haitianos no Brasil.

Ao se destacar o pressuposto da pesquisa, pode-se afirmar que as organizações de apoio têm se mostrado fundamentais para a construção de identidades dos haitianos no novo território. A ressalva, que já foi feita em outro momento, pondera que todos os entrevistados estão relacionados, de certa forma, a atuação dessas organizações, o que poderia representar uma aproximação óbvia ao pressuposto. No entanto, cabe ressaltar que a relação dos haitianos com a sociedade sempre foi potencializada a partir dessa mediação institucional. Ainda que os espaços midiáticos pudessem contribuir, as organizações ainda aparecem como lugar de reconhecimento dessas identidades, demarcando um importante *locus* de disputa de hegemonia. Cabe ressaltar, no entanto, que o pressuposto inicial foi sendo flexibilizado ao longo da pesquisa e, especialmente, visto como um lugar metodológico propício para encaixar as reflexões sobre as organizações, que não seriam objeto de análise, mas sim um componente essencial para compor o cenário migratório em Curitiba e contribuindo ao alcance dos objetivos.

Das duas questões de pesquisa validadas, uma delas, aquela que pergunta se as práticas comunicativas dos haitianos em Curitiba seriam práticas midiaticizadas, acabou se constituindo como principal ponto de discussão e reflexão durante todo o trabalho, por vários motivos: ora pelo fato das teorias de mediação se mostrarem ainda demasiadamente fluidas, trilhando diversos caminhos que se confundiam; ora, pela volta intensificada aos meios; ora, como uma geminação das mediações. O desafio deste trabalho foi trazer, a partir das pesquisas latino-americanas, a mediação como parte da mediação, mas ultrapassando-a no que se refere à formação de circuitos comunicativos compostos por processos interacionais de referência mobilizados pela ação de mídias. Essa foi a principal descoberta pessoal que tive durante esse processo, mas creio que ele não se isola aqui. Diferentes abordagens da mediação podem compor novas reflexões, como a institucionalização das mídias nos campos sociais e até mesmo um enfoque maior nos meios de comunicação a partir de suas tecnologias materiais, como afirma Hjarvard (2015). No entanto, permanecer, neste momento, na linha das mediações e da comunicação como interação gerou também uma identidade no trabalho com a lógica das mediações.

Cabe ressaltar as surpresas, limites e desafios que o trabalho provocou ao longo dessas centenas de páginas. Primeiramente, duas surpresas foram percebidas nessa pesquisa: a força social da internet e a importância dos vínculos afetivos na decisão de migrar. Quando era esperado um intenso consumo televisivo no Brasil e no Haiti, referenciando o ato de migrar, ambas as “surpresas” apareceram preponderantes. Em segundo lugar, sentiu-se a necessidade de mensurar como os brasileiros percebem essa identidade haitiana, mas brasileiros que não atuem no âmbito das organizações: da pessoa comum, que transita pela natureza edificada da cidade cosmopolita. Entender melhor isso responderia por outro caminho a ideia das identidades do imigrante frente à sociedade, não analisada, aqui, pela ótica daqueles, mas sim por este outro lado, das minorias. De toda forma, a opção por este lado foi de natureza teórico-metodológica, especialmente a partir da ótica de Martín-Barbero (2004; 2013) em enfatizar as vozes advindas das culturas minoritárias.

Outro limite apresentado pela pesquisa recai na dúvida que ainda permanece sobre os motivos da vinda dos primeiros haitianos ao Brasil. Quando se questionou sobre a principal influência que os motivou a migrar, os haitianos

responderam que ela veio de amigos ou familiares que já estavam aqui. Mas, e os primeiros que aqui chegaram? Presume-se que a influência da mídia haitiana exaltando o Brasil tenha sido um diferencial, mas a concretização dessa resposta só poderá ser dada em outro momento, quem sabe em uma pesquisa de doutorado. E talvez este seja o principal desafio que a pesquisa de mestrado imponha ao pesquisador.

Por fim, vale reafirmar a importância do percorrer metodológico, que se iniciou com uma extensa interpretação etnográfica, coletada por meio de observação participante, para uma compreensão do que é ser migrante em Curitiba, o que permitiu uma dimensão humana ao processo, que facilitou outra etapa da metodologia: a realização das entrevistas. Todos os esforços aproximativos compõem um eixo importante na pesquisa em humanidades: enxergar o ser humano como sujeito cultural e não como objeto analítico, a fim de que não se repitam os erros de parte da sociedade que os veem como mão de obra, apenas, retirando-lhes toda uma dimensão cultural e afetiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. **Redes Sociais e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no Brasil** (1996-2006). Relatório do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o 3º Setor.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2008.

AMBROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APPADURAI, A. Disjuncture and difference in global cultural economy. **Public Culture**, v.2, n.2, 1990.

_____. **Modernity at large**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

AUDEBERT, C. **La diaspora haïtienne**: Territoires migratoires et réseaux transnationaux. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

BARBALHO, A. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, R; BARBALHO, A. (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p.27-40.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Persona, 1979.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional de Programas em**

Pós-Graduação em Comunicação (E-Compós). Brasília, vol.14, nº1, jan/abr 2011a.

_____. **Circuitos versus campos sociais**. In: JACKS, Nilda et al (orgs). *Mediação e Miatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

_____. *Constituição do Campo da Comunicação*. **Verso e Reverso**. São Leopoldo, XXV (58): 62-77, jan/abril 2011b.

_____. *Miatização: a complexidade de um novo processo social*. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, n.289, 13 abr. 2009. Acesso: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2477&secao=289. Entrevista.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego; ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA A MIGRAÇÃO et al. **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**. Belo Horizonte, 2014.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. SP: Edusp, 2013.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Vol 1. 8ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLEJO, A. **Poética de lo otro. Antropología de la guerra, la soledad y el exilio**. Instituto Colombiano de Antropología e Historia: Bogotá, 2000.

COGO, D. *A comunicação cidadã sob o enfoque transnacional*. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, vol. 33, nº1, p.81-103, jan/jun 2010.

_____. *Mídia, migração e interculturalidade: mapeando as estratégias de miatização dos processos migratórios e das falas imigrantes do contexto brasileiro*. **Revista Comunicação e Informação**, vol 4, nº1/2, p.11-32, jan/dez 2001.

_____; BADET, M. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil**. 1ªed. Bellaterra (Barcelona): Instituto de la Comunicación de la UAB – Instituto Humanitas Unisinos, v.1, 2013.

DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **Positions**. Chicago: Chicago University Press, 1972.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: _____; BARROS, A e DUARTE, J.. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELHAJJI, M. Comunicação, cultura e conflitos: uma abordagem conceitual. In: PAIVA, R; BARBALHO, A. (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 189-206.

_____. **Migrações, TICs e comunidades tradicionais: o devir diaspórico na era global**. Anais XXXIV Intercom: Recife, 2011.

ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais: uma visão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

FERNANDES, Patrícia Pimenta. **Diáspora na rede: redes sociais e questões identitárias de migrantes haitianos no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. Os estudos culturais. In HOHLFELDT, A; MARTINO, L; FRANÇA, V. (orgs). **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010b. p. 151-170.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GRAMSCI, A. **Selections from the Prison Notebooks**. Tradução de Q. Hoare e G. Nowell-Smith. New York: International, 1971.

GUARESCHI, P. **O Direito Humano à Comunicação: Pela democratização da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____; VERONESE, M. Hermenêutica de Profundidade na Pesquisa Social. **Ciências Sociais Unisinos**, n.42(2), p.85-93, maio/ago 2006.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FRANÇA, V. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação. **Matrizes**, v.8, n.1, p.101-116, jan/jul 2014.

_____. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, n.5, 2001.

FUKUYAMA, F. **The end of history and the last man**. New York: The Free Press, 1992.

HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre: Porto Alegre, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HANDERSON, J. **Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, Suriname e na Guiana Francesa**. 429 fl. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HJARVARD, S. Da mediação à midiatização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v.2, n.3, jul/dez 2015.

HONNETH, A. El reconocimiento como ideología. **Isegoría**, n.35, p.129-150, jul/dez, 2006.

_____. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologias**, n.33, mai/ago, p. 56-80, 2013.

JANSEN, C. Some sociological aspects of migration. In JACKSON, J. **Migration**. Cambridge: Cambridge Press, p.66-67, 1969.

KLEIN, H. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. 2ª Ed. São Paulo: Editoria USP, 2000.

LEE, E. A theory of migration. In JACKSON, J. **Migration**. Cambridge: Cambridge Press, p.282-297, 1969.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOPES, A.M; AB'SABER, A.Z; HOOSNE, W.S. O conceito de refugiado ambiental: é uma questão bioética? **Revista Bioetikos** – Centro Universitário São Camilo; p. 409-415, 2012.

MARTÍN-BARBERO. J. Desde donde pensamos la comunicación hoy? **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Equador, n.128, p.13-29, abr/jul, 2015.

_____. **Dos meios às mediações**: Comunicação Cultura e Hegemonia. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

_____. **Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Tradução: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT et al. **Teorias da Comunicação**. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, São Paulo, v.2, n.2, p. 143-162, jul/dez, 2009.

MARTINO, L. C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In _____ et al (orgs). **Teorias da comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MATTELART, A. **A globalização da comunicação**. 2ª Ed. Bauru: Edusc, 2002.

MUSGROVE, F. **The migratory elite**. Londres: Heinemann, 1963.

OLIVEIRA, M. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernus Ceru**, v. 23, n. 2, 2012.

_____. Políticas de imigração na Argentina e no Brasil, 1886-1924: semelhanças e diferenças. **Anais do XXVI ANPUH**. São Paulo, 2011.

ONU. **Convenção de Genebra**: Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Genebra, 1951.

PARANÁ. Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. **Plano Estadual de Políticas Públicas para a Promoção e Defesa dos Direitos de Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná (2014-2016)**. Curitiba, 2014.

PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. **SOCIUS Working Papers**, n.11, 2004.

PERUZZO, C. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

PORTES, A; BOROCZ, J. Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. **International Migration Review**, v.28, n.3, p.606-630, 1989.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RIBERO, D. **O povo brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIBEIRO, R; LOPES DA SILVA, A. Comunicando diferenças: os processos de hibridização a partir da leitura de *la différence* nos Estudos Culturais. **E-compós**, v.18, n.1, p.1-18 jan/abr 2015.

RÜDIGER, F. **Ciência social crítica e pesquisa em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

RUSSI, R.; DUTRA, D. A dimensão comunicacional como recorte metodológico para o estudo das migrações. **Chasqui**, n. 125, p. 1-12, 2014.

SAAVEDRA, G.; SOBOTKA, E. Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Civitas**, n.8, v.1, p. 9-18, jan/abr, 2008.

SALA, G.; CARVALHO; J.A. A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 25, n.2, p.287-304, jul-dez 2008.

SANDEFUR, G; SCOTT, W. A dynamic analysis of migration: an assessment of the effects of age, family, and career variables. **Demography**, v.18, n.3, p.355-368, 1981.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

_____. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SCHERER-WARREN, I. Movimentos em cena... e as teorias, por onde andam? **Revista Brasileira de Educação**, n.9, p.16-29, set-dez 1998.

SCHWARCZ, L. Nina Rodrigues: um radical do pessimismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 90-103.

SODRÉ, M. Por um conceito de minorias. In: PAIVA, R; BARBALHO, A. (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p.11-14.

SOUSA SANTOS, B. (org). **A globalização e as ciências sociais**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRINDADE, J. Práticas multiculturais, relativismo cultural e guetização. **A página da educação**, n.123, ano 12, p.17, maio 2003.

WACHOWICZ, R. **História do Paraná**. 9º Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WILLIAMS, R. **Culture**. Glasgow, 1981.